

NDE * EQM *
ESPIRITISMO



Costa Brites

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

NDE * EQM * ESPIRITISMO

Explicação detalhada das

NDE — EMI — ECM — NTE — EQM

(Near Death Experiences * Experiências de Quase-Morte)

Transformações de personalidade ocorridas

Fases e características

EQM negativas ou assustadoras

Traduções de depoimentos de protagonistas

As EQM vistas no contexto da cultura espírita

Textos anexos para documentação

uma revelação surpreendente da vida além da morte

COSTA BRITES

edição especial para impressão fácil
Com revisão gráfica e actualização de links

Lousã/Coimbra – PORTUGAL / Fevereiro de 2013
Editorial
espiritismo cultura

Um trabalho na perspetiva do espiritismo
a respeito dos seguintes fenómenos:

NDE * EQM * EMI * ECM * NTE

NDE – Near-Death Experience; (Inglês)

EQM – Experiências de Quase-Morte (Brasil e Portugal)

ECM – Experiencias Cercanas a la Muerte (países de língua castelhana)

EMI – Expériences de Mort-Imminente (França)

NTE – Nahtoderfahrungen; Nahtoderlebnis (Alemanha)

Com depoimentos originais traduzidos para língua portuguesa.

“copy rights” ©; direitos de autor - VER FIM DO LIVRO, SE FAZ FAVOR

Pede-se a quem citar os conteúdos originais o favor de referir o autor:

COSTA BRITES

espiritismo.cultura@gmail.com

espiritismo cultura

What if you slept, and what if in your sleep you dreamed,
and what if in your dream you went to heaven and there plucked a strange and
beautiful flower,
and what if when you awoke you had the flower in your hand?

Ah, what then?
Samuel Taylor Coleridge

O que seria se adormecendo sonhasses
O que seria se sonhando fosses ao céu e ali colhesses uma rara e linda flor
E o que seria se acordando ela estivesse rara e linda na tua mão?

Ah, sim, o que seria?

(tradução livre do autor deste trabalho)

Experiências de Quase-Morte + ESPIRITISMO	1
“copy rights” ©; direitos de autor	2
Prefácio	5
Resumo das Experiências de Quase-Morte (EQM)	7
Algumas conclusões	8
O estudo da vida depois da morte e a responsabilidade dos espíritas	9
O que são as EQM e pressupostos científicos das mesmas	11
Os depoimentos sobre as EQM – credibilidade e validação científica	12
“O LIVRO DOS ESPÍRITOS” – Introdução – (7-17)	12
A visão obscurantista da morte	13
UMA NOVA VISÃO DA MORTE	13
As EQM – efeitos transformadores do carácter	15
Resumo das transformações	16
A GÉNESE – Capítulo I – (45-46-13-55-32)	18
“OBRAS PÓSTUMAS” – 2ª Parte – II – Dos Cismas	19
Testemunhos das consequências das EQM	19
Características e fases das EQM	22
1 – INEFABILIDADE	22
O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo I – (88-92)	24
O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (245-256)	25
O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (282-290)	27
2 – PAZ, SEGURANÇA E AMOR SEM LIMITES	27
O CÉU O INFERNO – Capítulo I – (9-10)	29
O CÉU E O INFERNO – Parte II – Capítulo IV - Caso Novel (Espíritos Sofredores)	30
O CÉU E O INFERNO – Parte II – Capítulo II – Caso Samuel Philippe (Espíritos Felizes)	31
3 – PERCEÇÃO DA MORTE	32
O LIVRO DOS ESPÍRITOS – Parte II – Capítulo III - (154-159)	35
4 – EXPERIÊNCIA FORA DO CORPO (OBE)	36
4.3 – História de Hans, soldado alemão	38
O LIVRO DOS ESPÍRITOS - Introdução à doutrina espírita – Ponto VI	40
4.5 – O caso dos invisuais	41
4.6 – Factos comprováveis	41
O LIVRO DOS ESPÍRITOS – Parte II – Cap III – (150-152)	42
5 – A TRAVESSIA DA ESCURIDÃO	42
O LIVRO DOS ESPÍRITOS – Parte II – Capítulo III – (163-165)	46
6 – UM AMBIENTE CELESTIAL	48
A Luz	48
O CÉU E O INFERNO – Parte II – Capítulo II – o Senhor Sanson (Espíritos Felizes)	52
7 – AMIGOS E ENTES QUERIDOS DESTA E DE OUTRAS VIDAS	54
O Espiritismo perante a Ciência – Gabriel Delanne	57
Depois da Morte – Léon Denis – Cap. IV – XXX – a hora final	57
O LIVRO DOS ESPÍRITOS – Parte II – (160)	57
O LIVRO DOS ESPÍRITOS – Parte II – Capítulo VI – (282-290)	58
O CÉU E O INFERNO – Parte II – Capítulo II – O Senhor SANSON (Nº 8)	59
8 – UM ESPÍRITO DE LUZ	59
REVISTA ESPÍRITA – Janeiro de 1862	61
9 – REVISÃO DE VIDA E AUTO-JULGAMENTO	61
DEPOIS DA MORTE – Léon Denis – o julgamento	64
O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VII – (393)	66
Revista Espírita – Dezembro de 1861	66
10 – VISÕES DO PASSADO E DO FUTURO	67

O Espiritismo perante a Ciência, de Gabriel Delanne – o perispírito durante a desencarnação	69
O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (243)	70
O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (257)	70
"O Livro dos Espíritos" – Parte III - Capítulo X - Lei de Liberdade (868-871)	70
11– EQM NEGATIVAS	72
As EQM, a moral e as determinações do espírito	72
AS EQM NEGATIVAS E A PROGRESSÃO EVOLUTIVA NO SEU ESTUDO	73
O Céu e o Inferno – Parte I – Capítulo VI – (22–24)	77
O Céu e o Inferno – Parte I – Capítulo II – (3–10)	78
O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (257)	79
Ensaio teórico sobre a sensação nos espíritos	79
12 – O FIM DA VISITA E O REGRESSO	80
“A GÉNESE” – Capítulo XIV, OS Fluidos, Nº 23.....	83
Uma EQM sucedida e relatada há mais de 150 ANOS	84
“O Céu e o Inferno”, Parte II – capítulo III – o Senhor Cardon ,	84
citação - a respeito de dualismo e monismo – SÉRGIO FERNANDES ALEIXO	87
Bibliografia	88
TEXTOS ANEXOS	89
Sumário dos textos	89
A PASSAGEM AO MUNDO ESPIRITUAL de acordo com GABRIEL DELANNE	91
“DEPOIS DA MORTE” – A Doutrina Secreta – LEON DENIS	96
Resumo das Conclusões de “A CRISE DA MORTE” de ERNESTO BOZZANO	99
“O LIVRO DOS ESPIRITOS”, de Allan Kardec	101
O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo I – (114–127)	101
O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo III (149–165)	103
O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (257)	106
O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (258–270).....	109
O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (304–319)	112
“O LIVRO DOS MÉDIUNS”, de Allan Kardec.....	115
OLM – Capítulo I – Ação dos espíritos sobre a matéria - Nº 54	115
“O CÉU E O INFERNO”, de Allan Kardec - a passagem	116
Depoimento de Stefan von Jankovich	120
" Ich war Klinisch Tot – Der Tod – Mein Schönstes Erlebnis" (1984)	125
Depoimento de Nicole Dron	126
Sobre a Epistemologia Espírita, por JOSÉ HERCULANO PIRES	134
Sobre André Luiz – SÉRGIO FERNANDES ALEIXO	139
Duas psicografias sobre o momento da morte	149
Primeira noite.....	149
A Morte não existe	151
Allan Kardec – A GÉNESE – São Chegados Os Tempos.....	152
Algumas conclusões	154
“copy rights” ©; direitos de autor	156

PREFÁCIO

Aproveitando a condição do espiritismo como cultura libérrima que cada um desenvolve de acordo com a sua sensibilidade espiritual, sinto-me tão empenhado nele como independente no pensamento.

Admirador quase desde sempre da doutrina espírita, encontrei-me durante muito tempo isolado numa sociedade que, durante cinquenta anos, se permitiu a barbaridade de proibi-la. Na terra onde fui menino, em Leiria/Portugal, era uma cultura muito prestigiada, os seus conhecimentos eram transmitidos de boca em boca (para quem tinha o privilégio e a abertura de escutá-los) e alguns livros velhos passavam em surdina, de mão em mão.

Quem me ensinou as primeiras noções do espiritismo, com enlevado carinho, foi a minha querida avó Cristina. O espiritismo era uma coisa muito séria e importante, e eu sabia-o porque os espíritos já tinham passado por mim, ou eu já tinha passado por eles. Sessenta anos depois lamento não ter mergulhado sempre mais fundo nessa cultura que também me foi contada por amigos mais velhos que nunca esquecerei: os Senhores Joaquim Zapata de Vasconcelos e Delfim Luís Pires, ambos músicos de sensibilidade fraterna e espíritas muito cultos. A visão excelente e distanciada do espiritismo teve, não obstante, a virtude de manter incólume a pureza de algumas noções adquiridas nesse momento inaugural da vida.

Muito tempo depois reencontro o espiritismo muito mudado, com modismos pouco compatíveis com a antiga ideia da minha avó e dos meus amigos Vasconcelos e Delfim Pires.

Este trabalho que aqui vos apresento obedece ao respeito por uma cultura universalista com convicções científico-filosóficas, libertadora de consciências e norteada por princípios morais profundos que lança mão do essencial: **o legado monumental da tarefa espírita de Allan Kardec e dos seus mais próximos e fiéis seguidores.** Não tem havido na minha mente espaço para desbravar outros domínios. Chegam e sobram, aliás, para satisfazer toda a legítima curiosidade e abrem horizontes de uma extensão prodigiosamente inspiradora.

AVISO

Para quem saiba do valor da cultura espírita, deve haver cuidado em manter uma linha de respeito ao ensino prestado pelos espíritos, dentro da metodologia científico-pedagógica que foi superiormente empreendida pelo professor Hipólito Leão Denisard Rivail, aliás Allan Kardec.

Há atualmente vagas de impulsos estranhos à claridade dessa matriz doutrinária. Muitas pessoas envolvidas por esse fenómeno são bem-intencionadas e não têm por intuito senão evoluir na sensibilidade do espírito. A posição dos dirigentes de topo já me custa mais a compreender e, sinceramente, não tenho tempo nem disposição para aprofundar ou desmontar as possíveis motivações de cada um. Nesse contexto não há um espiritismo; há espiritismos. As tendências excêntricas dessa pluralidade desencontrada melhor seria que adotassem outros nomes, com base na identidade ou na ideologia dos seus inspiradores.

Aliás os referenciais dessas tendências são fáceis de identificar. Basta analisar o vocabulário; porque as palavras têm alma.

Ao espiritismo, nome eleito por Allan Kardec para não fazer uma doutrina sua, mas DO ESPÍRITO, é descabido chamar-lhe “espiritismo Kardecista”, ou coisa que o valha.

Espiritismo é o nome, se for respeitada a doutrina assim concebida e ilustrada.

Pode entrar-se pela porta central do fundador da doutrina (Allan Kardec) ou empreender a visita confusa de **milhares de livros de obras mediúnicas menores oriundas principalmente do Brasil**, algumas abusivamente classificadas como “subsidiárias ou complementares” do espiritismo. Não têm a mínima hipótese de visão sistematizadora, coesão ou substância filosófica e baseiam-se num religiosismo pitoresco fragmentário sem presente e sem futuro.

A sua conotação sistemática com as obras ditas da codificação seria muito elucidativa e recomendaria certamente a rejeição da imensa maioria.

Quero prestar, entretanto, as minhas homenagens e preito de admiração pelo grande povo irmão do Brasil, pelo seu palpitante génio criativo, pela sua nobreza de humanidade e pelo valor de um número interminável de pessoas cultas e de grande generosidade.

O AVISO que aqui me permito exarar está, aliás, muito bem fundamentado no excelente trabalho de investigação e de divulgação espírita de muitos brasileiros.

Desde o início em que casualmente me foi dado conhecer a existência do fenómeno das Experiências de Quase-Morte (há cerca de vinte anos), convenci-me de que estava perante um fenómeno suscetível de transformar os paradigmas culturais **mundiais** em torno da questão da vida para além da morte.

Mantive-me na expectativa de que, mais tarde ou mais cedo, do sector espírita saíssem posicionamentos esclarecedores de contextualização do conteúdo e das projeções socioculturais e científico-filosófica desse fenómeno. Algumas abordagens que tenho visto situam-se no plano da divulgação necessária mas pouco penetrante. As obras que organizam o mundo espiritual de acordo com comunicações mediúnicas sem idoneidade metodológica, não justificam o tempo que levaria a mencioná-las. Aliás, é em fontes do Brasil – país de onde são originárias na sua maior parte – que se encontram avaliadas e classificadas como merecem, com toda a legítima autoridade.

Poderá haver brasileiros a ressentir-se da menção do seu país como epicentro destes fenómenos. Culpa é da fantástica vitalidade juvenil do seu povo e dos cerca de duzentos milhões de brasileiros. Por onde quer que se explorem centros espíritas no mundo, lá está a presença referencial de dinamizadores brasileiros, de médiuns brasileiros e de palestrantes dessa nacionalidade. Têm lugar nas páginas deste trabalho dois documentos de dois distintos autores brasileiros de gerações diferentes (um teria a idade aproximada do meu pai e o outro tem a idade do meu filho mais velho) que representam muito bem o que há de melhor na inteligência espírita brasileira.

O primeiro sobre a epistemologia espírita de **José Herculano Pires** (Ver Índice) e o outro sobre André Luiz da autoria de **Sérgio Fernandes Aleixo** (Ver Índice). Os temas em referência têm relações abundantes com a matéria de que trata este livro, o primeiro sobre a legitimidade científica do espiritismo e o outro uma análise muito bem elaborada e documentada de uma “persona” mediúnica muito debatida.

É fundamental portanto, em Portugal como no Brasil, manter o discernimento crítico e fazer uso da razão, como abundantemente recomendou o grande “mestre de Lyon”.

Se existem os documentos elucidativos de conotação das EQM e da cultura espírita que diligentemente procurei, peço desculpa aos autores, porque não os encontrei. Resolvi por isso lançar mãos à obra e criar um modelo para efetuar essa vontade de contextualização. Finda a sua organização e publicada esta **primeira edição** tenho a noção de que muito caminho será possível e necessário andar ainda (penso dar continuidade a este trabalho, apenas inicial). As projeções deste fenómeno abarcam toda a Terra e muitas das suas línguas.

Oxalá tenha o contributo crítico de muitos leitores interessados e que outros se disponham a fazer melhor do que eu.

Revelando as EQM (desde logo na opinião dos respetivos protagonistas), detalhes específicos da passagem desta para a outra vida, o seu estudo interessa obviamente à cultura espírita e à vertente científico-experimental que lhe diz intrinsecamente respeito. **O presente trabalho** tenta escarpelizar de modo breve as relações entre o espiritismo como área de interesses científico-filosóficos com vincadas preocupações morais e as já muitíssimo discutidas Experiências de Quase-Morte, nas suas mais imediatas e importantes características.

É meu intuito fazer isso, repito, com base no legado de Allan Kardec e nas obras de alguns dos seus mais imediatos e distintos seguidores, nomeadamente Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, Léon Denis, e outros mais sucintamente.

No que diz respeito às EQM recorri às investigações das figuras com melhores currícula e mais habitualmente presentes nos congressos e realizações internacionais e a um bom número de depoimentos de protagonistas, tenho em consideração os termos utilizados e a credibilidade reconhecida.

Costa Brites
Lousã – PORTUGAL / Janeiro de 2013

RESUMO DAS EXPERIÊNCIAS DE QUASE-MORTE (EQM)

Em situações de perigo de vida há pessoas cujo coração pára. Até fins dos anos sessenta um tal caso era quase sempre perdido, porque não havia meios para recolocar o coração em andamento. Tendo sido descobertos meios para isso, há muitas pessoas que depois de entrar em processo de morte clínica são, literalmente, ressuscitadas. Quando este processo se iniciou os médicos e assistentes mais diretos – familiares incluídos – começaram a ouvir narrativas de vivências muito estranhas dessas pessoas. Que tinham estado “no outro lado” e que tinham vivido episódios muito impressionantes. Para simplificar, que regressaram depois de ter feito uma autêntica “visita ao céu”. As memórias dos protagonistas mais representativos resumem-se do seguinte modo:

- na maioria dos casos sentiram-se muitíssimo bem, libertos das dores, das preocupações e das dificuldades da vida;

- foram acolhidos num ambiente inacreditavelmente propício de incondicional amor jamais sentido na terra;

- desfrutaram de capacidades perceptivas muito para além das que tinham em vida, com visão em todas as direções, completa nitidez de visão mesmo à distância, capacidade de ler nos pensamentos dos seus interlocutores, mobilidade perfeita através de objetos materiais, etc.

- foram recebidos nesse “lado de lá” por pessoas muito queridas que já tinham falecido antes, num clima de afetividade radiosa:

- foram acompanhadas depois por um ser luminoso impossível de descrever que os embalou como um filho querido se embala, num banho de amor sem limites, que questionou com doçura “o que fizeram de suas vidas?” e que os acompanhou nos seguintes episódios:

- revisão holográfica de todo o percurso das suas vidas, com atitudes boas e más e percepção integral dos seus atos e respetivas consequências, apenas com julgamento próprio e elevado nível de sensibilidade moral;

- para muitos houve também uma viagem através de todos os horizontes do conhecimento, com revelação de insondáveis mistérios do saber, da história do universo e dos seres;

- finalmente, interrompendo a feliz e surpreendente estadia, há sempre qualquer coisa que acontece que lhes diz que ainda não é tempo de se quedarem naquele mundo e que têm que regressar para o que lhes falta cumprir nos seus objetivos de vida. Instantes depois entram de novo, constrangidos e dolorosos – e não poucas vezes muito contrariados – no seu “velho” corpo enfermo ou acidentado.

Para além destas ditas “experiências positivas” há também outras menos confortáveis (“negativas”), de que se falará no decurso da escrita apresentada.

- Para quem vive tais episódios, quer os que tiveram experiências “positivas” ou “negativas”, tenham sido profundas ou mesmo resumidas, além da recordação imorredoura de uma vivência experimentada com um nível de sensibilidade muitas vezes superior à dos nossos modestos cinco sentidos, fica uma herança de profundas transformações da personalidade, dos dotes psíquicos e da sensibilidade espiritual.

Estas experiências de quase-morte (EQM) foram registadas ao longo dos séculos mas a sua natureza nunca foi bem esclarecida. Tais registos – muito raros embora historicamente notáveis – foram tidos como “factos prodigiosos” com crédito limitado, só apreciados por um escasso número de observadores. Desde 1967, passaram a acontecer por todo o mundo, sobretudo nos países mais desenvolvidos tecnicamente. O seu número, difícil de quantificar com exatidão, ultrapassa os **trinta milhões de ocorrências**. A atenção que despertaram foi de tal ordem que se multiplicaram as investigações, os divulgadores e os simples interessados. Foram publicados estudos feitos por equipas de médicos em hospitais e universidades, têm-se publicado imensos livros com essas investigações e abundam os depoimentos pessoais em artigos, lugares na internet e programas de televisão por todo o mundo.

Os livros mais famosos sobre este assunto têm-se vendido aos milhões. Este facto revela uma enorme curiosidade a respeito de uma das preocupações da humanidade desde sempre: o mistério – para muitos sem solução até agora – **da vida depois da morte**.

Para designar os protagonistas de EQM poderá usar-se um neologismo: a palavra “**experientistas**”, baseado no seu equivalente inglês “*experiencers*” ou francês “*experienceurs*”. Resolve numa única palavra a perífrase pouco prática “protagonistas de experiências de EQM”. Para as experiências, a sigla EQM serve bem tanto a portugueses como a brasileiros.

TRADUÇÕES

A pesquisa deste tema depende muito de traduções dos mais diversos documentos, ainda não conhecidos em língua portuguesa. Além desses documentos, os depoimentos de “experientistas” inseridos neste trabalho são, na quase totalidade, apenas citações parciais. Faço menção das fontes para permitir acesso aos conteúdos integrais, à verificação das traduções e à apreciação de onde foram pesquisados.

Sendo português o autor deste trabalho os textos que são oriundos de outras línguas ou de modalidades específicas do português – como o que se escreve e fala, com brilhantismo e talento, no Brasil – foram, na generalidade, revistos a partir dos originais para leitura em português de Portugal.

BIBLIOGRAFIAS E FONTES DE PESQUISA

Em “Anexos” serão inseridas versões alargadas de alguns textos importantes parcelarmente citados ao longo do trabalho e algumas referências adequadas para aprofundar as pesquisas dos leitores.

“BEST-SELLERS”

Dado o interesse que as EQM têm suscitado em todo o mundo, surgiu em certos países um elenco de obras de grande difusão. A sua leitura poderá ser elucidativa, com as exceções que terão de ser consideradas, e devem merecer certo cuidado. Os depoimentos mais modestos e menos elaborados terão, na minha opinião, o interesse que dá ao tema credenciais de sinceridade e transparência.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Chamo a atenção dos leitores para “algumas conclusões” que aparecem
No fim deste trabalho (ver índice)

« *La solution de l'énigme de la vie dans l'espace et le temps se situe hors de l'espace et du temps.* »

Ludwig Wittgenstein
(*Tractatus logico-philosophicus*)

“A solução do enigma da vida no espaço e no tempo situa-se fora do espaço e do tempo”

Um livro como este deveria conter – como é de regra – um discurso mais ou menos sábio sobre a ideia essencial de Deus, do espírito, da vida após a morte, etc. Desta vez não; o leitor está dispensado de perseguir mais uma pequena dissertação que nada iria acrescentar à inesgotável cultura dos tratados. Conhecer é bom, mas amar é melhor.

Para concretizar esses conhecimentos tem sido essencial **o contributo da mediunidade**.

A mediunidade é um sentido raro e precioso, presente no tecido orgânico-espiritual de seres como nós, que **mereceria ser consequentemente analisado** com meios seguros e rigor metodológico que lhe conferisse merecida consagração e adequado desenvolvimento.

A História regista estudos feitos por autoridades científicas de grande prestígio com válida continuidade em muitas investigações importantes que atestam o valor dessa faculdade e das **realidades baseadas em factos por ela percebidas**.

Seria um valiosíssimo contributo das instituições científicas no sentido de avanços humanos, sociais e ecológicos da maior importância, pelo âmbito dos seus efeitos instrutivos e transformadores, nomeadamente no **esclarecimento da vida depois da morte, da natureza do mundo espiritual, da realidade concreta da reencarnação, etc.**

Como já tenho dito o esclarecimento final do destino do homem depois da morte e da real constituição do mundo espiritual é o facto revolucionário mais importante da História da Humanidade, não no sentido das convulsões perturbadoras, mas no sentido da construção de uma sociedade global mais justa, pacífica e com garantias ecológicas para o planeta e seus habitantes.

A dita ciência clássica fechou-se a esses estudos históricos – confirmados por individualidades insuspeitas – por interesse de posições adquiridas, intransigência cultural e falta de abertura intelectual.

Como alternativa providencial para o conhecimento da vida depois da morte e questões anexas conforme o que disse antes, perfila-se com protagonismo o fenómeno das Experiências de Quase-Morte.

Em numerosas pesquisas acerca das EQM e estudos oriundos de vários países tenho observado que **a cultura espírita não é mencionada**, nem mesmo sumariamente, no que toca às visões histórico-culturais das relações do homem com a transcendência, nem como expoente na observação da passagem dos humanos para o mundo dos espíritos.

Porque será assim? Depende esse silêncio dos outros que são ignorantes, **ou dependerá dos espíritas que não têm conseguido afirmar a sua magnífica cultura?**

Nas bibliografias dos investigadores poderia, aqui ou ali, sem ser por mera enumeração de tendências históricas, aparecer a referência à obra de Allan Kardec como presença culturalmente justificada. Essa busca, em grande quantidade de estudos de configuração académica, tem sido feita por mim sempre de balde. No meu entender esse distanciamento significa que **o espiritismo não tem conseguido** constituir-se, ao longo desse muito alargado período de tempo, como interlocutor participativo em atividades que estariam ao seu alcance e para as quais tem vocação e competência.

Esse ponto de vista mostra, de parte do “movimento espírita”, uma escassez de **sentido estratégico**, não no intuito de “fazer adeptos” – arriscando a indesejável suspeita de proselitismo – mas para divulgar os notabilíssimos propósitos e o riquíssimo conteúdo da “terceira revelação”.

A perda do dinamismo inicial de um movimento científico e cultural como foi o espiritismo universalista iniciado em Paris do século XIX é agravado pelo facto ineludível de, nos últimos cento e cinquenta anos, se terem registado acelerações socioculturais e tecnológico-científicas extraordinárias que subverteram por completo o conceito das cronologias relativas.

Uma vastidão de fatos aferíveis pela via científica perfila-se entretanto no horizonte como **uma novidade excessivamente notória para ser ignorada**.

Têm o nome de EXPERIÊNCIAS DE QUASE-MORTE e abrem uma nova janela na percepção do que está para além da vida material, face ao espírito e ao futuro dos seres depois da morte; mistério feito insondável pelos defeitos culturais de uma civilização com muitas virtudes mas não poucas insuficiências.

Por isso, além de procurar levar a notícia desses factos àqueles que ainda os não conhecem, venho aqui chamar a atenção dos próprios adeptos e estudiosos da cultura espírita. Sendo muito interessado nessa cultura, creio que **seria do máximo interesse dos espíritas em geral**:

— Estudar todos os aspetos das EQM, como fatos reveladores da relação do homem com o mundo espiritual;

— Assumir o posicionamento científico-filosófico adequado perante o fenómeno em si, em benefício das pessoas que por ele têm passado e de todo o restante mundo de opiniões.

As EQM, devido ao seu volume estatístico, à importância de efeitos psíquicos e comportamentais registados pelos “experientistas” e à credibilidade que lhes atribuem tantos investigadores isentos são tidas como epicentro de mudanças paradigmáticas dos conceitos acerca da vida depois da morte.

O número mundial dos protagonistas das EQM já ultrapassou largamente a totalidade dos adeptos confessos das teorias espiritualistas, de que fazem parte os espíritas, e está em crescimento muito acentuado.

Os espíritas, perante algo situado diretamente na área do seu conhecimento, têm o dever intelectual e moral de se debruçar sobre essa fenomenologia produzindo as conclusões que forem mais adequadas. Apercebi-me deste facto desde há muito baseado no teor de sinceridade dos depoimentos mais singelos das pessoas que passaram por EQM. Só mais tarde os relacionei com estudos e apreciações especializadas, guardando sempre uma razoável distância crítica.

As **profundas** transformações de personalidade registadas pelos protagonistas dessas experiências e o seu efeito reflexo a nível geral, **não podem ser casuais nem insignificantes**. O seu teor aparentemente inexplicável assume, na vastidão de casos que se sucedem, o aspeto de um salto qualitativo, oferta inexplicável do “Além” aos seus visitantes acidentais, cujos contornos solicitam a nossa melhor atenção e atestam a importância **espiritual** do fenómeno.

Tenho colecionado centenas de documentos produzidos por entidades bastante respeitáveis e julgo ter identificado as principais fontes de análise e de conhecimento deste tema que são visíveis a nível da internet. Se quisesse analisar com cuidado todos esses documentos, levaria anos. A maioria desses documentos está escrito em língua inglesa, embora haja muitas obras também noutras línguas.

Tendo passado já 45 anos sobre o início do estudo das EQM, estão a ficar ultrapassados os primeiros escolhos de indiferença e solidão que tiveram que enfrentar os primeiros “experientistas”, geralmente considerados pelo meio ambiente como “gente doente”, fora do seu perfeito juízo, senão afetados na sua condição mental.

Há muitas pessoas a necessitar de apoio informativo, psicológico e moral, que o têm procurado nas mais diversas fontes de forma ansiosa e confusa, por vezes, com resultados insatisfatórios.

Sendo a vida apenas um episódio passageiro comparado com a imortalidade, o entendimento da origem e do destino das almas é muito importante para a resolução dos enfrentamentos que o homem tem consigo mesmo.

Sem visões proselitistas, acho – nesta como noutras situações – que **é responsabilidade moral dos espíritas exercer a caridade suprema de levar a sua cultura tão longe quanto possível**, pela qualidade que possui para servir de apoio a todos os que o conheçam.

Por outro lado, se o espiritismo pode dar um valioso contributo para a decifração científica ou para o debate filosófico do estudo das EQM, também estas poderão ser ensejo para aprofundar a sua visão das coisas, pelo testemunho – até há poucos anos impossível – das narrativas vividas do processo da morte tal como se apresentará a todos e a cada um de nós.

A confirmação científica da vida depois da morte, a definição de um quadro moral conforme o que preconiza o espiritismo **é a expectativa filosófico-científica mais revolucionária do mundo**, atendendo às consequências positivas para toda a humanidade.

O QUE PROCURAREI FAZER com este trabalho é esse alinhamento de **paralelismos concretos e documentados** entre a doutrina de carácter científico-filosófico com preocupações morais que o espiritismo é, e uma ordem de acontecimentos **aos quais nada falta para poderem ser considerados como um movimento revelador a nível metafísico que julgo sem precedentes.**

Os estudos científicos mais avançados no campo da medicina a respeito das EQM e os conhecimentos que fazem parte do legado de Allan Kardec e da doutrina dos espíritos convergem de forma evidente e concreta, tal como tentarei comprovar.

O que são as EQM e pressupostos científicos das mesmas

As EQM têm sido noticiadas em meios de grande expansão em todo o mundo, têm dado origem a livros, artigos científicos e estudos fundamentados (feitos em hospitais e universidades sobretudo nos Estados Unidos da América, Reino Unido, Holanda, Alemanha, França, etc.) em que são postas em causa as opiniões dominantes sobre a morte no meio científico-institucional e religioso.

As dúvidas e controvérsias vão perdendo razão de ser face ao crescente volume de experiências e à acumulação de provas, sendo os protagonistas das mesmas os que parecem mais profundamente convictos quanto à profundidade e autenticidade das vivências que relatam.

Os principais agentes da sua divulgação e teorização são pessoas da classe médica, **de formação académica, cético-materialista**; além das pessoas que, tendo sofrido de paragens cardíacas, foram acudidas com as modernas técnicas de reanimação/ressuscitação e depois registaram os seus depoimentos acerca das experiências vividas durante o seu estado de morte provisória.

São, a nível mundial, **mais de trinta milhões de casos**, em aumento exponencial. Devido a inibições, preconceitos e outro género de dificuldades existe ainda um vasto número que nunca chegou a ser conhecido e estudado. Alargando um pouco o que foi dito no resumo de abertura:

Imaginemos uma situação de enfermidade ou de acidente muito grave; uma doença aparentemente terminal, um acidente de automóvel, uma operação cirúrgica delicada, um estado de coma, etc.

O coração da pessoa pára, a respiração detém-se, a circulação sanguínea deixa de efetuar-se e o cérebro, como consequência, deixa de emitir sinais eletromagnéticos o que quer dizer que deixou de funcionar. O diagnóstico de morte clínica está configurado e inicia-se o processo normal da morte, com o início de todos os processos de deterioração do corpo, seus tecidos, órgãos e sistemas. Desde 1967 foi posto à disposição das instituições de recursos de emergência um tipo de equipamentos (os desfibriladores) que, cumulativamente com um variado leque de recursos técnicos, permitem em certos casos um efeito quase “milagroso”: a ressuscitação. Até essa data, uma paragem cardíaca era razão quase definitiva para considerar a pessoa como morta. Raros casos de sobrevivência se registavam, mas eram julgados como muito excecionais. A utilização dos desfibriladores permite aplicar uma descarga elétrica que tem a possibilidade – quando o recurso está disponível no momento exato – de recolocar o coração de novo em marcha. A pessoa ultrapassa a situação de morte clínica, a circulação sanguínea e a respiração retomam o seu curso e o organismo recobra as suas faculdades vitais, incluindo o cérebro. Não vou aprofundar mais o contexto médico, facto que não se justifica nesta simples explicação, restando apenas reforçar um ponto: **as pessoas, durante alguns instantes de emergência ou até certo número de minutos estão de facto mortas, com as funções essenciais paralisadas.** E o facto crucial que se contempla é este:

Durante os momentos, mais breves ou mais demorados da sua “morte provisória”, uma certa percentagem dessas pessoas “vai ao céu e regressa” sendo as descrições daquilo que vivenciaram excecionalmente surpreendentes.

São essas experiências, vertidas em narrativas fortes e convictas, porque se desenrolam dispendo de uma lucidez e de uma clareza percetiva muito superior à que corresponde aos dotes da consciência em estado normal, que se designam como EQM.

Vários estudos científicos (referidos pelo Dr. Peter Fenwick, por exemplo) demonstram que as EQM não estão diretamente relacionadas com a extensão da paragem cardíaca, com o estado de inconsciência ou com a ingestão de medicamentos. Isto é, uma paragem cardíaca de curta duração pode dar origem a uma EQM com efeitos muito significativos. A percentagem de ocorrências de EQM aumenta, porém, se a pessoa que regista a experiência é suscetível de vir a falecer pouco tempo depois.

Para um esclarecimento básico de categoria científica a respeito deste tema, sugiro aos leitores uma visita ao que está contido no meu blogue “**espiritismo cultura**”, em diversos artigos ali publicados e principalmente num trabalho assinado por uma das individualidades médicas que mais se tem destacado na pesquisa do assunto em apreço:

As Experiências de Quase-Morte, a Consciência e o Cérebro, pelo Dr. Pim van Lommel

Os depoimentos sobre as EQM – credibilidade e validação científica

A credibilidade genérica das EQM deriva do facto de os depoimentos, por todo o mundo, não sendo exatamente iguais serem, não obstante, muito compatíveis e **convergiem no essencial** independentemente da cultura das pessoas, sexo, idade, grupo social, etc.

Se uma pessoa em Portugal registar memórias após paragem cardíaca e ressuscitação de recurso, e contar determinada história de vivências experimentadas nesse intervalo, julgo poderá convencer, na melhor das hipóteses, as pessoas que a amam, amigos ou familiares.

Se no dia imediato na América do Norte, na Argentina e na Noruega se passar exatamente o mesmo com outras pessoas, a reação dos amigos e familiares vai ser semelhante à dos amigos e familiares do português. Boa vontade, sim, mas muitas dúvidas também.

Se for possível comparar as várias histórias, por se terem tornado conhecidas, e se incluírem vivências inteiramente compatíveis no seu historial; e se tiverem registado emoções formidáveis exatamente do mesmo tipo, o caso não é apenas para mobilizar surpresas fortuitas.

Se forem **mais de trinta milhões de casos** sucedidos em dezenas de países ao longo de quarenta e cinco anos, pergunto eu, qual será a mente duvidosa que não vai acreditar, nem levar em conta, a credibilidade **possível**, ou a sua autenticidade **muito mais do que provável**?

Durante estes algo mais do que 45 anos, de 1967 até agora – 2013, os relatos das experiências de quase-morte, conservando o nível de compatibilidade e coerência de ideias, constituem já um “corpus” vastíssimo, com o potencial de uma filosofia ou de uma cultura com dinâmica própria. Contando evidentemente com todo o movimento de opinião e os numerosos estudos feitos, por profissionais credenciados de saúde.

Em 1975 surgiu o primeiro estudo publicado pelo **Dr. Raymond Moody** nos Estados Unidos da América do Norte (*LIFE AFTER LIFE. Mockingbird Books, 1975*).

A partir dessa data, em ritmo crescente, não pararam de surgir os trabalhos sobre o mesmo tema assinados por investigadores de vários países, tendo-se alargado o seu espaço **sobretudo na própria opinião dos cidadãos interessados**, mais do que na comunicação social, corporativamente controlada pelas “culturas dominantes” propensas ao domínio do **pensamento único** e sujeitas à **autocensura**.

As noções alcançadas através dos depoimentos de EQM organizadas por pessoas com conhecimento e método científico originou, entretanto, uma verdadeira ciência com amplo relacionamento com outras áreas do conhecimento.

“O LIVRO DOS ESPÍRITOS” – Introdução – (7–17)

A propósito do que fica dito acima terá sempre cabimento, como é óbvio, recorrer à palavra do professor Hipólito Leão Denisard Rivail, aliás Allan Kardec, citando a Introdução de “O Livro dos Espíritos” nº 7:

“As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritos repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida.”

Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter.”

E mais adiante, no nº 17:

*“A ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral, filosófica, outra, relativa às manifestações inteligentes. Aquele que apenas tenha observado a primeira acha-se na posição de quem não conhece a Física senão por experiências recreativas, sem ter penetrado no âmago da ciência. **A verdadeira doutrina espírita está no ensino que os Espíritos deram**, e os conhecimentos que esse ensino comporta são por demais profundos e extensos para serem adquiridos de qualquer modo, que não por um estudo sério e perseverante, feito no silêncio e no recolhimento; porque só dentro desta condição se pode observar um número infinito de fatos e cambiantes que passam despercebidos ao observador superficial, e que permitem firmar opinião.”*

A visão obscurantista da morte

As sociedades humanas não têm sabido tirar partido da cultura dos espíritos e eis agora que **milhões de almas** (as das pessoas ressuscitadas por meios da moderna tecnologia assistencial) regressam do mundo espiritual com memórias lúcidas do que lá experimentaram, desmistificando de forma total o fantasma da morte e as sombras esmagadoras do destino:

- dos pecados originais e mortais de várias matrizes doutrinárias;
- dos tormentos infernais da severidade religiosa;

— e da desmoralizante ciência que contempla o homem de cima, reduzindo-lhe a fonte do entendimento a um punhado pastoso de neurónios e de dendritos de cujo funcionamento e complexidade não oferece senão dúvidas e incertezas.

A passagem da vida para a morte **permanece como questão mal esclarecida sobre a qual mal se fala**, seja apenas como conceito teórico ou como transe que teremos de encarar, inevitavelmente. Por isso apresenta a feição do medo e a **frigidez intelectual de um “tabu”**.

A ignorância custa muito caro a todos os crentes e não crentes que, no momento em que atingirem esse episódio do seu devir natural, vão encontrar-se sem saber o que fazer, perdidos num evitável desconforto moral, por inadaptação e falta de cultura específica.

UMA NOVA VISÃO DA MORTE

As EQM oferecem com nitidez o cenário episódico – até aqui semissegredo – da passagem da vida material para a vida espiritual e há que dispensar-lhes a atenção que merecem como factos esclarecedores, com carácter de novidade sem precedentes.

O Espiritismo é uma **cosmovisão dualista** (Vide pág. 88 – **Sérgio Aleixo**) que não se fica pela análise desse breve lapso das nossas vidas; é uma visão abrangente e esclarecedora da origem e destino dos seres, da configuração e funcionamento do cosmos.

Os seus interesses abrangem o carácter geral da Criação, pelo que descreve o que se passa antes, durante e depois da **“crise da morte”** como lhe chamou o estudioso italiano ERNESTO BOZZANO. Tudo isso no contexto de uma vasta cultura científico-filosófica de fundamentadas **preocupações morais**.

Como conclusão, é meu ponto de vista que não são as EQM que elucidam ou ilustram o Espiritismo, mas sim o contrário.

Tal como Allan Kardec, cético a princípio e até avesso em aceitar as propostas para se debruçar sobre milhares de depoimentos mediúnicos conhecidos pelos seus amigos, todos os principais investigadores de EQM são agnósticos, céticos e têm uma formação claramente materialista.

Tem sido a **realidade factual** e o cruzamento dos depoimentos de ineludível autenticidade (pela coincidência de factos objetivos impossíveis de gerar de forma artificial) que, do mesmo modo que convenceram Kardec, também

os vai convencendo, um após outro, da veracidade do que contemplam. Para uma primeira apresentação do fenómeno efetuei tradução para português de dois depoimentos não muito extensos mas abrangentes, nomeadamente os casos de:

— **Stefan von Jankovich** (Vide Índice) – arquiteto húngaro, urbanista, inventor de sistemas prefabricados, artista plástico, velejador, residente na Suíça. Teve uma EQM profunda em 1964, documentada no seu livro, "ICH WAR KLINISCH TOT; DER TOD - MEIN SCHÖNSTES ERLEBNIS" publicado em 8 línguas; Cerca de 20 anos depois de ter ouvido a primeira entrevista dada por Stefan von Jankovitch a uma emissora de rádio alemã, soube, pelo testemunho da escritora italiana Paola Giovetti que o livro acima referido (publicado em 1972, antes da famosa obra do Dr. Raymond Moody) foi – nos tempos mais recentes – um dos primeiros depoimentos escritos na primeira pessoa com a narrativa de EQM.

— **Nicole Dron** (Vide versão mais completa e agradecimento Vide Índice) – francesa, registou igualmente uma EQM profunda, em 1968, também documentada em livro, "45 SECONDES D'ÉTERNITÉ" publicado em 2009. Encontra-se ativa desde 1985 na divulgação das EQM em geral e da sua experiência em particular, que é considerada um caso de estudo e uma das mais elucidativas e completas registadas em França.

O número de depoimentos a respeito deste assunto é imenso e os exemplos ilustrativos das EQM que estão descritos resumidamente a partir do capítulo "Características e fases das EQM" poderiam ser outros.

Escolhi estes por estarem bem escritos nas línguas originais e por serem bastante expressivos, a que acrescentei um bom número de fragmentos de outros colhidos na internet em páginas bem credenciadas para o efeito, que vão mencionadas. Lamento que muitos textos deste género (grande parte anónimos e dados benevolmente pelos seus protagonistas) estejam cobertos por direitos de autor, que acho abusivos.

Do lado da documentação espírita que contempla o mesmo tipo de situações vitais, lancei mão de uma das referências mais bem estruturadas de um prestigiado investigador:

Ernesto Bozzano – (Génova, 1862/1943) foi um pesquisador espírita italiano, dos mais famosos do seu tempo. Publicou, além de inúmeros artigos e comunicações, uma centena de monografias baseadas em comunicações mediúnicas, esclarecendo os mais variados fenómenos espirituais.

Em 1929 Bozzano publicou "**A Crise da Morte**", obra escrita a partir de registos de comunicações mediúnicas. Estuda a travessia da morte e as circunstâncias da passagem das almas para o meio espiritual, momento que – como se verá adiante – nada tem da trágica caracterização que dele é feita e que assim fica desmistificada.

Fez uma escolha criteriosa de mensagens publicadas principalmente em Inglaterra e nos Estados Unidos, de autoria de prestigiados médiuns, que identificou devidamente.

Classificou-as e comparou-as, tendo o cuidado de se informar previamente sobre os conhecimentos especiais de cada indivíduo a respeito da doutrina espírita. Relacionou doze pormenores coincidentes nas várias comunicações e que constituem um quadro esquemático dos acontecimentos que nos esperam.

Ernesto Bozzano é dos mais distintos e esclarecidos divulgadores dos aspectos científicos do espiritismo. Um rol abundante de outros prestigiados divulgadores da doutrina espírita poderia ser chamado aqui para ilustrar o tema, mas não seria viável. Dado que já anteriormente me ocupei com a obra acima citada e com a personalidade deste autor, convido os leitores a visitarem uma versão da mesma, graficamente modificada e com diversos anexos de contextualização informativa, incluindo dois textos do próprio, um auto-biográfico:

<http://palavraluz.wordpress.com/2011/10/10/ernesto-bozzano-a-crise-da-morte-notas-e-autobiografia/>

Outros dois autores muito distintos, também citado mais adiante, são **Léon Denis** e **Gabriel Delanne**, contemporâneos de Allan Kardec. A respeito do segundo destes dois convido também os leitores a visitar o seguinte artigo:

<http://palavraluz.wordpress.com/2012/09/25/gabriel-delanne-vida-e-obra-de-um-principal-seguidor-de-allan-kardec/>

Alem das fontes referidas, procurarei complementar de forma sintética os aspetos da cultura espírita que se relacionam com o tema, nomeadamente extratos devidamente referenciados das cinco obras da autoria de Allan Kardec, aquelas que constituem para o espiritismo o fundamento da "**terceira revelação**".

Para algumas das abordagens do âmbito médico-científico, os “efeitos secundários” transformadores da personalidade dos protagonistas das EQM surgem como elementos centrais da sua importância. Para outras são apenas um anexo “explicável” de uma experiência “fisiológica” involuntária. No meu entender, e julgo não estar só nesse conceito, são a parte **mais significativa** desses fenómenos pelo teor de revelação e pelo impulso espiritualizante que consigo transportam.

Ouvindo os depoimentos das pessoas que registaram experiências, das mais humildes às mais preparadas, é muito inspirador o que dizem e os temas que escolhem estão em pontos estratégicos da nossa condição de seres em transição e aprendizagem.

O resumo das **transformações de carácter dos “experientistas”** abaixo enumeradas após as respectivas EQM, são um testemunho muito rico e, mais do que descreverem episódios avulsos da passagem dos seres desta para a outra vida, trazem consigo a renovação de atitudes e – quase sempre – um **sentido de missão** em transmitir os conhecimentos e a experiência vivida.

Escutando o depoimento gravado em vídeo de um neurocirurgião que teve uma importante experiência de quase-morte, para além das emoções causadas pela transcendência do cenário, era o sentimento dos valores espirituais, o desejo da renovação das atitudes e o entusiasmo que transparecia nas suas palavras.

Homem cético, agnóstico e ateu exclusivamente ligado a interesses do seu proveito curricular e profissional, especialista muito bem remunerado e de longa carreira, mudou por completo a atitude perante a vida. O teor da sua narrativa é composto de detalhes que o situam ao alcance da ironia fácil de alguns depreciadores cétricos. Não hesita e confia-nos o que vivenciou sem evitar nenhum desses detalhes.

Como os antigos miraculados assume uma atitude vibrante, um impulso singelo – quase ingénuo – do desejo de passar a palavra.

Os mais candentes aspetos do seu recado são esclarecedores: **O mal e o sofrimento** são atributos certificadores do **livre arbítrio** e a referência à infinita misericórdia de Deus não tem nas suas palavras a frieza intelectualizada das filosofias escolares. É o sentimento que fala; toda a ciência, o saber clínico, a carreira doutoral e cirúrgica são batidos pelo vento do entusiasmo de quem viu a Luz e sentiu o impulso do Amor incondicional. Trata-se do **Dr. Eben Alexander**, cujo depoimento se torna difícil de ignorar devido às suas credenciais académico-profissionais. Ver curriculum-vitæ e outras informações em:

<http://www.ebenalexander.com/about-dr-alexander/bio/>

As pessoas que passam por EQM assinalam **transformações indeléveis** no seu carácter e na sua personalidade. Tais transformações não têm acontecido aos humanos, ao longo da sua longuíssima evolução, senão pela via de revelações misteriosas ou de exaltações proféticas.

Essas transformações provocadas instantaneamente pelas EQM, documentadas já por milhões de pessoas de todas as idades e condições culturais, atribuem-lhe um carácter de exceção muito difícil de explicar. De acordo com os estudos mais bem fundamentados pelos investigadores, tornam-se evidentes não apenas nos casos das experiências ditas “profundas”, **como naquelas em que a narrativa do episódio vivido não passa do mais elementar.**

O resumo que a seguir se elabora é apenas genérico. Alguns dos elementos tornam-se evidentes logo após a experiência, outros só passado algum tempo.

“...É possível estar fisicamente morto continuando a mente desperta. Só uma coisa importa: a nossa atitude para com as outras pessoas. Agora penso em tudo. Porquê? Tudo continua e nada continua. Sinto-me em paz; já não tenho medo da morte. Aceito a vida como ela é...”

“experientista” citado pelo Dr. Pim van Lommel

“...Depois de uma EQM a visão interior das pessoas deixa de residir na fé, mas sim na certeza...”

In: “CONSCIOUSNESS BEYOND LIFE – The Science of NDE”, Pim Van Lommel.

Nota: o conteúdo deste capítulo foi essencialmente organizado com base nas investigações do Dr. Pim van Lommel, publicadas no seu livro aqui indicado.

Relativamente à pessoa e à imagem que faz de si mesma:

Subida de auto estima; mais sentido de autodeterminação (ou independência do que os outros pensam de si); melhor domínio de situações de “stress”; mais sentido de iniciativa; visão mais aberta dos problemas; mais elevados níveis de interesse cultural e da vontade de aprender;

Relativamente a terceiros:

Maior tolerância e sentido de perdão; maior sentido de aproximação, seja relativamente a familiares ou a estranhos; maior capacidade de partilha de emoções; aumento da capacidade e generosidade afetivas; maior dificuldade de se exprimirem, de encontrarem a “palavra exata”; maior sentido de justiça e mais acentuada tendência para a sinceridade a par de uma maior tendência para gerar problemas (devido à maior dificuldade em conviver com a injustiça e a insensibilidade); maior compromisso e urgência em revelar a verdade; mais sentido de solidariedade, de generosidade e dedicação a causas sociais.

Relativamente à vida:

Neste domínio nota-se o despertar de **um sentido de missão** e o aparecimento de objetivos de vida; muitos “experientistas” assumem que o seu “regresso” inclui o compromisso de “revelar” às outras pessoas o conteúdo da sua experiência. Têm uma capacidade acrescida de usufruir o momento presente em detrimento das convenções sociais; mais confiança para resolver problemas, mais abertura à mudança, menos atenção a horários embora com a preocupação de atender a compromissos; melhor sentido de perspectiva para os problemas, que enfrentam menos tendenciosamente; acréscimo do respeito pela vida, do amor pela natureza, pelo ar livre, pela música suave, com desagrado manifesto pelo barulho. Ficam muito menos preocupados com o nível social, com o dinheiro e questões materiais em geral. Distanciam-se claramente do sentido competitivo imposto pela sociedade.

Relativamente à morte:

A transformação é completa no que toca ao medo da morte, **que verificaram não “existir” de facto**. Ao contrário é decidida a sua aceitação da vida depois da morte. As percentagens registadas pelos principais investigadores da opinião dos “experientistas” no que toca à aceitação da vida depois da morte são elevadas. A maior parte dos investigadores mais conhecidos refere valores entre os 86 e os 100% e apenas um se situa nos 76%, valores que sobem com o passar dos anos!....

Este facto muda totalmente a visão da vida. Alguns aspetos ganham importância, outros desaparecem.

As coisas efémeras e materiais ou físicas diminuem de importância a par de uma maior apreciação dos valores duradouros. Em caso de doença ou sofrimento, mantêm o moral alto e a boa disposição. Em caso de morte, encaram-na com toda a serenidade, alegria até.

Relativamente à religião e à espiritualidade:

Intensas mudanças se observam neste domínio, com uma aproximação clara à **ideia de Deus** e, de acordo com o **sentido de missão** acima mencionado, à urgência de divulgar o conteúdo das EQM como experiência de iluminação. Em certos casos um renovado sentido da religiosidade instiga atitudes de proselitismo, que se torna incómodo e difícil de aceitar.

A mais notável mudança parece situar-se num decréscimo da filiação religiosa e numa acentuação da **espiritualidade**; a meditação e a prece ganham importância porque os protagonistas entendem-se como entidades renascidas detentoras de uma **nova filosofia de vida**.

Uma importante consequência nesta área – e especialmente significativa tendo em conta um dos principais conceitos da ciência espírita – é a abertura à **ideia da reencarnação**, por terem contactado com amigos e familiares que já haviam conhecido anteriormente (e em vidas anteriores) e terem adquirido uma noção sólida do devir das

almas, da sua missão de aprendizagem e do seu destino de felicidade futura. Há uma característica das EQM (tratada no ponto 10 – Visões do passado e do futuro) que acrescenta dados a este aspeto das transformações.

Na sociedade e no matrimónio:

A sociedade não tem ainda, por falta de informação e de sensibilidade, uma forma de lidar com estes casos com a naturalidade e a compreensão desejáveis. Os “experientistas” são, e continuarão a ser, mal entendidos e deficientemente aceites. Eles, por seu turno, desenvolveram certos dotes da sensibilidade que os levam a rejeitar certas situações e a alimentar certas expectativas a que a realidade está longe de corresponder.

Também no casamento a mudança da personalidade tem consequências. Passando a ser “outra pessoa” é natural que passem a comportar-se doutro modo, obedecendo a outros padrões. Isso tem conduzido a um aumento de divórcios, por exemplo. E é o que acontece também relativamente à sociedade, com falhas de comunicação, isolamento, etc.

Aspetos fisiológicos:

É registada vulnerabilidade à luz, ao ruído e mais acentuada capacidade sensória em geral.

Dotes de hipersensibilidade:

Coroando, por vezes, o elenco de transformações pessoais situa-se a aquisição de dotes especiais ao nível emocional, da intuição e de outras formas de hipersensibilidade; clarividência, telepatia, premonição, vidência, experiências fora do corpo, desdobramentos, capacidades curativas e outros dotes psíquicos.

Como se torna patente, **os efeitos remanescentes das EQM** afetam o carácter dos que as viveram, são impossíveis de acomodar à simplicidade do dia-a-dia e não encontram compreensão por parte da sociedade.

Como explicitação de segredos do mundo espiritual e ao seguimento da vida depois da morte, **nenhum outro conjunto de revelações feitas antes à humanidade tem uma tão extraordinária abertura e uma tal capacidade transformadora das consciências como o fenómeno das Experiências de Quase-Morte.**

As EQM não são narradas por visionários ou profetas. São pessoas como nós, escolhidas ao acaso, em número crescente, que deixam de ter medo da morte porque se sentiram plenamente bem dentro dela.

A morte, deste modo, **continua a ser contada por espíritos** porque, tendo os protagonistas de EQM franqueado o limiar da morte e apresentando-se tão evidentemente noutra condição existencial fora do corpo físico, é de espíritos que se trata.

Segundo estudo prospetivo feito em dez hospitais holandeses por equipas de médicos especialistas e apoio de pessoal hospitalar, publicado em 2001 na revista científica “The Lancet” (Pim van Lommel e outros, 2001), da totalidade de 344 dos clinicamente mortos ressuscitados de paragens cardíacas 62 doentes (18%) registaram memórias de vivências especiais.

Essa percentagem de memórias ativadas, em estudos feitos por outras equipas de investigadores, dá resultados diferentes:

— Bruce Greyson:	2003 — 15,5%;
— Sam Parnia, Waller, Yeates e Peter Fenwick:	2001 — 11%;
— Schwanger, Eisenberg, Schechtman, e Weiss:	2002 — 23%
— Penny Sartori:	2006 — 23%

O Dr. Peter Fenwick, em trabalho de síntese publicado no site da IANDS (International Association for Near-Death Studies) apreciando estes trabalhos afirmou que as médias entre 10 e 20% poderiam vir a ser consideradas normais e que estudos posteriores dificilmente poderiam modificá-las

Mesmo assim constituem um significativo alargamento à “coletividade dos seres” de um conhecimento antes reduzido a raros casos históricos relegados pela “ciência” e pela “cultura” oficiais para o cômputo das patranhas, das alucinações e dos casos “anómalos”. A um tal alargamento da experiência e do conhecimento humano não é aventuroso atribuir-se o **caracter de “revelação”**, se atendermos às transformações profundas da personalidade que registam os “experientistas”. Atendendo ao significado de consequências científico-culturais das EQM, poderá concluir-se que:

— Pela forma como tem acontecido o imenso número delas e pela aparente casualidade como se têm espalhado por todo o mundo;

— Pelo inegável contacto entre o mundo imediato das experiências físicas e “qualquer coisa” situada para além dele;

— Pelo itinerário de raciocínios e de relacionamentos filosóficos a que tem conduzido os seus protagonistas e estudiosos (aqueles por inerência das suas próprias transformações íntimas e estes pelo impacto racional das conclusões tiradas);

Estamos perante algo a que podemos atribuir:

— Uma estruturação coletiva;

— uma origem humano-espírita;

— e um carácter fortemente progressivo.

Estes são os vetores da **terceira revelação** espírita tal como têm sido apresentadas em documentos fundamentais, conforme a seguir se esclarece:

A GÉNESE – CAPÍTULO I – (45–46–13–55–32)

Estruturação Coletiva:

“...a terceira revelação é coletiva no sentido de não ser feita para privilégio de pessoa alguma; assim sendo ninguém pode dizer-se seu profeta exclusivo. Ela foi feita simultaneamente por toda a Terra para milhões de pessoas de todas as idades, de todas as épocas e condições, desde a mais baixa até à mais alta escala...”

Allan Kardec; A GÉNESE; Capítulo I (Carácter da Revelação Espírita), nº 45.

“...A terceira tem isto de particular: não sendo personificada num indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se transformaram em centros ou focos de irradiação. Com a multiplicação desses centros, pouco a pouco os seus raios encontram-se como os círculos formados por uma quantidade de pedras atiradas à água, de tal sorte que, num determinado momento cobrirão toda a superfície da Terra...”

Allan Kardec; A GÉNESE – Capítulo I – Fundamentos da Revelação Espírita – nº 46

Origem Humano-Espírita:

*“...Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo carácter: participa ao mesmo tempo da **revelação divina** e da **revelação científica**.*

Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que estão aptos a compreendê-las.

Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo:

– por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres passivos, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio;

– porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega;

– porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações.

Numa palavra, o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem...”

Allan Kardec; A GÉNESE; Capítulo I – Fundamentos da Revelação Espírita, nº 13

Carácter Progressivo:

*“...Um último carácter da revelação espírita é que, apoiando-se **em fatos**, tem de ser, essencialmente progressiva como todas as **ciências de observação**.*

Por sua substância, **alia-se à Ciência** que, sendo a exposição das leis da natureza segundo certa ordem de fatos, não pode ser contrária às leis de Deus, autor daquelas leis.

O Espiritismo pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que **ressalta logicamente da observação**.

Relacionando-se com todos os ramos **da organização social**, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas e saídas do domínio da utopia sem o que o Espiritismo se suicidaria.

Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto.

Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará...”

Allan Kardec; “A GÊNESE”; Capítulo I – Fundamentos da Revelação Espírita, nº 55

“...a religião que deverá um dia congregar todos os homens sob a mesma bandeira, será **a que melhor satisfaça a razão e as legítimas aspirações do coração e do espírito**; que não seja desmentida em nenhum ponto pela **Ciência positiva**; que, ao invés de se imobilizar, acompanhe a humanidade na sua **marcha progressiva**, sem se deixar jamais ultrapassar; que não seja nem exclusivista nem intolerante; **que seja a emancipadora da inteligência, admitindo apenas a fé raciocinada**; aquela cujo código de moral seja o mais puro, o mais racional, **o mais harmônico com as necessidades sociais**, o mais apropriado, enfim, para fundar sobre a Terra o reino do bem, pela prática da caridade e da fraternidade universais...”

Allan Kardec; “A GÊNESE” – cap. XVII – Predições do Evangelho/Um só rebanho e um só pastor; nº 32

“OBRAS PÓSTUMAS” – 2ª PARTE – II – DOS CISMAS

“...Apoiada tão-só nas leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas, se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei.

Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar.

Assimilando **todas as ideias reconhecidamente justas**, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade...”

Allan Kardec; “OBRAS PÓSTUMAS” – 2ª parte - Constituição do Espiritismo - II – Dos Cismas

TESTEMUNHOS DAS CONSEQUÊNCIAS DAS EQM

“... os sobreviventes de EQM’s demonstram **mudanças permanentes e fundamentais na sua visão da vida**, crenças religiosas, valores e comportamentos. A profundidade da experiência e, acima de tudo, a revisão panorâmica da vida e o seu encontro com a luz parece terem contribuído para a intensidade e inevitabilidade dessas mudanças. A literatura popular tende a concentrar-se sobre a natureza positiva delas, contudo, muitas pessoas travam uma luta para aceitar e integrar as suas percepções íntimas, especialmente quanto enfrentam reações negativas da família, amigos e agentes de assistência médica...”

“... as referidas mudanças são provavelmente postas em marcha pela vivência de uma dimensão na qual o tempo e o espaço não contam, onde se pode espreitar o passado e o futuro, onde as pessoas se sentem completas na sua totalidade e onde a infinita sabedoria e o amor incondicional podem ser vividos. Depois de uma EQM, a percepção íntima já não se baseia na fé, mas na certeza...”

Citação do livro “CONSCIOUSNESS BEYOND LIFE – The Science of Near-Death Experience”, **Pim Van Lommel**.

“Já não tenho medo da morte porque me lembro bem do que me aconteceu. Agora tenho a certeza de que a vida continua...”

“...Sinto uma profunda ligação com a natureza. O jardim agora desempenha um grande papel na minha vida. Tornei-me mais emotivo. Adquiri um grande sentido de justiça. Tornei-me mais paciente e pacífico. Consigo colocar as coisas em perspetiva. A agressividade é uma coisa do passado. Sinto uma necessidade premente para não mentir

de novo. Prefiro calar-me a dizer mesmo que seja uma pequena mentira ingênua. Preocupo-me com os compromissos, as coisas devem ser feitas a tempo. Mas posso lidar bem com isso. Antes de nada me importava com a espiritualidade; não me interessava. Agora tenho a noção dos poderes proféticos com os quais posso ajudar os outros. Tenho um sexto sentido. Com o passar do tempo habituei-me a viver com isso. Passou a fazer parte da minha vida...”

Depoimento de um “experientista”, da obra acima citada

“...Conheci a minha terceira experiência com o meu segundo filho. Tinha três anos. Tínhamo-nos tornado ambos num só com esse amor e foi ele, do “outro lado” que nos deu uma lição.

Que me trouxeram essas experiências? Este amor que me acompanha a cada instante; nunca estou sozinha. Tenho frequentemente necessidade de silêncio, de Ser silêncio.

As experiências da minha vida ensinaram-me a paciência a cada instante, a compaixão, o perdão, a tolerância, a humildade (para mim difícil) mas não é fácil encontrar as palavras certas, por ser muito subtil e por serem os “movimentos” da minha alma.

Sei que vivemos na ilusão, que a criamos. Já não busco “Deus” fora de mim, sou eterna.

O meu objetivo é um “dever”, é “viver”, realizar esta plenitude em mim. Ser aqui, sobre a terra, todo o Amor do “céu”! Tenho uma grande confiança na vida, na sua capacidade de nos revelar a nós mesmos. Prefiro ir ao essencial. Já não me envolvo em conflitos. Aprendi a fazer um distanciamento emotivo, isto é, com compaixão para com os acontecimentos e as pessoas. “Ajudar” os outros. A experiência ensinou-me que antes de ajudar quem quer que seja, deveria conhecer-me, e é por vezes melhor para o outro não lhe dar ajuda, deixá-lo evoluir por suas próprias mãos. Sou pela “religião do Amor”, não me sinto limitada pelos dogmas, por nenhuma instituição religiosa, embora sejam uma ajuda para certas pessoas.

O mais importante é concretizar o Ser em nós. Regressei com uma compreensão mais profunda do deslumbramento. Tudo é graça, oferenda. É-me difícil na vida conservar esta paz. Tento fazê-lo a cada instante mas é preciso tempo, viver um dia de cada vez, porque há sempre um intervalo entre o que vi lá e o que é aqui. Sou uma pessoa humilde e vivo com as minhas imperfeições. É difícil manter a harmonia numa família sobretudo se as outras pessoas não viveram qualquer experiência. Agradeço à minha família ter aceiteado ser incomodada.

A maior dificuldade é viver, ressentir essa experiência incomunicável no meu silêncio interior, sem que as pessoas que me rodeiam entendam até que ponto é importante o que se passa em mim. Preciso muito de honestidade, de verdade, de inocência e de pureza. Tento realizar isso abrindo-me aos outros. Não me foi fácil, durante anos, falar desta experiência sem suscitar a ironia. Mas isso foi necessário para vencer o EGO. Esta experiência permitiu-me ir ao essencial, ser “verdadeira”; deu-me o gosto de partilhar, o desejo de Ser, ser transparente e o gosto de me doar. Obrigado...”

testemunho de FABIENNE
<http://notreexperience.actifforum.com/>

« ... [partilhar o segredo da minha experiência]...ajudou-me muito a suportar a incompreensão da minha família ou o pouco interesse que ela lhe inspirava. Quanto aos meus filhos compreendem tudo e não têm medo da morte. Vinte e quatro anos depois estou feliz por ter podido dar um grande passo, encontrar e fazer amigos junto de pessoas que estão no mesmo comprimento de onda. Isso permitiu-me evoluir espiritualmente, compreender melhor os outros bem como o que é essencial na vida, a sua finalidade...

Esta experiência foi um grande socorro, uma boia de salvação e sobretudo uma segunda oportunidade de sucesso na vida. Aprendi também a força da PRECE.

É importante orar frequentemente! Toda a força da ESPERANÇA graças à qual tudo pode acontecer, porque nada é impossível a DEUS!

E todos sabemos que a FÉ move montanhas!...”

Testemunho de ANNE-MARIE
<http://notreexperience.actifforum.com/>

“...É evidente que a visão da vida muda completamente. Torna-se coerente, portadora de sentido. O seu objetivo é de evoluir para a perfeição na plenitude. Sei a partir de agora que a finalidade da minha vida não é só comprar, ter, saber e poder; é sobretudo ir ao encontro da plenitude e de a realizar em mim, encarnar todo o amor e

sabedoria do céu. A minha principal tarefa é tornar-me consciente do que sou desde toda a eternidade, ser essa perfeição que vi e que me espera.

“...Regressei com o desejo profundo de revelar esta experiência à humanidade a fim de que engrandeça a vida em si, como aconteceu comigo. Notei que, depois desta experiência, me envolvo menos em conflitos de personalidade ou relações de força à minha volta...”

“...Quanto à religião, sinto que faço parte da Grande Religião do Amor que está no coração de todos nós. Fui educada na religião católica romana que guarda tesouros no seu seio, mas já não me sinto limitada pelo peso da instituição religiosa...”

“...Esta experiência permitiu-me ser mais tolerante para com os outros, não fazer julgamentos, sem ser com isso complacente, porque sei que estamos todos em evolução. Sei que a nossa vida é sagrada; é um dom do céu para evoluirmos. Regressei com um sentido exacerbado da beleza; beleza de uma flor, de uma paisagem, de uma criança que desperta para a vida mas também beleza das almas. Ressinto muito mais do que antes a presença de uma graça na natureza e em tudo o que existe; por vezes, vêm-me as lágrimas aos olhos...”

NICOLE DRON (tradução integral para português mais adiante : Vide Índice)

Ligações para estes depoimentos na língua original:

Os links aqui anteriormente colocados ficaram desactualizados porque a página-web de “Notre Expérience” sofreu modificações.

“Notre Expérience” tornou-se, a partir de 1 de Fevereiro de 2014, num fórum com muitíssimas informações e a autora (Martine) está a recolocar todos os depoimentos anteriormente publicados.

FORUM:

<http://notreexperience.actifforum.com/>

Depoimentos:

<http://notreexperience.actifforum.com/f15-anciens-temoignages-nde-du-site-notre-experience>

CARACTERÍSTICAS E FASES DAS EQM

Há várias escalas de classificação das experiências de acordo com a sua profundidade e conteúdos.

Para os interessados, não escasseiam documentos disponíveis sob os mais diversos formatos – nomeadamente na internet – a respeito desses estudos. As escalas mais conhecidas a nível mundial e mais frequentemente citadas são da autoria dos americanos Drs. Raymond Moody, Kenneth Ring, Michael Sabom e Bruce Greyson.

Tantos são, entretanto, os investigadores de várias proveniências e de várias nacionalidades que se têm dedicado à investigação nesta área que se torna ocioso efetuar aqui uma enumeração dos mesmos.

A enumeração abaixo apresentada de características das EQM's baseia-se no conteúdo do livro "CONSCIOUSNESS BEYOND LIFE – The Science of Near-Death Experience", do **Dr. Pim Van Lommel**, cardiologista holandês que promoveu em vários hospitais do seu país um vasto estudo prospetivo sobre o fenómeno, um dos mais citados em todo o mundo, as quais seguem o padrão muito divulgado de autoria do **Dr. Raymond Moody**, psiquiatra americano que criou em 1975 o termo NDE no seu livro "LIFE AFTER LIFE".

Características e fases das EQM:

- 1 — Inefabilidade
- 2 — Paz, segurança e amor sem limites
- 3 — Perceção da morte
- 4 — Experiência fora do corpo
- 5 — A travessia da escuridão
- 6 — Um ambiente celestial
- 7 — Amigos e entes queridos desta e de outras vidas
- 8 — Um espírito de luz
- 9 — Revisão de vida e Auto-julgamento
- 10 — Visões do passado e do futuro
- 11 — EQM negativas
- 12 — O fim da visita e o regresso

1 — INEFABILIDADE

Este termo começou a ser usado pelos investigadores de língua inglesa na caracterização da totalidade das EQM no que toca aos efeitos abaixo descritos e, acima de tudo, às suas consequências depois do regresso à vida daqueles que as experimentaram.

A palavra, pelo seu significado preciso, pode ser adotada com vantagens também na nossa língua. O dicionário diz-nos o seguinte:

inefável *adj.* 2 g. 1. *Que não se pode exprimir pela palavra.* 2. *[Figurado] Encantador, delicioso, inebriante.*

A Inefabilidade, desde os seus primeiros instantes das EQM confere-lhe a sua faceta essencial, ou seja, a de serem vividas noutra plano existencial, o que tem expressiva correspondência no seguinte:

— São intraduzíveis por palavras e inentendíveis pelos normais cinco sentidos;

— Oferecem ao protagonista **uma capacidade percetiva muito mais acentuada que aquela de que dispõe normalmente**: visão em todas as direções, focagem perfeita de objetos a quaisquer distâncias, transmissão instantânea de ideias pelo pensamento e níveis intelectuais com corrente de débitos informativos completamente fora das possibilidades da mente humana/terrena.

A inefabilidade é acentuada pela invulgaridade extrema dos antecedentes e consequentes da experiência: acidentes ou enfermidades da maior gravidade, portadores de sofrimento e de morte.

Em particular são difíceis de descrever os momentos emocionantes de entusiasmo afetivo, amor sem limites e total sentido de paz e conforto físico e moral.

Seguem-se a respeito da **inefabilidade**, como depois relativamente a todas as outras características das EQM:

- depoimentos de protagonistas de EQM;
- documentos da cultura espírita a elas relativos;
- textos da codificação espírita da autoria de Allan Kardec.

1.1 — depoimentos / EQM

“...O mundo em que vivemos é tridimensional, mas o próximo, definitivamente, não o é. Por isso que é tão difícil contar-vos isto. Tenho que fazer-vos a descrição com palavras tridimensionais.

É tão perto quanto consigo chegar mas não é adequado. É-me impossível, realmente, dar-vos uma imagem completa...”

citado pelo Dr. Raymond Moody no seu livro: “LIFE AFTER LIFE”

“...Lamento que as palavras não consigam fazer jus à minha experiência. Devo admitir que a linguagem humana é afluivamente inadequada para transmitir toda a extensão, a profundidade e a outra dimensão que contemplei. De facto não há escrita que possa descrever aquilo porque passei...”

Citação feita pelo Dr. Pim van Lommel no seu livro: “CONSCIOUSNESS BEYOND LIFE “

“...E entrei na Luz, o que não é descritível por palavras...”

NICOLE DRON (tradução integral para português mais adiante : Vide Índice)

1.2 — documentos / CULTURA ESPÍRITA

Em “A CRISE DA MORTE” de **Ernesto Bozzano**, publicado em 1929, encontramos fragmentos de comunicações mediúnicas bem referenciadas.

O primeiro texto colhido é do livro de mensagens transcendentais intitulado “A HERETIC IN HEAVEN” publicado em Londres por “Hutchinson & Co.” em 1926. O médium-narrador é o Sr. Ernest H. Peckham, conhecido pelas suas pesquisas metapsíquicas, o mesmo que escreveu “THE MORROW OF DEATH”:

“Neste pequeno tratado, proponho-me referir alguma coisa da nossa existência espiritual, tão extraordinariamente animada, na qual emergi por intermédio da morte. Infelizmente, a tarefa que desejo executar apresenta dificuldades quase insuperáveis, porque a existência supranormal ultrapassa enormemente tudo o que se conhece e experimenta na existência terrena.

Por exemplo: se bem que me haja conservado substancialmente a mesma personagem, vi desenvolverem-se em mim faculdades e potencialidades que me abrem novo campo, imenso, de atividades inimagináveis.

É impossível explicar-te, por meio da terminologia terrestre, em que consistem essas atividades...”

O segundo texto de uma brochura intitulada “Blair’s Letters, communicated by James Blair Williams to his mother” (“CARTAS DE BLAIR”, escritas por James Blair Williams à sua mãe). A mãe do autor das cartas (morto aos 30 anos, em 1918) começa por dizer que, não podendo consolar-se da morte de seu único filho, desejou pôr-se mediunicamente em comunicação com ele (dado que tinha para isso os convenientes dotes mediúnicos naturais, como é óbvio):

“...Em tais condições deveis compreender que, com essa imensa expansão das faculdades da inteligência, fácil não é dispormos nas nossas recordações de um dado fato, muitas vezes insignificante, a cujo respeito os vivos nos interrogam.

Já vou começando a ficar menos embaraçado quando me dirigem perguntas desta natureza; mas, a princípio, era incapaz de responder a qualquer pergunta.

Além disso, não esqueçais que, quando aqui venho, sou obrigado a comprimir a minha mente, a ponto de reduzi-la às proporções acanhadas da dos vivos.

Segue-se que, quando me interrogam sobre o meu passado, não consigo esclarecer-me senão retomando, por instantes, as minhas condições espirituais de expansão intelectual, para, em seguida, comprimir de novo a minha mente, até reduzi-la às proporções humanas e achar-me assim na condição de ter que empregar inauditos esforços para me lembrar da resposta que formulei no estado de livre expansão espiritual e que logo esqueci, ou quase, no estado de mentalidade reduzida para as necessidades do momento.

...Procurei conhecer qual era o estado de meu Espírito, quando me achava aprisionado e diminuído no corpo. Eis aqui: verifiquei que o corpo se pode comparar a uma roupa muito apertada, de que o Espírito se reveste; trata-se, porém, de uma roupa que não contém mais do que uma secção especial do Espírito, porquanto a parte, que é de muito longe a mais importante da nossa personalidade espiritual, se conserva em estado latente, quase inconsciente, nas profundezas da subconsciência....”

1.3 — ALLAN KARDEC / textos

“O LIVRO DOS ESPÍRITOS” - Princípios da Doutrina Espírita, de **Allan Kardec**, como é sabido, foi publicado em Paris no dia 18 de Abril de 1857, e é uma fonte fundamental do saber espírita.

Sobre as outras obras de **Allan Kardec**, conhecidas a partir de ensinamentos fornecidos pelos espíritos através de comunicações mediúnicas, muito haveria para dizer.

Abaixo ficam várias referências a textos que elucidam diversos pontos importantes que dizem respeito a esta característica das EQM, entre outros que poderiam igualmente ser referidos.

O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo I – (88–92)

MUNDO ESPÍRITA

III – Forma e Ubiquidade dos Espíritos

88. Os Espíritos têm uma forma determinada, limitada e constante?

— Aos vossos olhos, não; aos nossos, sim. Eles são, se o quiserdes, uma flama, um clarão ou uma centelha etérea(1).

(1) Todo este trecho se refere ao Espírito puro, desprovido do perispírito. Necessário atentar para essas variações, para não confundirmos as explicações. (N. do T.)

88. a) Esta flama ou centelha tem alguma cor?

— Para vós, ela varia do escuro ao brilho do rubi, de acordo com a menor ou maior pureza do Espírito.

Comentário de Kardec: Representam-se ordinariamente os génios com uma flama ou uma estrela na fronte. É essa uma alegoria, que lembra a natureza essencial dos Espíritos. Colocam-na no alto da cabeça, por ser ali que se encontra a sede da inteligência.

89. Os Espíritos gastam algum tempo para cruzar o espaço?

— Sim; mas rápido como o pensamento.

89. a) O pensamento não é a própria alma que se transporta?

— Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também o está, pois é a alma que pensa. O pensamento é um atributo.

90. O Espírito que se transporta de um lugar a outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa, ou é subitamente transportado para onde deseja ir?

— Uma e outra coisa. O Espírito pode perfeitamente, se o quiser, dar-se conta da distância que atravessa, mas essa distância pode também desaparecer por completo; isso depende da sua vontade e também da sua natureza, se mais ou menos depurada.

91. A matéria oferece obstáculos aos Espíritos?

— Não; eles penetram tudo; o ar, a terra, as águas, o próprio fogo lhes são igualmente acessíveis.

92. Os Espíritos têm o dom da ubiquidade, ou, em outras palavras, o mesmo Espírito pode dividir-se ou estar ao mesmo tempo em vários pontos?

— Não pode haver divisão de um Espírito; mas cada um deles é um centro que irradia para diferentes lados, e é por isso que parecem estar em muitos lugares ao mesmo tempo.

Vês o sol, que não é mais do que um, e, não obstante, irradia por toda parte e envia os seus raios até muito longe. Apesar disso, ele não se divide.

92. a) Todos os Espíritos irradiam com o mesmo poder?

— Bem longe disso; o poder de irradiação depende do grau de pureza de cada um.

Comentário de Kardec:

Cada Espírito é uma unidade indivisível; mas cada um deles pode estender o seu pensamento em diversas direções, sem por isso se dividir. É somente nesse sentido que se deve entender o dom de ubiquidade atribuído aos Espíritos.

Como uma fagulha que projeta ao longe a sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte. Como, ainda, um homem que, sem mudar de lugar e sem se dividir, pode transmitir ordens, sinais e produzir movimentos em diferentes lugares.

O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (245–256)

VIDA ESPÍRITA – Percepções dos Espíritos

245. A vista dos Espíritos é circunscrita, como nos seres corpóreos?

— Não, é uma faculdade geral.

246. Os Espíritos precisam de luz para ver?

— Vêem pela luz própria, sem necessidade de luz exterior. Para eles não há trevas, a não ser aquelas em que podem encontrar-se por expiação.

247. Os Espíritos precisam transportar-se, para ver em dois lugares diferentes? Podem ver ao mesmo tempo num e noutro hemisfério do globo?

— Como o Espírito se transporta com a rapidez do pensamento, podemos dizer que vê por toda parte de uma só vez. O seu pensamento pode irradiar, dirigir-se para muitos pontos ao mesmo tempo. Mas essa faculdade depende da sua pureza: quanto menos puro ele for, mais limitada é a sua vista; somente os Espíritos superiores podem ter visão de conjunto.

Comentário de Allan Kardec:

A faculdade de ver dos Espíritos, inerente à sua natureza, difunde-se por todo seu ser, como a luz num corpo luminoso. É uma espécie de lucidez universal, que se estende a tudo, envolve simultaneamente o espaço, o tempo e as coisas, e para a qual não há trevas nem obstáculos materiais.

Compreende-se que assim deve ser, pois no homem a vista funciona através de um órgão que recebe a luz, e sem luz fica na obscuridade. Nos Espíritos, a faculdade de ver é um atributo próprio, que independe de qualquer agente exterior.

A vista não precisa da luz.

[Ver **Ubiquidade** pergunta 92] – página anterior.

248. O Espírito vê as coisas distintamente como nós?

— Mais distintamente, porque a sua vista penetra o que a vossa não pode penetrar; nada a obscurece.

249. O Espírito percebe os sons?

— Sim, e percebe até mesmo os que os vossos sentidos obtusos não podem perceber.

249 – a) A faculdade de ouvir, como a de ver, está em todo o seu ser?

— Todas as percepções são atributos do Espírito e fazem parte do seu ser. Quando ele se reveste de corpo material, elas se manifestam pelos meios orgânicos; mas, no estado de liberdade, não estão mais localizadas.

250. Sendo as percepções atributos do próprio Espírito, ele pode deixar de usá-las?

— O Espírito só vê e ouve o que ele quiser. Isto de uma maneira geral, e sobretudo para os Espíritos elevados. Os imperfeitos ouvem e vêem frequentemente, queiram ou não, aquilo que pode ser útil ao seu melhoramento.

251. Os Espíritos são sensíveis à música?

— Trata-se da vossa música? O que é ela perante a música celeste, essa harmonia da qual ninguém na Terra pode ter ideia? Uma é para a outra o que o canto do selvagem é para a suave melodia. Não obstante, os Espíritos vulgares podem provar um certo prazer ao ouvir a vossa música, porque não estão ainda capazes de compreender outra mais sublime. A música tem, para os Espíritos, encantos infinitos, em razão de suas qualidades sensitivas muito desenvolvidas. Refiro-me à música celeste, que é tudo quanto a imaginação espiritual pode conceber de mais belo e mais suave.

252. Os Espíritos são sensíveis às belezas naturais?

— As belezas naturais dos vários globos são tão diversas que estamos longe de as conhecer. Sim, são sensíveis a elas segundo as suas aptidões para as apreciar e compreender. Para os Espíritos elevados, há belezas de conjunto diante das quais se apagam, por assim dizer, as belezas dos detalhes.

253. Os Espíritos experimentam as nossas necessidades e os nossos sofrimentos físicos?

— Eles os conhecem, porque os sofreram, mas não os experimentam como vós, porque são Espíritos.

254. Os Espíritos sentem fadiga e necessidade de repouso?

— Não podem sentir a fadiga como a entendeis, e, portanto não necessitam do repouso corporal, pois não possuem órgãos em que as forças tenham de ser restauradas. Mas o Espírito repousa, no sentido de não permanecer numa atividade constante. Ele não age de maneira material porque a sua ação é toda intelectual e o seu repouso é todo moral. Há momentos em que o seu pensamento diminui de atividade e não se dirige a um objetivo determinado; este é um verdadeiro repouso, mas não se pode compará-lo ao do corpo. A espécie de fadiga que os Espíritos podem experimentar está na razão da sua inferioridade, pois quanto mais se elevam, de menos repouso necessitam.

255. Quando um Espírito diz que sofre, de que natureza é o seu sofrimento?

— Angústias morais, que o torturam mais dolorosamente que os sofrimentos físicos.

256. Como alguns Espíritos se queixam de frio ou calor?

— Lembrança do que sofreram durante a vida e algumas vezes tão penosa como a própria realidade. Frequentemente, é uma comparação que fazem, para exprimirem a sua situação. Quando se lembram do corpo

experimentam uma espécie de impressão, como quando se tira uma capa e algum tempo depois ainda se pensa estar com ela.

O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (282-290)

DA VIDA ESPÍRITA - As relações no Além-túmulo

282. Como comunicam os Espíritos entre si?

“Eles vêem-se e compreendem-se. A palavra é material: é o reflexo do Espírito. O fluido universal estabelece entre eles uma comunicação constante; é o veículo da transmissão do pensamento, como, para vós o ar é o veículo do som. É uma espécie de telégrafo universal, que liga todos os mundos e permite que os Espíritos se correspondam entre mundos.”

283. Os Espíritos podem, ocultar pensamentos entre si? Podem esconder-se uns dos outros?

“Não; para os Espíritos, tudo está a descoberto, sobretudo para os perfeitos. Podem afastar-se uns dos outros, mas sempre se vêem. Isto, porém, não constitui regra absoluta, porque certos Espíritos podem muito bem tornar-se invisíveis a outros, se julgarem útil.”

2 — PAZ, SEGURANÇA E AMOR SEM LIMITES

Na sequência dos acontecimentos que acarretam a morte, por acidente ou por motivos de doença terminal, os recém-falecidos – nos termos que irão ser descritos mais adiante – passam ao contacto com uma realidade surpreendente.

Na maioria dos casos de EQM são referidos sentimentos de segurança, amor e felicidade indescritíveis, porque sem limites.

Esses sentimentos oferecem aos (já) espíritos dos falecidos uma inefável sensação de “regresso a casa”, que os impele de forma decidida a não quererem regressar à vida material – sejam quais forem as condições pessoais e familiares que tenham deixado atrás – para reentrar doloridamente nos seus corpos, para mais em situações de enfermidade ou acidente grave.

Numa percentagem muito menor de narrativas também se fala de situações desagradáveis, escuridão mais ou menos compacta, solidão, ansiedade e o sentimento de quem está definitivamente perdido conforme adiante se verá.

2.1 — depoimentos / EQM

“...Sem medo nenhum pensei: “é uma felicidade, estar a morrer”. Contudo fiquei à espera, com certa curiosidade, do que viria a seguir. Estava feliz, descontraído e ansioso como uma criança em noite de Natal.

Senti-me a deslizar ao mesmo tempo que se fazia ouvir uma música maravilhosa, que sugeria a correspondência harmónica com formas, movimentos e cores. Tinha de certa forma a percepção de que não estava sozinho, embora não visse viva alma. Senti-me invadido por uma paz divinal e por um sentimento de harmonia jamais experimentado. Estava completamente feliz e sem problema algum. Estava só: nenhum ser terreal (pais, esposa, filhos amigos ou inimigos) estorvava a minha divina tranquilidade...”

“Ich war klinisch tot”, de STEPHAN VON JANKOVICH (tradução integral para português, ver Índice)

“...Estava imersa no oceano de Amor, totalmente envolvida, amada em plenitude desde sempre e tão longe das preocupações e agitações desta terra! Já não tinha consciência nem do tempo nem do espaço, mas de “ser” e de ter sempre “sido”.

Compreendi que era uma parte dessa luz, que era eterna. Nessa plenitude e nessa paz imensa compreendi o sentido da expressão: “eu sou”. Era como se, sendo eu, me tornasse em “tudo”, reencontrando a minha natureza real. Era o reencontro com a minha pátria. Tinha-me tornado Amor e era a vida.

Como, Deus meu, partilhar essa experiência? Se cada um de nós pudesse vivê-la, nem que fosse um só instante, não mais existiria a miséria nem a violência nem a guerra sobre este planeta. O sentido próprio da existência seria captado e a beleza seria a sua concretização...”

NICOLE DRON (tradução integral para português mais adiante : Vide Índice)

“...Durante a primeira noite, com febre muito alta e insuportáveis dores de cabeça, parti aspirada por uma energia muito brilhante e fiquei no limiar, na fronteira da morte, durante alguns momentos de que não tenho noção exata. Durante esse tempo sei que não tive pensamento, identidade, nem o corpo que deixara pelo que não registava sofrimento. O silêncio tinha engolido tudo.

A Consciência permaneceu completamente ligada ao fluxo luminoso, ao ponto de nele se dissolver. Eu não era mais do que essa consciência. Estava imersa na energia cósmica ao mesmo tempo que totalmente aberta, sem limites, como se contivesse em si o espaço do universo.

A sensação era doce, pacífica, a luz era esplendorosa sem ser ofuscante. Tinha uma sensação de leveza. Pouco importava que o corpo estivesse enfermo, porque já não havia ali ninguém para sofrer.

Plenitude, liberdade, momentos de intemporalidade. Esta entrada na energia infinita instantaneamente deu-me uma compreensão da verdade suprema. “Vi” a Realidade de que nos falam os místicos desde há séculos. E senti-me imediatamente amada por essa Consciência Suprema. Foi lindo. Eu senti o amor puro, a aceitação incondicional. “Alguém” me estendia os braços. No entanto, não havia quem amasse e eu não tinha ninguém para amar. Havia apenas o amor, a compaixão, a compreensão, respeitoso, aberto, sem restrição, sem intenção..”.

testemunho de NICOLE Montineri

(versão integral na língua original: <http://notreexperience.actifforum.com/f15-anciens-temoignages-nde-du-site-notre-experience>)

2.2 — documentos / CULTURA ESPÍRITA

De “A CRISE DA MORTE” de **Ernesto Bozzano**, mensagem devida à mediunidade da Sra. E. B. Duffey contida no livro: “HEAVEN REVISED” The Religion-Philosophical Publishing House, Chicago, U.S.A., 1889;

“...Estava então morta? Que estranha sensação, a de uma pessoa saber-se morta e de se sentir exuberante de vida! Como os vivos compreendem mal o sentido desta palavra.

Estar morto significa estar animado de uma vitalidade diferente e extraordinária, de que a Humanidade não pode fazer ideia...

Provavelmente, a morte dera-se havia vinte e quatro horas: eu adormecera no mundo dos vivos e despertara no meio espiritual. Como é estranho! Só nesse momento me lembrei, pela primeira vez, de que estava no meio espiritual! Até ali, os meus pensamentos e as minhas emoções tinham-se conservado presos ao mundo dos vivos. Mas, onde estavam os espíritos de tantos entes queridos que haviam transposto antes de mim a fronteira da morte? Esperava vê-las acorrendo a darem-me as boas-vindas no limiar da morada celeste e servirem-me em seguida de conselheiros e de guias.

Não me preocupava o isolamento em que me achava e ainda menos me assustava; porém, experimentava um penoso sentimento de decepção e de desorientação.

Em todo caso, esse estado d’alma não durou mais que um instante. Apenas formulara em meu espírito aqueles pensamentos, vi dissolver-se e desaparecer o quarto em que me encontrava e tudo o que ele continha e achei-me, não sei como, numa espécie de vasta planície... Era indescritível a beleza da paisagem. Bela também é a paisagem terrena, mas a celeste é muito mais maravilhosa... Caminhava; entretanto, coisa singular, meus pés não tocavam o solo. Deslizava sobre este, como sucede nos sonhos...

Mas, onde estavam aqueles a quem eu amara? Onde estavam tantos amigos mortos, aos quais tão ligada estivera na Terra? Por que esse estado de isolamento da minha nova existência?

Não tinha consciência de haver manifestado de viva voz meus pensamentos; todavia, como se alguém me houvesse escutado e se apressasse em me atender, vi diante de mim dois mancebos, cuja radiosa beleza excedia tudo o que o espírito humano possa imaginar...

Muitos anos antes, levava ao túmulo, com lágrimas de desesperada dor, dois filhinhos que adorava: um após outro. E muitas vezes, a chorar sobre as suas sepulturas, estendera os braços para frente, como se contasse reavê-los à morte que mos arrebatara. Oh, meus filhos! Meus filhos! Quanto os desejava!... Quando vi diante de mim aqueles mancebos radiosos, um instinto súbito e infalível me preveniu de que eles eram os meus filhinhos, que se haviam tornado adultos. Não hesitei um instante em reconhecê-los. Estendi-lhes os braços, como fizera outrora na Terra, e dessa vez apertei-os realmente ao peito! Meus filhos, meus filhos! Enfim tornei a encontrar-vos! Meus filhos, meus para sempre!..."

2.3 — ALLAN KARDEC / textos

Os dois fragmentos abaixo inseridos pertencem ao: Capítulo I – “A Passagem” Inserido na Segunda Parte da obra **“O CÉU E O INFERNO”**, de Allan Kardec.

O acento tônico é colocado na diferenciação das **consequências naturais e morais** quanto ao “homem cuja alma se desmaterializou” e quanto ao que “se apega à vida material”.

Os pressupostos de categoria moral que conferem perspectivas de **justiça integral** a todo o plano da Criação, não podem deixar de ter os seus efeitos.

Sendo permanente a indicação da infinita misericórdia de Deus e da igualdade rigorosa que a todos abrange, seria descabido pensar que aqueles que porfiam e respeitam as normas intuitivas de respeito por si mesmos, pelo próximo e pelo Divino projeto da Criação e aqueles que o não fazem, poderiam ter itinerários idênticos, embora o destino comum de evolução seja exatamente igual. É esse princípio que aqui está claramente apontado, sem deixar de satisfazer todos os que – devidamente informados e formados – desejem proceder a uma revisão e a um aperfeiçoamento de hábitos e práticas que conduzam à felicidade de uma evolução rápida e confortável.

Atingir as metas da felicidade integral, não sendo tarefa automática, está ao alcance de todos sem qualquer exceção, conforme demonstra o conjunto da mensagem espírita – confirmada pelos dados experimentais do seu aprofundamento científico.

O CÉU O INFERNO – Capítulo I – (9–10)

“...9 — Na morte natural, a que resulta da extinção das forças vitais pela idade ou pela doença, o desprendimento opera-se gradualmente.

No homem cuja alma se desmaterializou e cujos pensamentos se desprenderam da atração das coisas terrenas, o desprendimento quase que se completa antes da morte real. O corpo vive ainda a vida orgânica, mas a alma já penetrou na vida espiritual e somente a ligam ao corpo liames tão frágeis que se rompem sem dificuldade com a última pancada do coração.

Nessa situação o Espírito pode ter já recobrado a lucidez e testemunhar conscientemente a extinção da vida no seu próprio corpo, do qual se sente feliz por se livrar. Para ele quase não existe perturbação. Este não é mais do que um momento de sono tranquilo do qual acorda com uma indizível sensação de felicidade e de esperança.

(...)

10 — O Espírito apega-se tanto mais à vida material quanto menos vê para além dela. Sente que ela lhe escapa e quer retê-la. Ao invés de se entregar às forças que o arrastam, resiste com todas as suas energias. Essa luta pode prolongar-se por dias, semanas e meses.

Não há dúvida que nesse momento o Espírito não goza de toda a sua lucidez. A perturbação já terá começado bem antes da morte, mas nem por isso é menor o seu sofrimento e o estado de vacuidade mental em que se encontra, a incerteza quanto ao que lhe acontecerá depois, aumentam as suas angústias.

A morte chega e nada se acabou, pois a perturbação continua.

Sente que está vivo, mas não sabe se essa vida é a material ou a espiritual.

Luta ainda até que as últimas ligações do perispírito com o corpo sejam rompidas. A morte pôs termo à moléstia que ele sofria, mas não sustou as suas consequências, de maneira que enquanto existirem pontos de contato entre o corpo e o perispírito, o Espírito é atingido por essas consequências e sofre com elas.

Bem diferente a situação do Espírito que já se desmaterializou, mesmo no caso das doenças mais cruéis. As ligações fluidicas com o corpo tendo-se enfraquecido, rompem-se sem nenhuma dificuldade, e além disso a sua confiança no futuro, que ele já entrevê mentalmente e às vezes mesmo de maneira real, o leva a encarar a morte como uma libertação e os seus males como uma prova...”

2.4 — UM CASO MENOS AUSPICIOSO, OUTRO FELIZ

Seguem-se dois casos contrastantes de regresso ao mundo espiritual tal como nos são contados pelas entidades já ali viventes, os espíritos evidentemente, revelados através de comunicações mediúnicas.

Será necessário prestar um esclarecimento aos leitores quanto ao último parágrafo da comunicação de Novel, por não estarem porventura familiarizados com o contexto das já referidas comunicações.

O drama de Novel resolveu-se a partir do momento em que, tendo sido evocado pelo seu amigo e depois de ter recebido as instruções e ensinamentos que lhe foram fornecidos pelos doutrinadores que colaboraram com ele, se decidiu a tomar uma atitude mais positiva, recetiva, resignada e temente a Deus.

A melhoria do seu estado foi tão rápida e feliz quanto possível, conforme nos dá a saber, em sintonia com a consideração geral dos princípios e conhecimentos de toda a doutrina espírita.

Aconselho a leitura completa do Capítulo I da Segunda Parte de **“O CÉU E O INFERNO”**, de Allan Kardek (A Passagem) – **Ver índice** – importante para entender todo o trânsito da morte, de que a seguir se junta um fragmento que ajuda a compreender a expressão de felicidade, de Novel inserido mais abaixo.

15 — O Espiritismo não é certamente indispensável para se chegar à salvação da alma. Nem tem a pretensão de ser o único a assegurar esse resultado. Mas facilita-a pelos conhecimentos que proporciona, pelos sentimentos que inspira e pelas disposições em que coloca o espírito, fazendo-o compreender a necessidade de melhorar-se. Além disso, dá a cada um os meios de facilitar o desprendimento na hora de abandonar o invólucro terrestre e os meios de abreviar o tempo de perturbação através da prece e da evocação.

Por meio da prece sincera, que é uma forma de magnetização espiritual, provoca-se uma desagregação, mais rápida do fluido perispiritual.

Por uma evocação dirigida com conhecimento e prudência, através de palavras de benevolência e encorajamento, tira-se o Espírito do entorpecimento em que se encontra e ajuda-se a que mais rapidamente se reconheça a si mesmo. Se for um Espírito sofredor, estimula-se ao arrependimento que é o único meio de abreviar os seus sofrimentos.

O CÉU E O INFERNO – Parte II – Capítulo IV - Caso Novel (Espíritos Sofredores)

Nota - O Espírito dirige-se ao médium, que em vida o conhecera.

"Vou contar-te o meu sofrimento quando morri. Meu Espírito, preso ao corpo por elos materiais, teve grande dificuldade em desembaraçar-se - o que já foi, por si uma rude angústia.

A vida que eu deixava aos 21 anos era ainda tão vigorosa que eu não podia crer na sua perda.

Por isso procurava o corpo, estava admirado, apavorado por me ver perdido num turbilhão de sombras. Por fim, a consciência do meu estado e a revelação das faltas cometidas, em todas as minhas encarnações, feriram-me subitamente, enquanto uma luz implacável me iluminava os mais secretos âmagos da alma, que se sentia desnudada e logo possuída de vergonha acabrunhante.

Procurava fugir a essa influência interessando-me pelos objetos que me cercavam, novos, mas que, no entanto, já conhecia; os Espíritos luminosos, flutuando, davam-me a ideia de uma ventura a que eu não podia aspirar; formas sombrias e desoladas, mergulhadas umas em tedioso desespero; furiosas ou irónicas outras, deslizavam à minha volta ou por sobre a terra a que me prendiam. Eu via agitarem-se os humanos cuja ignorância invejava; toda uma ordem de sensações desconhecidas, ou antes reencontradas, invadiram-me simultaneamente.

Como que arrastado por força irresistível, procurando fugir à dor encarniçada, franqueava as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais, sem que as belezas naturais nem os esplendores celestes pudessem acalmar um instante a dor acerba da consciência, nem o pavor causado pela revelação da eternidade.

Pode um mortal antever as torturas materiais pelos arrepios da carne; mas as vossas frágeis dores, amenizadas pela esperança, atenuadas por distrações ou mortas pelo esquecimento, não vos darão nunca a ideia das angústias de uma alma que sofre sem tréguas, sem esperança, sem arrependimento.

Decorrido um tempo cuja duração não posso precisar, invejando os eleitos cujos esplendores entrevia, detestando os maus Espíritos que me perseguiram com remoques, desprezando os humanos cujas torpezas eu via, passei de profundo abatimento a uma revolta insensata.

Chamaste-me finalmente, e pela primeira vez um sentimento suave e terno me acalmou; escutei os ensinamentos dos guias, a verdade impôs-se-me, orei; Deus ouviu-me, revelou-se-me por sua Clemência, como já se me havia revelado por sua Justiça...”

Novel."

O Céu e o Inferno – Parte II – Capítulo II – Caso Samuel Philippe (Espíritos Felizes)

O segundo texto é também de **“O Céu e o Inferno”**, de Allan Kardec, Segunda Parte, Capítulo II (Espíritos Felizes) o caso de Samuel Philippe:

“...Embora tivesse sofrido cruelmente com a minha doença final, não passei pela agonia. A morte foi para mim como um sono tranquilo. Não tendo preocupações com o futuro, não me apeguei à vida. Não tive, por conseguinte, de me debater nos últimos instantes. A separação se operou sem esforços, sem dor e sem que eu houvesse sequer me apercebido.

Não sei quanto durou este último sono, mas foi breve. O despertar foi tão calmo que contrastava com a minha situação anterior. Eu não sentia mais dores e me regozijava com isso. Desejava levantar-me, andar, mas uma espécie de suave entorpecimento, que nada tinha de desagradável, que tinha mesmo um certo encanto, me retinha e eu me entregava a um certo deleite sem ter consciência da minha situação e sem duvidar que já havia deixado a Terra.

Tudo o que me cercava me aparecia como num sonho. Vi minha mulher e alguns amigos ajoelhados e chorando no meu quarto e disse para mim mesmo que sem dúvida me consideravam morto. Quis desenganá-los, mas não consegui articular nenhuma palavra, donde concluí que devia estar sonhando. O que me confirmou nessa ideia foi ver-me cercado de muitas criaturas amadas que haviam morrido há muito tempo e de outras que eu não reconhecia imediatamente, mas que pareciam velar por mim, esperando o meu despertar.

Esse estado era entretido de instantes de lucidez e de sonolência, durante os quais eu recobrava e perdia alternadamente a consciência do meu eu. Pouco a pouco minhas ideias foram adquirindo mais clareza. A luz que eu só entrevia através de um nevoeiro se fez mais brilhante. Então, comecei a reconhecer o meu estado e compreendi que já não pertencia mais ao mundo terreno. Se eu não tivesse conhecido o Espiritismo, a ilusão se teria sem dúvida prolongado, por muito tempo.

Meus despojos mortais não haviam sido ainda enterrados, mas eu os considerava com piedade e me sentia feliz de me haver desembaraçado deles. Era muito feliz de estar livre! Eu respirava com a facilidade de quem sai de uma atmosfera asfixiante. Uma invisível sensação de felicidade impregnava todo o meu ser. A presença das criaturas que eu amava me enchia de alegria e eu não estava surpreso de vê-las. Isso me parecia muito natural, mas eu tinha a impressão de as rever após uma longa viagem. Uma coisa me surpreendeu a princípio, o fato de nos compreendermos sem dizer palavra. Nossos pensamentos se transmitiam pelo simples olhar e como por uma espécie de penetração fluídica.

Entretanto, eu ainda não estava completamente desligado das ideias terrenas. A lembrança do que eu havia sofrido me voltava de quando em quando à memória, como para me fazer melhor apreciar a nova situação. Eu havia sofrido fisicamente, mas sobretudo moralmente. Havia sido alvo da malevolência, suportando essas mil perplexidades talvez mais penosas do que as desgraças positivas, porque nos mantêm numa constante ansiedade. Essa sensação não se havia apagado inteiramente e às vezes eu me perguntava se já estava realmente desembaraçado. Parecia-me ouvir ainda algumas vozes desagradáveis. Preocupava-me com as dificuldades que me

havia produzido tantas vezes e tremia sem querer, beliscava-me por assim dizer, para me assegurar de que não era o brinquedo de um sonho. E quando a certeza de que tudo isso havia acabado, me pareceu que me haviam aliviado de um peso enorme.

É bem verdade, dizia-me, que estou enfim liberto de todas essas preocupações que fazem o tormento da vida, e rendo graças a Deus por esse fato. Era como um pobre que houvesse recebido de repente uma grande fortuna e que durante algum tempo duvida da realidade, sentindo ainda preocupações pelas suas necessidades. Oh! Se os homens compreendessem a vida futura, quanta força, quanta coragem essa compreensão lhes daria nas adversidades! O que não fariam, durante sua existência na Terra, para se garantirem a felicidade que Deus reserva aos filhos que são dóceis às suas leis! Veriam então como são insignificantes os prazeres que invejam nessa vida, em face daqueles que desprezam!...”

Samuel Philippe

3 — PERCEÇÃO DA MORTE

Os depoimentos de “experientistas” de EQM caracterizam-se por uma certa singeleza ou insegurança descritiva, dada a já referida característica da “inefabilidade” – ou impossibilidade de relatar por palavras percepções vividas num plano diferente e totalmente desconhecido – e levando em conta o dramatismo de todos os acontecimentos anteriores e posteriores à experiência.

Os documentos de origem espírita que documentam a passagem da morte, sendo colhidos mediunicamente de outra fonte, ou seja, de **entidades espirituais** cuja situação no mundo espiritual já está estabilizada, tendem a refletir um outro plano observativo, por motivos que casuisticamente podem ser devidamente apreciados.

São marcados por mais acentuadas preocupações de caracterização moral, ou seja, refletem a sua substância filosófica e a projeção de conceitos pertinentes a uma visão mais abrangente da cosmovisão respectiva.

De modo simplista – atendendo ao gênero de depoimentos mais divulgados – poderá dizer-se que a mensagem dos “experientistas” é genericamente mais otimista, o que não é correto.

No elenco das EQM existe também um significativo contingente (embora tido como francamente minoritário) de experiências negativas ou assustadoras.

De salientar que, de todos os casos de pessoas que registaram paragens cardíacas e que foram “ressuscitadas”, apenas uma percentagem de 18% de pessoas registaram memórias desse período, considerando um dos estudos mais frequentemente citado (Pim van Lommel e outros; publicado na revista “The Lancet” em 2001).

O que significa que em cada 100 casos houve 82 de que nada se sabe.

Essas experiências negativas – que também serão trazidas a este trabalho – são muito interessantes na sua **projeção problemática e revelam-se tão eficazes na transformação qualitativa das personalidades dos seus protagonistas como as experiências designadas como “felizes”**, conforme conclusão claramente registada nesse sentido pelo Dr. Pim Van Lommel, por exemplo, na pag. 17 do seu livro “CONSCIOUSNESS BEYOND LIFE – The Science of the Near-Death Experience” de 2010, com versão original em holandês “Eindeloo bewustzijn” de 2007.

3.1 — depoimentos / EQM

“...A passagem desta para a outra vida é – em grande número de casos ou em termos gerais – bem mais simples do que as pessoas julgam.

A existência continua noutro plano e o ser que nós somos, num primeiro instante, mal dá pela mudança de situação. A perplexidade dos episódios vividos imediatamente antes, o acidente, a iminência da morte, a enfermidade – tudo isso continua em evidência.

As pessoas presentes, os objetos e os espaços exatamente no mesmo sítio, embora agora visionados doutra forma, geralmente por cima, incluindo o corpo enfermo ou acidentado do próprio.

A verdade é esta: há imensos falecidos que nem sequer dão conta da sua nova situação, não a compreendem e muitos, nem a aceitam!...

“...Antes de mais, lembro-me de ter estado situada à altura do teto. Estava ali com todos os meus pensamentos, emoções, impressões, com tudo aquilo que constitui o meu ser profundo. Notei que conseguia ver em

todas as direções mas, sobretudo, experimentava uma sensação nova e inacreditável: a de existir fora do meu corpo....”

NICOLE DRON (tradução integral para português mais adiante : Vide Índice)

“...Tive quase vontade de rir da estranha cena, porque sentia que estava “vivo”, ao contrário de “morto”. O que ali jazia por terra era o meu anterior corpo físico. Achei tudo muito estranho, mas de forma alguma perturbador. Ao contrário: era bastante divertido poder observar os esforços de toda aquela gente. Desejaria dizer-lhes “lá de cima”: “Olá, estou aqui, e bem vivo! Deixem lá o meu corpo como está; sinto-me vivo e perfeitamente bem”. Porém, embora me sentisse bem, ninguém me ouvia e não conseguia produzir som que fosse audível, porque não tinha garganta nem boca para falar...”

“...Em suma era bastante interessante ver-me morto “de cima”, como espectador, sem emoções, e tudo poder observar com a maior nitidez de uma posição celestial, posto que “sobrevivera”. Os meus órgãos imateriais funcionavam bem e o meu pensamento registava tudo. Podia aliás tomar decisões sem qualquer limitação própria da vida terrena. Vogava a cerca de três metros por cima de toda a cena, num espaço multidimensional...”

“Ich war klinisch tot”, de STEPHAN VON JANKOVICH (tradução integral para português – Ver Índice)

DIFICULDADES, PERDAS DE ORIENTAÇÃO E TURBAÇÃO APÓS A MORTE:

A sensação de ver, ouvir e perceber tudo o que se passa tem consequências inusitadas.

Consegue-se, com a maior naturalidade, saber instantaneamente aquilo que os presentes pensam antes mesmo de serem proferidas as palavras!...

E se houver a curiosidade de ir à sala ao lado ver e ouvir quem entretanto chegou de visita, não é preciso passar pela porta porque pode atravessar-se a parede sem custo!...

Esta circunstância e o desenrolar de factos concretos, de palavras ditas, de gestos e confidências trocadas, são contados mais tarde ao pormenor pelos “experientistas” ressuscitados, curto-circuitando toda e qualquer hipótese de questionamento materialista cético!...

A pessoa está deitada, clinicamente morta, entubada, impossibilitada de tudo aquilo que diz respeito ao uso do corpo e, entretanto... é capaz de relatar com detalhes que vão até à leitura dos pensamentos tudo aquilo que se passou entre pessoas, manipulação de objetos, casos acidentais, etc.

O exercício do ceticismo perante coisas e casos destes, narrados aos muitos milhares e devidamente confirmados por testemunhas, torna-se de uma dificuldade que nem a mais determinada teimosia pode permitir.

“...Garanto-vos que é algo de emocionante sentir que vivemos para lá de nós mesmos. Tomei consciência de ser habitante do meu corpo. Estava estendido sobre a mesa de operações. Olhei-o e não gostei do que vi. Estava cadavérica, com tubos que me saíam do nariz e da boca, nada favorecida. Isso não tinha de resto nenhuma importância porque aquele corpo não era realmente eu. Aquele corpo não era senão o meu “veículo”. Ouvei o cirurgião exclamar: “Está a escapar-se-me das mãos!”, o que me foi confirmado um mês depois por uma enfermeira que tinha assistido à minha operação...”

NICOLE DRON (tradução integral para português mais adiante : Vide Índice)

“...Extraordinário era entretanto que pudesse entender, não apenas as palavras proferidas em voz alta pelos presentes, mas entender os seus próprios pensamentos. Uma mulher de Tessino, por exemplo, com uma menina de cerca de sete anos, sua filha, ficou muito chocada quando viu o meu cadáver. A menina quis imediatamente fugir, mas a senhora segurou-a com a mão esquerda durante alguns minutos e rezou em pensamento um “Pai Nosso” e uma “Avé Maria”, orando em seguida pelo perdão dos pecados do infeliz acidentado. Fiquei profundamente impressionado com essa desinteressada prece, que muito me alegrou. Senti conjuntamente a radiação de um sentimento cheio de afeto.

Ao contrário um homem idoso, de bigode, teve pensamentos negativos a meu respeito: “Ora aí está; já apanhou! Mas deve ter sido culpado. Deve ser daqueles que anda sem cuidado por aí com carros de corrida”. Bem quis dizer-lhe “lá de cima” : “Deixa-te lá de disparates, eu nem sequer vinha a conduzir, era o pendura!” Foram nítidas para mim as radiações dos seus sentimentos negativos e desagradáveis...”

“Ich war klinisch tot”, de STEPHAN VON JANKOVICH (tradução integral para português – Ver Índice)

3.2 — documentos / CULTURA ESPÍRITA

A documentação publicada por **Ernesto Bozzano** em “A CRISE DA MORTE” fornece-nos indicações muito precisas em diversos exemplos de que se transcreve um, retirado da obra de autoria da Senhora De Morgan: “FROM MATTER TO SPIRIT”, London, 1863 - (pág. 149). A personalidade do Dr. Horace Abraham Ackley descreve, nestes termos, a maneira pela qual seu Espírito se separou do organismo somático:

“Como sucede a um grande número de humanos, o meu espírito não chegou muito facilmente a libertar-se do corpo.

Eu sentia que me desprendia gradualmente dos laços orgânicos, mas encontrava-me em condições pouco lúcidas de existência, afigurando-se-me que sonhava. Sentia a minha personalidade como que dividida em muitas partes, que, todavia, permaneciam ligadas por um laço indissolúvel.

Quando o organismo corpóreo deixou de funcionar, pode o espírito despojar-se dele inteiramente.

Pareceu-me então que as partes destacadas da minha personalidade se reuniam numa só.

Senti-me, ao mesmo tempo, levantado acima do meu cadáver, a pequena distância dele, donde eu divisava distintamente as pessoas que me cercavam o corpo. Não saberia dizer por que poder cheguei a desprender-me e a elevar-me no ar.

Depois desse acontecimento, suponho ter passado um período bastante longo em estado de inconsciência, ou de sono (o que, aliás, acontece frequentemente, se bem isso não se dê em todos os casos); deduzo-o do fato de que, quando tornei a ver o meu cadáver, estava ele em estado de adiantada decomposição...”

Acerca de um fragmento de: “THE WITNESS”, livro da autoria da Senhora Jessie Platts, (edição; Hutchinson, London, 1920). Trata-se de uma coleção de comunicações mediúnicas muito interessantes, obtidas graças à mediunidade da própria Senhora J. Platts, viúva do Rev. Charles Platts, que teve a infelicidade de perder seus dois filhos na grande guerra.

“...Algumas vezes, os Espíritos desencarnados, ao se acharem sós num meio desconhecido, são tomados de grande pavor; mas isso só se dá com os que em vida foram profundamente egoístas e nunca dirigiram seu pensamento a Deus. Contudo, em chegando o momento, esses Espíritos são ajudados e animado por seus “Espíritos-guias”, mas preciso lhes é, primeiro, adquirirem uma espiritualidade suficiente, para se acharem em condições de os perceber.

Quase todos os desencarnados passam por um período de sono reparador, que pode durar um dia ou dois, como pode durar semanas e meses; isto depende das circunstâncias em que morreram. No meu caso, eu fora morto de maneira fulminante, não sofrera, não passara por enfermidades terminais; apesar disso, porém, estive mergulhado no sono durante cerca de uma semana, porque, tendo sido súbita a minha morte, meu “corpo fluídico” fora bruscamente arrancado do “corpo somático”, com um contragolpe sensível sobre este.

Quando, entre os Espíritos recém-chegados, há os que se encontram ligados por vivas afeições a outros Espíritos desencarnados algum tempo antes, estes últimos lhes acorrem ao encontro, antes que passem pela fase do sono reparador.

Não se pode imaginar ventura maior do que a desses encontros no meio espiritual, após longas separações que pareciam definitivas.

Se bem que os Espíritos saibam que terão de separar-se ainda por certo tempo, não o lamentam, por estarem cientes de que estas separações já não serão quais as anteriores. E, quando os Espíritos recém-chegados despertam

do sono reparador, seus “guias” intervêm, para informá-los do adestramento espiritual que a cada um se acha reservado...”

3.3 — ALLAN KARDEC / textos

O trânsito da morte é abundantemente estudado pelo espiritismo, desde logo por Allan Kardec em “**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**” no Livro II, Capítulo III – Retorno da vida corporal à vida espiritual, subcapítulo – Separação da alma do corpo; perguntas 154 a 159.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS – Parte II – Capítulo III - (154–159)

II – Separação da Alma e do Corpo

154. A separação da alma e do corpo é dolorosa?

— *Não; o corpo, frequentemente, sofre mais durante a vida que no momento da morte; neste, a alma nada sente. Os sofrimentos que às vezes se provam no momento da morte são um prazer para o Espírito, que vê chegar o fim do seu exílio.*

Comentário de Allan Kardec:

Na morte natural, que se verifica pelo esgotamento da vitalidade orgânica em consequência da idade, o homem deixa a vida sem perceber: é uma lâmpada que se apaga por falta de energia.

155. Como se opera a separação da alma e do corpo?

— *Uma vez desfeitas as ligações com o corpo, a alma desprende-se.*

155 – a) A separação se verifica instantaneamente, numa transição brusca? Há uma linha divisória bem marcada entre a vida e a morte?

— *Não; a alma desprende-se gradualmente e não escapa como um pássaro cativo subitamente libertado. Os dois estados se tocam e se confundem, de maneira que o Espírito se desprende pouco apouco dos seus liames; estes soltam-se e não se rompem.*

Comentário de Allan Kardec:

Durante a vida, o Espírito está ligado ao corpo pelo seu envoltório material ou perispírito; a morte é apenas a destruição do corpo, e não desse envoltório que se separa do corpo, quando cessa a vida orgânica.

A observação prova que no instante da morte o desprendimento do Espírito não se completa subitamente – opera-se gradualmente, com lentidão variável, segundo os indivíduos.

Para uns é bastante rápido, e pode dizer-se que o momento da morte é também o da libertação que se verifica logo após.

Noutros, porém, sobretudo naqueles cuja vida foi toda material e sensual, a libertação é muito menos rápida e dura por vezes dias, semanas e mesmo meses, o que não implica no corpo a mínima vitalidade, nem a possibilidade de um regresso à vida, mas uma simples afinidade entre corpo e espírito, afinidade que é sempre na razão da preponderância que, durante a vida o espírito deu à matéria. É lógico admitir que quanto mais o Espírito estiver identificado com a matéria, mais sofrerá para separar-se dela.

Por outro lado a atividade intelectual, moral e a elevação dos pensamentos operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida corpórea e quando a morte chega, é quase instantânea.

Este é o resultado dos estudos efetuados sobre os indivíduos observados no momento da morte.

Essas observações provam ainda que a afinidade que persiste, em alguns indivíduos, entre a alma e o corpo é às vezes, muito penosa, porque o Espírito pode experimentar o horror da decomposição. Este caso é excepcional e peculiar a certos géneros de morte, verificando-se em alguns suicídios.

156. A separação definitiva entre a alma e o corpo pode verificar-se antes da cessação completa da vida orgânica?

— *Na agonia, às vezes, a alma já deixou o corpo, que nada mais tem do que a vida orgânica. O homem não tem mais consciência de si mesmo, e, não obstante, ainda lhe resta um sopro de vida. O corpo é uma máquina que o coração põe em movimento. Ele se mantém enquanto o coração lhe fizer circular o sangue pelas veias e para isso não necessita da alma.*

157. No momento da morte, a alma tem, às vezes, uma aspiração ou êxtase, que lhe faz entrever o mundo para o qual regressa?

— *A alma sente, muitas vezes, que se quebram os liames que a prendem ao corpo, e então emprega todos os seus esforços para os romper de uma vez. Já parcialmente separada da matéria, vê o futuro desenrolar-se ante ela e goza por antecipação do estado de Espírito.*

158. O exemplo da larva, que primeiro se arrasta pela terra, depois se fecha na crisálida, numa morte aparente, para renascer numa existência brilhante, pode dar-nos uma ideia da vida terrena, seguida do túmulo e por fim de uma nova existência?

— *Uma pálida ideia. A imagem é boa, mas é necessário não torná-la ao pé da letra, como sempre o fazeis.*

159. Que sensação experimenta a alma, no momento em que se reconhece no mundo dos Espíritos?

— *Depende. Se fizeste o mal com o desejo de fazê-lo, estarás, no primeiro momento, envergonhado de o haver feito. Para o justo, é muito diferente: ele sente-se aliviado de um grande peso porque não receia nenhum olhar inquiridor.*

4 — EXPERIÊNCIA FORA DO CORPO (OBE)

Esta fase inicial das EQM's, que se observa na grande maioria delas, tem características a nível experimental e científico de tal monta que, por si só, já constituiria um manancial revelador de conceitos.

Alguns dos investigadores agnósticos, fugindo à ortodoxia académico-científica, tem-lhe atribuído a categoria de fenómeno de “percepção extra-sensorial”, num reconhecimento de que existe uma outra dimensão para além daquela em que está encerrado o nosso corpo e dos respetivos órgãos funcionais, neste caso também do cérebro.

Na passagem desta para a outra vida a entidade sobrevivente (o conjunto **espírito+perispírito**) “despe-se” do corpo físico, que fica na posta-restante da sua irrecuperável inutilidade.

A pessoa física está deitada, clinicamente morta, impossibilitada de tudo aquilo que diz respeito ao uso do corpo. O conjunto mencionado está de saída e observa toda a cena de cima, geralmente junto ao tecto.

O espírito, princípio inteligente do nosso ser é acompanhado do elemento semi-material (chamado perispírito) que durante a vida serviu ao espírito de elemento de ligação e articulação com o corpo físico, muito mais denso que ele; e que no mundo dos espíritos funcionará como corpo, com o grau de subtilidade etérica compatível com aquele outro mundo.

Se as pessoas que se interessam pelas EQM estudassem de forma concreta os ensinamentos de carácter científico-experimental do espiritismo compreenderiam neste momento muitíssimo bem porque é que o “corpo” imaterial (que o Dr. Pim van Lommel, um prestigiado investigador e médico cardiologista holandês, chama “consciousness”) consegue:

- ver em todas as direcções e sentidos, ao perto e ao longe;
- ler os pensamentos instantaneamente;
- atravessar paredes, e dispor ainda de muitos outros atributos;

Esses são atributos NORMAIS dos seres como nós quando, viventes no mundo espiritual, nos encontramos libertos do corpo material. A vida continua nesse outro plano espiritual, depois da morte, e a parte essencial do ser que nós somos, num primeiro instante, mal dá pela mudança de situação.

A verdade é esta: há imensos falecidos que não dão conta da sua nova situação, não a compreendem e muitos, nem a aceitam!... [Ver adiante – ponto 4.3 – História de Hans soldado alemão]

É comum nestas situações que os espíritos agora já em liberdade, mas sem terem disso plena consciência procurem comunicar com as pessoas. Ninguém lhe responderá, como é evidente, porque esses seres, privados dos atributos e da utilização do corpo físico já não conseguem fazer-se ouvir. Facto que causa em muitos uma enorme consternação.

O atributo de ver, ouvir e perceber tudo o que se passa constitui uma parte perfeitamente natural das faculdades inerentes à dupla espírito+perispírito que continua a sua existência de modo perfeitamente natural.

Mais uma vez se chama a atenção para o facto que é essa a NOSSA natureza de seres imortais e é essa dupla espírito+perispírito que habita em nós permanentemente enquanto vivos neste mundo, “tripulando” o corpo.

4.1 — depoimentos / EQM

“...Era bastante estranho que me sentisse flutuando. De facto, levitava por sobre o local do acidente rodoviário, podendo observar o meu próprio corpo, gravemente ferido e sem vida, exatamente no mesmo sítio do qual mais tarde tive conhecimento por intermédio dos médicos e do relatório de polícia. Pude contemplar toda a cena simultaneamente de vários lados, com rigor e transparência. Vi também o carro em que seguíamos e as pessoas aglomeradas em torno do acidente, e a própria coluna militar que ficara retida pelo aglomerado de pessoas. As pessoas agrupavam-se à minha volta. Observei um homem baixo e encorpado, aí pelos 55 anos, que tentava reanimar-me. Pude ouvir claramente aquilo que as pessoas diziam umas às outras, embora “ouvir” não seja o termo adequado, dado que flutuava por cima de todos e o meu corpo estava estendido no chão. Pude aperceber-me daquilo que as pessoas diziam e mesmo das coisas que pensavam, provavelmente por intermédio de uma espécie de transmissão de pensamento, mediante uma percepção fora dos princípios do mundo material. O homem ajoelhou do meu lado direito e deu-me uma injeção no braço esquerdo. Duas outras pessoas seguravam-me do lado oposto e libertaram-me do vestuário. Vi como o médico me abriu a boca com uma espátula para me livrar de estilhaços de vidro. Além de outras coisas também me apercebi de que o médico, quando me segurou, notou que eu tinha os membros partidos e de que a meu lado se formava uma poça de sangue. Depois observei as tentativas que o médico fez para me reanimar, e do modo como concluiu que tinha as costelas quebradas. “Não posso fazer-lhe massagem cardíaca”, observou. Alguns minutos depois levantou-se e disse: “Não dá, não é possível fazer mais nada, está morto”. Falava em dialeto suíço misturado com um italiano um tanto esquisito...”

“Ich war klinisch tot”, de STEPHAN VON JANKOVICH (tradução integral para português – Ver Índice)

“...Foi nos começos de Julho de... Um dia, com o meu marido fomos ao cinema em ... , que ficava a dezoito km. No caminho de regresso, em velocidade moderada, passámos por uma ravina à nossa direita. Um camião vinha no sentido contrário e, de repente, um carro iniciou a grande velocidade uma ultrapassagem do camião, avançando diretamente sobre nós.

Uma palavra cruzou a minha mente: a morte. Nesse mesmo instante senti-me sair do meu corpo e de cima de tudo pude ver os veículos que se enfrentavam, como se se deslocassem em câmara lenta. Como se o tempo se tivesse quase imobilizado. Conclui que o acidente era inevitável. Lá estava, dentro do nosso carro, o meu corpo. O que iria suceder-lhe, na circunstância, era-me perfeitamente indiferente. O meu marido continuava ao volante e eu sabia que os seus esforços seriam inúteis.

Virei-me e, diante de mim, imóvel e silencioso estava um ser imenso como um anjo. O seu rosto era luminoso mas permanecia na sombra. Emanava um poder, uma sabedoria, um amor para além de tudo que possa imaginar-se.

Vinha buscar-me. A minha alegria era indescritível, tanto como a minha impaciência de o seguir. Via ao longe, no horizonte, por sobre uma nuvem, os “meus irmãos”, de cuja existência acabara de me aperceber nesse mesmo instante. Esperavam por mim. O meu exílio na terra estava a pontos de terminar, porque conforme julgava o meu lugar era junto deles. Ia juntar-me a eles...”

Fragmento de um depoimento de “MB”
Página do IANDES/France

Publicada por **Ernesto Bozzano** em “A CRISE DA MORTE”: um caso extraído do livro do Dr. N.B. Wolfe: “STARTLING FACTS IN MODERN SPIRITUALISM”, Primeira edição em Cincinnati, EUA, 1874 (pág. 388).

“Jim Nolan”, o “Espírito-guia” do célebre médium Sr. Hollis, que disse e demonstrou ter sido soldado no curso da Guerra de Secessão da América e haver morrido de tifo num hospital militar, responde da maneira seguinte às perguntas de um doutrinador:

P. – Que impressão tiveste da tua primeira entrada no mundo espiritual?

R. – *Parecia-me que despertava de um sono, com um pouco de atordoamento a mais. Já não me sentia enfermo e isso me espantava grandemente. Tinha uma vaga suspeita de que alguma coisa estranha se passara, todavia não sabia definir o que se tratava. O meu corpo achava-se estendido no leito de campanha. Dizia de mim para mim: “Que estranho fenómeno!” Olhei ao meu redor e vi três de meus camaradas mortos nas trincheiras diante de Vicksburg e que eu enterrara. Entretanto, ali estavam na minha presença! Olhavam a sorrir. Então, um dos três me saudou, dizendo:*

– *Bom-dia, Jim; também és dos nossos?*

– *Sou dos vossos? Que queres dizer?*

– *Que te achas aqui, connosco, no mundo dos Espíritos. Não te apercebestes disto? É um meio onde se está bem.*

Estas palavras eram muito fortes para mim. Fui tomado de violenta emoção e exclamei:

– *Meu Deus! Que dizes! Estou morto?*

– *Não; estás mais vivo do que nunca, Jim; porém achas-te no mundo dos Espíritos. Para te convenceres, não tens mais do que atentar no teu corpo.*

Com efeito, meu corpo jazia, inanimado, diante de mim, sobre a tarimba. Como, pois, contestar o fato? Pouco depois, chegaram dois homens que colocaram meu cadáver numa prancha e o transportaram para perto de um carro; neste o meteram, subiram à boleia e partiram. Acompanhei então o carro, que parou à borda de um fosso, onde o meu cadáver foi arriado e enterrado. Fora eu o único assistente do meu enterro...

Comentário ao texto de Ernesto Bozzano:

O momento da morte retratado do modo que aqui está, em várias versões, é visto sem dramatismo e não infunde medo ou sentido de ruturas definitivas. É uma simples passagem para outro plano, num clima de normalidade libertadora.

Tal visão é um exemplo eloquente do **carácter consolador da doutrina espírita** e representa uma conquista importantíssima das sociedades ocidentais, tão violentamente oprimidas durante séculos pela já referida **“visão obscurantista da morte”** (v. pág. 14).

O que pode passar-se a seguir, contudo, está ligado a certas dificuldades que não são raras, relacionadas com o grau de conhecimentos e de evolução dos espíritos e com o regime de justiça vigente para com todos os seres da Criação em consequência **do livre arbítrio** alcançado pelos humanos que, se confere **privilégios**, também atribui **responsabilidades**.

4.3 — História de Hans, soldado alemão

Parece-me particularmente útil referir um episódio esclarecido recentemente, em 2008 por via mediúnica, num centro espírita do Norte da França, relativo a um soldado alemão que, tendo sido vitimado em campo de batalha durante a primeira guerra mundial, permaneceu perdido e desorientado, convencido que ainda estava vivo, o que sucede a muitas pessoas após a morte.

(Visto em: **Le Centre Spirite Augustin Lesage** – Bruay-La-Buissière / Pas-de-Calais/ França, narração feita por um membro desse centro):

É a história de um jovem soldado alemão, morto em 1915, na planície de Locon, junto de Béthume (departamento de Pas-de-Calais) e cujo corpo nunca foi encontrado. O espírito ficou naquela região. O mundo invisível é muito complexo e difícil de compreender por nós, habitantes do mundo material, mas uma tentativa foi posta em marcha para que esse homem pudesse repousar em paz.

“...A guerra de 1914/18 causou imensos danos na região e não é raro encontrar vestígios da guerra: restos humanos, munições, etc. A minha mulher e eu tínhamos ido visitar a família B. A minha mulher, médium, sentiu uma presença e falou nisso à dona da casa que ficou surpreendida e interessada. Pouco depois a minha mulher recebeu uma mensagem psicografada:

“...Estou no jardim, vivo convosco. Fui abatido e esqueceram-se de mim. Diga aos meus pais que estou aqui. Chamo-me Hans Hamliech e moro em Hamburgo. O tempo custa-me tanto a passar. Vinde, salvai-me levai-me daqui. (Número visualizado: 782 338).”

Mensagem recebida a 21 de Janeiro de 2008

No dia seguinte à noite, em nossa casa a minha mulher recebeu outra mensagem, também psicografada:

“...Estou no meio do jardim, não estou morto, simplesmente esqueceram-se de mim. Quero que venham buscar-me, tenho medo, estou sozinho, os outros abandonaram-me. Que posso fazer? Não sei para onde ir, senão para esta casa onde não me vêem. Terceiro regimento de Infantaria (?) Sou jovem, não estou morto porque posso ver-vos. Estou aqui. Fico à espera.”

Mensagem recebida a 22 de Janeiro de 2008

Nós, membros do Centro Espírita Augustin Lesage, pedimos ao nosso grupo para orar todos em conjunto, para ajudar esse soldado a dirigir-se para a luz. No termo da sessão de preces, a minha esposa e um outro médium receberam as mensagens seguintes quase simultaneamente:

“...Estou feliz por me terem ouvido. Agora vou poder partir sossegadamente e deixar esta casa. O filho da casa é da mesma idade que eu e brinquei com ele quando era pequeno. Fiquei para aqui, neste jardim, onde sofri muito. Felizmente que encontrei esta casa com o pequeno. Vou tomar bem conta dele, não se preocupem.

A minha alma agora está salva, parto tranquilo. Os meus pais virão ao lugar onde sofri. Estarão sozinhos à minha espera. Não tenho família. A guerra levou-me na flor da idade, era demasiado novo e não compreendi o que se passava comigo.

Orem por mim...”

Mensagem recebida a 2 de Fevereiro de 2008

O outro médium confirmou estes dizeres e deu, além de outros pormenores, as seguintes informações :

Hans tinha um amigo, chamado Gunther, que foi também vitimado no mesmo local. Não tendo encontrado Hans, regressou rapidamente à vida na terra e reencarnou como C.B. - filho da casa onde estava Hans.

No dia seguinte a minha esposa recebeu de Hans a seguinte mensagem :

“...Cheguei bem e estou feliz, reencontrei os meus pais e a minha avó. Digam ao rapaz (C.B.) que não me esqueço dele, que o vou ajudar que o acompanharei e que continue os seus estudos.

Uma pedra, uma flor ou uma pequena árvore seria bom junto do meu túmulo por ter sofrido tanto. Um pensamento, uma prece também seria bom. Vou rezar por quem me ajudou e ver-nos-emos no futuro.

Continuem no vosso trabalho. Há ainda muitos desaparecidos como eu estava. Voltarei a visitar-vos, receberão um sinal. Obrigado. A Senhora deve continuar a pintar, ajudá-la-ei porque gosto muito de si.

Sofri para deixar essa terra. Tanto tempo que levou. Adquiri hábitos que não compreendia.

Agora vou viver. Tenho que aprender coisas para regressar em breve à vida. Adeus...”

Mensagem recebida em 3 de Fevereiro de 2008

Hans efetuou outra mensagem :

“...Isto aqui é tão belo, e a minha alegria tão grande que não posso deixar de vo-lo comunicar. Reencontrei os meus familiares, que se encontram tão jovens como eu. Aqui canta-se e ri-se, estamos alegres, o sofrimento acabou, é a vida.

Eles chegaram antes de mim. Eu estava atrasado porque tinha ficado aí. Os meus pais sofreram bastante por não me verem, procuraram-me em vão, ninguém sabia onde eu estava.

Porquê ter matado tantos jovens que tanto esperavam da vida?

Possa a guerra nunca mais ter lugar, possa nunca mais ser-se obrigado a atirar sobre alguém que não se conhece. Ainda ouço as bombas e o assobio das balas, de nada consegui aperceber-me, não pude fugir.

Aqui porém há alegria. Ri-se mas trabalha-se também. Vou aprender e estudar. Sei que vou à procura daqueles que estão perdidos e que foram esquecidos, porque ainda existem. Aqui já encontrei o Franz, o Claus, o Karl, o Peter e outro Hans.

O Gunther quis reencarnar rapidamente, tinha coisas a fazer e coisas para compreender, mas sinto a falta dele. Eu irei regressar à vida mas primeiro vou descansar. Tenho muito que fazer, sou novo aqui. Há muita gente à minha volta, está bom, quente, estamos bem. Com a minha farda de soldado não me pareço com ninguém. Fico por aqui. Adeus...”

Mensagem recebida no dia 4 de Fevereiro de 2008

LE CENTRE SPIRITE AUGUSTIN LESAGE

Bruay-La-Buissière / Pas-de-Calais/ França / <http://www.alesagespirit.fr/>

4.4 — ALLAN KARDEC / textos

Para os que têm dificuldade em entender o funcionamento do espírito na sua interação com o corpo, é essencial que tomem conhecimento da estruturação basilar dos seres humanos enquanto **estrutura dualista**, dotados de parte material e parte espiritual (capítulo de **citação** – ver Índice), conforme já esquematizado acima no PONTO 4 – EXPERIÊNCIAS FORA DO CORPO (OBE).

O LIVRO DOS ESPÍRITOS - Introdução à doutrina espírita – Ponto VI

“Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível e sua destruição pela morte devolve-os à liberdade.

“Entre as diferentes espécies de seres corporais, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a um certo grau de desenvolvimento, o que lhes dá superioridade moral e intelectual perante as demais.

“...A alma é um Espírito encarnado e o corpo é apenas o seu invólucro. Há no homem três coisas:

1) O corpo ou ser material, semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;

2) A alma ou ser imaterial, espírito encarnado no corpo;

3) o liame que une a alma ao corpo, principio intermediário entre a matéria e o Espírito.

*O homem tem, assim, duas naturezas: pelo **corpo** participa da natureza dos animais, dos quais possui os instintos; pela alma participa da natureza dos Espíritos.*

*O liame ou **perispírito** que une corpo e Espírito é uma espécie de **invólucro semimaterial**. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro.*

O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no seu estado normal, mas que ele pode tornar acidentalmente visível e mesmo tangível, como se verifica nos fenómenos de aparição. O Espírito não é, portanto, um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber. É um ser real, definido, que em certos casos pode ser apreciado pelos nossos sentidos da vista, da audição e do tato...”

Na passagem para o mundo espiritual mesmo as pessoas mais profundamente cegas de nascença têm percepção visual completa de toda a realidade à sua volta. Numa primeira fase, constrangidos pelo seu “encarceramento” corpóreo, têm até dificuldades de adaptação à realidade “visível”.

Também os radicalmente surdos, ouvem perfeitamente sons e melodias do ambiente no novo e surpreendente mundo dos espíritos.

Estas consequências, que são em grande número, têm produzido consequências práticas que confirmam a veracidade dos testemunhos dos protagonistas de EQM’s.

Ver, por exemplo:

Ring, K., and S. Cooper. 1999.

MINDSIGHT: NEAR-DEATH AND OUT-OF-BODY EXPERIENCES IN THE BLIND.

Palo Alto: William James Center for Consciousness Studies.

4.6 — FACTOS COMPROVÁVEIS

“...Estava cadavérica, com tubos que me saiam do nariz e da boca, nada favorecida. Isso não tinha de resto nenhuma importância porque aquele corpo não era realmente eu. Aquele corpo não era senão o meu “veículo”.

Ouvi o cirurgião exclamar: “Está a escapar-se-me das mãos!”, o que foi confirmado um mês depois por uma enfermeira que tinha assistido à minha operação...”

Depoimento de NICOLE DRON, das coisas que viu e ouviu “fora do corpo” **(tradução integral Vide Índice)**

“...A eufórica experiência ia infelizmente a caminho do seu termo. Vi, agora no local do acidente, um jovem magro, de calção de banho preto, descalço, com uma bolsa na mão, correr direito ao meu corpo sem vida. Expressia-se com clareza e vigor em bom alemão com o outro médico. A cena deixara já de me interessar, pelo que não prestei muita atenção. O jovem manteve uma breve troca de impressões com o médico a meu respeito. Ajoelhou e certificou-se de que estava morto, desenhou com um pedaço de giz a minha silhueta no chão e deixou-me ser levado. Fui colocado na beira da estrada e o militar que presenciava perguntou se não haveria algures um pano com que o meu cadáver fosse coberto.

O jovem, que ali permanecia dirigiu-se de novo ao médico: “Se o caro colega não tiver nada contra...” e resolveu dar-me uma injeção de adrenalina diretamente no coração.

Pude nessa altura fixar a atenção no seu rosto, cuja lembrança guardei comigo.

Alguns dias mais tarde, veio visitar-me ao Hospital em Bellinzona. Vestia um facto completo. Reconheci-o imediatamente e cumprimentei-o, cheio de dores:

- Bom dia senhor doutor, porque razão me deu o diabo daquela injeção?

Consegui reconhecer com toda a clareza a sua voz clara. Ficou surpreendidíssimo e perguntou-me como podia conhecê-lo. Contei-lhe tudo. Tornámo-nos mais tarde bons amigos. Recebeu até a condecoração da Suíça dos “cavaleiros da estrada” por me ter feito regressar a este mundo, digo eu, infelizmente...”

“...Depois da injeção de adrenalina, provavelmente no momento em que o meu coração foi estimulado a bater de novo, aconteceu-me uma coisa horrível: caí num abismo de negrume. Com um safanão esquisito e um choque senti-me escorregar para dentro do meu corpo. Toda a beleza se dissipou. Percebi que estava de regresso. Recuperei o conhecimento e passei a sentir dores indescritíveis. Acabei por desmaiar de dor, embora já na condição de sobrevivente.

Com a perícia de um bom médico tinha sido feito regressar à força, porque “por acaso” se encontrava no exacto local do acidente e “por acaso” trazia consigo o tipo exato de injeção...”

“Ich war klinisch tot”, de STEPHAN VON JANKOVICH (tradução integral para português – Ver Índice)

Ao passarem ao mundo espiritual (e é esse processo que se inicia de facto com a morte clínica) os “experientistas”, aparte as suas novas e muito enriquecidas capacidades percetivas, mantêm – quanto à personalidade e à individualidade – um completo sentido de continuidade.

A pessoa que está ali é exactamente a mesma que era segundos antes.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS – Parte II – Cap III – (150–152)

Relativamente à conservação da personalidade no mundo espiritual

“...150. A alma conserva a sua individualidade após a morte?

– Sim, não a perde jamais. O que seria ela, se não a conservasse?

151. Que pensar da opinião de que a alma, após a morte, retorna ao todo universal?

– O conjunto dos Espíritos não constitui um todo? Quando estás numa assembleia, fazes parte integrante da mesma, e não obstante conservas a tua individualidade.

152. Que prova podemos ter da individualidade da alma após a morte?

– Não tendes esta prova pelas comunicações que obtendes? Se não estiverdes cegos, vereis; e se não estiverdes surdos, ouvireis; pois frequentemente uma voz vos fala e vos revela a existência de um ser que está ao vosso redor...”

Comentário de ALLAN KARDEC:

“...Os que pensam que a alma, com a morte, volta ao todo universal, estarão errados, se por isso entendem que, tal como uma gota de água que cai no oceano, ali perde a sua individualidade. Estão certos se entendem pelo todo universal o conjunto dos seres incorpóreos de que cada alma ou Espírito é um elemento.

Se as almas se confundissem no todo, não teriam senão qualidades do conjunto, e nada as distinguiria umas das outras; não teriam inteligência nem qualidades próprias;

Entretanto, em todas as comunicações elas revelam a consciência do eu e uma vontade própria; a diversidade infinita que apresentam, sob todos os aspetos, é a consequência da sua individualidade.

Se não houvesse, após a morte, senão o que se chama o Grande Todo, absorvendo todas as individualidades, esse todo seria homogéneo, e então, as comunicações recebidas do mundo invisível seriam todas idênticas.

Desde que encontramos seres bons e maus, sábios e ignorantes, felizes e desgraçados, e desde que os há de todos os caracteres: alegres e tristes, levianos e sérios, etc., é evidente que se trata de seres distintos.

A individualização ainda se evidencia quando esses seres provam a sua identidade através de sinais incontestáveis, de detalhes pessoais relativos à vida terrena que podem ser confirmados; ela não pode ser posta em dúvida, quando eles se manifestam por meio das aparições.

A individualidade da alma foi teoricamente ensinada como um artigo de fé, mas o Espiritismo torna-a patente, e de certa maneira material...”

5 — A TRAVESSIA DA ESCURIDÃO

No decurso do episódio anterior há um momento em que a nova entidade liberta do corpo resolve por si mesma passar adiante, o que muitas vezes se dá de forma automática.

Trata-se de uma travessia de um “túnel”, às vezes em espiral, imagem que se tornou corrente mas que não esclarece o que sentem os “experientistas”. É uma passagem para alguns estreita e constrangida, ao longo de uma extensão imensa, não isenta de perturbações, receio e expectativa. A velocidade parece alucinante, com ruídos de fundo – às vezes música. Lendo muitos depoimentos conclui-se que, dentro de uma grande uniformidade de elementos significativos, os detalhes podem mudar muito, havendo também muitos “experientistas” que não se lembram de ter passado no “túnel”.

Há quem conte ter sido acompanhado na viagem por outros espíritos igualmente imateriais (ou a percepção pouco definida dos mesmos) com “trânsito” nos dois sentidos, isto é: entidades ascendentes e outras, de regresso. Esse facto tem sido muito discutido e abona em favor do processo da reencarnação.

Dentre os muitos depoimentos podem seleccionar-se duas possibilidades diferentes:

5.1 — A TRAVESSIA PROBLEMÁTICA

A menor parte dos casos é das chamadas “experiências negativas” em que a viagem se transforma numa queda alucinante para áreas desconfortáveis com visões funestas e sofrimentos sem sentido físico, porque o corpo já não existe.

O padecimento moral é grave e acaba por ultrapassar-se sempre com a diligência da vontade e do valor espiritual mas parece durar sem limites, isto é, não tem fim aparente à vista.

É aqui que convém alertar todos os leitores para a importância de estarem de sobreaviso quanto ao estudo do “trânsito da morte” e do desenrolar dos seus episódios, **aos quais ninguém escapa.**

A passagem desta vida para aquela que se segue vai dar-se. Conhecendo as pessoas os cenários possíveis, mais fácil será enfrentá-los e resolvê-los de forma favorável ao bem-estar do espírito.

Muita confusão e muito desconforto poderão ser evitados. Tenhamos em conta o caso do soldado Hans, atrás detalhado no ponto 4.3 do Capítulo I. O conhecimento da vida espírita está muito bem documentado em muitas obras importantes e está ilustrado por muitos depoimentos diretos. Estamos longíssimo, felizmente, dos tempos em que todas estas coisas estavam no domínio do temor da escuridão e das ameaças infernais.

Nas importantes investigações levadas a cabo pelo magnetizador francês **Albert de Rochas**, detalhadas no seu livro “AS VIDAS SUCESSIVAS”, Joséphine (pgs. 60/68 da edição das “publicações Lachâtre”) refere, numa regressão efetuada em transe hipnótico, um episódio de morte durante o qual afirma que:

“...as ideias espíritas que ela havia adquirido na casa do seu antigo patrão foram-lhe muito úteis porque lhe permitiram aperceber-se do seu estado...”

Joséphine, tendo sido em França uma modesta e pouco instruída serviçal em casa de uma família espírita, havia aprendido algumas noções de espiritismo, que assimilou com proveito porque, em situação oportuna se lembrou delas, tendo-as utilizado com vantagens em situação de mudança de plano espiritual.

Este episódio não é para céticos, evidentemente. A menos que desejem tomar conhecimento de algo que, quem sabe, talvez um dia possa vir a revelar-se precioso. À cautela...

É de referir que Eugène Auguste **Albert De Rochas** foi um homem de ciência de vastíssimos recursos e um intelectual de raro brilhantismo que associou a teoria à investigação prática, numa linha de coerência com os princípios da ciência espírita dado que, conforme disse **Gabriel Delanne**: “...expressava o anseio de que o homem poderia e deveria, pelo estudo e as investigações científicas, aproximar-se de Deus e confiar na vida futura, substituindo assim a sua fé vacilante por uma crença sólida e raciocinada...”.

Dedicou-se entre outras áreas ao estudo do magnetismo e da hipnose, áreas que conheceram depois grandes desenvolvimentos.

A visão simplista dos seres vivos, habituados a associar a sensibilidade do corpo à emergência da dor, poderá ser levada a pensar que “ah! se é só no espírito, não tem grande mal...”

Nem o que está escrito na ciência espírita nem o que é dito pelos “experientistas” sanciona este ponto de vista, antes pelo contrário: **a incomodidade moral é muito mais acentuada que a mais grave das dores físicas.**

O caso da queda alucinante acima referida conduz às chamadas “experiências negativas” que, certas vezes, se limitam a reproduzir o cenário das experiências positivas, mas em ambientes marcados pelo mal-estar e pela deterioração, até do ponto de vista visual. Noutra variante “negativa” os espíritos dão entrada num espaço mais ou menos indefinido, completamente deserto, de cor cinzenta e tristonha em que tudo está imóvel; um silêncio vazio e sem saídas. Ainda neste último contexto há experiências que são acompanhadas de “entes” misteriosos de formato geométrico que desempenham um papel inquietante e desestabilizador. O condimento negativo destas experiências, volto a dizer, é o sentimento de que são para durar indefinidamente, o que causa uma enorme apreensão.

Há um também diminuto grupo de experiências, nas quais os protagonistas – tendo a noção concreta de que já morreram – são incomodados por certos ruídos, um zumbido em certos casos ou sons musicais de efeito menos penalizante.

A ULTRAPASSAGEM DO PROBLEMA

De acordo com vários depoimentos de “experientistas” a vitória sobre tais adversidades dá-se – e nalguns casos bastante rapidamente – se a atitude do espírito, por sua livre e determinada vontade, se torna mais condizente com as regras que lhe impõe o meio em que se encontra.

São abundantes e fáceis de encontrar os testemunhos que ilustram essa passagem.

Desde o momento em que o espírito apelou pelo socorro de Deus e pelo apoio dos espíritos de luz (ou outras entidades benfazejas de acordo com a sua respetiva cultura), ou ao articular preces sentidas (o que talvez não fosse seu hábito em vida), logo são as mesmas atendidas, de uma ou de outra forma, de acordo com processos que têm sido descritos como muito consoladores.

5.2 — A TRAVESSIA FELIZ

Uma maioria de casos decorre, como já anteriormente referido, em ambiente bastante otimista. A travessia meteórica da “zona escura” ou do “túnel”, numa primeira fase marcada pela falta de referências e pela escuridão compacta, sibilante e confusa, passa a ser norteadada por um ponto de luz distante que vai aumentando e para o qual os espíritos se sentem arrastados, que oferece uma sensação crescente e muito agradável de acolhimento e de segurança.

Essa luz acaba por dominar todo o espaço e nela mergulham totalmente os surpreendidos viajantes, envolvidos por um sentimento de paz, serenidade e amor sem limites.

5.3 — depoimentos / EQM

« ...Era uma imersão total na luz mais explosiva, no calor, na paz, com um imenso sentido de segurança... dirigi-me imediatamente em linha reta para essa magnífica luz que era tão intensa. Difícil de descrever.

Impossível, de facto. Não pode exprimir-se por palavras. É qualquer coisa que se transforma em nós mesmos e na qual nós nos transformamos. Poderia dizer: “Eu era paz, era amor”. Era essa luz intensa que me pertencia como uma parte de mim mesmo. Sois o saber universal e tudo está em vós; de tal modo belo. Era a eternidade. Um pouco como se tivesse estado sempre lá e lá fosse ficar para todo o sempre. Como se a minha vida na terra não fosse apenas uma breve passagem...”

(Kenneth Ring, "HEADING TOWARD OMEGA" 1984)

*“...projetada a uma velocidade prodigiosa **em direção à Luz...***

...achei-me de seguida num abismo de trevas e de silêncio. Estava só no mundo, num nada infinito e teria dado tudo para ouvir um ruído ou ver qualquer coisa. Não sei quanto durou aquilo. Talvez uma fração de segundo? O tempo não existia. Pensei : « Ora aí está minha filha, morreste ». Contudo morta não estava porque existia. Veio-me à memória uma frase que me ensinaram de pequena no catecismo : « Vive-se até ao fim dos tempos, até à ressurreição final”. Nesse contexto a ideia de habitar o nada e as trevas pareceu-me insuportável...”

Depoimento de NICOLE DRON, das coisas que viu e ouviu “fora do corpo” **(tradução integral Vide Índice)**

“...foi nesse momento que comecei a sentir-me leve, muito leve, e comecei a voar, sem a percepção que outras pessoas referem de me ver deitada na cama... e voava... voava através de um túnel infinito, que estava no centro de uma extrema brancura, de uma luminosidade sobre humana, não traduzível por palavras e muito azul à sua volta... Subia, subia como sobre um tapete macio, com o corpo sem peso, ligeira, muito, muito bem... de facto é tudo o que posso contar. O quanto durou essa subida, não consigo dizer. Ao longo do túnel, já não via ninguém. Tudo era serenidade, bem-estar e doçura... ao fim do túnel também não vi ninguém, era o infinito...”

*Os elementos mais estranhos eram **o túnel e a luz;***

...uma luz geral e imprecisa, de imensa intensidade. Como numa sala iluminada pelas suas próprias paredes... sem lâmpadas, a luz estava na própria substância em si... o caminho lateral branco e azul de cada lado... tinha a impressão de entrar num outro mundo... era outra personalidade, no sentido em que não sentia qualquer inquietação; tinha ultrapassado todas as dificuldades humanas... lá, onde me encontrava não tinha a mínima vontade de regressar, porque já não sentia medo da morte e já não pertencia a esta vida..."

Senhora H.M.

Depoimento colhido na obra « La Mort Transfigurée », Ouvrage Collectif de l'Association IANDS-France ; sob a direcção de Évelyne-Sarah MERCIER ; Témoignages

«...fiquei inconsciente e senti-me sair do meu corpo pela cabeça sem nenhum sofrimento ou dificuldade. Fiquei a olhar-me estendida na cama, sem vida. Planava e deslocava-me de um lado para o outro; o corpo já não me importava nada. De repente, a um canto do quarto vi uma entrada de um túnel (...)

Uma atração levou-me a entrar por ela, o que fiz imediatamente. No interior estava completamente escuro com uma pequena luz lá ao fundo. Comecei a minha ascensão, de cabeça para a frente com os braços colados ao longo do corpo. Estava vestida com um vestido branco comprido até aos pés. Reparei que tal era impossível dado que me tinha visto estendida na cama. Os meus olhos viam de modo diferente, muito mais longe e mais penetrantemente. Sentia-me como um foguetão partindo à conquista do espaço. Tudo era escuro à minha volta, mas não me inspirava medo. Era acompanhada por uma melodia doce, pura e angélica o que me conduzia a um estado de beatitude.

A Luz tornava-se cada vez mais poderosa. Os seus raios, tocando-me, comunicavam-me um sentimento de bem-estar total e quanto mais avançava mais me sentia envolvida por um AMOR imenso, completo, total. Não tinha a mínima noção do tempo. Sentia-me amada, cheia de um doce calor. Já não sentia nenhum do sofrimento que pouco antes me afligira tanto. Não sentia nada, era maravilhoso. Flutuava num mar de Amor com A grande, que não é conhecido na terra..."

Depoimento de MIREILLE

<http://notreexperience.actifforum.com/f15-anciens-temoignages-nde-du-site-notre-experience>

"...Tudo era escuro à minha volta com a exceção de algumas estrelas de diferentes cores que mergulhavam disparadas na minha direcção. Não tinha tempo para reparar em nada devido à velocidade tremenda a que me deslocava. A velocidade afrouxou quando me vi chegar a uma espécie de ampulheta onde estava a ser aspirado para a saída. Apercebi-me então que não estava só devido ao fluxo de seres translúcidos que iam na mesma direcção que eu, bem como outros que se deslocavam em sentido contrário. Quando pensei na reencarnação, mais tarde ocorreu-me que poderia ser exactamente esse movimento..."

Citação do livro "CONSCIOUSNESS BEYOND LIFE – The Science of Near-Death Experience", Pim Van Lommel.

Recorro novamente ao testemunho mediúnico da Senhora Jessie Platts, já referido no nº 3.2, do livro “A CRISE DA MORTE”, de **Ernesto Bozzano**:

“...Os seres que vivem no meio terrestre muito têm que aprender acerca do estado que os espera depois da morte, isto é, do instante em que o Espírito se destaca do organismo corporal. É-me permitido falar-te disso rapidamente nesta mensagem.

Começo por dizer que não haverá dois Espíritos desencarnados que tenham de passar pela mesma experiência a tal respeito.

Entretanto, essas experiências variadas apresentam uma circunstância comum: é que todos os Espíritos imaginam a princípio estar ainda entre os vivos e os que atravessaram uma agonia de sofrimentos ficam profundamente surpreendidos de se acharem curados de súbito.

Tal é a alegria que experimentam, que julgo ser essa a impressão mais forte que se possa sentir, depois da crise da morte. Quando morri, ou, mais exatamente, quando meu corpo morreu, julgava-me mais vivo do que nunca e esperava receber ordem de um novo pulo para frente (ao ser ferido pelo projétil que me matou, estávamos separados do nosso regimento e tentávamos, com grandes precauções, pôr-nos de novo em contato)...”

“...Entrevê essa vida como através de um véu, cheia de encanto misterioso, temida e desejada ao mesmo tempo.

Após, expande-se a luz, não mais a luz solar que nos é conhecida, porém uma luz espiritual, radiante, por toda parte disseminada...”

DEPOIS DA MORTE; **Léon Denis** – Cap. IV – Nº 30
Véde Índice: Anexo

5.5 — ALLAN KARDEC / textos

Não me tenho apercebido até agora, nas obras de Allan Kardec, de informações dos espíritos que incluam o detalhe da passagem pelo túnel que tão vulgarizada se encontra nas narrativas mais comuns das EQM. Podem até existir, mas desconheço.

É assim porventura porque a situação dos espíritos comunicantes já se encontra longe dos primeiros instantes da “passagem” para a outra vida e o detalhe instantâneo da viagem de regresso não deve ter sido considerado significativo no discurso conciso das suas mensagens, que se reportam ao que é essencial, isto é, às mais sérias determinações de carácter moral que são a preocupação central da doutrina espírita.

A este respeito peço o favor de lerem o que se encontra escrito no nº 8.3 (Ver adiante: ALLAN KARDEC / textos)

Ao contrário, as perturbações da adaptação ao novo mundo, por vezes duradouras, são muito referidas. Bem como a necessidade do período de sono ou descanso, como **“preparação para o grandioso processo do renascimento espiritual”**, como adiante nos é esclarecido por Ernesto Bozzano.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS – Parte II – Capítulo III – (163–165)

— Perturbação espiritual

163. A alma tem consciência de si mesma imediatamente depois de deixar o corpo?

“Imediatamente não é bem o termo. A alma passa algum tempo em estado de perturbação.”

164. A perturbação que se segue à separação da alma e do corpo é do mesmo grau e da mesma duração para todos os Espíritos?

“Não; depende da elevação de cada um. Aquele que já está purificado, reconhece-se quase imediatamente, pois que se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria.”

165. O conhecimento do Espiritismo exerce alguma influência sobre a duração, mais ou menos longa, da perturbação?

“Influência muito grande, por isso que o Espírito já antecipadamente compreendia a sua situação. Mas, a prática do bem e a consciência pura são o que maior influência exercem.”

Por ocasião da morte, tudo, a princípio, é confuso. De algum tempo precisa a alma para entrar no conhecimento de si mesma.

Ela acha-se como que aturdida, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre a sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se apaga a influência da matéria que ela acaba de abandonar, e à medida que se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

Muito variável é o tempo que dura a perturbação que se segue à morte. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos. Aqueles que, desde quando ainda viviam na Terra, se identificaram com o estado futuro que os aguardava, são os em quem menos longa ela é, porque esses compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

Aquela perturbação apresenta circunstâncias especiais, de acordo com os caracteres dos indivíduos e, principalmente, com o género de morte. Nos casos de morte violenta, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito fica surpreendido, espantado e não acredita estar morto.

Obstinadamente sustenta que não o está.

No entanto, vê o seu próprio corpo, reconhece que esse corpo é seu, mas não compreende que se ache separado dele. Acerca-se das pessoas a quem estima, fala-lhes e não percebe por que elas não o ouvem. Semelhante ilusão se prolonga até ao completo desprendimento do perispírito.

Só então o Espírito se reconhece como tal e compreende que já não pertence ao número dos vivos.

Este fenómeno explica-se facilmente. Surpreendido de improviso pela morte, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou; considera ainda a morte como sinónimo de destruição, de aniquilamento. Ora, porque pensa, vê, ouve, tem a sensação de não estar morto. Mais lhe aumenta a ilusão o fato de se ver com um corpo semelhante, na forma, ao precedente, mas cuja natureza etérea ainda não teve tempo de estudar.

Julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando se lhe chama a atenção para esse ponto, admira-se de não poder palpá-lo.

Esse fenómeno é análogo ao que ocorre com alguns sonâmbulos inexperientes, que não crêem dormir. É que têm sono por sinónimo de suspensão das faculdades. Ora, como pensam livremente e vêem, julgam naturalmente que não dormem.

Certos Espíritos revelam essa particularidade, se bem que a morte não lhes tenha sobrevindo inopinadamente. Todavia, sempre mais generalizada se apresenta entre os que, embora doentes, não pensavam em morrer. Observa-se então o singular espetáculo de um Espírito assistir ao seu próprio enterramento como se fora o de um estranho, falando desse ato como de coisa que lhe não diz respeito, até ao momento em que compreende a verdade. A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem, que se conserva calmo, semelhante em tudo a quem acompanha as fases de um tranquilo despertar.

Para aquele cuja consciência ainda não está pura, a perturbação é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam à proporção que ele da sua situação se compenetra. Nos casos de morte coletiva, tem sido observado que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre tornam a ver-se logo. Presos da perturbação que se segue à morte, cada um vai para seu lado, ou só se preocupa com os que lhe interessam.”

6 — UM AMBIENTE CELESTIAL

Uma escolha de descrições do novo ambiente presenciado pelos protagonistas de EQM daria um retrato repleto de sugestões admiráveis, dentro de cenários e sensações que se equivalem.

Dos já mencionados 18% de pessoas que registaram memórias durante as suas paragens cardíacas e que foram ressuscitadas, entre 2 e 4% de casos – segundo alguns especialistas – registaram experiências problemáticas e negativas.

Alguns estudiosos, sobretudo pessoas que experimentaram por si mesmas experiências negativas, colocam-nas a um nível percentual algo superior, o que remete para contextos de problematização muito diferentes e que iremos considerar no capítulo próprio.

Ver ponto: 11. EQM NEGATIVAS.

Quanto à maioria dos relatos são emocionadamente admirativos, em clima da mais elevada vibração espiritual. Sabendo-se que os paralelos traçados com a vida física já não vigoram porque o corpo não está disponível, a descrição do inefável fica sempre aquém dos sentimentos de plenitude relatados.

Há detalhes nos depoimentos que reforçam a ideia da grande melhoria dos níveis de percepção. A igualdade entre o perto e o longe, por exemplo. Coisas, arquiteturas, cidades, paisagens situadas em várias esferas e dimensões do espaço sem limite são visíveis até aos mais perfeitos detalhes.

A música que tudo embala soa como nenhuma outra e é definida, como tudo o mais, mil vezes mais tocante e radiosa.

“...Invadia-me um sentimento crescente da divina harmonia. Os sons musicais tornavam-se ainda mais transparentes, mais sonoros e belos submergiam tudo acompanhados de cores, formas e movimentos. As cores, resplandecentes e luminosas, surgiam envolvidas de tons suaves e eram inacreditavelmente belas. Posso vagamente compará-las àquelas que contemplei ao pôr-do-sol, a grande altitude, no voo que fiz de Genève para Nova York. Achei tão belas essas cores que desde então procuro consegui-las na arte do vitral a que me dediquei. As tonalidades dos fragmentos usados para compor vitrais, nos seus pontos de rutura, e se inundados de luz, trazem-me à lembrança esses surpreendentes reflexos coloridos...”

“Ich war klinisch tot”, de STEPHAN VON JANKOVICH (tradução integral para português, ver Índice)

Um sem número de comunicações mediúnicas efetuadas em ambiente propício refere exatamente as mesmas percepções.

As impressões dos espíritos recém-chegados à sua pátria espiritual é geralmente muito emocionada, especialmente no caso dos espíritos cuja existência terrena se pautou pelos princípios desejáveis de respeito pelo seu próximo e em concordância com o rigor moral.

A LUZ

A luz que acolhe os recém-vindos é intensíssima mas tem a qualidade de não ser ofuscante ou agressiva. Quem a viu não consegue descrevê-la por palavras mas o que sentem ajuda-nos a entender que encontraram um paralelo, uma impressão convincente da Realidade e da Infinitude de que derivam e à qual desejam fortemente regressar.

Porque a luz não é apenas uma luminosidade, um clarão sem alma; é o veículo de sentimentos duma segurança, duma superioridade e de um afeto sem limites.

O que dizem os “experientistas” exprime a sensação de terem “chegado a casa”, e por isso tantos repetem a ideia do SER e da ESSÊNCIA.

“...encontrei-me subitamente a flutuar três metros acima do meu carro, olhando-o de cima. Levei um minuto a entender o que se passava.

Tive sorte porque já tinha lido coisas a respeito das EQM. Sempre tinha desejado ter uma experiência fora do corpo, e aí estava uma! Que excitante! Os carros estavam enfeixados um no outro e vi o homem do outro carro caminhar direito ao meu. Pela janela aberta do lado do condutor veio desligar as luzes do meu carro. Achei estranho, mas não liguei importância de maior. Perdi o interesse no que estava a passar-se e perguntei-me onde estaria a Luz.

Quando isso me ocorreu o que vi foi o túnel de luz. Era como se o próprio ar fosse fraccionado por uma energia espantosamente formidável, um enorme sentimento de amor e alegria. A luz em si era clara e acolhedora e, sem esforço, dirigi-me a ela. Quanto mais perto estava do túnel, mais intensa era a energia e comecei a atravessar o túnel a grande velocidade, tendo chegado a um “lugar” que nada tinha que o identificasse como um determinado local. Era como uma sala gigante repleta de luz admiravelmente clara. Se na altura tivesse os meus olhos, não me seria possível mantê-los abertos.

Parecia normal, como se tivesse chegado a casa, sentindo as coisas da maneira como todas deveriam ser no planeta terra, sem o ter sido. Não havia limitações, força da gravidade, nada que me retivesse, nada com que tivesse que me defrontar. Era como estar no “Coração de Deus”, totalmente envolvida por um puro amor incondicional e pela alegria. Senti-me rir de alegria com todas as fibras do meu SER. Exatamente de pura ALEGRIA. Com a noção de que estava de regresso DENTRO de Deus, onde é o meu lugar.

Aquele Deus não é uma pessoa ou personalidade, embora os humanos gostem de retratá-LO como tal... Deus é “Tudo Aquilo que É”... como um gigantesco oceano de AMOR, e eu uma pequena gota daquele oceano que dele se tinha separado e que regressara ao meu lugar próprio.

E havia grande Amor e Júbilo através de “Tudo Aquilo que É” por eu estar de regresso!

De facto parecia que “Tudo Aquilo que É” tinha tido mais saudades de MIM enquanto eu tinha estado a fazer de conta que estava separada dele...

...do que eu tinha tido d’ELE nessa mesma situação...”

Depoimento de ELLYN DYE
Visto no forum do NHNE Near-Death Experience Network/USA
fazer busca em nome de Ellyn Dye em: <http://nhnearthdeath.ning.com/forum>

Por motivo grave de saúde, **Elvir** registou em 1968 uma primeira EQM; a certo ponto da sua narrativa diz-nos:

“...No dia em que o episódio bizarro aconteceu, dormitava estendida no divan da sala, escutando música. Brutalmente fui separada de tudo o que me rodeava, puxada para trás a uma grande velocidade, muito mais que a dos aviões quando fazem toda a força para descolar. As almofadas do divan tomaram a consistência da água de um regato coberto de ramos entrelaçados de árvores imóveis, por cima de mim. Eram como um corredor estreito por onde comecei depois a deslizar envolvida por uma luz negra parecida com a das noites de lua cheia. A luz passou a ser alternadamente branca e doirada, de cor quente, que comunicava uma sensação de felicidade absoluta. Doçura e amor envolviam-me como no tempo da minha infância quando era acalentada nos braços da minha querida avó. Acolhida por fim, amada de amor imenso jamais experimentado antes e impossível de descrever por palavras humanas.

Tinha também a sensação de entrar em comunicação com todo o Universo, numa Paz infinita onde estavam abolidos todos os conflitos; de conhecer todas as línguas do mundo unificadas numa idioma de afeto universal. Entranhava-me cada vez mais nessa luz quando fui invadida pelo “pensamento” dos meus dois filhos; por eles era necessário que renunciasse a essa deriva de felicidade. Não era esse o meu desejo, mas era absolutamente necessário.

Fui trespassada pelo sofrimento; abandonar esse universo de Beleza, Harmonia, Doçura e Paz. Impossível... mas fui colhida por uma Força e recolocada no ambiente familiar; a música invadia o espaço. Olhei com indiferença todos os objetos familiares, não muito feliz por ter tido que regressar...”

Tinha sonhado? Não, era diferente. “Se isto é morrer, disse para comigo, não é assim tão mau”.

As crianças chegavam da escola; era para eles que eu tinha regressado à vida. Mas... qual vida?...

Quando o meu marido chegou, contei-lhe o que me tinha acontecido. Fez troça de mim, disse-me que sonhara ou que tinha sido efeito dos medicamentos. No meu íntimo sabia bem que não me ligava. Em resumo, não fora escutada...”

Testemunho de ELVIR
<http://notreexperience.actifforum.com/>

6.2 — documentos / CULTURA ESPÍRITA

Publicada por **Ernesto Bozzano** em “A CRISE DA MORTE”, um caso relatado no livro de mensagens transcendentais intitulado “A HERETIC IN HEAVEN”. O médium-narrador é o Sr. Ernest H. Peckham, conhecido pelas suas pesquisas metapsíquicas.

Passo à transcrição de alguns trechos de comunicações em que o Espírito que se manifesta fala da sua entrada no mundo espiritual:

“...A maior surpresa que espera um vivo, na crise da morte, consiste no fato de ele despertar e não se reconhecer morto. Quando procuram fazer-nos compreender que estamos mortos, somos infalivelmente levados a responder: “Impossível!”

Por que deveria eu considerar-me morto, uma vez que me sinto mais vivo do que antes?” Efetivamente, não nos sentimos de modo algum mudados.

Tudo o que contribui para formar a existência da nossa individualidade permanece inalterado.

Ao mesmo tempo, o meio imediato em que entramos nos parece aquele que nos é familiar (na realidade, fomos nós que inconscientemente o objetivamos pelo pensamento). Assim sendo, não podemos acreditar no maravilhoso fenómeno de estarmos realmente mortos. Estas primeiras impressões podem ser definidas como “a surpresa número um”.

Naturalmente, eu, por minha vez, pensava que era assim, quando, pela morte, penetrei no mundo espiritual.

Os acessos de soluços, a asma e os outros sintomas bronquiais, que me haviam atormentado no momento da morte, continuavam a afligir-me, quando abri os olhos para a vida espiritual. Como bem se pode ver, assim não era, em realidade. Tratava-se de uma reprodução efêmera dos sofrimentos que experimentara, reprodução oriunda das vivas lembranças que deles me ficaram. Acrescentarei que essa reprodução efêmera dos males realmente sofridos é uma consequência inevitável, geral e mesmo providencial, do nascimento no meio espiritual. No que me concerne, esses sofrimentos não duraram muito; mas, enquanto me senti oprimido pelos sintomas em questão, impossível era acreditar na minha morte, embora soubesse que tinha de morrer.

Logo depois me sobreveio a surpresa número dois, a mais maravilhosa e mais reconfortante de todas.

Foi quando ouvi ao meu lado uma doce voz de mulher, que eu conhecia bem, tratando-me pelo nome:

—Dicky!... Era minha mãe. Morrera havia muitos anos e vinha dar-me as boas-vindas ao meio espiritual, chamando-me pelo meu apelido familiar, recordação da minha infância.

Sendo eu velho, avô desde há muito tempo, via-me no entanto acolhido e festejado na nova morada da minha mãe, que eu tanto amara outrora, mas que – coisa vergonhosa! – quase esquecera depois em consequência dos longos anos decorridos após a sua morte.

Em seguida, outra voz meiga de mulher não menos familiar e querida, chamou-me “Ricardo”.

Era minha mulher, que me precedera de alguns anos na existência espiritual...

... Seguiu-se então prolongado período de profundo sono.

*Era o total esquecimento, durante o qual, ao que me disseram, as forças espirituais, graças a leis imutáveis, **preparam lentamente o grandioso processo do renascimento espiritual.***

Uma vez operado o milagre, sobreveio para mim a hora gloriosa do despertar e, recuperando a consciência, tive a benfazeja certeza de haver efetivamente passado da morte no meio terrestre à vida na morada espiritual: “a uma vida que é realmente vida”, como diz a Bíblia.

E a alegria, a paz, a calma invadiram-me e proporcionaram-me um estado de que nunca suspeitara, a suprema felicidade...

...Levantei-me e olhei ao redor: o panorama que se desdobrava era de indescritível beleza e parecia prolongar-se até ao infinito. Sobre ele um céu maravilhoso se estendia... A paisagem era plana e ondulada, muito semelhante, sob certos pontos de vista, às belezas rurais do meu querido país natal...

Porém, o detalhe mais maravilhoso do panorama contemplado consistia nisto: que os objetos afastados não pareciam de modo algum diminuídos em suas proporções, por efeito das distâncias, como sucede no meio terrestre.

A perspectiva apresentava-se literalmente transformada, E não era tudo.

Verifiquei que percebia simultaneamente os objetos por todos os seus lados e não unicamente do lado exposto ao meu olhar, como sucede no mundo dos vivos.

Esta faculdade de visão amplificada e aperfeiçoada produz efeitos maravilhosos.

Quando se observa a superfície exterior de um objeto qualquer, vê-se-lhe o interior, o contorno e, através dele, o que lhe está além, donde resulta que a visão espiritual põe o observador em condições de penetrar integralmente o objeto observado...

... Era maravilhoso o meio em que me achava. Comecei, porém, a experimentar uma vaga necessidade de companhia.

Desde que esse sentimento nasceu em mim, vi o meio em redor transformar-se.

*Pareceu estender-se, renovar-se e tornar-se mais belo do que nunca. Em seguida, vi surgir, de todos os lados, seres espirituais, que vieram ao meu encontro com demonstrações de júbilo. Soube depois que esse prodígio fora devido ao fato de que **o meu vivo desejo tivera por efeito criar a “relação psíquica” necessária** entre mim e os seres existentes no mesmo plano espiritual, os quais se apressaram a vir ao encontro do recém-chegado...*

Mas, ainda me sentia ligado ao mundo dos vivos, pelo desejo de saber se o meu velho e grande amigo – aquele por intermédio de quem dito agora este tratado – fora informado de minha morte.

Aqui, devo explicar, aos que lerem estas páginas, que o meu amigo e eu caímos gravemente enfermos ao mesmo tempo, ficando sem notícias um do outro.

A minha enfermidade acarretou o meu falecimento; o mesmo não se deu com o meu amigo. Ele sobreviveu, porém, eu nada sabia a seu respeito.

Enquanto pensava nisto ouvi uma voz longínqua – que soube em seguida ser a de “Amicus” – que assim me falou: “Pensa nele, concentra nele o teu pensamento e o verás.”

Atendi imediatamente ao conselho recebido, com este resultado: tive a impressão de que me afundava através do espaço, para me ver, logo depois, cercado de uma espécie de nevoeiro. Quando parei, o nevoeiro dissipou-se e eis que tive a visão de meu amigo, em companhia de sua mulher. Passeavam juntos, tranquilamente, ao longo da praia de uma cidade marítima. Pensei: “Aqui está uma coisa verdadeiramente maravilhosa: estou morto, ele está vivo e, no entanto, vejo-o!”

Disse, com força: “Peckham” meu amigo! sabes que morri?”

Voltou-se bruscamente e olhou à sua volta com uma expressão de grande surpresa.

Subitamente, vi-me de novo cercado pelo nevoeiro. Quando este se dissipou, achei-me outra vez no mundo espiritual.

Vim a saber mais tarde que meu amigo, curado de um sério ataque de hemorragia pulmonar, fora com sua mulher para uma estação climática, à beira-mar, a fim de se restabelecer.

Para não se contristar durante a convalescença, ocultaram-lhe a minha morte, de que só foi sabedor, pela primeira vez, quando lha comuniquei, do mundo espiritual...”

Os fragmentos abaixo inseridos pertencem ao Capítulo II – Espíritos Felizes, da obra “O CÉU E O INFERNO”, de **Allan Kardec**.

Dizem respeito à passagem para o mundo espiritual, no dia 21 de Abril de 1862, do **Senhor J. Sanson**, membro da Sociedade Espírita de Paris e inclui textos recolhidos mediunicamente por aquela Sociedade.

O CÉU E O INFERNO – Parte II – Capítulo II – o Senhor Sanson (Espíritos Felizes)

(Nota: os textos inseridos, para além de ilustrarem este capítulo, fornecem informações relativas a outros aspetos deste trabalho, justificando-se por isso a sua inclusão.)

“... o **Sr. Sanson** descreveu, plenamente lúcido, o instante da transição, vendo-se morrer e renascer, o que é uma circunstância pouco comum e só devida à elevação do seu Espírito:

I

(...)

7. - Conservastes as ideias até ao último instante?

— Sim. O meu Espírito conservou as suas faculdades e, quando já não via, pressentia. Toda a minha existência se desdobrou na memória e o meu último pensamento, a última prece, foi para que pudesse fazer uma comunicação convosco, como o faço agora; em seguida pedi a Deus que vos protegesse, para que o sonho da minha vida se completasse.

8. Tivestes consciência do momento em que o vosso corpo dava o último suspiro? O que se passou convosco nesse momento? Que sensações experimentastes?

— A vida extingue-se e a vista do Espírito apaga-se. Encontra-se o vácuo, o desconhecido, e levado por não sei qual influência encontramos-nos num mundo onde tudo é alegria e grandeza. Já não sentia nem dava conta de mim mesmo e, não obstante, uma inefável felicidade me envolvia; já não sentia a opressão da dor.

(...)

"Não vos atemorize a morte, meus amigos: ela é uma etapa da vida, se soubestes viver bem; é uma felicidade, se a houverdes merecido dignamente e cumprido bem as vossas provas.

Repito: coragem e boa vontade! Não deis mais que medíocre valor aos bens terrenos, e sereis recompensados. Não se pode muito gozar, sem tirar de outrem o bem-estar e sem fazer, moralmente, um mal imenso. A terra me seja leve."

(...)

II

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de Abril de 1862)

4. - Descrevestes luminosamente a transição para a outra vida; dissestes que, no momento de o corpo exalar o último suspiro, a vida se desfaz e a vista do espírito encarnado se extingue. Esse momento é acompanhado de uma sensação dolorosa?

— Sem dúvida, porque a vida não passa de uma série contínua de dores, das quais a morte é complemento.

Daí uma rutura violenta, como se o Espírito tivesse que fazer um esforço sobre-humano para se libertar do seu invólucro, esforço que absorve todo o ser, fazendo-lhe perder o conhecimento do seu destino.

Nota — Este caso não é geral, pois a experiência prova que muitos Espíritos perdem a consciência antes de expirar, assim como nos que atingiram certo grau de desmaterialização o desprendimento opera-se sem esforço.

(...)

7. - Dissestes que por ocasião de expirar nada víeis, porém pressentíeis. Compreende-se que nada vísseis corporalmente, mas o que pressentíeis antes da extinção seria já a claridade do mundo dos Espíritos?

— Foi o que disse antes; o instante da morte dá clarividência ao Espírito; os olhos não vêem, porém o Espírito, que possui uma vista bem mais profunda, descobre instantaneamente um mundo desconhecido, e a verdade, brilhando de súbito, dá-lhe momentaneamente imensa alegria ou funda mágoa, conforme o estado de consciência e a lembrança da vida passada.

Nota - Trata-se do instante que precede a morte, ou antes, daquele em que se perde a consciência - o que explica a palavra momentaneamente, pois as impressões agradáveis ou penosas, quaisquer que sejam, sobrevivem ao despertar.

III

9. Sob que aspeto os Espíritos se vos apresentaram? Sob o da forma humana?

— Sim, meu caro amigo, os Espíritos ensinaram-nos aí na Terra que conservam no outro mundo a forma transitória que tinham nela. Essa é a verdade. Mas que diferença entre a máquina informe que se arrasta penosamente ao peso das provas e a fluidez maravilhosa dos corpos dos Espíritos!

A fealdade já não existe, porque os traços perderam a dureza de expressão que caracteriza a raça humana. Deus abençoou todos esses corpos graciosos que se movem com todos os encantos da forma. A linguagem tem entoações intraduzíveis para vós e o olhar possui o mistério das estrelas. Procurai ver, pelo pensamento, o que Deus poderia fazer em sua onnipotência, como o arquiteto dos arquitetos, e tereis feito uma frágil ideia da forma dos Espíritos.

10. Como vos vedes a vós mesmo? Reconhecei-vos dotados de uma forma limitada, circunscrita, embora fluídica? Possuis uma cabeça, um tronco, braços e pernas?

— O Espírito, tendo conservado a forma humana, mas divinizada, idealizada, tem sem dúvida todos os membros de que falais. Sinto perfeitamente as pernas e os dedos, pois podemos, por nossa vontade, aparecer-vos e apertar-vos as mãos.

Estou próximo a vós todos e apertei as vossas mãos amigas, sem terem dado conta.

A nossa fluidez permite-nos estar em qualquer lugar sem ocupar espaço e sem provocar nenhuma sensação nas pessoas, se for esse o nosso desejo. Neste momento tendes as mãos cruzadas e tenho as minhas nas vossas. Digo-vos: eu vos amo, mas o meu corpo não ocupa espaço, a luz atravessa-o sem torná-lo visível. E o que chamaríeis um milagre, se ele fosse visível, é para os Espíritos a continuidade de um fato comum de todos os instantes.

A visão dos Espíritos não pode ser comparada com a visão humana, da mesma maneira que os seus corpos não têm semelhança real, pois tudo se modifica no conjunto e na essência.

O Espírito, repito, tem uma perspicácia divina que a tudo atinge, podendo mesmo adivinhar o vosso pensamento. Por outro lado, pode tomar a forma que melhor lhe convenha para despertar as vossas lembranças. Mas, neste ponto, o Espírito superior que terminou as suas provas prefere a forma da existência que pode fazê-lo aproximar-se de Deus.

11. **Os Espíritos não têm sexo.** Entretanto, como ainda há poucos dias éreis um homem, tendes neste novo estado uma natureza mais masculina do que feminina? Acontece o mesmo com um Espírito que tivesse deixado o seu corpo há muito tempo?

— Não temos de possuir natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem. Deus os criou pela sua vontade e, se nos seus maravilhosos desígnios quis que os Espíritos se reencarnem na Terra, teve de acrescentar para isso a reprodução das espécies por meio das condições próprias do macho e da fêmea. Mas vós o sentis, sem necessidade de nenhuma explicação — **os Espíritos não podem ter sexo.**

Sempre tem sido afirmado que os Espíritos não têm sexo, pois este só é necessário para a reprodução dos corpos. Como os Espíritos não se reproduzem, **o sexo para eles seria inútil.**

A pergunta não tinha por fim obter a confirmação desse fato. Porém, em virtude da morte recente do Sr. Sanson, quisemos saber se lhe restava uma impressão da sua condição terrena. Os Espíritos purificados compreendem perfeitamente a sua nova natureza, mas entre os Espíritos inferiores, não espiritualizados, há muitos que ainda se acreditam na mesma condição terrena, conservando as suas antigas paixões e os seus desejos.

Alguns ainda se consideram como homens ou mulheres e é por isso que dizem que os Espíritos têm sexo. É assim que certas contradições decorrem do estado mais ou menos adiantado dos Espíritos que comunicam. O erro não provém dos Espíritos, mas daqueles que os interrogam sem se darem ao trabalho de aprofundar as questões.

12. Que aspeto vos apresenta a nossa sessão? Para a vossa nova visão tem o mesmo aspeto do tempo em que estáveis entre nós? As pessoas mostram-se com a mesma aparência? Tudo é claro e nítido como antes?

— Bem mais claro, pois eu posso ler no pensamento de vós todos e estou muito feliz pela sensação que me causa a boa vontade de todos os Espíritos aqui reunidos.

Desejo que essa mesma harmonia possa existir não apenas em Paris, na reunião de todos os grupos, mas em toda a França, onde os grupos são desunidos e se invejam, instigados por Espíritos perturbadores que se divertem com a desordem, quando o Espiritismo deve ser o esquecimento completo e absoluto do eu.

13. Dissestes que podeis ler no nosso pensamento. Podereis explicar-nos como se opera essa transmissão de pensamento?

— Não é fácil. Para vos explicar esse estranho prodígio da visão dos Espíritos seria necessário lançar mão de um arsenal de elementos novos, para o que teríeis de conhecer tudo o que conhecemos, o que não é possível, pois as vossas faculdades estão limitadas pela matéria.

Paciência! Tornai-vos bons e conseguireis isso. Tendes atualmente apenas o que Deus vos concedeu, mas com a possibilidade de progresso contínuo.

Mais tarde sereis como nós. Tratai de morrer bem para saberdes muito.

A curiosidade que é o estímulo do homem que faz uso da razão, acompanha-vos tranquilamente até a morte, reservando-vos para então a satisfação de todas as vossas curiosidades passadas, presentes e futuras.

Nessa expectativa eu vos direi, para responder razoavelmente à vossa pergunta:

– o ar que vos envolve, impalpável como nós, os Espíritos, está marcado pelos vossos pensamentos;

– o vosso próprio hausto é, por assim dizer, a página escrita dos vossos pensamentos.

Essas páginas são lidas e comentadas por Espíritos que constantemente se acercam de vós. São eles os mensageiros de uma telegrafia divina a que nada escapa...”

7 — AMIGOS E ENTES QUERIDOS DESTA E DE OUTRAS VIDAS

Quem espera os espíritos à chegada ao mundo espiritual são geralmente outros muito bem conhecidos, de entes queridos e bons amigos.

Outros se apresentarão também, como já vimos em esclarecimentos e depoimentos anteriores, que não se conhecem à primeira vista e são intuitivamente identificadas como antepassados, **parentes e amigos de vidas anteriores** que não foram contemporâneos da pessoa recém-vinda para o mundo espiritual.

Irmãos perdidos à nascença cujo rosto jamais fora visto porque o brevíssimo tempo de vida não permitira o seu desenvolvimento natural são intuitivamente reconhecidos pela memória espiritual.

Estas como todas as outras pessoas, todos se apresentam no formato e na configuração de seres no auge da sua maturidade ainda juvenil. Os que morreram novos são vistos já como plenamente desenvolvidos e os que faleceram velhinhos e decrépitos, mostram-se rejuvenescidos e com ar saudável.

“...Se houver encontros numa dimensão de outro mundo com parentes falecidos, eles são reconhecíveis pela sua aparência, sendo a comunicação feita por transmissões de pensamento. Também pode ser experimentada uma previsão, na qual tanto futuras imagens da vida pessoal como imagens mais gerais do futuro podem ocorrer.

De novo é como se o tempo e o espaço não existissem durante a previsão. Assim, durante as EQM também é possível efetuar contactos com os campos de consciência de parentes falecidos (interligação).

Por vezes são encontradas pessoas cuja morte era impossível ter-se conhecido; Algumas vezes pessoas desconhecidas são encontradas durante a EQM...”

Pim van Lommel, 2006, NEAR DEATH EXPERIENCE, CONCIIOUSNESS AND THE BRAIN
(artigo World Futures, 62: 134-151.)

7.1 — depoimentos / EQM

Segunda EQM de **Elvir**:

Agosto de 1970; de novo por motivos graves de saúde; a certo ponto da sua narrativa **Elvir** diz-nos:

« ...entrei na clínica para fazer uma intervenção cirúrgica séria.

(...)

Dois dias depois da enésima intervenção... A enfermeira e o auxiliar disseram que deixasse o leito e me sentasse num cadeirão afastado. Não consegui lá chegar porque caí amparada entre os dois

...fui projetada imediatamente na Luz indescritível que tivera que abandonar com dor dilacerante durante a minha primeira experiência; reencontrei a mesma plenitude, doçura e amor. Estava de novo na minha verdadeira Casa.

Dentro dessa Luz “vi” os meus avós paternos. “Vi-os” mas com uma percepção diferente daquela que temos no mundo aqui “de baixo”. Mais tarde passei a dizer “ver com os olhos do espírito”. Eles, olhavam-me, discutindo entre si. O meu avó e a minha avó desejavam que eu os acompanhasse, que ficasse com eles.

“Ouvi” claramente a voz da minha avó, sempre da forma diferente da percepção terrestre: “Ela que fique connosco, lá em baixo não é feliz”. Dizia a verdade, de facto eu não era feliz; estava saturada de perguntas sem resposta, sem ninguém com quem falar, completamente só nesta procura.

Subitamente, um dos meus tios (filho desses avós), o que substituiu o meu pai prisioneiro de guerra de 40 a 45, interveio. A sua voz clara fez-se ouvir:

“Ainda não, é ainda demasiado jovem e além disso, tem os filhos que ainda precisam dela.”

A Luz deixou-me brutalmente e de novo me encontrei deitada no chão, com um rosto debruçado sobre mim. Tinha certamente acabado de levar duas bofetadas para recobrar os sentidos.

(...)

*Mais tarde diz-nos **Elvir**:*

“...Fui ao cemitério e verifiquei as datas. Por muito estranho que isso possa parecer, o meu tio que tinha feito a intervenção a favor dos meus filhos faleceu apenas em 1976.

A minha segunda EQM acontecera em 1970. Faço questão de fazer essa revelação, porque me parece importante...”

Testemunho de ELVIR

<http://notreexperience.actiforum.com/>

« ...rodeado pela luz, envolvido pelo amor, sentia-me bem. Vi depois silhuetas desenharem-se, como figuras saídas da bruma; numerosas, não as conhecia. De repente, num vislumbre, reparei que não podiam deixar de ser pessoas da minha família, nomeadamente de outras gerações. Rodearam-me e, uma delas aproximou-se. Reconheci nele imediatamente o meu avô. Não estava como o tinha conhecido e sim como nas fotografias de há 20 anos. Como está bonito, pensei.

Disse-me que devia deixar-me de disparates (fumava tabaco e canábis) senão acabava por vir ter com ele à outra vida. “Não julgues que estás só, gosto muito de ti e protejo-te permanentemente”, acrescentou; “aqui não é por enquanto o teu lugar”.

Nesse exato momento o “tapete rolante” que me trouxera começou a levar-me de volta. Num gesto disse-me ainda o meu avô: “Diz à tua avó que gosto muito dela e que estou à sua espera”.

Acordei de novo na cama do hospital, respirei fundo como se o fizesse renascido, pela primeira vez na vida...”

Testemunho de FABRICE

<http://notreexperience.actiforum.com/>

«...levantei a cabeça e vi a silhueta de um homem que gesticulava na minha direção. “É o meu pai!...” exclamei. Tinha falecido 9 meses antes com 75 anos. Estava mais novo e dinâmico, parecia ter uns 60 anos, impaciente falava-me com o dedo no nariz. Contento e feliz de o ver, tento aproximar-me e abraçá-lo. “Que fazes aqui Papá, como estás?” perguntei-lhe completamente incrédulo e espantado.

“Gastão, vai lá para baixo, imediatamente, não há tempo a perder e tens que ir! Disse o meu pai entre autoritário e contrafeito.

“Não, estou bem aqui, está quente e lá em baixo estou em maus lençóis e enregelado, não me safo, quase morto,” retorqui. Mostrei-lhe a cena com o meu carro acidentado, cercado de socorristas. “Papá, fico contigo, tudo acabou, é melhor assim”.

“Gastão, vai-te embora imediatamente, o tempo urge.”

“Porquê, Papá? Nada posso fazer, acabou!...”

“Não meu rapaz, nada acabou, a tua mulher e os teus filhos amam-te... Regressa!”

(...)

“Iremos voltar a ver-nos”? perguntei. “De certeza que nos veremos, mas não sem que passe certo tempo, não tem importância, nada acabou para ti, deves partir! Vai depressa reunir-te com a tua família, não tens mais tempo aqui!!!...” Olhou-me intensamente, não me tocou com as mãos, deixou-me virando costas... para mim foi o regresso à noite e ao frio. Acordei 8 horas depois no Hospital do Menino Jesus, em Québec.

(...)

Um neurologista dias depois fez um resumo que escutei com toda a atenção.

“Houve três coisas que lhe salvaram a vida: a sua constituição e força física, o seu Volvo e... (o médico aqui hesitou um pouco...) levou um pontapé no traseiro por graça do Bom Deus e... do seu Pai!...”

Achei as razões explicadas um pouco estranhas vindas de um homem de ciência, que acrescentou:

“O seu tempo não tinha ainda chegado senhor Gaston... quero dizer, A ESPIRITUALIDADE QUIS TER A ÚLTIMA PALAVRA... Sim, esta explicação não é dada por um astrólogo ou por um Hippie, mas muito bem por um cientista cartesiano...”

Testemunho de GASTON

<http://notreexperience.actifforum.com/>

«... a primeira pessoa que vi do outro lado foi o meu pai (parecia mais novo do que quando faleceu e mais elegante) acompanhado de cinco outras pessoas. Uma estava vestida como os Chouans (insurgentes realistas católicos do século XVIII, em França)... os meus dois avós, um deles falecido muito antes de eu nascer, mas que reconheci, assim como outro antepassado falecido também antes de eu ter nascido mas que também conheci. Quanto ao quinto como o Chouan não sei quem eram mas eles conheciam-me. Colocaram-se em arco de círculo e passaram um por um diante de mim para me cumprimentar. O meu pai disse-me apenas: “aqui estás, não estava previsto”. Tinham o ar de estar à minha espera e de terem acabado de ser prevenidos da minha chegada. Estávamos numa espécie de clareira e detrás deles havia um pequeno bosque. O local parecia mesmo assim um tanto sombrio.

A seguir penso ter estado no que pode chamar-se um outro plano. Vi a minha mãe vestida com uma túnica branca e que parecia surpreendida e feliz por me ver. O céu estava de um azul magnífico. Parecia que ela estava a jardinar num relvado verde muito bonito, semeado de flores pequenas multicolores. Surpreendida deixou o utensílio que empunhava e veio até mim, dizendo que estava feliz. Sentimos uma enorme atração um pelo outro, uma emoção de amor muito forte como a que poderá ter uma criança que há muito não vê a sua mãe...”

JEAN- FRANÇOIS BILLAUDEAU

(uma passagem negativa durante esta EQM não foi voluntariamente descrita neste depoimento)

<http://notreexperience.actifforum.com/>

O Espiritismo perante a Ciência – **GABRIEL DELANNE**

“...É solene o momento em que (...) vê cessar a sua escravidão pela rutura do laço que o retém ao corpo.

À entrada no mundo dos Espíritos é acolhido por amigos que o recebem, como de volta de penosa viagem. Encontra os mortos amados, cuja perda lhe tinha sido doloroso pesar e, se a travessia foi feliz, se o tempo de exílio foi empregado de forma proveitosa, é por eles felicitado pelo combate corajosamente sustentado.

Aos pais juntam-se os amigos que ele conheceu outrora e todos, felizes e radiantes, voam no éter infinito. Começa, então, verdadeiramente, para ele uma nova existência...”

O ESPIRITISMO PERANTE A CIÊNCIA, de **Gabriel Delanne**
Le Spiritisme devant la science, Paris, E. Dentu, 1885.

Quarta Parte III – O perispírito durante a desencarnação; Sua composição – A Vida do Espírito

Depois da Morte – **LÉON DENIS** – CAP. IV – XXX – a hora final

“...Divisa os céus imensos e outros seres amados, amigos de outrora, mais jovens, mais vivos, mais belos que vêm recebê-lo, guiá-lo no seio dos espaços.

Com eles caminha e sobe às regiões etéreas que seu grau de depuração permite atingir. Cessa, então, sua perturbação, despertam faculdades novas, começa o seu destino feliz. A entrada numa vida nova traz impressões tão variadas quanto o permite a posição moral dos Espíritos.

Aqueles – e o número é grande – cujas existências se desenrolam indecisas, sem faltas graves nem méritos assinalados, acham-se, a princípio, mergulhados num estado de torpor, num acabrunhamento profundo; depois, um choque vem sacudir-lhes o ser.

O Espírito sai, lentamente, de seu invólucro: como uma espada da bainha; recobra a liberdade, porém, hesitante, tímido, não se atreve a utilizá-la ainda, ficando cerceado pelo temor e pelo hábito aos laços em que viveu.

Continua a sofrer e a chorar com os entes que o estimaram em vida. Assim corre o tempo, sem ele o medir; depois de muito, outros Espíritos auxiliam-no com seus conselhos, ajudando a dissipar a sua perturbação, a libertá-lo das últimas cadeias terrestres e a elevá-lo para ambientes menos obscuros.

Em geral, o desprendimento da alma é menos penoso depois de uma longa moléstia, pois o efeito desta é desligar pouco a pouco os laços carnis...”

Léon Denis - Vide **pág. 97**

7.3 — ALLAN KARDEC / textos

Para esclarecer o que se passa a respeito desta característica das EQM no contexto da codificação espírita, podemos consultar:

O LIVRO DOS ESPÍRITOS – Parte II – (160)

160. O Espírito encontra-se imediatamente com os que conheceu na Terra e que morreram antes dele?

“Sim, conforme a afeição que lhes votava e a que eles lhe consagravam. Muitas vezes aqueles seus conhecidos vêm-no receber à entrada do mundo dos Espíritos e ajudam-no a desligar-se das faixas da matéria. Encontra-se também com muitos dos que conheceu e perdeu de vista durante a sua vida terrena. Vê os que estão na erraticidade, como vê os encarnados e vai visitá-los.”

Da vida espírita - As relações no Além-túmulo

282. Como comunicam os Espíritos entre si?

“Eles vêem-se e compreendem-se. A palavra é material: é o reflexo do Espírito. O fluido universal estabelece entre eles uma comunicação constante; é o veículo da transmissão do pensamento, como, para vós o ar é o veículo do som. É uma espécie de telégrafo universal, que liga todos os mundos e permite que os Espíritos se correspondam entre mundos.”

283. Os Espíritos podem ocultar pensamentos entre si? Podem esconder-se uns dos outros?

“Não; para os Espíritos, tudo está a descoberto, sobretudo para os perfeitos. Podem afastar-se uns dos outros, mas sempre se vêem. Isto, porém, não constitui regra absoluta, porque certos Espíritos podem muito bem tornar-se invisíveis a outros, se julgarem útil.”

284. Como podem, não tendo corpo, comprovar a sua individualidade e distinguir-se dos outros seres espirituais que os rodeiam?

“Identificam-se pelo perispírito que os torna diferentes uns dos outros, como o corpo entre os homens.”

285. Os Espíritos reconhecem-se por terem vivido juntos na Terra? O filho reconhece o pai, o amigo reconhece o seu amigo?

“Perfeitamente e, assim, de geração em geração.”

a) Como é que os que se conheceram na Terra se reconhecem no mundo dos Espíritos?

“Vemos a nossa vida passada e lemos nela como num livro. Vendo a dos nossos amigos e dos nossos inimigos, vemos a passagem deles da vida à morte.”

286. Quando a alma abandona os despojos mortais, vê imediatamente os parentes e amigos que a precederam no mundo dos Espíritos?

“Imediatamente não é bem o termo. Como já dissemos, precisa de algum tempo para que ela se reconheça a si mesma e se liberte do véu material.”

287. Como é acolhida a alma no seu regresso ao mundo dos Espíritos?

“A do justo, como um irmão bem-amado, há muito tempo esperado. A do mau, como um ser desprezível.”

288. Que sentimento desperta nos Espíritos impuros a chegada entre eles de outro Espírito mau?

“Os maus ficam satisfeitos quando vêem seres que se lhes assemelham e privados, como eles, da felicidade infinita, como acontece na Terra a um tratante entre seus iguais.”

289. Os nossos parentes e amigos costumam vir ao nosso encontro quando deixamos a Terra?

“Sim, os Espíritos vão ao encontro da alma dos entes queridos. Felicitam-na, como se regressasse de uma viagem, por ter escapado aos perigos da estrada, e ajudam-na a desprender-se das ligações corporais.

É um favor para os bons Espíritos virem ao seu encontro os que os amam, ao passo que os que se encontram maculados permanecem em isolamento, ou só são rodeados pelos que lhe são semelhantes.

É uma punição.”

290. Os parentes e amigos reúnem-se sempre depois da morte?

“Depende da sua elevação e do caminho que seguem no seu progresso. Se um está mais adiantado e caminha mais depressa, não podem conservar-se juntos. Poderão encontrar-se ocasionalmente, mas não estarão sempre juntos senão quando puderem caminhar lado a lado, ou quando tenham atingido a igualdade na perfeição. Acresce que a privação da convivência com parentes e amigos é, às vezes, uma punição.”

Do sub-capítulo 6.3 com textos de Allan Kardec retirados da sua obra “O CÉU E O INFERNO” – Capítulo II – Espíritos Felizes, na sequência de esclarecimentos fornecidos pelas comunicações mediúnicas do **Senhor J. Sanson**, retiro o ponto seguinte, no tocante ao encontro com amigos e entes queridos à chegada ao mundo espiritual:

8. - Podeis dizer-nos o que vos impressionou, o que vistes no momento em que os vossos olhos se abriram à luz? Podeis descrever-nos, se é possível, o aspeto das coisas que se vos depararam?

— Quando pude voltar a mim e ver o que tinha diante dos olhos, fiquei como que ofuscado, sem poder compreender, porquanto a lucidez não volta repentinamente. Deus, porém, que me deu uma prova exuberante da sua bondade, permitiu-me recuperar as faculdades, e foi então que me vi cercado de numerosos, bons e fiéis amigos.

Todos os Espíritos protetores que nos assistem rodeavam-me sorrindo; uma alegria sem par irradiava-lhes do semblante e também eu, forte e animado, podia sem esforço percorrer os espaços. O que eu vi não tem nome na linguagem dos homens.

Voltarei depois para falar-vos mais amplamente das minhas venturas, sem ultrapassar, já se vê, o limite traçado por Deus. Sabei que a felicidade, como vós outros a compreendeis, não passa de uma ficção. Vivi sabiamente, santamente, pela caridade e pelo amor, e tereis feito jus a impressões e delícias que o maior dos poetas não saberia descrever.

Nota - Os contos de fadas estão cheios de coisas absurdas, mas quem sabe senão contêm, de alguma sorte e em parte, algo do que se passa no mundo dos Espíritos? A descrição do Sr. Sanson lembra como que um homem adormecido numa choupana, despertando em palácio esplêndido e rodeado de uma corte brilhante.

8 – UM ESPÍRITO DE LUZ

Na sequência dos primeiros contactos de boas vindas, nos casos em que a EQM regista o grau de profundidade suficiente para isso, os espíritos vêem-se face a face com alguém que designam como “ser luminoso”, cuja entidade varia um pouco com a origem cultural dos que estão a passar pela experiência, nomeadamente com a sua opção religiosa.

Se a pessoa não tem convicções desse género a entidade luminosa não passa de uma força envolvente, de uma luz indescritivelmente intensa que não se torna agressiva, antes muito acolhedora. Decorrente do contacto com essa entidade é uma visita a todo o espaço cósmico circundante durante o qual o espírito absorve a uma rapidez extraordinária e sem qualquer esforço um manancial vastíssimo de conhecimentos, sem necessidade de formular perguntas. Essa reintegração do espírito no lugar e na condição que lhe diz respeito – o mundo espiritual – visa ultrapassar as limitações da vida terrena, antes da qual aceitou deliberadamente prestar provas debaixo de certas condições específicas.

Ao integrarem a vida corporal – pelo curto lapso de tempo de uma vida, o que nada é em comparação com o plano da imortalidade que lhes é inerente – os espíritos são mantidos no esquecimento das suas experiências e encarnações anteriores, e também olvidam os conhecimentos a respeito da natureza e do funcionamento do cosmos; além de passarem o decurso da sua vida na terra com um estreitamento importante das suas faculdades intelectuais e sensitivas.

O que significa obviamente que todos nós, quando na nossa pátria espiritual, somos criaturas com muito mais largos dotes de conhecimento, mais capacidade percetiva e muito diferentes condições existenciais.

Falecido o corpo material o espírito retoma as suas capacidades, são-lhe restituídas as memórias e – sejam quais forem os resultados da sua prestação terrena – prossegue o seu largo périplo evolutivo nessa fase entre vidas que os espíritos designam como período da “erraticidade”.

É evidente que o ritmo dessa marcha evolutiva tem a ver – como nos cursos de formação escolar – com as prestações e com o aproveitamento da alma face aos seus deveres previamente estabelecidos e deliberadamente aceites. **Estando universalmente garantida, pela infinita misericórdia de Deus e pela magnanimidade das suas leis, a conservação de todas as aquisições prévias; ou seja, o pior que pode acontecer a um espírito ao longo da sua evolução é estacionar e, em caso algum, regredir.**

O estudo da doutrina espírita e o esclarecimento adequado de todas as determinantes científicas que balizam a origem e o destino dos seres são a ferramenta mais perfeita e adequada para que a progressão positiva da nossa evolução se processe de modo propício, a caminho do Espírito da Luz.

8.1 — depoimentos / EQM

“...Chegada diante dessa grande Luz muito branca, tive um sentimento de maravilha e de espanto! Era um nevoeiro muito branco, intenso e luminoso, um amor poderoso envolvendo todo o meu ser, um amor incondicional que me encheu de uma felicidade imensa, desconhecida até àquele momento e que me preenchia totalmente!... As palavras são evidentemente insuficientes para poder descrever essa sensação...

Senti-me muito bem acolhida, feliz!... Jamais tinha conhecido tão perfeita felicidade e tanta paz!...

Depois, ao aproximar-me, atravessando a luz branca, compreendi de imediato coisas importantes a uma rapidez incrível relativas à formação do universo, aos assuntos científicos que até aí nunca me tinham interessado muito. Não cheguei a ter a ocasião de perguntar dado que os esclarecimentos chegavam até mim instantaneamente... No mesmo momento senti uma presença junto de mim, ligeiramente recuada, muito grande, protectora, importantíssima...”

Testemunho de ANNE-MARIE
<http://notreexperience.actifforum.com/>

“...Revivi a minha vida de diante para trás, desde os meus então 26 anos até ao meu nascimento. Junto de mim estava um Ser de luz, um ser que o nosso coração conhece.

Não consigo descrever o esplendor e a força de Amor que dele se desprende. A sequência revelou-me, de resto, que tinha muito sentido de humor. Ouvei a sua voz que parecia vir do fundo do universo, uma voz ao mesmo tempo possante e doce, mas que nada tinha de insípida. É uma voz que pela força e pelo amor verdadeiro que dela se desprende é capaz de restaurar as forças vivas de quem a ouve.

E perguntou-me: “Como amaste e que fizeste pelos outros?...”

Depoimento de NICOLE DRON (**Vide pág. 128**)

NICOLE DRON (tradução integral para português mais adiante : Vide Índice)

“...Fui atraído pela Luz que se tornava cada vez mais forte e cada vez mais clara, mas de uma claridade que não ofuscava. À medida que me aproximava dela o sentimento de Amor crescia em mim.

Diante da Luz o sentimento de Amor era tão intenso que é difícil de exprimi-lo. Era incomensurável. Não há palavras, é algo que só no mais profundo íntimo se pode sentir. Nada mais existe.

De súbito encontrei-me Nele; fazia parte Dele; éramos apenas UM.

Ao mesmo tempo tomei conhecimento de tudo, já não havia mais mistérios para mim. A vida que decorria para lá do túnel, também a conhecia.

A propósito das religiões aprendi que não havia senão uma para todos os homens, seja qual for a raça, a cor da pele, a língua ou a cultura: O AMOR UNIVERSAL.

Um ser de Luz apareceu diante de mim, melhor dito - uma energia, comunicava comigo.

Digo energia porque tudo era energia, as presenças positivas em torno de mim eram energias. Eu próprio era uma energia.

Num caso assim creio que teria pensado em Deus – por ser católico. Não, pensei no Ser do Amor!...

Témoignage de CHRISTIAN W.
<http://notreexperience.actifforum.com/>

“...De seguida o ser luminoso... como poderei dizê-lo, fez-me uma visita guiada do mundo onde me encontrava. Partimos para ir ver os planetas que nos rodeavam.

Fez-me sentir que a vida existia nesses planetas, que eles faziam parte de nós e que nós fazíamos parte deles. De seguida sobrevoámos o baixo astral. Um lugar triste, onde cada pessoa estava só. Havia muitos seres de luz à sua

volta, mas elas não os viam. O meu guia fez-me compreender que eles não sairão dali enquanto não tiverem um pouco de luz nas suas almas...”

depoimento de GUY
<http://notreexperience.actifforum.com/>

“...Virei-me e, diante de mim, imóvel e silencioso estava um ser imenso como um anjo. O seu rosto era luminoso mas permanecia na sombra. Emanava um poder, uma sabedoria, um amor para além de tudo que possa imaginar-se.

Vinha buscar-me. A minha alegria era indescritível, tanto como a minha impaciência de o seguir. Via ao longe, no horizonte, por sobre uma nuvem, os “meus irmãos”, de cuja existência acabara de me aperceber nesse mesmo instante. Esperavam por mim. O meu exílio na terra estava a pontos de terminar, porque conforme julgava o meu lugar era junto deles. Ia juntar-me a eles...”

depoimento de MB
obra coletiva da Association IANDS - França
Dirigida por d'Évelyne-Sarah MERCIER

8.3 — ALLAN KARDEC / textos

Em textos muito condensados como os que contém “O Livro dos Espíritos” e animados pelas preocupações morais que são a espinha dorsal da seriedade espírita, a narração descritiva de certos episódios parcelares do percurso dos espíritos ou detalhes pormenorizados da realidade transcendente, não são a motivação principal de quem os redigiu.

O mais importante dos esclarecimentos dados pelos espíritos avançados é ajudar os homens, a braços com o seu destino de seres em evolução, a entenderem o encadeado de leis que regem a Criação, a origem e o destino dos seres e os princípios sérios pelos quais deve pautar os seus atos.

É por isso que breves episódios como a passagem pelo túnel ou a interferência centrada num determinado “ser luminoso” entre tantos, por muito marcante ou por muito emocionante que seja o seu perfil, não tenham sido contemplados no conteúdo das obras da codificação.

Ainda sob os critérios que conduziram ao esclarecimento de certas dúvidas ou à necessidade de certas pormenorizações, esclarece (a respeito de um assunto muito diferente deste) **Allan Kardec** na REVISTA ESPÍRITA de Janeiro de 1862:

REVISTA ESPÍRITA – Janeiro de 1862

“... Esta questão, e algumas outras que a ela se prendem, afastam-se, na verdade, **do ponto de vista moral, que é o objetivo essencial do Espiritismo**; é por isso que errar-se-ia fazendo disso o objeto de suas preocupações constantes...”

Muitos outros momentos da codificação podiam ilustrar de forma eloquente este mesmo critério.

A este respeito peço o favor de lerem o que se encontra escrito no nº 5.5 (Pag. 47)

O ponto seguinte, o da “revisão da vida”, já está mais concretamente abordado por vários textos de obras que, de uma forma ou de outra, decorreram de comunicações mediúnicas, única via possível para que seres confinados na carne como nós possamos ter tido acesso a tão preciosas informações.

9 – REVISÃO DE VIDA E AUTO-JULGAMENTO

O mesmo “ser de luz” que recebe os espíritos, que lhes comunica aquele calor tranquilizante cheio de sentimento de amor incondicional, acaba também por colocar a questão fundamental:

“O que tens para mostrar daquilo que fizeste com a tua vida?”
“Como amaste e que fizeste pelos outros?”

Uma pergunta feita assim, encontrando-se a alma despojada de todas as defesas e circunstâncias do ego terreno, infunde um enorme sentido de responsabilidade moral. Num breve instante o espírito é levado a considerar o montante de atitudes positivas que acumulou ao longo da sua vida e, não poucas vezes, ficará abismado com a distração, ou a inconsciência, ou o egoísmo pelos quais se deixou envolver durante todo o seu percurso.

Convém, caros leitores, que pensemos alguns momentos nesse instante suspenso sobre a nossa consciência. Pelo que veremos adiante e pelo que está escrito nos textos científico-filosóficos do espiritismo (e que coincide de modo pragmático e substancial com o depoimento das pessoas que experimentaram EQM's) os critérios de apreciação da nossa conduta são tolerantes e favoráveis e **suscitados pela nossa própria consciência moral**.

Não nos arrisquemos pois a ser perguntados a respeito do que fizemos das nossas vidas, tendo de enfrentar o desgosto de olhar as nossas próprias mãos vazias...

Prosseguindo:

A vida é revista na sua totalidade, os episódios são contemplados em vivência panorâmica ou holográfica, ou seja, são apercebidos como se fossem repetidas a três dimensões todas as cenas que fizeram parte da vida, e quem as contempla situa-se no papel de ator e de espectador, simultaneamente.

Esta revisão de vida, conquanto seja muito minuciosa e detalhada em todas as suas consequências, decorre – conforme é descrito pelos experiencistas – de modo quase instantâneo.

Revêem-se as coisas boas – aquelas em que a pessoa esteve bem, e as más, aquelas em que o aspeto negativo se afirmou. As palavras ditas doces ou amargas, os atos acolhedores ou agrestes, os próprios pensamentos, tudo enfim que possa ter sido expressão da boa ou da má vontade.

Os sentimentos das outras pessoas também fazem parte da nossa revisão de vida, isto é, vivemos o que foi a nossa posição e vivemos, por vezes dolorosamente, aquilo que sofreu a vítima do nosso gesto.

Isto é, a riqueza e o manancial fabuloso da memória registada pelo espírito é tão completa que os protagonistas sentem-se ao mesmo tempo, eles próprios, e a totalidade da outra pessoa, na sua própria pele.

O “ser de luz” – cuja atitude é universalmente dada como profundamente amorosa e tolerante, e até marcada pelo sentido de humor – mantém-se próximo das cenas, **mas quem faz o julgamento é exclusivamente a consciência do próprio protagonista**

Aparentemente, além das consequências posteriores implicadas na progressão do espírito e da aprendizagem evolutiva que lhe caberá cumprir (ver adiante pergunta 393 de O livro dos Espíritos; “...O espírito reconhece justa a situação em que se acha e busca então uma existência capaz de reparar a que vem de transcender...”) é no sentimento de pesar e na consciência imediata dos erros cometidos que se resolve o sentimento da culpa da alma.

9.1 — depoimentos / EQM

“...começando de seguida uma fantástica e pluridimensional peça de teatro, que reproduziu cenas da minha vida mediante inúmeras associações de imagens. Para configurar uma ordem de grandeza, posso referir terem sido duas mil, ou qualquer coisa entre as 500 e as 10.000 imagens.

Na primeira semana logo após o acidente conseguia ainda lembrar-me de algumas centenas. Infelizmente é impossível registá-las a todas no gravador.

A sua quantidade não é, em si mesma, importante. Cada cena era profundamente bem torneada. O “realizador” dessa “peça de teatro” desenrolou-a de modo estranho, de forma que a primeira cena que observei foi a do acidente de automóvel na estrada, sendo o último ato revisto o do meu nascimento à luz das velas na minha casa de Budapeste.

Comecei então por reviver o meu falecimento. Na segunda cena vi-me como acompanhante de viagem através do Gotthard. Sob um sol resplandecente revii os cumes orlados de neve. Senti-me descontraído e feliz. Tive também a ocasião de presenciar cenas não na qualidade de protagonista, mas sim na de observador, por outras palavras:

Observava-me a mim mesmo e tudo em redor numa pluridimensionalidade espacial, de todas as direções, revivendo por completo os acontecimentos. Com todos os órgãos dos sentidos registava o que via e ouvia, além de me aperceber dos meus próprios pensamentos. Os pensamentos tornados realidade!...

A minha alma avaliava o meu comportamento e os meus pensamentos instantaneamente e fazia de imediato o seu julgamento, designando como bom ou mau aquilo que fizera.

Era notável que eram salientadas como positivas lembranças cuja apreciação fora considerada negativamente pela sociedade ou tidas como pecado (mesmo mortal) pela religião do seu tempo.

Pelo contrário são tidas como negativas certas “boas ações” deliberadamente cometidas, consequência dos erros contidos na sua origem, como é o caso de atos conduzidos com finalidades egoístas.

Os maus atos que não passaram no exame foram “apagados” por mim, depois de uma tomada de consciência e profundo remorso, quer dizer, deixaram de contar – ficando apenas comigo os bons pensamentos e os bons atos, que foram aprovados, de que pude desfrutar logo de seguida como um grande ramo de flores.

Também poderá dizer-se que só radicaram em mim as cenas relativamente às quais fiquei feliz, bem como todos os que nelas estiveram envolvidos; as cenas nas quais permaneceu reinante a harmonia não apenas em mim, mas junto de todos, participantes na positiva intenção da minha parte.

Encaro a terra desde esse momento como um campo de treinos ou uma instituição de aprendizagem onde as pessoas vivem condições provavelmente semelhantes ao purgatório. Caso não sejamos bem sucedidos nas provas a que somos sujeitos nesta vida, é sabido que a ela tornaremos para repetir as mesmas. Tal apenas pode acontecer nas mesmas condições de espaço-tempo e dimensões do nosso mundo na terra. Reencarnaremos para fazer algo melhor do que antes. É nisto que se manifesta a infinita misericórdia de Deus. Entretanto nada existe de mau além disto. Tudo não passa de uma carência do bem; tal como a escuridão é a ausência de luz. Nada existe que não tenha o seu sentido próprio.

O bem e o mal são avaliados no além mediante uma escala completamente diferente. Absoluta e, por isso, não limitada a opiniões humanas e formas de pensar preconcebidas, de modo nenhum sujeitas a formulações ou interpretações confusas – como as de certas pessoas que acreditam estar na posse da verdade única de que se sentem autorizadas a ser “pregadores”. Quantas ideologias, religiões, seitas e grupos filosóficos ou religiosos, que proliferam como cogumelos por entre aqueles que perderam a sua fé originária, reclamam a posse dessa única verdade. Verifiquei que “lá em cima”, nenhum modelo de pensamento tem garantia de validade, e que apenas ali vigora uma invulgar lei cósmica geral do amor. A dificuldade reside em não termos dela conhecimento, de modo a podermos formulá-la para nosso uso próprio.

Creio que esta é uma das características de Deus, nomeadamente, o amor absoluto; o perdão mediante o perfeito bem e a infinidade positiva. Sigamos pois este princípio com firmeza, no dever de libertarmos a nossa consciência de todos os atos e pensamentos negativos, para podermos unir-nos a Ele inteiramente.

Esta estranha avaliação judicativa dos atos praticados em vida pareceu-me de início extraordinária, mas depois de pensar durante vários anos reconheci que é nisto que se manifesta o admirável sentido da justiça divina, em concordância com os princípios da criação do universo.

Depois da apresentação atrás descrita da minha “Revisão de Vida e Julgamento” no fantástico ambiente de pluridimensionalidade em que decorreu, surgiu um balanço final que foi efetuado por mim próprio, cuja formulação exata já não me é possível reproduzir. Na circunstância consegui aperceber-me entretanto que novas oportunidades de evolução me seriam ainda reservadas.

(...)

O banho de luz que me inundava de felicidade tomou-me de novo ao som de uma música magnífica de ressonância espacial. O Sol pulsava, dando-me a ideia de um símbolo representativo do princípio de todas as coisas e fonte de toda as energias, que suponho ser o próprio Deus.

O que eu via não era de facto o sol que na terra nos aquece, mas sim uma aparição de luz maravilhosa e quente que se lhe pode comparar, princípio originário do Universo que por sobre nós se estende. Crescentemente vibrante, pulsava com harmonia, ao qual começava a adaptar-se a minha alma incorpórea, o meu espírito, crescentemente repletos de felicidade, à medida que a capacidade preceptiva se alargava a esta nova Dimensão.

Penso hoje que isso era o sinal de que se aproximava a minha morte cerebral, e que todo o processo tinha chegado ao ponto em que era irreversível o meu ingresso no além.

(...) De acordo com registo temporal na terra, teriam decorrido durante a minha morte clínica apenas alguns minutos. Nessa outra dimensão, contudo, não vigoram as nossas leis do tempo e do espaço. Como tal, a percepção que tive foi a de ter vivido o equivalente a vários dias ou semanas, dada a enorme extensão dos acontecimentos pelos quais passei.

A minha vida terrena no mundo a quatro dimensões, no plano espaço-temporal, com percepção da matéria tal como é por nós entendida, estava a terminar nos instantes do acidente. Encontrava-me num estádio de travessia,

de nascimento num outro mundo de mais vastas dimensões, onde a vibração energética já não produz o que é entendido como matéria. Por outras palavras, estava a dar entrada numa nova esfera onde espírito e alma, livres do corpo, passavam a reger-se por novas leis...”

“Ich war klinisch tot”, de STEPHAN VON JANKOVICH (tradução integral para português, ver Índice)

« ...O “ser de luz” deixou-me ter a revisão de toda a minha vida. Vi todo o mal que posso ter feito a outros e ressentia tudo o que fizera de bem. O “ser de luz” observava mas não julgava. Aliás isso não tinha que acontecer porque eu me julgava a mim mesmo. Revi toda a minha vida, desde a mais terna infância até ao acidente. De seguida o “ser de luz” fez-me como que uma visita guiada ao mundo em que me encontrava. Partimos de visita aos planetas que nos cercam...

Aprendi sobre a vida nos outros planetas, que eles fazem parte de nós e nós fazemos parte deles. Sobrevoámos depois o baixo astral; lugar triste onde as pessoas vivem sós, assistidas por muitos espíritos de luz que se deslocam junto delas mas que elas não vêem. O meu guia ensinou-me que tais seres não sairão dali enquanto não tiverem um pouco de luz nas suas almas. Visitámos depois o mundo dos nascimentos, um mundo maravilhoso. Centenas de pequenos seres de luz descem em espiral, cantando e rindo. Vão reunir-se aos corpos das suas mães. Aprendi também que esses pequenos seres escolhem os seus pais em função da tarefa para a qual foram enviados. Escolhem pai e mãe mesmo que estes ainda não se conheçam.

A visita terminou dizendo-me o meu guia que o momento de eu ficar não tinha ainda chegado e que me cabia escolher ficar ou regressar. Durante um instante pensei na minha namorada que cá tinha ficado... no instante imediato achei-me no meu corpo, numa cama de hospital, num corpo cheio de dores!... “

depoimento de GUY

<http://notreexperience.actifforum.com/>

9.2 — documentos / CULTURA ESPÍRITA

DEPOIS DA MORTE – LÉON DENIS – o julgamento

QUARTA PARTE – ALÉM-TÚMULO

31 - O Julgamento

“...Uma lei tão simples em seus princípios quanto admirável em seus efeitos preside à classificação das almas no espaço.

Quanto mais sutis e rarefeitas são as moléculas constitutivas do perispírito, tanto mais rápida é a desencarnação, tanto mais vastos são os horizontes que se rasgam ao Espírito.

Devido ao seu peso fluídico e às suas afinidades, eleva-se para os grupos espirituais que lhe são similares.

A sua natureza e o seu grau de depuração determinam-lhe o nível e colocam-no no meio que lhe é próprio.

Com alguma exatidão tem-se comparado a situação dos Espíritos no espaço à dos balões cheios de gases de densidades diferentes que, em virtude de seus pesos específicos, se elevam a alturas diversas.

Mas, cumpre que nos apressemos em acrescentar que o Espírito é dotado de liberdade e, portanto, não estando imobilizado em nenhum ponto, pode, dentro de certos limites, deslocar-se e percorrer as regiões etéreas.

Pode, em qualquer tempo, modificar suas tendências, transformar-se pelo trabalho ou pela prova e, por conseguinte, elevar-se à vontade na escala dos seres.

É, pois, uma lei natural, análoga às leis da atração e da gravidade, a que fixa a sorte das almas depois da morte.

O Espírito impuro, acabrunhado pela densidade de seus fluidos materiais, confina-se nas camadas inferiores da atmosfera, enquanto a alma virtuosa, de envoltório depurado e sutil, arremessa-se, alegre, rápida como o pensamento, pelo azul infinito.

É também em si mesmo – e não fora de si – na sua própria consciência que o Espírito encontra sua recompensa ou seu castigo. **Ele é seu próprio juiz.**

Caído o vestuário de carne, a luz penetra-o e sua alma aparece nua, deixando ver o quadro vivo de seus atos, de suas vontades, de seus desejos.

Momento solene, exame cheio de angústia e, muitas vezes, de desilusão.

As recordações despertam em tropel e a vida inteira desenrola-se com seu cortejo de faltas, de fraquezas, de misérias.

Da infância à morte, tudo, pensamentos, palavras, ações, tudo sai da sombra, reaparece à luz, anima-se e revive. O ser contempla-se a si mesmo, revê, uma a uma, através dos tempos, suas existências passadas, suas quedas, suas ascensões, suas fases inumeráveis.

Conta os estágios franqueados, mede o caminho percorrido, compara o bem e o mal realizados.

Do fundo do passado obscuro, surgem, a seu apelo, como outros tantos fantasmas, **as formas que revestiu através das vidas sucessivas.**

Em uma visão clara, sua recordação abraça as longas perspectivas das idades decorridas; evoca as cenas sanguinolentas, apaixonadas, dolorosas, as dedicações e os crimes; reconhece a causa dos processos executados, das expiações sofridas, o motivo da sua posição atual. Vê a correlação que existe, unindo suas vidas passadas aos anéis de uma longa cadeia desenrolando-se pelos séculos. Para si, o passado explica o presente e este deixa prever o futuro.

Eis para o Espírito a hora da verdadeira tortura moral. **Essa evocação do passado traz-lhe a sentença temível, a increpação da sua própria consciência, espécie de julgamento de Deus.**

Por mais lacerante que seja, esse exame é necessário porque pode ser o ponto de partida de resoluções salutares e da reabilitação.

O grau de depuração do Espírito e a posição que ocupa no espaço representam a soma de seus progressos realizados e **dão a medida do seu valor moral.**

É nisto que consiste a sentença infalível que lhe decide a sorte, sem apelo. Harmonia profunda! Simplicidade maravilhosa que as instituições humanas não poderiam reproduzir; **o princípio de afinidade regula todas as coisas e fixa a cada qual o seu lugar.**

Nada de julgamento, nada de tribunal, apenas existe a lei imutável executando-se por si própria, pelo jogo natural das forças espirituais e segundo o emprego que delas faz a alma livre e responsável.

Todo pensamento tem uma forma e essa forma, criada pela vontade, fotografa-se em nós como em um espelho onde as imagens se gravam por si mesmas.

Nosso envoltório fluídico reflete e guarda, como num registo, todos os fatos da nossa existência. Esse registo está fechado durante a vida, porque a carne é a espessa capa que nos oculta o seu conteúdo. Mas, por ocasião da morte, ele abre-se repentinamente e as suas páginas distendem-se aos nossos olhos.

O Espírito desencarnado **traz, portanto, em si, visível para todos**, seu céu ou seu inferno.

A prova irrecusável da sua elevação ou da sua inferioridade **está inscrita em seu corpo fluídico.**

Testemunhas benévolas ou terríveis, as nossas obras, os nossos desígnios justificam-nos ou acusam-nos, sem que coisa alguma possa fazer calar as suas vozes.

Daí o suplício do mau que, acreditando estarem os seus pérfidos desejos e seus atos culpáveis profundamente ocultos, os vê, então, brotar aos olhos de todos; daí os seus remorsos quando, sem cessar, repassam diante de si os anos ociosos e estéreis, as horas impregnadas no deboche e no crime, assim como as vítimas lacrimosas, sacrificadas a seus instintos brutais.

Daí também a felicidade do Espírito elevado, que consagrou toda a sua vida a ajudar e a consolar seus irmãos.

Para distrair-se dos cuidados, das preocupações morais, o homem tem o trabalho, o estudo, o sono.

Para o Espírito não há mais esses recursos.

Desprendido dos laços corporais, acha-se incessantemente em face do quadro fiel e vivo do seu passado.

Assim, os amargores e pesares contínuos, que então decorrem, **despertam-lhe, na maior parte dos casos, o desejo de, em breve, tomar um corpo carnal para combater, sofrer e resgatar esse passado acusador..”**

Sobre a volta do espírito à vida corporal; tratando do “esquecimento do passado”:

393.

Como pode o homem ser responsável por atos e resgatar faltas de que se não lembra?

Como pode aproveitar da experiência de vidas de que se esqueceu?

Concebe-se que as tribulações da existência lhe servissem de lição, se se recordasse do que as tenha podido ocasionar. Desde que, porém, disso não se recorda, cada existência é, para ele, como se fosse a primeira e eis que então está sempre a recomençar. Como conciliar isto com a justiça de Deus?

“Em cada nova existência, o homem dispõe de mais inteligência e melhor pode distinguir o bem do mal. Onde o seu mérito se se lembrasse de todo o passado?”

Quando o Espírito volta à vida anterior (a vida espírita), diante dos olhos se lhe estende toda a sua vida pretérita. Vê as faltas que cometeu e que deram causa ao seu sofrer, assim como de que modo as teria evitado.

Reconhece justa a situação em que se acha e busca então uma existência capaz de reparar a que vem de transcorrer.

Escolhe provas análogas àquelas que não soube aproveitar, ou as lutas que considere apropriadas ao seu adiantamento e pede a Espíritos que lhe são superiores que o ajudem na nova empresa que sobre si toma, ciente de que o Espírito, que lhe for dado por guia nessa outra existência, se esforçará por levá-lo a reparar as suas faltas, dando-lhe uma espécie de intuição daquelas em que incorreu.

Tendes essa intuição no pensamento, no desejo criminoso que frequentemente vos assalta e a que instintivamente resistis, atribuindo, as mais das vezes, essa resistência aos princípios que recebestes de vossos pais, quando é a voz da consciência que vos fala. Essa voz, que é a lembrança do passado, vos adverte para não recairdes nas faltas de que já vos fizestes culpados. Em a nova existência, se sofre com coragem aquelas provas e resiste, o Espírito eleva-se e ascende na hierarquia dos Espíritos, ao voltar para o meio deles.”

Revista Espírita – Dezembro de 1861

Palavras do **Sr. Jobard proferidas na** Sociedade Espírita de Paris, 8 de novembro de 1861. Médiun, **Senhora Costel**

Ver a notícia necrológica publicada na REVISTA ESPÍRITA, publicada por **Allan Kardec**, do mês de Dezembro de 1861;

“...Depois de sua morte, o **Sr. Jobard** comunicou várias vezes na Sociedade, nas sessões às quais ele diz assistir quase sempre; antes de publicar-lhe a relação, preferimos esperar ter uma série de manifestações, formando um conjunto, que permita julgá-las melhor. Não tínhamos a intenção de evocá-lo na sessão de 8 de Novembro, quando previu o nosso desejo comunicando espontaneamente...”

“...Quero de início contar-vos as minhas impressões no momento da separação da minha alma: senti um abalo inaudito, **lembrei-me, de repente, de meu nascimento, de minha juventude, da minha idade madura; toda a minha vida se retratou nitidamente na minha lembrança.**

Não sentia senão um impiedoso desejo de me encontrar nas regiões reveladas pela nossa querida crença; depois, todo esse tumulto se abrandou. Estava livre e meu corpo jazia inerte.

Ah! meus caros amigos, que embriaguez despojar-me do peso do corpo! Que embriaguez abraçar o espaço! Não creiais, todavia, que me tornei de repente um eleito do Senhor; não; estou entre os Espíritos que, estando um pouco retido, devem ainda muito aprender.

Não tardei a lembrar-me de vós, meus *irmãos em exílio*, asseguro-vos toda a minha simpatia, todos os meus votos vos têm envolvido. Tive logo o poder de comunicar, e tê-lo-ia feito por este médium, que tem medo de ser enganado; mas que ele se tranquilize, nós o amamos...”

10 – VISÕES DO PASSADO E DO FUTURO

Há muitos depoimentos que descrevem mergulhos no passado, com a revisão e o conhecimento de vidas já vividas, experiências e aprendizagens levadas a cabo.

A antevisão do futuro é também por vezes referida, sobretudo nos casos em que essa visão prospetiva pode ser parte essencial de juízos morais do espírito que se questiona, determinantes da opção que lhe é permitido tomar, nomeadamente **quanto ao regresso à vida terrena, para cumprir deveres e missões de consciência**.

Os casos mais frequentes são visões que mostram a pessoa com crianças, em convivência familiar. Essas crianças, filhos que poderá vir a ter, **não irão nascer** caso **não tome** a decisão de regressar à vida.

São muito frequentes situações dessas, nos casos em que se coloca o direito à opção de regressar ou não à vida. Como veremos adiante no ponto **12 — O FIM DA VISITA E O REGRESSO**, há casos em que esse direito é liminarmente recusado, em função do nível de evolução do espírito e das suas responsabilidades.

Ver adiante os depoimentos de JEAN- FRANÇOIS BILLAUDEAU muito interessante e o de FABIENNE, bastante eloquente e de conteúdos alargados nas suas versões mais completas. FABIENNE DERSELLE (<http://www.le-sentier-interieur.com/>) é uma “experientista” belga cuja presença em acontecimentos públicos se tornou muito conhecida pela qualidade dos seus depoimentos.

Algumas opiniões menos informadas do ponto de vista filosófico têm aludido a uma possível desvalorização do **“livre arbítrio”** perante o acesso à ocorrência de factos futuros.

O assunto teria que ser muito bem observado face a cada situação concreta. Contudo, e nos casos que conheço – pela expressa declaração dos protagonistas respetivos e tendo em conta as informações muito concretas da própria codificação espírita – os factos revelados estão já inseridos na consciência dos espíritos como parte essencial das responsabilidades assumidas no momento determinante do seu regresso à vida, ou seja, da sua reencarnação.

Se foi sua opção desempenhar certas tarefas, compreende-se de forma evidente que no contexto misericordioso e franco em que todos os seres se movimentam, a sua memória de certos factos, temporariamente obliterada, lhe seja devolvida em lampejos esclarecedores que lhe permitam a opção mais adequada.

Nos esclarecimentos sintéticos – como é índole das respostas espirituais inseridas neste género de questões – inseridos em várias perguntas de “O Livro dos Espíritos” (243, 257, 868 a 871), e ainda outras que poderiam ser referidas, estão patentes os critérios de hierarquia espiritual, dos graus da evolução de cada entidade e dos superiores desígnios da Criação. Os esclarecimentos assim colocados ao nosso alcance não têm o intuito de se tornar exaustivos, o que seria impossível, mas fica tudo muito claro no que toca às nossas próprias necessidades de conhecimento e orientação moral

10.1 — depoimentos / EQM

“...A minha mãe estava feliz por me ver e chorava por me reencontrar sabendo que não devia estar ali. Quando não pudemos reunir-nos alguém colocou um braço separando-nos. Essa figura parecia pela sua veste a Santa Virgem...”

(...)

...disse-me num tom bastante firme: “nada tens que fazer aqui, nada compreendeste e nada fizeste da tua missão”. Tive muita vontade de dizer-lhe que tinha feito bastante pelos meus irmãos, que a minha vida tinha sido muito dura e que desejava ficar ali, entre eles.

Respondeu-me que tudo o que eu tinha feito pelos meus irmãos fora normal, que não contava por ser material e nada tinha a ver com os meus deveres: “...não compreendeste e nada fizeste da tua missão, e enquanto não tiveres compreendido isso vais elogiar-te em vão”, repetiu. Verifiquei que não adiantava discutir; o tom da sua voz não era agressivo, mas muito firme.

Mostrou-me o que chamarei o filme da minha vida passada. Era uma espécie de revista ou amostra do que vivera até então e, ao mesmo tempo via e compreendia os erros do meu percurso na terra, bem como o mal que havia feito aos outros e o que eles próprios pensaram e tinham sofrido por isso.

Levou-me depois pela mão, com um menino e uma menina de cada lado (na minha vida, não tinha sido casado). Fez-me compreender o não ficar ali e o dever de partir para cumprir as minhas missões...

(...)

...a minha mãe ficou muito triste por me ver partir, porque sabia que isso não iria ser fácil para mim. Acordei depois no hospital. A primeira pessoa que vi à cabeceira foi o meu patrão. Confuso pela razão de estar deitado naquela cama disse-lhe que tinha acabado de ver a Santa Virgem. Mais tarde encontrei no hospital a pessoa que iria tornar-se a minha mulher. Tivemos uma menina e um menino... mas divorciámo-nos.

(...)

...quando tratei de alugar uma casa... ao ter entrado no apartamento que me era destinado senti-me envolvido por uma “força” que me fez ir até à janela e vi exatamente o mesmo caminho com os mesmos detalhes por onde havia andado 11 anos antes. Os meus meninos eram, por essa altura, da mesma estatura que os que vi no passeio feito na altura do acidente...

...aluguei pois o apartamento. Foi ali que, na sequência de numerosas manifestações (aragens frescas e a visita dos meus pais em forma fluídica) me abri ao mundo do Além e que encontrar a Senhora Charlotte Genevoy, médium que soube conduzir-me à mediunidade...”

(Um episódio negativo durante esta EQM foi voluntariamente omitido por JEAN- FRANÇOIS BILLAudeau, a quem pertence o testemunho)
<http://notreexperience.actifforum.com/>

Primeira EQM de Fabienne, aos doze anos:

“...tomei consciência de que já não tinha corpo físico... que refletia de maneira muito lógica, à maneira de um adulto, com maturidade...”

« ...decidi entrar nessa luz que me parecia tão familiar. Compreendi que estava morta. Compreendi todos os meus mecanismos psicológicos, de que maneira funcionava, os meus medos, as alegrias, os sofrimentos, as fraquezas, as carências.

Tinha valores errados, não era “eu mesma”, verdadeira, a minha alma estava nua.

Senti compaixão por mim. Compreendi que era necessária uma mudança. Era a paz; a serenidade; o amor. Tomei consciência de todos os obstáculos que tinha colocado no coração e na alma.

Vi o desenrolar da minha vida “futura”. As dificuldades e sofrimentos na vida do casal. Vi-me numa cama de hospital, sofrendo física e mentalmente (isso verificou-se porque tive vários cancros), o sofrimento pela perda de crianças; vi os dois meninos que viria a ter.

Não compreendi porque haveria tão grande diferença de idade entre eles (o que percebi depois). Vi também outras coisas que iam suceder no mundo, provas, convulsões. Mas fiquei confiante, tudo está em perpétuo movimento e o homem começa a tomar consciência.

Viajei de plano em plano, é complexo. Penetrava na essência de cada coisa (flores, pedras, árvores, cores, sons) e vibrava ao mesmo ritmo. Uma compreensão total. É-se UM. Fundi-me com o próprio “núcleo” de cada coisa. Sem tempo nem espaço, na eternidade. Fundindo-me era “o fogo”; consumia-me no amor; era o “Amor”. Tomei consciência de poder integrar, vivendo, todos os “sofrimentos” que devia conhecer...”

Témoignage de FABIENNE
<http://notreexperience.actifforum.com/>

Segunda EQM de Fabienne, aos vinte e quatro anos:

“...fundi-me com o amor...”

...encontrei o meu pai que tinha falecido três semanas antes do nascimento do meu filho.

...tive que escolher; ou ficava na luz com o meu filho, ou regressávamos os dois.

Tomei a decisão de regressar, porque não tinha quaisquer direitos sobre a vida dessa criança. Quando o meu filho regressou ao seu corpo, fundi-me com ele e, nisto, começou a chorar...

...tudo aconteceu porque eu tinha tido uma paragem cardíaca e a criança tinha sofrido por causa disso...”

Témoignage de FABIENNE
<http://notreexperience.actifforum.com/>

Se os leitores têm vindo a seguir o conteúdo destes textos resumidos e se, além disso, tiverem a legítima e devida curiosidade de ler os conteúdos em volume **Textos Anexos (pág. 90)**, nada lhes faltará para entender a magnanimidade inteligente da própria realidade criada e da clara revelação dos seus mecanismos e recursos através dos estudos e observações espíritas.

O texto abaixo de Gabriel Delanne não é de uma pessoa que tenha passado por uma experiência de “ida e vinda ao céu”. São palavras atentas às revelações obtidas através das comunicações espirituais, que ajudaram a cimentar um sistema de conhecimentos e um método observativo que resolve um dos principais mistérios da vida dos humanos: **a continuidade da vida depois da morte**, acrescentando a esse sistema de conhecimentos uma abundante quantidade de detalhes práticos e concretos.

Lendo o teor dos testemunhos das pessoas que, ao que parece, “foram mesmo ao céu e regressaram para contar como foi”, o que nos dizem coincide largamente com o que sabia Gabriel Delanne, continuador das investigações e da sistematização da ciência espírita feita por Allan Kardec.

A confirmação que é possível realizar por cruzamento de dados funciona em ambos os sentidos. Os estudos de Kardec, Delanne e outros credibilizam os depoimentos dos experientistas, e estes depoimentos são a forma de acrescentar visibilidade à razão que assiste aos espíritas na sustentação das suas convicções.

O Espiritismo perante a Ciência, DE **GABRIEL DELANNE** – o perispírito durante a desencarnação

*“...Só quando o Espírito está inteiramente desmaterializado é que se desenrolam diante de si as suas **vidas anteriores**, como uma perspectiva, ao sair lentamente do nevoeiro que a envolvia.*

Somente então se lembra da última existência; depois, o panorama das suas passagens sobre a Terra e as voltas ao Espaço se lhes desvelam diante dos olhos.

*Vê o progresso que fez e os que **lhe falta fazer e assim nasce o desejo de reencarnar**, a fim de chegar mais depressa aos mundos felizes que entrevê.*

*Concebe-se, pois, segundo isso, que o mundo dos Espíritos deve parecer-lhe novo, **até ao momento em que a memória inteiramente lhe volta.***

(...)

*O estado do Espírito, como Espírito, varia extraordinariamente, consoante a sua elevação e pureza. **À medida que sobe intelectualmente e progride moralmente**, as suas percepções e sensações tornam-se menos grosseiras, adquirem mais finura, mais delicadeza; vê, sente e compreende as coisas que não podia ver nem sentir, nem compreender numa condição inferior.*

Sendo cada existência corpórea motivo de progresso, é sempre conduzido a um meio novo habitado por espíritos de outra ordem com pensamentos e hábitos diferentes.

*Acresce que **essa depuração permite-lhe o acesso a mundos inacessíveis** aos espíritos inferiores, a quem, como entre nós, são interditos os salões da aristocracia a gente mal educada.*

Quanto menos esclarecido é, mais limitado o horizonte; à medida que ele se eleva e se depura, o horizonte alarga e com ele o círculo de suas ideias e de suas percepções...”

Fragmento de: O ESPIRITISMO PERANTE A CIÊNCIA, de **Gabriel Delanne**
(Le Spiritisme devant la science); Paris, E. Dentu, 1885.

Quarta Parte III – O perispírito durante a desencarnação; Sua composição – A Vida do Espírito

Quanto à capacidade de os espíritos poderem alargar as suas percepções no tempo passado e futuro, há vários esclarecimentos em “O Livro dos Espíritos”, como atrás referido nos números indicados.

O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (243)

Da vida espírita; Percepções dos espíritos

243. Os Espíritos conhecem o futuro?

“**Depende da elevação que tenham alcançado.** Muitas vezes, apenas o entrevêem, *porém nem sempre lhes é permitido revelá-lo.* Quando o vêem, parece-lhes presente. À medida que se aproxima de Deus, tanto mais claramente o Espírito descortina o futuro.

Depois da morte, a alma vê e apreende num golpe de vista *suas passadas migrações*, mas não pode ver o que Deus lhe reserva. Para que tal aconteça, preciso é que, ao cabo de múltiplas existências, se haja integrado nele.”

a) - *Os Espíritos que alcançaram a perfeição absoluta têm conhecimento completo do futuro?*

“Completo não se pode dizer, por isso que só Deus é soberano Senhor e ninguém O pode igualar.”

O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (257)

“...Nos primeiros momentos após a morte, a vista do Espírito é sempre turva e confusa, esclarecendo-se na proporção em que ele se liberta e podendo adquirir a mesma clareza que tinha durante a vida, além da possibilidade de penetrar nos corpos opacos.

Quanto à sua extensão através do espaço infinito, no passado e no futuro, depende do grau de pureza e elevação do Espírito...”

"O Livro dos Espíritos" – Parte III - Capítulo X - Lei de Liberdade (868-871)

Conhecimento do futuro

“...868. O futuro pode ser revelado ao homem?

“*Em princípio, o futuro é-lhe oculto e só em casos raros e excepcionais permite Deus que seja revelado.*”

869. Com que finalidade é o futuro oculto ao homem?

Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade, porque o dominaria a ideia de que, se uma coisa tem que acontecer, inútil será ocupar-se com ela, ou então procuraria obstar a que acontecesse. Não quis Deus que assim fosse, a fim de que cada um concorresse para a realização das coisas, até daquelas às quais desejaria opor-se. Assim é que tu mesmo preparas muitas vezes os acontecimentos que hão de ocorrer no curso da tua existência.

870. Mas, se convém que o futuro permaneça oculto, porque permite Deus que seja revelado algumas vezes?

Permite-o, quando o conhecimento prévio do futuro facilite a execução de uma coisa, em vez de a estorvar, obrigando o homem a agir diversamente do modo por que agiria, se lhe não fosse feita a revelação.

Não raro, também é uma prova.

A perspectiva de um acontecimento pode sugerir pensamentos mais ou menos bons. Se um homem vem a saber, por exemplo, que vai receber uma herança, com que não conta, pode dar-se que a revelação desse fato desperte nele o sentimento da cobiça, pela perspectiva de se lhe tornarem possíveis maiores gozos terrenos, pela ânsia de possuir mais depressa a herança, desejando talvez, para que tal se dê, a morte daquele de quem herdará.

Ou, então, essa perspectiva lhe inspirará bons sentimentos e pensamentos generosos. Se a predição não se cumpre, aí está outra prova, que consiste na maneira como suportará a decepção. Nem por isso, lhe caberá menos o mérito ou o demérito dos pensamentos bons ou maus que a crença na ocorrência daquele fato lhe fez nascer no íntimo.

871. Pois que Deus tudo sabe, não ignora se um homem sucumbirá ou não em determinada prova. Assim sendo, qual a necessidade dessa prova, uma vez que nada acrescentará ao que Deus já sabe a respeito desse homem?

Isso equivale a perguntar:

- **porque não criou Deus o homem perfeito e acabado;** (Ver “O Livro dos Espíritos”, pergunta nº 119)
- **porque passa o homem pela infância, antes de chegar à condição de adulto.** (Ver “O Livro dos Espíritos”, pergunta nº 379)

*A prova não tem por fim dar a Deus esclarecimentos sobre o homem, pois que Deus sabe perfeitamente o que ele vale, **mas dar ao homem toda a responsabilidade da sua ação**, uma vez que tem a liberdade de fazer ou não fazer.*

Dotado da faculdade de escolher entre o bem e o mal, a prova tem por efeito pô-lo em luta com as tentações do mal e conferir-lhe todo o mérito da resistência.

Ora, conquanto saiba de antemão se ele se sairá bem ou não, Deus não o pode, em Sua justiça, punir, nem recompensar, por um ato ainda não praticado.” (Ver “O Livro dos Espíritos”, pergunta nº 258)

[258. Quando na erraticidade, antes de começar nova existência corporal, tem o Espírito consciência e previsão do que lhe sucederá no curso da vida terrena?

“Ele próprio escolhe o gênero de provas por que há-de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio.”]

Assim sucede entre os homens. Por muito capaz que seja um estudante, por grande que seja a certeza que se tenha de que alcançará bom êxito, ninguém lhe confere grau algum sem exame, isto é, sem prova.

*Do mesmo modo, o juiz não condena um acusado, senão com fundamento num ato consumado e não na previsão de que ele possa ou deva consumir esse fato. Quanto mais se reflete nas consequências que teria para o homem o conhecimento do futuro, **melhor se vê quanto foi sábia a Providência em lho ocultar.***

A certeza de um acontecimento venturoso o lançaria na inação.

A de um acontecimento infeliz o encheria de desânimo.

Em ambos os casos, as suas forças ficariam paralisadas. Daí o não lhe ser mostrado o futuro, senão como meta que lhe cumpre atingir por seus esforços, mas ignorando os trâmites por que terá de passar para alcançá-la. O conhecimento de todos os incidentes da jornada tolher-lhe-ia a iniciativa e o uso do livre-arbítrio. Deixar-se-ia resvalar pelo declive fatal dos acontecimentos sem exercer as suas faculdades. Quando o feliz êxito de uma coisa está assegurado, ninguém mais se preocupa com ela..”

11— EQM NEGATIVAS

AS EQM, A MORAL E AS DETERMINAÇÕES DO ESPÍRITO

Os estudos relacionados com a transcendência, o espírito, a vida depois da morte, a reencarnação, etc. são uma área que enfrentam a oposição da falta de abertura intelectual, do peso das ideias preconcebidas e dos interesses instalados da versão imposta pela cultura oficial-acadêmica.

Não obstante, pelas razões mais compreensíveis, é cada vez mais importante o desejo de esclarecimento das pessoas. Por essa razão, a abertura ao assunto vai ganhando espaço em vários países, em número significativo de instituições científicas, universidades e vários sectores do interesse cultural.

O estudo e a classificação das EQM, apesar de imensos progressos feitos, não fogem a algumas dificuldades. **Mais uma vez são as pessoas que passam pelas experiências, o seu empenhamento e o seu exemplo que desempenham o papel impulsionador mais eficaz desses estudos.**

Como já vimos, pelos casos apontados, um bom número dos investigadores e divulgadores foram, eles próprios protagonistas de casos acontecidos. Esses investigadores têm características diferentes de outros mais académicos. São pessoas que mais sensibilizados estão para os aspetos da sua profundidade sensível, como é óbvio. A sua própria visão do fenómeno é empenhada e, como vimos na questão dos efeitos de transformação da personalidade, **encaram como uma missão a tarefa do estudo que fazem.**

Penso que estão mais próximos dos questionamentos de conteúdo moral e, aceitando as exceções como caso normal, não colocam em dúvida o carácter transcendente ou explicitamente espiritual daquilo que viveram. **A maior parte, muito intensamente.** Não são poucos os que, depois das suas experiências, se tornaram ativistas de grupos religiosos, área onde julgo serem observáveis algumas deformações.

Quanto aos estudiosos oriundos do meio socioprofissional mais próximo dos protagonistas de experiências, médicos, enfermeiros e psicólogos, por estarem emocionalmente envolvidos com a experiência dos seus doentes vêm a seguir na ordem de convicções de conteúdo sensitivo e moral.

Os académicos que sabem por ter lido ou ouvido dizer, sempre com exceções, têm por vezes uma atitude mais cética e alguns nem aceitam o lado de lá da vida como dado adquirido ou comprovado pelas EQM e muito menos as suas implicações morais ou espirituais.

Julgo que considerar estas experiências, tal como o devir metafísico dos seres humanos, um fenómeno casual independente das suas atitudes íntimas, do seu comportamento e, em última análise desligados de pertinências associadas à sua origem e ao seu destino, representa um lamentável equívoco.

Felizmente que o “espírito sopra onde quer”, e que – na ordem imutável dos planos da Criação – uma demora em anos nada é. **As conclusões que tiverem de ser alcançadas, sê-lo-ão, de uma forma ou de outra.**

Por outro lado torna-se de uma evidência chocante a falta que fazem à investigação, aos investigadores e aos investigados protagonistas de EQM's, os conhecimentos e a experiência de que dispõe **a notável cultura espírita.**

Atendendo à magnitude estatística da ocorrência das EQM e à ordem imediata dos acontecimentos, este é um ponto de vista que merece toda a atenção e o mais cuidadoso escrutínio filosófico-cultural, **nomeadamente da parte dos interessados pelo espiritismo.** É preciso que as pessoas que se sentem responsáveis assumam as suas responsabilidades.

Julgo à partida inconveniente a dicotomia otimismo-pessimismo na consideração da globalidade das EQM. Para efeito de estudo e consideração científico-filosófica **as experiências devem merecer um tratamento idêntico, dado que são parcelas distintas de uma única realidade complexa.**

Forçoso é reconhecer que são fenómenos formidavelmente reveladores de horizontes outrora desconhecidos e rodeados de um temor aflito para uma imensa maioria das pessoas. Por isso, a eclosão desta fenomenologia é de saudar e de estudar o mais profundamente possível, por aquilo que nela podemos achar de correspondência com as coisas já sabidas e por serem consequência de avanços louváveis alcançados pelo trabalho profícuo de cientistas e técnicos.

Seria negativo ignorar fenômenos reais e comprováveis que podem constituir uma nova janela aberta sobre a transcendência.

“...A experiência suscitou o meu desejo de transparência, o desejo de SER, mas também o gosto da partilha e do dom de si. Roland de Jouvenel disse à mãe: “Mãe, alimentamo-nos daquilo que damos aos outros”. Esta citação é o fio condutor, o fio de ouro da minha vida. Tenho a convicção profunda que não vivi esta experiência apenas para mim e que a devo partilhar com todos.

Quando regressar à Luz de Deus, gostaria que todas as pequenas partículas de luz que foram semeadas aos quatro ventos no coração das pessoas se tivessem transformado em pedras preciosas...”

Depoimento de NICOLE DRON (Vide pág. 128)

O mais sombrio pessimismo de todos os interessados neste tema estaria em desconsiderar o homem como entidade essencialmente moral, carente de um projeto destinado à evolução sem limites, em contexto de justiça e igualdade universais.

Esse é o ensinamento dominante que **nos foi revelado** ao longo dos séculos, por profetas e sensitivos, pelos espíritos de luz que falaram pelos médiuns cujos ensinamentos foram metodologicamente coligidos por Allan Kardec.

Um novo e determinante impulso faz-se agora sentir a partir da palavra das **revelações explícitas e convictas de milhões de protagonistas das Experiências de Quase-Morte.**

AS EQM NEGATIVAS E A PROGRESSÃO EVOLUTIVA NO SEU ESTUDO

As experiências negativas não têm sido analisadas com detalhe pela maioria das investigações que se preocupam em acentuar a sua diminuta percentagem no cômputo global.

O entusiasmo editorial em torno do tema das EQM já há muito atingiu expressão mundial, com obras de alguns autores a atingirem edições monumentais, na casa dos milhões de exemplares, vertidas para dezenas das línguas mais faladas no mundo. Uma parte importante deste movimento editorial, como é inevitável, terá seguido predominantemente os interesses da respetiva comercialização e os grandes editores sabem muito bem que a dor ou o sofrimento “vendem mal”.

A evolução desse fenómeno tem produzido um enorme vedetismo em torno de figuras cujos relatos se tornaram mais apelativos, detalhados e simpáticos, logo, marcadamente “otimistas”. **A questão das determinantes morais**, como se sabe, não cabe nas preocupações do “grande público” e é completamente alheio à generalidade dos investigadores céticos e agnósticos.

Um olhar mais cuidadoso fornece uma ideia muito diferente e sólidas razões para refletir.

Primeiro há que levar em conta que as referências numéricas que dividem experiências radiosas e negativas incidem apenas sobre uma porção diminuta da totalidade das pessoas ressuscitadas de paragens cardíacas. Como já foi dito a maioria dos ressuscitados não relata nenhuma espécie de recordações no período de morte clínica.

Que se terá passado com eles? Em que paragens e de que forma terá a sua “consciência” (para usar a linguagem dos investigadores...) ultrapassado o difícil transe?

Por outro lado a estatística dos casos negativos, segundo observações abalizadas, pode estar bastante desviada da realidade devido à autocensura dos próprios protagonistas, que se sentem inibidos de confessar tão assustadoras experiências que dão má imagem do seu comportamento ou categoria moral e por acrescido temor de suscitar descrença e má aceitação.

Se são difíceis de apresentar os casos “otimistas” mais difícil serão as versões dolorosas ou “pessimistas” que foram sendo postergadas para o desconhecimento.

A psicóloga inglesa **Margot Grey** num livro seu a respeito de EQM negativas (Return from Death: An Exploration of the Near-Death Experience. Londres, 1986) afirmou que elas se caracterizam por um sentimento extremado de medo ou pânico, angústia emocional e mental que chegam aos limites do desespero completo, em ambientes caracterizados pela solidão desoladora.

Margot Grey mencionou ainda experiências, designadas como “infernais”, que incluíam a sensação de arrastamento para o fundo por forças sinistras com o poder das trevas, ao mesmo tempo que outras iradas e com

aspectos demoníacos ameaçavam ou proferiam insultos. Outras narrativas mencionam ataques feitos por figuras invisíveis, sem rosto ou encapuçadas. A atmosfera pode parecer nuns casos gélida, noutros insuportavelmente quente.

Não é raro ouvir durante essas experiências lamentos atormentados ou rugidos medonhos de feras ou a configuração arquetípica do inferno, na presença do próprio demónio com fogo e tudo.

Portanto, a sequência mais “normal” definida por M. Grey seria do seguinte género: medo, pânico; entrada no vácuo negro, sentimento de forças demoníacas e uma última fase em **cenário infernal**.

Para colocar uma barreira à vaga de confabulações deste tipo, que abundam nas descrições de EQM negativas em disputa permanente de uma adjetivação superlativa de horrores, é importante chamar a atenção para os textos abaixo inseridos a respeito dos dogmas das “penas eternas” **no ponto 11.3**.

O que não quer dizer que não se dê crédito nem se levem em conta as palavras das pessoas que tenham passado por essas visões ou percepções.

A esse propósito teria interesse dar a palavra a **Phyllis M. H. Atwater**:

“...O inferno refere-se a formas-pensamento de nível negativo residentes na estreita proximidade do planeta Terra. É para ali que se deslocam, ou onde criam dependências, os nossos convívios estranhos, os vícios, os medos, as culpas, a ira e as raivas, os lamentos, a auto comiseração e a arrogância ou seja o que for que nos expulsa do domínio da nossa própria luz”

“...ficaremos no inferno quanto mais tempo servir a nossa evolução. Não sairemos dali enquanto não tivermos mudado de atitude ou de percepções...”

Muitos anos antes outra personalidade muito insígne precursora de abundante número de experiências de quase-morte, **Emanuel Swedenborg**, exprimia-se deste modo:

“...o inferno é uma condição que representa os pensamentos e desejos íntimos e diabólicos de algumas almas. No inferno as almas ficam desinibidas e as suas tendências demoníacas manifestam-se totalmente. Não existem ali demónios a infligir punições. Cada alma exterioriza a sua cólera e o seu ódio guerreando e atormentando os outros...”

*Para os leitores legitimamente interessados em esclarecer integralmente este vasto e muito interessante tema, recomenda-se, acima de tudo e como é evidente, a leitura de “**O Céu e o Inferno, ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo**” de **Allan Kardec**, o quarto livro da codificação espírita publicado em Paris, em Agosto de 1865.*

O Dr. Kenneth Ring em 1980, nos estudos por si efetuados, tal como Raymond Moody, não tinha encontrado casos de experiências negativas. Quatro anos mais tarde admitiu que eles poderiam ser 1% de todos os casos registados de EQM e assumiu a posição de que seriam fantasmagorias projetadas pelo ego em resposta à ameaça do receio de uma aniquilação iminente (1994).

Esse parecer fez com que **Nancy Evans Bush** (investigadora que registou ela mesma esse tipo de experiências – vide adiante) tivesse afirmado que ele estava a trivializar o significado das mesmas estimulando os investigadores a considerar que mesmo as experiências negativas continham lições valiosas tanto para os indivíduos como para a sociedade.

Como se vê este debate e o desencontro de opiniões revela que as experiências negativas são uma área onde as opiniões se dividem e se confrontam (o que aqui não é possível documentar pela extensão a que o tema obrigaria).

Em 2001 o Dr. Richard J. Bonenfant, investigador canadiano, comentando também a propósito das EQM negativas referiu **o aumento** que se verificava neste tipo de experiências.

O estudo de **Phyllis M.H. Atwater**, investigadora muito conhecida nos USA (que teve três EQM e que investigou a matéria desde 1978), referia em 1999 baseada num estudos feitos a partir de 3.000 adultos e 277 crianças que 15% dos adultos e 3% das crianças tinham registado esse género de experiências, portanto muito mais que o índice de apenas 1% apontado no começo das investigações sobre EQM.

Tentando sintetizar este quadro complexo, a quantidade das experiências inquietantes tem sido referida com amplas variações entre 1% (Kenneth Ring, 1984 – citado por Nancy E. Bush); 2% – (Pim van Lommel); 15% – (Bonenfant, 2001); 18% – Barbara Rommer e 22% – Christopher M. Bache (em 1994).

Esta última percentagem equivale a situar as experiências negativas ao nível de um quinto da totalidade de casos de pessoas que retiveram lembranças incisivas do seu período de morte clínica.

Alguns dos principais estudos, entre muitas outras obras, depoimentos com considerandos subjetivos, etc. que têm sido publicados nos Estados Unidos da América sobre esta faceta das EQM, são da autoria dos seguintes investigadores:

- Margot Grey (1985);
- Bruce Greyson e Nancy E. Bush (1992);
- P.M.H. Atwater (1992);
- Barbara Rommer (2000); um dos maiores registos de sempre de experiências negativas, e;
- Gracia Fay Ellwood (2001).

Uma observação, entre muitas outras, refere que as experiências negativas não passam de “experiências incompletas” (Dr. Christopher M. Bache, 1994). O Dr. Christopher M. Bache é doutorado pela Brown University, docente e investigador em várias outras escolas superiores e autor de obras como: “Dark Night, Early Dawn” (Noite Escura, Alta Madrugada) e “Lifecycles: Reincarnation and the Web of Life”. (Ciclos de Vida: Reincarnação e a Teia da Vida”).

É dele a seguinte afirmação que ajuda a fundamentar o que já disse a respeito das dificuldades em obter depoimentos de EQM negativas:

“...os sobreviventes a EQM’s assustadoras são duplamente marginalizados na nossa cultura. Primeiro têm de suportar a falha geral da nossa sociedade em aceitar a realidade da sua experiência. Segundo, e mais importante ainda, enquanto que a maioria dos relatos de EQM’s refere as delícias de luz divina, eles foram levados para o inferno ou, pelo menos, para a sua porta de entrada.

Como não receber isso senão como um comentário arrasador à sua própria vida? Como se libertarão da ideia de que foram expulsos para tratamento severo por uma inteligência suprema?

Tal reação é agravada pelas interpretações teológicas das EQM’s negativas...”

(1994, “Journal of Near-Death Studies”, pag. 41).

A **Drª Barbara Rommer**, médica na Florida, falecida em 2004 com 60 anos, autora de “Blessing in Disguise” (Benção sob Disfarce) entrevistou ao longo da sua investigação 300 pessoas que tinham passado por experiências negativas, que ela batizou em inglês experiências LTP (Less Than Positive Experiences – Experiências Menos que Positivas) para acentuar a sua conceção das mesmas como não definitivamente negativas.

Segundo a Drª. Bárbara, essas experiências LTP são “*um alerta espiritual que convidam a pessoa a ter uma atitude de precaução e revisão de posições na sua vida*” para, acrescenta: “*ajudá-las a compreender as consequências das suas opções, reavaliar os padrões de pensamento e falhas respetivas e fazer as retificações necessárias onde for aconselhável, em função da aprendizagem facultada*”.

Barbara Rommer foi autora de um critério de classificação das LTP em quatro grupos:

1 – As “negativas” são experiências positivas mal interpretadas; 2 – As experiências no vácuo, que são particularmente desagradáveis; 3- As infernais, com o aparecimento de visões associadas ao imaginário respetivo (que serve como tema à sua obra acima referida, e narra a experiência de Joel, um sobrevivente americano da segunda guerra mundial no Pacífico); 4 – aquelas que oferecem uma “revisão de vida” assustadora, com impressão iminente do julgamento.

Há uma outra senhora norte americana, já atrás mencionada, que adquiriu um protagonismo relevante quer por ter vivido experiências negativas (com 28 anos) quer por ter sido durante trinta anos vice-presidente da IANDS (International Association for Near-Death Studies, Inc.): **Nancy Evans Bush**.

A IANDS foi fundada em 1978, com outro nome, num famoso encontro de especialistas interessados convocado pelo Dr. Raymond Moody, entre os quais Bruce Greyson, Michael Sabom, Kenneth Ring e outros. Em 1981 essa organização, já com o nome que tem hoje, passou a funcionar junto da Universidade de Connecticut.

Nancy Evans Bush é autora de um livro: “*Dancing Past the Dark: Distressing Near-Death Experiences*”. Por serem de fácil consulta na internet sugiro a leitura de um artigo de sua autoria e uma entrevista que lhe foi feita:

– “*Afterward: Making Meaning After a Frightening Near-Death Experience*”; Nancy Evans Bush, M.A.; Bolton, CT; (Publicado na edição de Inverno do “*Journal of Near-Death Studies*”, pag. 99 a 133);

– “*Reflections from Three Decades with IANDS; Featuring Nancy Evans Bush*”; Interviewed by Amy Stringer.

(Nota: coloco os títulos originais para permitir a busca na internet)

No primeiro dos artigos, pag. 102, as experiências negativas são organizadas em três tipos distintos, de acordo com estudos de 1992 da autoria de Bruce Greyson e da própria Nancy Evans Bush:

Primeiro tipo – (caracterizadas por Kenneth Ring como “inversas”) têm um o conteúdo descritivo idêntico ao das EQM “felizes” – túnel, OBE, inefabilidade, uma luz, presenças, aquisição de conhecimentos, paisagens, etc – mas provocam no protagonista uma impressão profundamente assustadora, com deterioração dos elementos presenciados, em contexto estranho e fora de controlo, muito alarmante;

Segundo tipo – menos habituais, têm lugar no “vazio eterno”, em extrema solidão, e são acompanhadas do sentimento da “não-existência”; é transmitida a ideia de que o mundo real, bem como o protagonista, foram algo que nunca existiu;

Terceiro tipo – muito raras, passam-se em cenários repugnantes associados a visões “infernais”, “criaturas ameaçadoras”, animais medonhos em fundo de ruídos incómodos, na presença de outros seres altamente perturbados, sob a ameaça de julgamentos e condenações;

Bárbara Rommer (2000), como tínhamos visto acima, acrescentou um **quarto tipo**, no qual o “experientista” fica profundamente perturbado, aterrorizado pelo teor da “**revisão da vida**”. A impressão iminente do **julgamento** fá-lo ser considerado com subconjunto do terceiro tipo.

Esta autora considera que **nada prova** que as EQM em geral sejam indiferentes ao comportamento das pessoas em vida, e atingiu nos seus estudos – um dos maiores registos de sempre de experiências negativas – a conclusão de que os atos de suicídio passaram por experiências negativas no “vazio eterno” (55%), em ambiente “infernais” (18%) e foram a maior parte das pessoas que narraram experiências do terceiro tipo, com a perspectiva do julgamento.

Há mais duas figuras que já referi atrás e se distinguiram no estudo deste tema cujos trabalhos gostaria de aprofundar, se não tornasse este trabalho muito longo: **Phyllis. M.H. Atwater** e **Nancy Evans Bush**.

Num site desta última, no sector de comentários, há um senhor que lhe faz uma pergunta à qual responde. Junto uma tradução (livre, mas fiel às ideias expressas), por sentir que às vezes em conversas deste tipo se consegue melhor dizer o essencial:

Pergunta;

“Já alguém catalogou as EQM negativas da mesma maneira que as positivas e radiosas? Já alguém estudou em paralelo os detalhes de ambas? Não serão as experiências negativas uma outra coisa diferente? Quanto ao inferno, levei muitos anos a arrancar as suas raízes daninhas da ideia que tinha da vida depois da morte. Consegui arrancá-las e deitá-las fora. Não acredito num Deus assim, sádico e diabólico. Disse por essa altura adeus ao cristianismo (...). A vida num episódio apenas, o céu e o inferno como únicas saídas, fico gelado!...”

E a resposta de Nancy:

“Basicamente as EQM negativas incluem suficientes detalhes das EQM positivas para que possamos considerá-las da mesma família: experiência fora do corpo; movimento através do espaço; escuridão e luz; encontros com entidades; inefabilidade; fortes aquisições de ordem intelectual; transitoriedade... (...)

“...A dificuldade quando observada do ponto de vista cristão está sintetizada por si em não querer aceitar um Deus diabólico ou sádico. Esse ponto de vista observa a experiência apenas como uma punição; Nesse caso, assumindo de novo o prisma convencional (Agostiniano) dos tormentos eternos, Deus seria sádico e diabólico!

A minha opinião é de que o universo é feito tanto de luzes radiosas como de escuridões fantasmagóricas, tanto de violência como de tranquilidade. Não vejo por que motivo as nossas experiências espirituais deveriam ser isentas desses contrastes. Além das punições há a considerar muitos acontecimentos naturais que podem ser fortemente desagradáveis. TÊM, NÃO OBSTANTE, MUITO PARA ENSINAR-NOS...”

Comentário:

O universo informativo nos USA sobre estes assuntos é palpitante. O movimento das ideias é impulsionado por uma curiosidade cada vez mais forte e por uma enorme receptividade das pessoas.

Tenho imensa pena que o espiritismo não tenha ali uma presença significativa. O espiritualismo de raiz anglo-saxónica tampouco evidencia – por informações colhidas em fontes norte-americanas e inglesas – uma pujança mais do que percentualmente muito diminuta. Por razões diferentes, claro.

Uma leitura dos cinco livros de Allan Kardec seria muito oportuna e, creio, poderia resolver muitas dificuldades, não só nos Estados Unidos, como em muitas outras paragens.

11.3 — ALLAN KARDEC / textos

Para ilustrar a questão das experiências negativas, nada melhor do que um texto de Allan Kardec que, para além de muitos outros que poderiam ser citados, desmistifica a hipótese artificial, sem qualquer fundamento e até maldosa (porque destinada a escravizar as consciências pela instauração do medo) da existência do inferno.

É evidente que o melhor esclarecimento para esta questão estaria na leitura completa, pelo menos, da Primeira Parte de “O Céu e o Inferno”, um dos cinco livros da codificação espírita que trata desse assunto, colocando sempre em evidência a apresentação dos quesitos de ordem moral que são a base essencial de todo o edifício da Criação e do seu projeto de justiça universal para todos os seres.

Na esperança que o leitor venha a decidir-se pela leitura da obra em causa, que vivamente aconselho, à frente se encontram apenas dois breves textos, o primeiro acerca da lamentável ideia do inferno e o segundo que explica porque razão os espíritas não temem a morte:

O Céu e o Inferno – Parte I – Capítulo VI – (22–24)

A doutrina das penas eternas fez sua época

22 – A crença na eternidade das penas materiais vigorou como receios convenientes até que os homens atingiram a compreensão e o valor da moral. Como as crianças que são mantidas em respeito durante certo período com ameaças de seres quiméricos com o recurso aos quais se consegue assustá-las.

Chega entretanto a altura em que o raciocínio da criança consegue julgar por si mesmo os contos com que foi embalada, a partir do que seria absurdo continuar a orientá-las da mesma forma. Se aquelas pessoas que os educam continuassem a contar-lhes tais histórias como verdades que é preciso seguir à letra, perderiam a sua confiança.

É isso que se passa hoje em dia com a humanidade; já saiu da infância e sacudiu as suas limitações. O homem já não é o instrumento passivo que vergava sob a força material, nem o ser crédulo que aceitava tudo de olhos fechados.

23 – A crença é um ato do entendimento, e é por isso que não pode ser imposta. Se durante um certo período da humanidade o dogma da eternidade das penas foi inofensivo, mesmo conveniente, chegou o momento em que se torna perigoso. Desde o instante que é imposto como verdade absoluta, se é rejeitado pela razão, das duas uma: ou o homem que quer acreditar constrói uma crença mais racional, e por isso se afasta, ou então deixa de acreditar seja no que for. É evidente que, para quem quer que estudou o problema friamente, o dogma das penas eternas, nos nossos dias, já fez mais materialistas e ateus que todos os filósofos.

As ideias seguem sempre um curso progressivo; só se pode guiar homens acompanhando essa corrente; querer parar ou fazer recuar, ou simplesmente ficar atrás, enquanto ele avança, é perder-se. Seguir ou não esse movimento é uma questão de vida ou de morte, tanto para as religiões como para os governos.

É um bem? um mal? Certamente que é um mal aos olhos daqueles que, vivendo do passado, vêem esse passado fugir-lhes; para aqueles que vêem o futuro é uma lei do progresso que é uma lei de Deus, toda a resistência é inútil; lutar contra a sua, é querer problemas.

Porquê, pois, desejar com toda a força sustentar uma crença que caiu em desuso e que, definitivamente, traz mais prejuízos do que benefícios à religião. É triste dizê-lo, mas há uma questão material aqui que domina a religião.

Esta crença foi largamente explorada com a ajuda da ideia de que com dinheiro se podiam abrir as portas do céu e ficar livre do inferno.

As somas que recebeu e que ainda recebe, são incalculáveis; é o imposto cobrado antecipadamente pelo medo das penas eternas. Sendo o imposto facultativo, a cobrança é proporcional à crença; se a crença já não existe, a cobrança extingue-se. A criança dá de boa vontade a guloseima a quem lhe prometer que enchota o lobisomem; mas se a criança deixar de acreditar em lobisomens, fica com a guloseima para si.

24 – A nova revelação, com ideias mais límpidas sobre a vida futura e com a prova de que as pessoas podem alcançar a salvação por si mesmas, deve enfrentar uma oposição tanto mais viva quanto maior for a sua capacidade de esgotar a fonte dos rendimentos. É assim sempre que uma descoberta ou uma invenção vêm trocar os hábitos das pessoas. Aqueles que vivem de processos antigos e caros, elogiam-nos; quanto aos novos, mais económicos, dizem mal deles. Pensará alguém, por exemplo, que a imprensa – apesar dos ótimos serviços que prestou à humanidade – terá sido aclamada pela numerosa classe dos copistas? É claro que não; devem tê-la amaldiçoado, bem como aconteceu à chegada das máquinas, dos caminhos de ferro e de muitas outras coisas.

Aos olhos dos incrédulos, o dogma das penas eternas é uma questão fútil de que se riem. Aos olhos do filósofo, tem a gravidade pelos abusos aos quais dá origem; O homem verdadeiramente religioso considera a dignidade da religião interessada pela destruição destes abusos e da sua causa.

O Céu e o Inferno – Parte I – Capítulo II – (3–10)

O Receio da Morte

3. – À medida que o homem compreende melhor a vida futura, o temor da morte diminui; uma vez esclarecida a sua missão na terra, aguarda o seu fim com mais calma, resignação e sem temor.

A certeza da vida futura dá-lhe outro curso de ideias, outros objetivos no trabalho; antes dessa certeza trabalha apenas para o presente imediato; depois dela trabalha com os olhos postos no futuro sem descurar o presente, porque sabe que o futuro depende da boa ou da má direção que dá ao presente.

A certeza

- de reencontrar seus amigos depois da morte,*
- de reatar as relações que teve na Terra,*
- de não perder nenhum fruto do seu trabalho,*
- de engrandecer incessantemente em inteligência e perfeição,*

dá-lhe paciência para esperar e coragem para suportar as fadigas momentâneas da vida terrestre. A solidariedade que vê estabelecer-se entre vivos e mortos fá-lo compreender a que deve existir na Terra, onde a fraternidade tem razão de ser e a caridade uma finalidade no presente e no futuro.

A razão porque os espíritas não temem a morte

10. - A Doutrina Espírita transforma completamente a perspectiva do futuro.

A vida futura deixa de ser uma hipótese para ser uma realidade.

O estado das almas depois da morte já não é um sistema, mas sim um resultado da observação.

O véu levanta-se; o mundo espiritual aparece-nos na plenitude da sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma conceção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever a sua situação; aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da desgraça assistindo, enfim, a todas as peripécias da vida de Além-túmulo.

Aí se encontra para os espíritas o motivo da calma com que encaram a morte e a serenidade dos seus últimos momentos sobre a Terra. Já não é só a esperança mas a certeza que os conforta; sabem que a vida futura é a continuação da vida terrena, mas em melhores condições e aguardam-na com a mesma confiança com que aguardariam o despontar do Sol após uma noite de tempestade.

Os motivos dessa confiança decorrem dos fatos testemunhados e da concordância desses fatos com a lógica, com a justiça e a bondade de Deus; **com as íntimas aspirações da Humanidade.**

Para os espíritas, a alma já não é uma abstração; tem um corpo etéreo que faz dela um ser definido, concebido e envolvido pelo pensamento; o que já é muito para fixar as ideias sobre a sua individualidade, aptidões e percepções.

A lembrança dos que nos são queridos repousa sobre algo que é real. Já não são representados como chamas fugidias que nada dizem ao pensamento, mas sim como formas concretas de verdadeiros seres vivos. **Além disso, em vez de perdidos nas profundezas do Espaço, vivem à nossa volta; o mundo corporal e o mundo espiritual identificam-se em perpétuas relações, assistindo-se mutuamente.**

Já não sendo permitidas as dúvidas a respeito do futuro o temor da morte já não tem razão de ser; encara-se a sua aproximação a sangue-frio, como uma a libertação, como uma porta aberta para a vida e de forma alguma uma saída para o nada.

O Livro dos Espíritos – PARTE II – CAPÍTULO VI – (257)

Ensaio teórico sobre a sensação nos espíritos

Nos textos anexos está publicado o texto completo da pergunta 257 de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Parte II – Do mundo Espírita ou mundo dos Espíritos – Capítulo VI – Nº IV - Ensaio Teórico Sobre a Sensação nos Espíritos, de que aqui vai contido apenas um fragmento inicial:

257.

“...O corpo é o instrumento da dor; se não é a sua causa primeira, é pelo menos a causa imediata. A alma tem a percepção dessa dor: essa percepção é o efeito.

A lembrança que dela conserva pode ser muito penosa, **mas não pode implicar ação física.**

Com efeito, o frio e o calor não podem desorganizar os tecidos da alma; **a alma não pode regelar-se nem queimar.**

Não vemos, todos os dias, a lembrança ou a preocupação de um mal físico produzir os seus efeitos? E até mesmo ocasionar a morte? Todos sabem que as pessoas que sofreram amputações sentem dor no membro que não mais existe. Seguramente não é esse membro a sede nem o ponto de partida da dor; o cérebro conservou a impressão, eis tudo.

Podemos portanto supor que há qualquer coisa de semelhante nos sofrimentos dos Espíritos depois da morte. Um estudo mais aprofundado do **perispírito**, que desempenha papel tão importante em todos os fenômenos espíritas, — nas aparições vaporosas ou tangíveis, no estado do Espírito no momento da morte, na ideia tão frequente de que ainda está vivo, na situação surpreendente dos suicidas, dos supliciados, dos que se absorveram nos prazeres materiais, e tantos outros fatos, — veio lançar luz sobre esta questão, dando lugar às explicações de que apresentamos um resumo.

O **perispírito** é o liame que une o Espírito à matéria do corpo; é tomado do meio ambiente, do fluido universal, contém ao mesmo tempo eletricidade, fluido magnético, e até um certo ponto, a própria matéria inerte. Poderíamos dizer que é a quintessência da matéria. **É o princípio da vida orgânica**, mas não o da vida intelectual, porque esta pertence ao Espírito. **É também o agente das sensações externas.**

No corpo, estas sensações localizam-se nos órgãos que lhes servem de canais. Destruído o corpo, as sensações tornam-se generalizadas. Eis porque o Espírito não diz que sofre mais da cabeça que dos pés.

É necessário, aliás, não confundir as sensações do perispírito independente com as do corpo; não podemos tomar estas últimas senão como termo de comparação, e não como analogia.

Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal; Não obstante, não é um sofrimento exclusivamente moral, como o remorso, pois queixa-se de frio e de calor.

Também não sofre mais no inverno do que no verão: **vimo-los passar através das chamas sem nada experimentar de penoso, o que mostra que a temperatura não exerce sobre eles nenhuma impressão.**

A dor que sentem não é a dor física propriamente dita; é um vago sentimento íntimo, de que o próprio Espírito nem sempre tem perfeita consciência, porque a dor não está localizada e não é produzida por agentes

exteriores; *É mais uma reminiscência do que uma realidade, porém igualmente penosa. Algumas vezes há mais do que isso, como veremos...*”

12 — O FIM DA VISITA E O REGRESSO

Na sequência do processo de vivências lúcidas que vem sendo analisado, há um momento determinado em que essa dita experiência de **quase-morte** se detém e que a entidade espiritual é mandada de volta para continuar “normalmente” a sua existência muito episodicamente interrompida, digamos, por motivos de força maior.

O espírito chega a um ponto em que é notificado que o processo se interrompe por ali, que não é autorizado a continuar por diante, sendo-lhe dito: **“Não chegou ainda a tua hora”**.

Este terminus de um episódio que nunca mais será olvidado, como muitos outros detalhes da experiência, pode acabar com mais ou menos trocas de impressões, com mais ou menos serenidade observativa e capacidades de auto-determinação por parte do protagonista. Nenhuma experiência é igual a outra, dentro da já referida equivalência da maioria delas.

A argumentação do mundo espiritual – em certos casos liminarmente impositiva e autoritária – vai às vezes no sentido dialogante, mediante opções tomadas pelo interessado ou interessada. Deveres pendentes, responsabilidades e tarefas ainda por completar, solidariedade por seres que ficariam prejudicados pela opção mais confortável, são motivo de assentimento.

Saído de uma crise vital (por doença ou acidente) rodeado de dores e desconforto, reconhecidas as inefáveis qualidades do novo ambiente **é quase geral o desejo de permanecer “na nova e legítima morada”**.

O sinal de regresso pode ser apenas o aceno proibitivo algo apressado de um ente familiar dizendo-lhe que tem de regressar imediatamente, com urgência, porque o seu lugar não é ali, ou às vezes ainda menos.

Assim que a decisão é atingida mais circunstanciada ou mais imediatamente (às vezes também por iniciativa do próprio **que contempla e recebe o apelo daqueles que cá deixou!**), o regresso é quase abrupto e sempre carregado das preocupações e dores inerentes a um regresso a um mundo muito menos belo, mais constrangedor, onde imperam as limitações que por breves instantes haviam sido esquecidas.

Há um raciocínio, entretanto, que me parece pertinente:

O multitudinário fenómeno das experiências de quase-morte, expressão que tem sido apreciada como controversa dado que as pessoas que por ela passaram não morreram ainda definitivamente (embora circunstancialmente ostentem todos os sintomas desse estado) **não pode deixar de ser considerado uma exceção de monta às leis da incomunicabilidade dos homens com a vida do Além.**

São testemunhos de milhões de pessoas que, em estado de morte clínica, narram acontecimentos de evidente coerência de conteúdo e largamente compagináveis com a sua realidade pessoal, moral, psicológica (e psíquica, naturalmente) com dados da vida real experimentalmente confirmáveis por terceiros.

Dado que a pessoa estava em condições decididamente fatais no momento de sair do corpo, só por concessão excepcional poderá regressar. **E é isso que acontece.**

Julgo que não é necessário levar mais por diante o raciocínio para ficar a ideia que já antes abordei: uma pessoa não ressuscita, não regressa à vida depois de morta **sem que isso se inscreva nos desígnios da alta espiritualidade.**

“Quem tem ouvidos para ouvir, oiça”!...

O detalhe seguinte acentua mais essa ideia de excecionalidade, e tem por isso honras de título:

MELHORIAS SURPREENDENTES

Como se não bastasse a **prorrogação da vida**, tenho lido depoimentos de EQM em que a ela é complementada com uma regeneração dos tecidos corporais e das condicionantes clínicas que deram origem à **morte do doente.**

Esta condição faz todo o sentido, pelo menos em casos de pessoas com doenças de gravidade terminal, dado que, se as condições fisiológicas da pessoa antes da EQM, se se mantivessem, não possibilitariam a sua sobrevivência após o regresso.

Recordo-me de vários que tenho lido e de que tenho relatos pormenorizados nos meus arquivos. O caso de uma senhora cujo caso é muito projetado em livro e na net, com o organismo totalmente minado pelo cancro que regressou “limpa”; o caso de um senhor que sofria do coração e que foi literalmente esmagado num acidente de automóvel e que regressou com o coração, que estava até para ser transplantado, completamente funcional; e o de outra senhora que, igualmente muito mal e internada numa clínica, se apresentou de novo à vida com as suas análises completamente limpas do problema mortal.

Estes casos têm particular interesse dado que a situação é testemunhada, com larguíssima surpresa, pelos agentes clínicos que testemunham os mesmos.

Infelizmente, estes casos de que me lembro estão alojados em sites com grandes requisitos de direitos autorais e não me é possível inseri-los, o que não acho muito positivo nem proveitoso.

Assim que me for possível acrescentar neste ponto um depoimento elucidativo, fá-lo-ei imediatamente.

12.1 — Depoimentos / EQM

“...O meu guia confirmou-me que a minha hora tinha chegado.

Contudo, de repente, dei-me conta que parecia surpreendido e que hesitava. Permaneceu silencioso e imóvel. Esperava qualquer coisa e eu, comecei a impacientar-me.

O meu guia esperava qualquer coisa. Que seria? Deu-me mais um tempo enquanto eu via os veículos lá em baixo que se iam juntando. Apercebi-me que dispunha de uma pequena espera para decidir qualquer coisa. Isso não iria ajudar-me. É como se estivesse em amnésia.

De repente vi a minha filha, lá longe em baixo, no seu quarto, a ser adormecida pela avó, minha mãe, que estava a seu lado. Senti uma imensa pena, ajoelhei-me defronte do meu guia e disse-lhe:

- Sei que tudo aquilo que fazes é justo, mas a minha filha – uma provação terrível, perder ambos os pais de uma só vez, será justo? Faz com que ao menos o meu marido não morra.

*Vi então enfim a sua face e ouvi a sua voz. Repeliu-me para a terra, dizendo: **“uma vez que nada pedes para ti, regressa, não é ainda a tua hora...”***

depoimento de MB
obra coletiva da Association IANDS - França
Dirigida por d'Évelyne-Sarah MERCIER

« ...ao mesmo tempo sinto a grande presença protetora que me acompanha para me fazer descobrir a beleza circundante em que me sinto uma anã, uma criança pequenina nesta Grandeza em que sou amada e protegida. Sinto ao mesmo tempo o humor diante da minha estupefação e da minha admiração. Um tal amor não existe na terra...

De repente reajo e compreendo que não posso ficar ali. Tenho ainda dois filhos pequeninos, um deles que acaba de nascer! Não posso abandoná-los, devo partir!...

Também vi o desenrolar dos meus actos, os meus erros, as imperfeições, e os efeitos do meu comportamento sobre os outros, aquilo que eles sentiam por isso... Tinha o dever de regressar para prosseguir o meu caminho, fazer a minha evolução, conduzindo-me de maneira diferente, tentando compreender os outros e sobretudo evitando julgá-los... Devia desenvolver em mim o Amor para dar a alguém, sendo mais tolerante com as pessoas das quais era muito diferente.

*Foi com grande pesar que regressei ao meu corpo. Era como se tivesse de saltar em paraquedas de noite sobre uma selva medonha!... **mas era a consciência de ter um dever a cumprir...***

(...)

“...uma vez de regresso a casa, pensava sem cessar no que tinha acabado de suceder, simultaneamente maravilhada e desiludida por não poder falar nisso. Sentia-me possuidora de um segredo de envergadura e, ao mesmo tempo, tinha a certeza de que um tempo viria em que se pudesse falar nessa experiência e que tantas coisas iria esclarecer...

À medida que o tempo passava esquecia a uma velocidade incrível muitas das coisas que tinha aprendido, porque o meu espírito não conseguia retê-las...

tentei escrever, de anotar as minhas impressões. Essas folhas de papel foram-me “surripiadas” no meu quarto do hospital.

Quando tive alta, o meu médico generalista – a quem as folhas haviam sido entregues – disse-me que eu estava “psicanalisada”.

Era a sua conclusão!... Nessa época não se falava ainda em França, ou muito pouco se falava, dessas experiências. O Dr. Raymond Moody escreveu o seu livro em 1975 e nós estávamos em 1978!...

Testemunho de ANNE-MARIE

Brevemente em: <http://notreexperience.actifforum.com/f15-anciens-temoignages-nde-du-site-notre-experience>

“...A minha segunda experiência produziu-se uma semana depois;

...a saída do corpo, a ascensão e a entrada na Luz desenrolaram-se exactamente da mesma maneira. O que mudou foi a potência da Luz e o bem-estar. O Amor e a sensação de calor ainda mais intensos. Era incomparável, mergulhava de novo nesse Amor incondicional e o Ser de Luz encontrava-se diante de mim, ao alcance da mão. Não ousava olhá-lo de tal forma me sentia pequena; para mim era Deus em toda a seu esplendor e em toda a sua magnificência. Tocava-me com os seus raios que me penetravam e inundavam todo o meu ser. Estava bem e desejava ficar nesse bem-estar total para sempre...

*No momento em que ousei olhar... ouvi a sua voz enquanto o seu rosto permanecia impassível... era uma atracção, um diálogo travado sem necessidade de proferir uma única palavra. Telepatia, é a palavra que encontro. **“Deves regressar à terra para tomares conta dos teus filhos e da tua família, terás o direito de regressar quando os teus filhos forem crescidos!...”***

Ouvindo tais palavras, senti-me de novo puxada pelos pés para dentro do meu corpo. Debati-me porque não queria reentrar nesse corpo que me parecia demasiado pequeno, insignificante, dizendo comigo mesma que não precisava dele porque poderia viver muito bem fora dele!...

Foi uma grande desilusão porque não tive alternativa. As “más línguas” já me chamaram mentirosa porque os meus filhos já estão crescidos e ainda estou por cá. Sei que sem mim a família não poderia viver porque me são muito chegados; se me ausento os meus filhos já não têm apetite e nada funciona normalmente lá em casa. Ficam perdidos.

Sei que Deus no seu imenso AMOR não quer senão o meu bem. É claro que gostaria de estar junto Dele e de não sofrer mais; mas sei que ainda tenho uma missão a cumprir e, quando chegar o momento poderei estar junto Dele...”

Depoimento de MIREILLE

<http://notreexperience.actifforum.com/f15-anciens-temoignages-nde-du-site-notre-experience>

12.3 — ALLAN KARDEC / textos

Há um facto na ciência espírita que explica, do ponto de vista prático-científico, a ida “ao céu” de um espírito em processo de morte do invólucro material, ou corpo, e regresso por motivos especiais como são os de uma ressuscitação; o caso das EQM. Atentemos no que nos diz, mais abaixo, “A GÉNESE”, de Allan Kardec, no Capítulo XIV, Os Fluidos, nº 23, a respeito do “laço fluídico”.

Esse elemento muito importante da nossa tripla constituição “espírito+perispírito+corpo” está todos os dias da nossa vida em evidência na altura do **sono** e no momento em que podemos vagar pelo espaço espiritual que nos envolve, interagindo com muitas entidades espirituais, processo quotidiano de aprendizagem e serviço, de que não nos resta memória, senão nos lampejos desconexos e confusos dos **sonhos**.

Esses estão também ilustrados, para quem quiser ler, em “O LIVRO DOS ESPÍRITOS” Parte II, Capítulo VIII – “Da Emancipação da Alma”, a **respeito do sono e dos sonhos, etc.**

Naturalmente, e no que toca ao ponto **12 – O FIM DA VISITA E O REGRESSO**, de que estamos a tratar, é evidente que durante todo o tempo da EQM o laço fluídico **não se rompeu definitivamente**, o que corresponderia à morte definitiva.

Esta, por outro lado, não tem lugar sem que haja uma decisão superior coerente com todas as determinações que orientam do Alto a progressão e evolução das vidas, disso não tenhamos quaisquer dúvidas,

E é por isso que o Mundo é Mundo, que a Vida é a Vida e é por isso que os espíritas dizem com plena consciência o que dizem, sendo “DEUS A INTELIGÊNCIA SUPREMA, CAUSA PRIMÁRIA DE TODAS AS COISAS”.

Ver “O LIVRO DOS ESPÍRITOS” Parte I, das causas primárias; Capítulo I – Deus e o Infinito; pergunta nº 1 – **O que é Deus?**

“A GÉNESE” – Capítulo XIV, OS Fluidos, Nº 23

EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FATOS CONSIDERADOS SOBRENATURAIS; **A EMANCIPAÇÃO DA ALMA**

(...)

23. *Ainda que, durante a vida, o espírito se encontre preso ao corpo pelo perispírito, ele não se acha tão escravizado que não possa alongar a sua corrente e transportar-se para longe, seja sobre a Terra, seja sobre qualquer ponto do espaço. É com desgosto que o espírito está ligado ao corpo, porque a sua vida normal é de liberdade, enquanto que a vida corpórea é a do servo preso à terra.*

*O espírito, portanto, sente-se feliz em deixar o corpo, como o pássaro em sair da gaiola e aproveita todas as ocasiões para se libertar, fazendo uso de todos os instantes em que a sua presença não é necessária à vida de relação. Ocorre, então, o fenómeno designado sob o nome de **emancipação da alma**, que acontece sempre **durante o sono**: todas as vezes que o corpo repousa e que os sentidos ficam inativos, o espírito desprende-se. (O Livro dos Espíritos, Parte II, cap. VIII.)*

*Nesses momentos, **o espírito** vive a vida espiritual, enquanto que **o corpo** vive apenas a vida vegetativa.*

O corpo fica, em parte, no estado em que ficará após a morte. O espírito percorre o Espaço, conversa com seus amigos e outros espíritos livres ou encarnados como ele.

O laço fluídico que o prende ao corpo só é definitivamente cortado com a morte; a separação completa só ocorre com a extinção absoluta da atividade do princípio vital.

*Enquanto o corpo vive, o espírito, seja qual for a distância em que se encontre, é instantaneamente chamado, desde que sua presença seja necessária, então, retoma o curso da vida exterior de relação. Às vezes, ao despertar, conserva uma lembrança das suas peregrinações, uma imagem mais ou menos precisa, que constitui **o sonho**; costuma trazer, em todo o caso, intuições que lhe sugerem ideias e pensamentos novos, justificando o provérbio “A noite é boa conselheira.”*

Assim também se explicam certos fenómenos característicos do sonambulismo natural e do magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase, etc., que nada mais são que manifestações da vida espiritual.

Para finalizar os textos principais deste pequeno trabalho a respeito das EQM e do seu relacionamento íntimo com a **ciência espírita**, nada melhor do que um documento do seu património científico-filosófico, do qual decorre, por sobreposição com as suas inerentes preocupações morais, aquilo que justamente chamamos a **doutrina espírita**.

Esse documento é uma **EXPERIÊNCIA DE QUASE-MORTE**, que pode ler-se em “O CÉU E O INFERNO”, Segunda Parte – Exemplos; Capítulo III – Espíritos em condição mediana; Senhor Cardon, Médico; e que também foi publicado na “REVUE SPIRITE” de Agosto de 1863/ “Entretiens familiais d'outre-tombe”. (Conversas familiares de Além-Túmulo); Monsieur Cardon, médico, morto em Setembro de 1862.

Chamo a atenção para a beleza e para a elevação das palavras proferidas, quer no relato do episódio quer na comunicação mediúcnica que teve lugar na Société de Paris. Essa comunicação é em tudo condizente com o conteúdo dos depoimentos das pessoas que passaram por Experiências de Quase-Morte.

Para mim a qualidade de sentimento do que é dito reflete a sua verdade humana e espiritual – o que tem valor demonstrativo impossível de mistificar.

“O Céu e o Inferno”, Parte II – capítulo III – o **Senhor Cardon**,

PALAVRAS SENSIBILIZADAS, PARA LER COM SERENIDADE

(comunicação mediúcnica que teve lugar na Société de Paris — médium: Senhor Leymarie)
(tradução revista)

O Sr. Cardon tinha passado parte da sua vida na marinha mercante como médico de um baleeiro e tinha-se afeiçoado a hábitos e ideias um pouco materialistas. Retirado para a aldeia de J..., exercia a modesta profissão de médico rural. Por se ter certificado de que sofria de hipertrofia do coração e, sabendo que era doença incurável, o pensamento da morte mergulhava-o em sombria melancolia, de que nada o distraía.

Com cerca de dois meses de antecedência previu o seu fim em determinado dia e, quando se viu perto da hora da morte, reuniu a família para lhe dizer o último adeus. A mãe, a esposa, os três filhos e outros parentes estavam reunidos em volta de seu leito. No momento em que a esposa tentou soerguê-lo, sucumbiu, ficou azul lívido, de olhos fechados parecia morto. A esposa colocou-se diante dele, para esconder dos filhos o espetáculo. Após alguns minutos Cardon reabriu os olhos e, com o rosto por assim dizer, iluminado, tomou uma expressão de radiosa felicidade e exclamou:

— Oh, meus filhos, como é belo! Como é sublime! A morte! Que privilégio! Que doçura! Estive morto e senti a minha alma elevar-se muito alto, muito alto. Deus permitiu-me voltar para vos dizer: Não temais a morte; ela é a libertação... Não posso descrever a magnificência do que vi e as impressões de que me senti penetrado! Mas não poderíeis compreendê-las!... Meus filhos, conduzi-vos sempre de maneira a merecer a inefável felicidade, reservada aos homens de bem. Vivei segundo a caridade. Se tiverdes alguma coisa, dai uma parte àqueles a quem falta o necessário.

Minha querida mulher, deixo-te numa posição que não é feliz. Devem-nos dinheiro mas peço-te por tudo, não atormentes os que nos devem. Se estiverem em dificuldades, espera que possam pagar e aos que não puderem, faz o sacrifício. Deus te recompensará.

Tu, meu filho, trabalha para sustentar a tua mãe. Sê sempre bom homem e guarda-te de fazer algo que possa desonrar a nossa família. Toma esta cruz que foi da minha mãe; não a deixes, e que ela te lembre sempre os meus últimos conselhos...

Meus filhos, ajudai-vos e sustentai-vos mutuamente e que a boa harmonia reine entre vós. Não sejais vãos nem orgulhosos; perdoai aos vossos inimigos, se quiserdes que Deus vos perdoe...

Depois, tendo feito os filhos aproximarem-se, estendeu-lhes as mãos e acrescentou:

— Meus filhos, eu vos abençoo.

Os seus olhos fecharam-se, desta vez para sempre, mas o rosto conservou uma expressão tão imponente que, até o momento em que foi enterrado, numerosa multidão veio contemplá-lo com admiração.

Estes interessantes detalhes, transmitidos por um amigo da família, sugeriram-nos uma evocação que poderia ser instrutiva para todos, ao mesmo tempo que seria útil ao Espírito.

Ei-la:

1. Evocação

— Estou junto de vós.

2. — Contaram-nos os vossos últimos momentos, que nos encantaram de admiração. Teríeis a bondade de descrever melhor do que o fizestes, o que vistes, no intervalo do que poderia chamar-se as vossas duas mortes?

— Poderíeis compreender o que vi? Não sei, **porque não encontraria expressões capazes de tornar compreensível** o que pude ver durante os instantes em que me foi dado abandonar os meus despojos mortais.

3. — Tendes noção de onde estivestes? É longe da Terra? Num outro planeta ou no espaço?

— **O Espírito não conhece o valor das distâncias tal como as encarais.** Levado não sei por que maravilhosa companhia, **vi o esplendor de um céu como só em sonhos seria possível vislumbrar-se.** Essa corrida pelo infinito é feita **tão rapidamente** que não posso precisar os instantes gastos pelo meu Espírito.

4. — Atualmente desfrutais da felicidade que era esperada?

— Não. Bem queria poder gozá-la, mas Deus não me pode recompensar assim. Muitas vezes me revoltei contra os abençoados pensamentos ditados pelo meu coração e a morte parecia-me uma injustiça. Médico incrédulo, tinha adquirido na arte de curar uma aversão contra a segunda natureza, que é o nosso impulso inteligente, divino; a imortalidade da alma era uma ficção própria para seduzir naturezas pouco adiantadas, não obstante, o vazio apavorava-me, porque amaldiçoei muitas vezes esse agente misterioso que fere sempre e sempre. A Filosofia tinha-me desorientado, sem me dar a compreender toda a grandeza do Eterno que sabe repartir a dor e a alegria para o ensino da Humanidade.

5. — Quando da verdadeira morte, depressa vos reconhecestes a vós mesmo?

— Não; só me reconheci durante a transição feita pelo meu Espírito ao percorrer os lugares etéreos; **Após a morte real, não; forem necessários alguns dias para despertar.** Deus havia-me concedido uma graça, pela seguinte razão:

“A minha incredulidade inicial já não existia. Antes da morte passei a acreditar, porque, depois de ter cientificamente sondado a matéria grave que me fazia definhar, encontrei, depois das razões terrenas, apenas a razão divina. Ela tinha-me inspirado, consolado, e minha coragem era mais forte que a dor. Bendizia o que havia amaldiçoado; o fim parecia-me a libertação. O pensamento de Deus é grande como o mundo! Que suprema consolação na prece que proporciona emoções que não se podem exprimir por palavras; **ela é o elemento mais seguro de nossa natureza imaterial;** por ela compreendi, acreditei firmemente, soberanamente, e é por isso que Deus, considerando as minhas boas ações, quis recompensar-me antes de acabar a minha encarnação.

6. — Poder-se-ia dizer que da primeira vez estáveis morto?

— Sim e não. **Tendo o Espírito deixado o corpo, naturalmente a carne morreria,** mas quando ele retomou a posse da minha morada terrena, a vida voltou ao corpo que tinha sofrido uma transição, **um sono.**

7. — Nesse momento sentíeis os laços que vos prendiam ao corpo?

— Sem dúvida. **O Espírito tem um laço difícil de romper** e lhe é preciso um último estremecimento da carne para voltar à sua vida natural.

8. — Como é que durante a vossa morte aparente e durante alguns minutos o Espírito pôde desprender-se instantaneamente e sem dificuldade, enquanto que a morte real foi seguida de uma perturbação de vários dias? Parece que, no primeiro caso, os laços entre a alma e o corpo, subsistindo mais que no segundo, o desprendimento deveria ser mais lento, mas o que aconteceu foi o contrário.

— Muitas vezes fazeis a evocação de um Espírito encarnado e recebeis respostas reais. Eu estava na situação desses Espíritos. Deus chamou-me e os seus servidores disseram-me: “Vem...”

Obedeci e agradeço a Deus a graça especial que teve a bondade de me conceder. Pude ver o infinito de sua grandeza e compreendê-la. Obrigado por me terdes permitido que, antes da morte real, ensinasse aos meus para que eles tivessem boas e justas encarnações.

9. — De onde vinham as belas e boas palavras que, no vosso retorno à vida, dirigistes à vossa família?

— Eram o reflexo do que tinha visto e ouvido. Os bons Espíritos inspiravam-me a voz e animavam-me o rosto.

10. — Que impressão julgais que a vossa revelação tenha feito nos assistentes, e particularmente nos vossos filhos?

— Chocante, profunda. A morte não engana. Por mais ingratos que possam ser, os filhos inclinam-se perante a encarnação que se vai. Se pudéssemos sondar o coração dos filhos junto a um túmulo entreaberto, só se sentiriam batidas de sentimentos verdadeiros, profundamente tocados pela mão secreta dos Espíritos que a todos ditam estes pensamentos: Tremei se estiverdes em dúvida; a morte é a reparação, a justiça de Deus; asseguro-vos que apesar dos incrédulos, os meus amigos e a minha família acreditaram nas palavras que minha voz pronunciou antes de morrer. Eu era o intérprete de um outro mundo.

11. — Dissestes que não gozais da felicidade que entrevistastes. Sois infelizes?

— Não, já que acreditava antes de morrer, e isto na alma e na consciência. A dor aperta aqui em baixo, mas eleva para o futuro espírita. Notai que Deus soube levar em conta as minhas preces e a minha crença absoluta nele. Estou no caminho da perfeição e chegarei ao fim que me foi permitido entrever. Orai, meus amigos, por esse mundo invisível que preside os vossos destinos. Este intercâmbio fraterno é caridade; é uma poderosa alavanca que põe em comunicação os Espíritos de todos os mundos.

12. — Gostariéis de dirigir algumas palavras à vossa esposa e aos vossos filhos?

— Rogo a todos os meus que creiam em Deus, poderoso, justo, imutável; na prece que consola e alivia; na caridade, que é o ato mais puro da encarnação humana. Que eles se lembrem que se pode dar pouco: o óbolo do pobre é o mais meritório diante de Deus, que sabe que um pobre dá muito dando pouco. É preciso que o rico dê muito e muitas vezes para merecer tanto quanto aquele.

O futuro é a caridade, a benevolência em todas as ações; é crer que todos os Espíritos são irmãos, nunca se aproveitando de todas as vaidades pueris.

Família muito amada, tereis rudes provas, mas sabeis suportá-las com coragem, pensando que Deus as vê.

Dizei frequentemente esta prece:

Deus de amor e de bondade, que dás tudo e sempre, concede-nos essa força que não recua ante nenhuma aflição; torna-nos bons, mansos e caridosos, pequenos pela fortuna, grandes pelo coração; que nosso Espírito seja espírita na terra, para melhor te compreendermos e te amarmos.

Que teu nome, meu Deus, emblema de liberdade, seja o objetivo consolador de todos os oprimidos, de todos os que têm necessidade de amar, perdoar e crer.

CARDON

In:

http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.pt/2009/12/o-espiritismo-rejeita-terminantemente-o_29.html

“...Defensores modernos do conceito de **queda do espírito** dizem, por exemplo, que o número 540 de O Livro dos Espíritos o confirmaria, dando-nos conta de que o arcanjo começou “sendo” átomo e não “no” átomo.

O espírito haver-se-ia transformado em matéria quando “caiu” por causa de sua revolta primordial, congelando-se; seria, agora, a própria matéria. A evolução constituiria uma espécie de descongelamento cujo resultado seria a recuperação da pura espiritualidade perdida. Todavia, este **monismo** de Ualdi e **outras reedições do mito da queda angélica, como a de Roustaing, nada têm a ver com o Espiritismo.**

A Doutrina Espírita, aliás, é dualista; proclama haver dois elementos gerais do universo: a matéria e o espírito, e esclarece que acima de tudo está o Criador. Deus, espírito e matéria são o princípio de tudo o que existe, a trindade universal.[1] Não se trata, porém, de um dualismo cristalizado. Na visão espírita, o conjunto das coisas também se pode reduzir à unidade (**monismo**), senão quanto à sua substância, ao menos quanto às leis pelas quais o universo é ordenado. Os espíritos superiores registraram este princípio, que Herculano Pires chamou de “unidade sequente”, ao dizerem: **“Tudo serve, tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo”**.[2] Em sua última obra, Kardec permaneceu nesta mesma rota conceitual:

“A classificação de **fluidos espirituais** não é rigorosamente exata, uma vez que, definitivamente, eles são sempre matéria mais ou menos quintessenciada. **De espiritual, realmente, só a alma ou princípio inteligente.** Essa denominação é adotada apenas por comparação e, sobretudo, pela afinidade que esses fluidos têm com os espíritos. Pode-se dizer que são a matéria do mundo espiritual, razão pela qual são chamados fluidos espirituais”.[3]

Mas afirmou também o mestre: “[...] tudo se liga, tudo se encadeia no universo; tudo está submetido à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a mais compacta materialidade até a mais pura espiritualidade”.[4]

Além disto, o que de fato está escrito no número 540 do original francês de O Livro dos Espíritos é o seguinte: “[...] depuis l’atome primitif jusqu’à l’archange, qui lui-même a commencé par l’atome”.[5] O arcanjo, portanto, não começou “por ser” átomo,[6] e sim começou “pelo” átomo.[7] O princípio inteligente iniciou a sua evolução no átomo; ele não era o átomo nem se poderia transformar em átomo depois de se haver tornado arcanjo, isto é, puro espírito.

Num artigo de sua Revista, Kardec disse: “O Espiritismo quer ser claro para todos e não deixar aos seus futuros seguidores nenhum motivo para discussão de palavras. Por isso, todos os pontos suscetíveis de interpretação serão elucidados sucessivamente”.[8] Confirmou, então, a doutrina de seu primeiro livro, postulando que “os espíritos não retrogradam”, “de bons, não podem tornar-se maus, nem de sábios, ignorantes”.

Assegurou ainda que “é errado admitir em princípio a encarnação como um castigo”, porque não é “resultado de sua falta”, mas “uma necessidade para o espírito que, realizando a sua missão providencial, trabalha seu próprio adiantamento”...

[1] O Livro dos Espíritos, 27.

[2] PIRES. O Mistério do Ser Ante a Dor e a Morte, II. O Livro dos Espíritos, 540. Grifo meu.

[3] A Gênese, XIV, 5.

[4] A Gênese, XIV, 12.

[5] Le Livre des Sprits. Nouvelle édition conforme à la seconde édition originale de 1860. Union Spirite Française et Francophone. Grifo meu.

[6] G. Ribeiro, F.E.B.

[7] J. H. Pires, L.A.K.E., bem como E. N. Bezerra, F.E.B.

BIBLIOGRAFIA

Entre outras obras, todas as de:

– **Allan Kardec,**

– **Léon Denis,**

– **Gabriel Delanne,**

– **Camille Flammarion,**

– e as não citadas de **Ernesto Bozzano;**

Albert de Rochas; As Vidas Sucessivas; Biblioteca de Ciência e Espiritismo; publicações Lachâtre; S. Paulo/Brasil, 2002; *Les Vies successives, documents pour l'étude de cette question*, Bibliothèque Chacornac, Paris, 1911.

Bush, Nancy Evans (2002) Afterward: making meaning after a frightening near-death experience. *Journal of Near-Death Studies*, 21 (2), 99-133.

Bush, Nancy Evans (2006). "Distressing Near-Death Experiences," presentation at International Association for Near-Death Studies 2006 Annual Conference, University of Texas M.D.Anderson Cancer Center.

Ernest H. PECKHAM, "A Heretic in Heaven", Being the post-mortem memoirs and reflections of "Daddy." Pelo médium Ernest H. PECKHAM (sob o pseudónimo DADDY), Editora: Hutchinson & Co.: London, [1926.]

Ernesto Bozzano; - "A CRISE DA MORTE, SEGUNDO O DEPOIMENTO DOS ESPIRITOS QUE SE COMUNICAM" – Livraria da Federação Espirita Brasileira, Rio de Janeiro 1930, pagg. 156. Para visitar esta obra, com anexos de esclarecimento, visitar:

<http://palavraluz.wordpress.com/category/biblioteca/ernesto-bozzano-a-crise-da-morte-anexo-e-autobiografia/>

Ernesto Bozzano; Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte; Phénomènes psychiques au moment de la mort ;(Paris – 1923).

Ernesto Bozzano; Visão panorâmica ou memória sintética na iminência da morte; "Visione panoramica" o "Memoria sintetica" nell'imminenza della Morte. Tipografia Dante, Città della Pieve – 1931.

"**Raymond: or, Life and Death**" (1916) Filho do Prof. Oliver Lodge (citados e estudados por Ernesto Bozzano). em pdf: <http://ia600301.us.archive.org/27/items/raymondorlifeand032030mbp/raymondorlifeand032030mbp.pdf>

Greyson, Bruce 2003. Incidence and correlates of near-death experiences in a cardiac care unit. *General Hospital Psychiatry* 25:269–276.

Moody, Raymond (1975). *Life After Life*. Mockingbird Books.

Parnia, Sam, D. G. Waller, R. Yeates, and Peter **Fenwick**. 2001. A qualitative and quantitative study of the incidence, features and aetiology of near death experiences in cardiac arrest survivors. *Resuscitation* 48:149–156.

Ring, Kenneth 1980. *Life at Death: A Scientific Investigation of the Near-Death Experience*. Coward, McCann & Geoghegan. New York.

Ring, Kenneth and S. **Cooper**. 1999. *Mindsight: Near-death and Out-of-body experiences in the blind*. Palo Alto: William James Center for Consciousness Studies.

Ring, Kenneth 1984. *Heading Toward Omega: In Search of the Meaning of the Near-Death Experience*. William Morrow. N. York.

Rommer, Barbara (2000). *Blessing in disguise: Another side of the NDE*. St. Paul, MN: Llewellyn Publications.

Sabom, Michael B. 1998. Light and death: One doctor's fascinating account of near-death experiences: "The Case of Pam Reynolds." In *Death: The Final Frontier*, Sabom, M. B., pp. 37–52. Michigan: Zondervan Publishing House.

Van Lommel, Pim, 2006, Near Death Experience, *Consciousness and the Brain* (artigo *World Futures*, 62: 134-151.)

Para consultar uma tradução deste documento, visitar o seguinte endereço:

<http://palavraluz.wordpress.com/2012/11/02/as-experiencias-de-quase-morte-a-consciencia-e-o-cerebro-pelo-dr-pim-van-lommel/>

Van Lommel, Pim, R. Van Wees, V. Meyers, and I. **Elfferich**. 2001. Near-death experience in survivors of cardiac arrest: A prospective study in the Netherlands. *Lancet* 358:2039–2045.

Van Lommel, Pim, R. 2010. *CONSCIOUSNESS BEYOND LIFE: The Science of Near-Death Experience*. HarperCollins Publishers, New York.

SUMÁRIO DOS TEXTOS

1 -A PASSAGEM AO MUNDO ESPIRITUAL de acordo com GABRIEL DELANNE

O ESPIRITISMO PERANTE A CIÊNCIA, de Gabriel Delanne

Fragmento elucidativo da obra citada que, de modo muito mais profundo e abrangente nos oferece uma cosmovisão abrangente das relações entre o mundo da matéria e do mundo espiritual que são pano de fundo das Experiências de Quase-Morte, e que provam de forma substancial o íntimo relacionamento entre os cenários por estas apresentados e o que está contido na ciência espírita.

2 – LÉON DENIS; “DEPOIS DA MORTE” – (Après la Mort – Paris – 1889)

Fragmento de uma obra preciosa de um dos mais altos expoentes da doutrina espírita, Léon Denis (1846-1927) amigo mais jovem mas contemporâneo de Allan Kardec (1804-1869).

Para os amigos a quem falo do espiritismo tenho o hábito de aconselhar, como porta propícia de entrada para o mesmo a leitura desta obra de Léon Denis.

3 - Resumo das Conclusões de “A CRISE DA MORTE” de ERNESTO BOZZANO

Conclusões sintéticas de uma importante obra do distinto investigador italiano que foi sendo citado ao longo deste trabalho.

4/9. A ENUMERAÇÃO DESTES TRECHOS DAS OBRAS DE ALLAN KARDEC serve apenas como registo referencial de passagem para uma leitura mais completa dessas obras, neste caso orientados para um alargamento dos assuntos mais facilmente relacionáveis com o tema das EQM, tratados ao longo dos textos da obra.

O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo I – (114–127)

PARTE 2ª – MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS – CAPÍTULO I – dos Espíritos; Progresso dos Espíritos

O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo III (149 – 165)

PARTE 2ª – MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS – CAPÍTULO III – Do regresso, depois da morte, à vida espiritual / – 1. A alma após a morte; individualidade; vida eterna./ – 2. Separação da alma e do corpo. /– 3. Perturbação espiritual.

O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (258–270)

PARTE 2ª – MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS – CAPÍTULO VI - DA VIDA ESPÍRITA/ – Escolha das provas

O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (304 – 319)

PARTE 2ª – MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS/ – Recordação da existência corpórea

“O LIVRO DOS MÉDIUNS”– Capítulo I – Ação dos Espíritos sobre a matéria - Nº 54; sobre a importância do perispírito; e sobre o facto de a medicina não levar em conta a sua existência

“O CÉU E O INFERNO”, de Allan Kardec - A Passagem

Preparação para a morte; razões morais e consequências respetivas

10 - Depoimento de Stefan von Jankovich

O texto aqui apresentado, de elevado teor informativo foi, nos tempos mais recentes, o primeiro depoimento substancial relativo a este fenómeno. Foi precursor dado que a ressuscitação em causa, largamente comprovada por terceiros – inclusive policias, médicos, entidades assistenciais e outros intervenientes - teve lugar antes da utilização dos modernos processos da desfibrilação.

11 . Depoimento de Nicole Dron

Mais um depoimento dos considerados referenciais deste fenómeno na área europeia; profunda sensibilidade descritiva, relacionamentos comprováveis por largo número de pessoas e de factos vividos e documentados.

12 - Sobre a Epistemologia Espírita, por JOSÉ HERCULANO PIRES

– Estudo e crítica do conhecimento científico à luz do Espiritismo;

Fragmento de uma obra de princípios filosóficos de autoria de um elevadíssimo expoente da cultura espírita brasileira.

13 - Sobre André Luiz – SÉRGIO FERNANDES ALEIXO

Blogue ENSAIOS DA HORA EXTREMA – Espiritismo em Crítica e Autocrítica

Dada a pertinência filosófica e doutrinária dos trabalhos deste autor, aqui se inclui um dos numerosos estudos que desmistifica noções que adquiriram grande “popularidade”, mas – como se poderá constatar pela argumentação desenvolvida – com nulo acolhimento no universo qualificado da doutrina científico-filosófica que é o espiritismo de acordo com a respetiva codificação.

14 - Duas psicografias sobre o momento da morte

Uma modesta homenagem aos generosos trabalhadores da mediunidade, aqueles que têm mantido viva entre os homens a voz autêntica dos ESPÍRITOS.

15 - Allan Kardec – A GÉNESE – São Chegados Os Tempos

Citação de uma citação que, além de ser referência de companheirismo espírita, ilustra com particular incidência de qualidade filosófica e sentimento espiritual, um termo referido nas **Algumas Conclusões** finais (**vidé pág. 159**) .

O ESPIRITISMO PERANTE A CIÊNCIA, de **Gabriel Delanne**

(Le Spiritisme devant la science)

Paris, E. Dentu, 1885.

Quarta Parte IV – Hipótese

A VIDA DO ESPÍRITO

Tomemos a alma ao sair deste mundo e vejamos o que se passa depois dessa transmigração.

Extinguindo-se as forças vitais, o Espírito desprende-se do corpo no momento em que cessa a vida orgânica; a separação, porém, não é brusca e instantânea.

Começa, algumas vezes, antes da cessação da vida; não é sempre completa no instante da morte.

Demonstramos que entre o espírito e o corpo há um **laço semimaterial** que constitui um primeiro invólucro; não se rompe subitamente e, enquanto subsiste, o Espírito fica num **estado de perturbação**, que pode ser comparado ao que sucede ao despertar;

muitas vezes, mesmo, **duvida da morte**; sente que existe e não compreende que possa viver sem o corpo, de que se vê separado; os laços que o unem à matéria o tornam, mesmo, acessível a certas sensações físicas; dizia um deles que sentia os vermes roerem-lhe o corpo.

O Espírito só se reconhece depois de completamente livre: até aí ele não conhece perfeitamente a sua situação. A duração desse estado de perturbação é variável; pode ser de algumas horas ou de muitos anos, mas **é raro que, ao fim de alguns dias, ele não se reconheça, mais ou menos bem**.

Não falamos senão das almas chegadas já a certo grau de adiantamento moral, porque, entre os selvagens, a vida espiritual não é suficientemente ativa para que eles se identifiquem com a nova situação. Faz-se que estes Espíritos reencarnem muito rapidamente, a fim de apressar o momento em que, gozando de seu inteiro livre-arbítrio, tornar-se-ão os únicos senhores de seus destinos.

Do mesmo modo, para muitos Espíritos das nações civilizadas, a morte produz tal alteração, que eles acham tudo estranho e é preciso certo tempo para que se familiarizem com a nova maneira de perceber as coisas.

É solene o momento em que um deles vê cessar a sua escravidão pela ruptura do laço que o retém ao corpo.

À entrada no mundo dos Espíritos ele é acolhido por amigos que o recebem, como de volta de penosa viagem. Encontra os mortos amados, cuja perda lhe tinha sido aflitivo pesar, e se a travessia foi feliz, se o tempo de exílio foi empregado de forma proveitosa, é por eles felicitado pelo combate corajosamente sustentado. Aos pais juntam-se os amigos que ele conheceu outrora e todos, felizes e radiantes, voam no éter infinito. Começa, então, verdadeiramente, para ele uma nova existência.

O INVÓLUCRO FLUÍDICO DO ESPÍRITO constitui uma espécie de corpo de forma definida, limitada e **análoga à nossa**. Vimos, pelo estudo dos turbilhões de Helmholtz, como se poderia conceber este estado, mas este corpo não tem absolutamente os nossos órgãos e não pode sentir todas as nossas impressões.

Na Terra, a visão, a audição, o tato dependem de instrumentos cuja grosseria não nos permite sentir as vibrações, em número infinito, que se estendem além dos limites de nossas fracas percepções; mas essas vibrações existem e, para o ser que as pode captar e lhes compreender a linguagem, devem elas ter uma voz mais penetrante que o majestoso murmúrio do oceano e as queixas misteriosas do vento através das florestas.

O Espírito sente tudo o que percebemos: a luz, o som, os odores, e estas sensações não são menos reais, por nada terem de material; elas possuem, mesmo, algo de mais claro, mais preciso e mais sutil, porque chegam à alma sem intermediário, sem passar, como entre nós, pela série dos sentidos, que as esmaecem.

A faculdade de perceber é inerente ao espírito; é um atributo dos seres; as sensações lhe chegam de toda parte e não de certas partes determinadas. Um deles dizia, falando da vista: “é uma faculdade do Espírito e não do corpo; vedes pelos olhos, **mas não é o corpo que vê, é o Espírito**”.

Pela conformação de nossos órgãos, **temos necessidade de certos veículos** para nossas sensações; é assim que nos é preciso a luz para refletir os objetos, o ar para nos transmitir os sons; esses veículos se tornam inúteis, desde que não possuamos os intermediários que os exigiam.

O Espírito vê, pois, sem o socorro da luz, ouve sem necessidade das vibrações do ar. Não há, por isso, escuridão para eles.

Temos, assim, a chave das notáveis propriedades dos sonâmbulos lúcidos, que vêem e ouvem muito além do alcance dos sentidos materiais. É que a alma, desprendida, goza de parte das prerrogativas que possui em estado de desencarnação.

Mas, as sensações perpétuas e indefinidas, por mais agradáveis que sejam, tornam-se fatigantes, por fim, se a elas não nos podemos subtrair. A alma tem a faculdade de suspendê-las; ela pode à vontade deixar de ver, ouvir, sentir, ou só sentir, ouvir e ver o que quer. Essa faculdade está em razão da superioridade do ser, porque há coisas que os Espíritos inferiores não podem evitar, o que lhes torna a situação penosa.

É essa nova maneira de sentir que o Espírito, a princípio, não esclarece, e de que não se apercebe senão pouco a pouco. Os atrasados não a compreendem mesmo nada e teriam muita dificuldade em descrevê-la, tal como entre nós os ignorantes, que vêem e se movem sem saber como.

Essa incapacidade de compreender o que lhes está acima do entendimento, unida à arrogância, companheira habitual da ignorância, é a causa das teorias absurdas que apresentam certos Espíritos, e que a nós próprios induziriam em erro se aceitássemos sem controle e sem nos certificarmos pelos meios fornecidos pela experiência e pelo hábito de conversar com eles, do grau de confiança que merecem.

Há sensações que têm origem no próprio estado dos nossos órgãos; ora, as necessidades inerentes ao nosso corpo não podem existir desde que esteja destruído o nosso invólucro carnal.

O Espírito não experimenta, pois, nem a fadiga, nem a necessidade de repouso, nem a da nutrição, porque não há nenhum dispêndio a reparar; as enfermidades não o afligem.

Se, algumas vezes, os médiuns vêem Espíritos corcundas ou coxos, é porque eles tomam essa forma para se darem melhor a conhecer pelas pessoas com quem se relacionaram na Terra.

As necessidades do corpo acarretam deveres sociais que não têm razão de ser para os Espíritos; assim, as preocupações dos negócios, as mil inquietações a que nos expõe a necessidade de ganhar a vida, a procura das quimeras que nos lisonjeiam a vaidade, os tormentos que criamos a nós próprios para alcançar superfluidades, já não existem para eles. Sorriem de pena, vendo o trabalho a que nos entregamos, para adquirir riquezas vãs ou ridículas frioleiras. **É preciso**, porém, certo grau de **elevação** para contemplar as coisas dessa altura. Os Espíritos vulgares interessam-se mais pelas nossas lutas materiais e tomam parte nelas numa certa medida, incitando-nos para o bem ou para o mal, conforme sua natureza boa ou perversa.

Os Espíritos inferiores sofrem, mas essas angústias não deixam de ser menos dolorosas por nada terem de físicas. Eles têm todas as paixões, todos os desejos que os apoquentam em vida, e é seu castigo o não poder satisfazê-los. É para eles uma verdadeira tortura, que acreditam perpétua, porque a própria inferioridade não lhes permite ver seu termo, o que é um castigo suplementar.

A palavra articulada é também uma necessidade da nossa organização; **os Espíritos** não precisam de sons que lhes vão ferir os ouvidos; **compreendem-se pela transmissão do pensamento**, como acontece aqui compreendermo-nos pelo olhar. Os espíritos podem, entretanto, produzir certos ruídos; sabemos que eles são capazes de agir sobre a matéria, e esta nos transmite o som; é assim que eles fazem ouvir pancadas ou gritos e, às vezes, cantos no vazio do espaço.

Enquanto arrastamos penosamente nosso corpo material, na terra, rastejando presos ao solo, **os Espíritos**, vaporosos, etéreos, **transportam-se sem fadiga de um lugar a outro**, transpõem incomensuráveis espaços, **com a rapidez do pensamento**, e penetram em toda parte, sem encontrar obstáculos.

O Espírito vê tudo o que vemos e mais claramente; percebe aquilo que os nossos limitados sentidos não permitem e, **penetrando na matéria**, descobre o que ela oculta à nossa vista.

Os Espíritos não são seres vagos, indefinidos, como se gostou de imaginá-los até agora, mas individualidades reais, determinadas, circunscritas, que **gozam de todas as nossas faculdades e de muitas outras** que nos são desconhecidas, porque inerentes à sua natureza.

Eles têm as qualidades da matéria que lhes é própria e formam a população desse universo invisível que nos comprime, nos rodeia, nos acotovela, sem cessar.

Suponhamos, um instante, que o véu material que os oculta à nossa vista se levanta; **veríamos uma multidão de seres a cercar-nos, a se agitarem em torno de nós, a contemplar-nos, como o faríamos se, por acaso, nos achássemos em uma reunião de cegos.**

Para os Espíritos, somos tomados de cegueira e eles são os videntes.

A PASSAGEM DOS ESPÍRITOS À VIDA ESPIRITUAL

Dissemos que o Espírito, **ao entrar na sua nova vida**, leva algum tempo para reconhecer-se, que tudo é estranho e desconhecido para ele. Perguntar-se-á, sem dúvida, como pode ser assim, se ele já teve outras existências corporais; essas passagens sobre a Terra foram separadas por intervalos no mundo dos Espíritos e, enfim, uma vez que o espaço é sua verdadeira pátria, o Espírito não deve encontrar-se como exilado.

Várias causas tendem a tornar novas para ele essas percepções, apesar de já as ter experimentado.

A morte, já o dissemos, é seguida sempre de um instante de perturbação, mas que pode ser de duração curta. Dissipada essa turvação, as ideias elucidam-se pouco a pouco e com elas **a lembrança do passado**, que só gradualmente volta à memória. Só quando o Espírito está **inteiramente desmaterializado** é que se desenrolam diante de si as suas **vidas anteriores**, como uma perspectiva, ao sair lentamente do nevoeiro que a envolvia.

Somente então se lembra da última existência; depois, o panorama das suas passagens sobre a Terra e as voltas ao Espaço se lhes desvelam diante dos olhos. **Vê o progresso que fez** e os que lhe falta fazer e assim nasce o desejo de reencarnar, a fim de chegar mais depressa aos mundos felizes que entrevê.

Concebe-se, pois, segundo isso, que **o mundo dos Espíritos** deve parecer-lhe novo, até ao momento em que a memória inteiramente lhe volta. Mas a esta causa é preciso outra, que não é menos preponderante.

O estado do Espírito, como Espírito, varia extraordinariamente, consoante a sua elevação e pureza. À medida que sobe intelectualmente e progride moralmente, as suas percepções e sensações tornam-se menos grosseiras, adquirem mais finura, mais delicadeza; vê, sente e compreende as coisas que não podia ver nem sentir, nem compreender numa condição inferior.

Sendo cada existência corpórea motivo de progresso, é sempre conduzido a um meio novo habitado por espíritos de outra ordem com pensamentos e hábitos diferentes.

Acresce que **essa depuração permite-lhe o acesso a mundos inacessíveis** aos espíritos inferiores, a quem, como entre nós, são interditos os salões da aristocracia a gente mal educada. Quanto menos esclarecido é, mais limitado o horizonte; à medida que ele se eleva e se depura, o horizonte alarga e com ele o círculo de suas ideias e de suas percepções. A comparação seguinte poderá ser esclarecedora:

Suponhamos um campônio bruto e ignorante que vem pela primeira vez a Paris; compreenderá ele Paris do mundo elegante e culto? Não, porque só irá dar-se com os indivíduos da sua classe nos bairros em que habitam. Se numa segunda visita vier com melhor polimento e instrução, outros serão os seus hábitos e relações pessoais. Verá então um Paris que em nada se parecerá com o que conheceu anteriormente.

Acontece o mesmo com os Espíritos; nem todos, porém, experimentarão esse grau de incerteza. À medida que progredirem, as ideias desenvolvem-se, a memória torna-se mais ágil, familiarizam-se antecipadamente com a sua nova posição, e no regresso ao convívio dos Espíritos já nada os surpreende; encontram-se no seu meio e, passado o primeiro momento de perturbação, reconhecem-se quase imediatamente.

Tal é a situação geral dos Espíritos **no estado que se chama errante**; nesta situação, que fazem eles? Em que é que ocupam o tempo? Esta questão é para nós de um interesse capital. Importa-nos, com efeito, fixar-nos sobre este ponto, porque **é do nosso futuro espiritual que se trata**, não sendo descabidos os mais circunstanciados

detalhes. Aliás, são os próprios Espíritos que respondem a estas interrogações, porque em tudo o que expusemos até então, nada é produto da imaginação.

Extraímos do ensino de Allan Kardec todas as informações necessárias e ele próprio baseou a sua teoria nas comunicações recebidas de todas as partes do globo; ela oferece, pois, todo o carácter da verdade.

Seja qual for a opinião que se tenha sobre o Espiritismo, convir-se-á que esta teoria da vida no além-túmulo nada tem de irracional; ela apresenta uma sequência, um encadeamento perfeitamente lógico, dos quais qualquer filósofo se poderia honrar.

Já dissemos que seria grave erro acreditar que **a vida dos Espíritos** é ociosa; pelo contrário, é **essencialmente ativa** e todos os Espíritos nos falam de suas ocupações; diferem, necessariamente, se o espírito é errante ou encarnado.

AS FUNÇÕES DOS ESPÍRITOS ENCARNADOS

Na encarnação são relativas à natureza dos planetas em que habitam, às necessidades que dependem do estado físico e moral desses planetas, assim como da organização dos seres vivos.

Os dados da Ciência, expostos com tão luminosa clareza nas “TERRAS DO CÉU”, por **Camille Flammarion**, já nos dão ideia do que é a vida na superfície dos planetas do nosso sistema solar.

O nosso objetivo não é recommençar o que tão bem fez o célebre astrónomo; não falaremos senão dos Espíritos errantes.

AS FUNÇÕES DOS ESPÍRITOS NA ERRATICIDADE

Entre os seres que atingiram certo grau de elevação, uns velam pelo cumprimento dos desígnios de Deus, nos grandes destinos do Universo:

Dirigem a marcha dos acontecimentos e concorrem para o progresso dos mundos;

Outros tomam os indivíduos sob sua proteção e constituem-se seus espíritos tutelares, guias espirituais, que os acompanham do nascimento à morte, procurando dirigi-los na senda do bem; é uma felicidade, quando os seus esforços são coroados de êxito;

Alguns encarnam em mundos inferiores, para aí exercerem missões de progresso; procuram, por seus trabalhos, seus exemplos, seus conselhos, seus ensinamentos, fazê-los avançar nas ciências, nas artes, ou na moral. Submetem-se, então, voluntariamente, às vicissitudes de uma vida corporal, muitas vezes penosa, com o fim de praticar o bem e isso lhes é contado.

Muitos, enfim, não têm atribuições especiais; vão a toda parte onde sua presença pode ser útil, dar conselhos, inspirar boas ideias, sustentar as coragens titubeantes, dar força aos fracos e castigar os presunçosos.

Se considerarmos **o número infinito dos mundos** que povoam o Universo e a quantidade incalculável de seres que os habitam, conceber-se-á que existe ocupação para todos. Os diversos trabalhos nada têm de penoso, eles o fazem voluntariamente e não por constrangimento, e a felicidade consiste em conseguir o que empreendem. Ninguém pensa na ociosidade eterna, que seria um suplício.

Quando as circunstâncias o exigem, reúnem-se em conselho, deliberam sobre o que devem fazer, dão ordens aos Espíritos subordinados e dirigem-se em seguida para onde o dever os chama. Essas assembleias são gerais ou particulares, conforme a importância do assunto; nenhum lugar especial é destinado a essas reuniões; **o espaço é o domínio dos Espíritos**; entretanto elas limitam-se em geral aos globos que constituem o seu objetivo.

Os Espíritos encarnados nesses mundos e que têm uma missão a cumprir assistem muitas vezes a essas assembleias. Enquanto os corpos repousam, vão receber conselhos entre os outros Espíritos, muitas vezes receber ordens sobre a conduta que devem manter como homens. Ao despertar não têm, é verdade, lembrança precisa do que se passou, mas possuem a intuição que os faz agir, inconscientemente.

Descendo na hierarquia, encontramos **Espíritos menos elevados**, menos esclarecidos, mas que não deixam de ser bons, e que, numa esfera de atividade mais restrita, preenchem funções análogas.

A ação deles, em vez de estender-se aos diferentes mundos, exerce-se especialmente sobre determinado globo, em relação com seu grau de adiantamento; sua influência é mais individual e tem por objeto ações menos importantes. Vem em seguida **a multidão dos Espíritos vulgares**, mais ou menos bons ou maus, **que pululam em torno de nós**. Eles se elevam pouco acima da humanidade, da qual representam todos os matizes e são como que o reflexo, porque dela têm todos os vícios e todas as virtudes; em grande número deles, reencontram-se os gostos, as ideias, os pendores que tinham em vida; as faculdades lhes são limitadas, o julgamento falível como o dos homens, muitas vezes errôneo e imbuído de preconceitos. Noutros, o senso moral é mais desenvolvido; sem grande superioridade nem profundidade, julgam mais judiciosamente e condenam o que fizeram, disseram ou pensaram

durante a vida. Aliás, há isto de notável, é que mesmo entre os Espíritos mais ordinários, **há na maior parte, sentimentos mais puros na erraticidade que na encarnação**; a vida espiritual esclarece-os sobre os seus defeitos e, com poucas exceções, arrependem-se amargamente e lamentam o mal que fizeram, pelo qual sofrem mais ou menos cruelmente.

O endurecimento absoluto é muito raro e apenas temporário, porque, cedo ou tarde, se lamentam do seu estado. Pode-se dizer que todos aspiram à perfeição, porque percebem que é o único meio de saírem da posição inferior que ocupam.

AS EXISTÊNCIAS SUCESSIVAS...

Em resumo, vimos que **a alma se desenvolve-se por sucessivas existências**; que tendo partido do mais rudimentar estado, do qual encontramos o exemplo nos povos selvagens, deve elevar-se de degrau em degrau até à soma de qualidades e perfeições que se podem adquirir na Terra.

Quando atingiu o fim que aqui lhe estava assinalado, sobe para os mundos superiores, onde melhores destinos a esperam. Poder-se-ia supor que o progresso eterno tem um limite e que a perfeição deve ser atingida um dia. É um erro, oriundo da nossa natureza limitada, que faz do Universo e do infinito estreita e mesquinha ideia, pouco em harmonia com a realidade das coisas.

Quando contemplamos a fraca parte do Universo que nossos instrumentos nos fazem conhecer, o Espírito recua, deslumbrado, diante dos milhares de mundos que povoam os espaços.

Se, pelo pensamento, medirmos o tempo que nos é indispensável para fixar uma qualidade, se lançarmos um olhar retrospectivo sobre as inúmeras encarnações que nos foi preciso suportar, para chegar, somente, ao nosso estado atual, compreenderemos, então, que **a nossa ascensão indefinida** pede um tempo enorme, e de tal ordem, que as mais arrojadas concepções não no-lo podem fazer conceber.

Entretanto, como Deus cria sem cessar, pode-se supor que há Espíritos que já percorreram todas as fases e que chegaram, enfim, à perfeição absoluta. É, ainda, uma falsa interpretação, porque a perfeição absoluta é Deus, isto é, o infinito e a eternidade.

Ora, tendo tido um começo, **a alma do homem nunca será eterna, é simplesmente imortal.**

É uma função que cresce desde zero até ao infinito. Pretendeu-se algumas vezes que a alma fosse criada.

Segundo o que pensamos, esta maneira de ver é errónea, porque se admitirmos a existência de Deus, ele deve ser o autor de tudo o que existe; sem isto ele não teria razão alguma de ser.

Aliás, uma vez que progredimos, elevando-nos de encarnação em encarnação, vemos que ingressamos na vida por um estado de simplicidade no qual não tínhamos faculdade alguma das que hoje possuímos.

Adquirimo-las insensivelmente por meio de uma série de lutas contra a matéria; ora, se fôssemos eternos, que significaria a progressão?

Na eternidade não poderíamos aumentar nem diminuir, seríamos imutáveis por nossa própria natureza. Demonstrando-nos ao contrário a experiência que nós progredimos intelectualmente **daí devemos concluir que fomos criados.**

A imensidade e a eternidade são os únicos limites que encontramos para o progresso, o que vale dizer: **o progresso não tem limites.**

Não nos devemos espantar com esta perspectiva, porque sabemos, de experiência, que a cada descoberta nova, a cada aquisição intelectual está ligada uma felicidade, que se acrescenta à que já gozávamos.

À medida que as nossas faculdades se ampliam, elas exercem-se num campo cada vez mais vasto, abraçam horizontes mais extensos e, como o Universo é ilimitado, podemos imaginar que nos será necessária a eternidade para compreendê-lo e aprofundar-lhe as leis.

Confiantes na bondade do pai celestial, devemos crer nas promessas dos Espíritos superiores que nos assistem; verificando a felicidade inefável de que gozam, a elevação e a beleza do seu ensino, o nosso único objetivo deve ser o de igualá-los, certos de que o poder divino saberá recompensar sempre os nossos esforços, proporcionando-nos a felicidade pelos trabalhos que tivermos suportado.

1 - As Religiões; A Doutrina Secreta

Nota: O texto seguinte é apenas um fragmento de uma obra preciosa, publicada em Paris em 1889, por um dos mais altos expoentes da doutrina espírita, **Léon Denis** (1846-1927) amigo mais jovem mas contemporâneo de **Allan Kardec** (1804-1869).

“**Depois da Morte**” é uma obra referencial da cultura espírita que tem o seguinte sub-título: “Exposição da doutrina dos espíritos – solução científica e racional dos problemas da vida e da morte, natureza e destino do ser humano, as vidas sucessivas.”

Para os amigos a quem falo do espiritismo tenho o hábito de aconselhar, como porta propícia de entrada para o mesmo a leitura desta obra de Léon Denis.

“...Quando se lança um golpe de vista sobre o passado, quando se evoca a recordação das religiões desaparecidas, das crenças extintas, apodera-se de nós uma espécie de vertigem ante o aspecto das sinuosidades percorridas pelo pensamento humano. Lenta é a sua marcha. Parece, a princípio, comprazer-se nas criptas sombrias da Índia, nos templos subterrâneos do Egito, nas catacumbas de Roma, na meia-luz das catedrais; parece preferir os lugares escuros à atmosfera pesada das escolas, o silêncio dos claustros às claridades do céu, aos livres espaços, numa palavra, ao estudo da Natureza.

Um primeiro exame, uma comparação superficial das crenças e das superstições do passado conduz inevitavelmente à dúvida. Mas, levantando-se o véu exterior e brilhante que ocultava às massas os grandes mistérios, penetrando-se nos santuários da idéia religiosa, achamo-nos em presença de um fato de alcance considerável. As formas materiais, as cerimônias extravagantes dos cultos tinham por fim chocar a imaginação do povo. Por trás desses véus, as religiões antigas apareciam sob aspecto diverso, revestiam caráter grave e elevado, simultaneamente científico e filosófico. O seu ensino era duplo: exterior e público de um lado, interior e secreto de outro, e, neste último caso, reservado somente aos iniciados. Conseguiu-se, não há muito, reconstituir esse ensino secreto, após pacientes estudos e numerosas descobertas epigráficas. Desde então, dissiparam-se a obscuridade e a confusão que reinavam nas questões religiosas; com a luz, fez-se a harmonia. Adquiriu-se a prova de que todos os ensinos religiosos do passado se ligam, porque, na sua base, encontra-se uma só e a mesma doutrina, transmitida de idade em idade a uma série ininterrupta de sábios e pensadores.

Todas as grandes religiões tiveram duas faces, uma aparente, outra oculta. Está nesta o espírito, naquela a forma ou a letra. Debaixo do símbolo material, dissimula-se o sentido profundo. O Bramanismo, na Índia, o Hermetismo, no Egito, o Politeísmo grego, o próprio Cristianismo, na sua origem, apresentam esse duplo aspecto. Julgá-las pela face exterior e vulgar é o mesmo que apreciar o valor moral de um homem pelos trajes. Para conhecê-las é preciso penetrar o pensamento íntimo que lhes inspira e motiva a existência; cumpre desprender do selo dos mitos e dogmas o princípio gerador que lhes comunica a força e a vida. Descobre-se, então, a doutrina única, superior, imutável, de que as religiões humanas não são mais que adaptações imperfeitas e transitórias, proporcionadas às necessidades dos tempos e dos meios.

Na nossa época, muitos fazem uma concepção do Universo, uma idéia da verdade, absolutamente exterior e material. A ciência moderna, nas suas investigações, tem-se limitado a acumular o maior número de fatos e, depois, a deduzir daí as suas leis. Obteve, assim, maravilhosos resultados, porém, por tal preço, ficar-lhe-á sempre inacessível o conhecimento dos princípios superiores e das causas primitivas. As próprias causas secundárias escapam-lhe. O domínio invisível da vida é mais vasto do que aquele que é atingido pelos nossos sentidos: lá reinam essas causas de que somente vemos os efeitos.

Na antiguidade tinham outra maneira de ver, e um proceder muito diferente. Os sábios do Oriente e da Grécia não desdenhavam observar a natureza exterior, porém era sobretudo no estudo da **alma**, de suas potências íntimas, que descobriam os princípios eternos. Para eles, a **alma** era como um livro em que se inscrevem, em caracteres misteriosos, todas as realidades e todas as leis. Pela concentração das suas faculdades, pelo estudo profundo e meditativo de si mesmos, elevaram-se até à Causa sem causa, até ao princípio de que derivam os seres e as coisas. As leis inatas da inteligência explicavam-lhes a harmonia e a ordem da Natureza, assim como o estudo da alma lhes dava a chave dos problemas da vida.

A alma, acreditavam, colocada entre dois mundos, o visível e o oculto, o material e o espiritual, observando-os, penetrando em ambos, é o instrumento supremo do conhecimento. Conforme o seu grau de adiantamento ou de pureza, reflete, com maior ou menor intensidade, os raios do foco divino. A razão e a consciência não só guiam a nossa apreciação e os nossos atos, mas também são os mais seguros meios para adquirir e possuir a verdade.

A tais pesquisas era consagrada a vida inteira dos iniciados. Não se limitavam, como nos nossos dias, a preparar a mocidade com estudos prematuros, insuficientes, mal dirigidos, para as lutas e deveres da existência. Os adeptos eram escolhidos, preparados desde a infância para a carreira que deviam preencher e, depois, levados gradualmente aos píncaros intelectuais, de onde se pode dominar e julgar a vida. Os princípios da ciência secreta eram-lhes comunicados numa proporção relativa ao desenvolvimento das suas inteligências e qualidades morais. A iniciação era uma refundição completa do caráter, um acordar das faculdades latentes da alma. Somente quando tinha sabido extinguir em si o fogo das paixões, comprimir os desejos impuros, orientar os impulsos do seu ser para o Bem e para o Belo, é que o adepto participava dos grandes mistérios. Obtinha, então, certos poderes sobre a Natureza, e comunicava-se com as potências ocultas do Universo.

Não deixam subsistir dúvida alguma sobre tal ponto os testemunhos da História a respeito de Apolônio de Tiana e de Simão, o Mago, bem como os fatos, pretensamente miraculosos, levados a efeito por Moisés e pelo Cristo. Os iniciados conheciam os segredos das forças fluídicas e magnéticas. Esse domínio, pouco familiar aos sábios dos nossos dias, a quem se afiguram inexplicáveis os fenómenos do sonambulismo e da sugestão, no meio dos quais se debatem impotentes em conciliá-los com teorias preconcebidas, esse domínio, havia a ciência oriental dos santuários explorado, e estava possuidora de todas as suas chaves. Nele encontrava meios de ação incompreensíveis para o vulgo, mas facilmente explicáveis pelos fenómenos do Espiritismo. Em suas experiências fisiológicas, a ciência contemporânea chegou ao pórtico desse mundo oculto conhecido dos antigos e regido por leis exatas. Ainda bem perto está o dia em que a força dos acontecimentos e o exemplo dos audaciosos constrangê-la-ão a tal. Reconhecerá, então, que nada há aí de sobrenatural, mas, ao contrário, uma face ignorada da Natureza, uma manifestação das forças sutis, **um aspecto novo da vida que enche o infinito.**

Se, do domínio dos fatos, passarmos ao dos princípios, teremos de esboçar desde logo as grandes linhas da **doutrina secreta**. Ao ver desta, a vida não é mais que a evolução, no tempo e no espaço, do Espírito, única realidade permanente. A matéria é a sua expressão inferior, sua forma variável. O Ser por excelência, fonte de todos os seres, é Deus, simultaneamente triplo e uno – essência, substância e vida –, em que se resume todo o Universo. Daí o deísmo trinitário que, da Índia e do Egito, passou, desfigurando-se, para a doutrina cristã. Esta, dos três elementos do Ser, fez as pessoas. A **alma** humana, parcela da **grande alma**, é imortal. Progride e sobe para o seu autor através de existências numerosas, alternativamente terrestres e espirituais, por um aperfeiçoamento contínuo. Em suas encarnações, constitui ela o homem, cuja natureza ternária – **o corpo, o perispírito e a alma** –, centros correspondentes da **sensação, sentimento e conhecimento**, torna-se um microcosmo ou pequeno mundo, imagem reduzida do macrocosmo ou Grande-Todo. Eis por que podemos encontrar Deus no mais profundo do nosso ser, interrogando a nós mesmos na solidão, estudando e desenvolvendo as nossas faculdades latentes, a nossa razão e consciência. Tem duas faces a vida universal: a involução ou descida do Espírito à matéria para a criação individual, e a evolução ou ascensão gradual, na cadeia das existências, para a Unidade divina.

Prendia-se a esta filosofia um feixe inteiro de ciências: a Ciência dos Números ou Matemáticas Sagradas, a Teogonia, a Cosmogonia, a Psicologia e a Física. Nelas, os métodos indutivo e experimental combinavam-se e serviam-se reciprocamente de verificação, formando, assim, um todo imponente, um edifício de proporções harmónicas.

Este ensino abria ao pensamento perspectivas suscetíveis de causarem vertigem aos espíritos mal preparados, e por isso era somente reservado aos fortes. Se, por verem o infinito, as almas débeis ficam perturbadas e desvairadas, as valentes fortificam-se e medram. É no conhecimento das leis superiores que estas vão beber a fé esclarecida, a confiança no futuro, a consolação na desgraça. Tal conhecimento produz

benevolência para com os fracos, para com todos esses que se agitam ainda nos círculos inferiores da existência, vítimas das paixões e da ignorância; inspira tolerância para com todas as crenças. O iniciado sabia unir-se a todos e orar com todos. Honrava Brahma na Índia, Osíris em Mênfis, Júpiter na Olímpia, como pálidas imagens da Potência Suprema, diretora das almas e dos mundos. É assim que a verdadeira religião se eleva acima de todas as crenças e a nenhuma maldiz.

O ensino dos santuários produziu homens realmente prodigiosos pela elevação de vistas e pelo valor das obras realizadas, uma elite de pensadores e de homens de ação, cujos nomes se encontram em todas as páginas da História.

Daí saíram os grandes reformadores, os fundadores de religiões, os ardentes propagandistas: Krishna, Zoroastro, Hermes, Moisés, Pitágoras, Platão e Jesus; todos os que têm posto ao alcance das multidões as verdades sublimes que fazem sua superioridade.

Lançaram aos ventos a semente que fecunda as almas, promulgaram a lei moral, imutável, sempre e em toda parte semelhante a si mesma. Mas, não souberam os discípulos guardar intacta a herança dos mestres. Mortos estes, os seus ensinamentos ficaram desnaturados e desfigurados por alterações sucessivas. A mediocridade dos homens não era apta a perceber as coisas do espírito e bem depressa as religiões perderam a sua simplicidade e pureza primitivas. As verdades que tinham sido ensinadas foram sufocadas sob os pormenores de uma interpretação grosseira e material.

Abusou-se dos símbolos para chocar a imaginação dos crentes e, bem depressa, a “idea mater” ficou sepultada e esquecida sob eles. A verdade é comparável às gotas de chuva que oscilam na extremidade de um ramo. Enquanto aí ficam suspensas, brilham como puros diamantes aos raios do Sol; desde, porém, que tocam o chão, confundem-se com todas as impurezas. O que nos vem de cima mancha-se ao contacto terrestre. Até mesmo ao seio dos templos levou o homem as suas concupiscências e misérias morais. Por isso, em cada religião, o erro, este apanágio da Terra, mistura-se com a verdade, este bem dos céus...”

Nota: Este resumo das conclusões da conhecida e muito importante obra de Ernesto Bozzano está um pouco sintetizado e diferente da edição mencionada na Bibliografia, mas foi revisto a partir do original italiano.

A sua leitura fornece um importante documento confirmativo de muitas das informações contidas em vários pontos deste trabalho

RESUMOS DE CONCLUSÕES

No vasto e muito importante ramo da metapsíquica, em que se estuda o tema das “revelações transcendentais” (comunicações mediúnicas), tudo ainda está por fazer, do ponto de vista da investigação científica do imenso material que já foi recolhido.

A presente obra é o primeiro ensaio analítico destinado a demonstrar o valor científico deste ramo da metapsíquica, injustamente desprezado.

Era indispensável demonstrar que as “revelações transcendentais” concordam entre si e mutuamente se confirmam, o que não pode ser atribuído nem a “coincidências fortuitas”, nem a reminiscências subconscientes de conhecimentos adquiridos pelos médiuns (criptomnesia).

Em primeiro lugar, demonstrei incontestavelmente, baseado em fatos, que as mensagens mediúnicas, em que os Espíritos dos defuntos descrevem as fases por que passaram na crise da morte e as circunstâncias em que fizeram sua entrada no meio espiritual, concordam admiravelmente entre si.

(...)

TODOS OS ESPÍRITOS COMUNICANTES AFIRMARAM QUE:

1º) Se encontraram novamente com a forma humana na nova existência;

2º) **ignoraram durante algum tempo que estavam mortos;**

3º) passaram pela prova da reminiscência sintética de todos os acontecimentos da existência (“**visão panorâmica**” ou “epílogo da morte”);

4º) foram **acolhidos no mundo espiritual pelos Espíritos das pessoas de suas famílias e de seus amigos mortos;**

5º) passaram quase todos por uma fase mais ou menos longa de “**sono reparador**”;

6º) encontraram **um meio espiritual radioso** (no caso de mortos moralmente normais) e **um meio tenebroso e opressivo** (no caso de mortos moralmente depravados);

7º) verificaram que o meio espiritual é um novo mundo objetivo, substancial, real, análogo ao meio terrestre **espiritualizado;**

8º) Isso deve-se ao facto de que, no mundo espiritual o pensamento constitui uma força criadora, por meio da qual todos os Espíritos existentes no “plano astral” podem reproduzir em torno de si o meio das suas recordações;

9º) A **transmissão do pensamento** é a forma da linguagem espiritual, se bem que certos Espíritos recém-chegados se iludam e julguem conversar por meio da palavra;

10º) A **faculdade da visão espiritual**, permite ver os objetos por todos os lados, e também pelo seu interior e através deles;

11º) Os Espíritos **podem transportar-se** instantaneamente de um lugar para outro, ainda que muito distante, **apenas por um ato da vontade**, o que não impede também que possam passear no meio espiritual, ou esvoaçar a alguma distância do solo;

12º) **Os Espíritos dos mortos gravitam fatal e automaticamente para a esfera espiritual que lhes convém, por virtude da “lei de afinidade”.**

Estes doze detalhes das comunicações feitos pelos espíritos das pessoas falecidas apresentam aos vivos um quadro esquemático completo dos sucessos que aguardam todos os humanos, no curso da crise da morte, e das impressões que os esperam à sua chegada no meio espiritual.

Não existe nas narrações um só elemento importante, a cujo respeito os Espíritos que conosco comunicam difiram entre si ou possa ser considerado contraditório. Essa comprovação tem imenso valor teórico a favor da origem autenticamente espírita das “revelações transcendentais” tomadas em conjunto.

Há outro grupo teoricamente muito importante, relativo a incidentes mais insignificantes, inesperados ou estranhos, mas que tornam impossível a hipótese das “coincidências fortuitas” ou da “criptomnesia”:

OS ESPÍRITOS AFIRMARAM TAMBÉM QUE:

1º) Os Espíritos dos familiares antes falecidos, a quem nos ligámos em vida, intervêm para acolher e guiar os recém-desencarnados, antes de começar a fase do “sono reparador”.

2º) Quando viram os seus cadáveres no leito de morte, geralmente falam do fenómeno do “corpo etéreo”, condensando-se acima do “corpo somático”. Este detalhe concorda quase sempre com o que afirmam os videntes que estiveram à cabeceira.

3º) Como não pode haver no mundo material individualidades idênticas, também não podem existir desencarnadas na mesma escala de elevação espiritual; mesmo as chamadas “almas gémeas” devem – a dado momento – separar-se no mundo espiritual, **se bem que possam ver-se quando o queiram.**

4º) Embora os Espíritos tenham a faculdade de criar mais ou menos bem, pela força do pensamento, o que lhes seja necessário, todavia sempre que se tratar de obras complexas e importantes, a tarefa é confiada a grupos de Espíritos nisso especializados.

5º) **Os Espíritos quando dominados por paixões humanas**, conservam-se ligados ao meio onde viveram, por um lapso mais ou menos longo de tempo.

Segue-se que, não podendo gozar do benefício do sono reparador, **esses Espíritos persistem na ilusão de se julgarem ainda vivos**, se bem que presos de estranho sonho, ou de um opressivo pesadelo.

Neste caso, tornam-se, muitas vezes, “Espíritos assombradores”, ou “perseguidores”.

6º) Dizem com unanimidade que no mundo espiritual os Espíritos hierarquicamente inferiores não podem aperceber-se dos que lhes são superiores. Isto dá-se em consequência de serem diversas as tonalidades vibratórias de seus “corpos etéreos”.

7º) As dilacerantes crises de dor, que frequentemente se produzem junto dos leitos de morte, não somente são penosas para os Espíritos dos defuntos, **como os impedem de entrar em relação com as pessoas que lhes são caras e os retêm no meio terrestre.**

8º) Finalmente, afirmam em uníssono que algumas vezes, quando se encontram sós e tomados de incertezas e perplexidades de toda sorte, percebem uma voz que lhes chega de longe e os aconselha sobre o que devem fazer. É uma voz vinda de Espíritos amigos que, tendo-lhes percebido de modo telepático os pensamentos, se apressam em lhes transmitir seus conselhos.

Ninguém pode deixar de perceber que as concordâncias cumulativas, acerca de numerosos detalhes secundários dessa espécie, são inexplicáveis por quaisquer teorias, exceto por aquela segundo a qual se supõe que, sendo as personalidades mediúnicas, com efeito, Espíritos de mortos, essas personalidades relatam circunstâncias verídicas e comuns à experiência de todos.

Nesse caso, o fato em si das concordâncias nas revelações transcendentais não implicaria um enigma a resolver-se; tudo se explicaria da maneira mais simples e natural de imaginar.

Esta conclusão já se desenha como racionalmente inevitável num longínquo futuro. Contudo, ainda nos resta discutir o segundo problema a que dá lugar a tese com que nos ocupamos, isto é, o que diz respeito à possibilidade de serem essas concordâncias atribuídas a “coincidências fortuitas”, ou a **reminiscências subconscientes de conhecimentos adquiridos pelos médiuns (criptomnesia).**

Excluo sem hesitação a hipótese das “coincidências fortuitas”, que não se sustenta em face da natureza das concordâncias assinaladas, sobretudo se se levar em conta que a eficácia demonstrativa dessas concordâncias reveste carácter cumulativo.

Resta a hipótese da “criptomnesia”, segundo a qual os médiuns teriam aprendido de antemão os informes que dão sobre o mundo espiritual. Se assim fosse, mesmo se eles não se lembrassem já de tais informes, deveria supor-se que estes tinham emergido das suas subconsciências, em virtude das condições mediúnicas.

Esta hipótese pode-se combater por meio de numerosas objeções-refutações. A primeira consiste nisto: seria não só absolutamente arbitrário mas também contrário à lógica supor-se que todos os médiuns, com cujo auxílio estas mensagens foram obtidas, devessem possuir erudição completa, relativamente às doutrinas espíritas. O bom senso bastaria para demonstrar “a priori” que esta tese não é sustentável. Em todo caso, os fatos mostram, “a posteriori”, que é errônea.

“O LIVRO DOS ESPIRITOS”, DE ALLAN KARDEC

O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo I – (114–127)

PARTE 2ª – MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO I – dos Espíritos

Progresso dos Espíritos

114. Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que se melhoram?

“São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada.”

115. Dos Espíritos, uns terão sido criados bons e outros maus?

“**Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes**, isto é, sem o conhecimento. A cada um deu determinada missão, com o fim de esclarecê-los e de os fazer chegar progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si. Nesta perfeição é que eles encontram a pura e eterna felicidade. Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que os Espíritos adquirem aquele conhecimento. Uns aceitam submissos essas provas e chegam mais depressa à meta que lhes foi assinada. Outros só a suportam recalcitrando e, por essa falta cometida, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade.”

a) - Segundo o que acabais de dizer, os Espíritos, na sua origem, seriam como as crianças, ignorantes e inexperientes, só adquirindo pouco a pouco os conhecimentos de que carecem ao percorrerem as diferentes fases da vida?

“Sim, a comparação é boa. A criança rebelde conserva-se ignorante e imperfeita. O seu aproveitamento depende da sua maior ou menor docilidade. A vida material do homem, contudo, tem um fim, ao passo que a dos Espíritos se prolonga até ao infinito.”

116. Haverá Espíritos que se conservem eternamente nas ordens inferiores?

“Não; todos se tornarão perfeitos. Mudam de ordem, mas demoradamente, porquanto, como já doutra vez dissemos, um pai justo e misericordioso não pode banir os seus filhos para sempre. Pretenderias que Deus, tão grande, tão bom, tão justo, fosse pior do que vós mesmos?”

117. Depende dos Espíritos o progredirem mais ou menos rapidamente para a perfeição?

“Certamente. Alcançam-na mais ou menos rapidamente, conforme o desejo disso e a submissão que testemunham à vontade de Deus. Uma criança dócil instrui-se mais depressa do que outra recalcitrante.”

118. Os Espíritos degeneram?

“Não; à medida que avançam, compreendem o que os distanciava da perfeição.

Concluindo uma prova, o Espírito fica com a ciência que daí lhe veio e não a esquece. **Pode permanecer estacionário, mas não recua na sua evolução.**”

119. Não podia Deus isentar os Espíritos das provas que lhes cumpre sofrer para chegarem à primeira ordem?

“Se Deus os tivesse criado perfeitos, nenhum mérito teriam para gozar dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o merecimento sem a luta? Além disso, a desigualdade existente entre eles é necessária às suas personalidades. Acresce ainda que as missões que desempenham nos diferentes graus da escala estão nos desígnios da Providência, para a harmonia do Universo.”

Dado que na vida social todos os homens podem chegar às mais altas funções, poderia perguntar-se por que razão o soberano de um país não faz de cada um de seus soldados um general? Porque todos os empregados subalternos não são funcionários superiores? Porque todos os colegas não são mestres? Ora, entre a vida social e a espiritual há esta diferença: enquanto a primeira é limitada e nem sempre permite que o homem suba todos os seus degraus, a segunda é indefinida e **a todos oferece a possibilidade de se elevarem ao grau supremo.**

120. Todos os Espíritos passam pela fieira do mal para chegar ao bem?

“Pela fieira do mal, não; pela fieira da ignorância.”

121. Porque seguiram alguns Espíritos o caminho do bem e outros o do mal?

“Não têm o livre-arbítrio? Deus não os criou maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem como para o mal. Os que são maus, tornaram-se assim por vontade própria.”

122. Como podem os Espíritos, na sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, gozar da liberdade de escolha entre o bem e o mal? Há neles algum princípio, qualquer tendência que os encaminhe para uma senda de preferência a outra?

“O livre-arbítrio desenvolve-se à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram.”

a) Onde vêm as influências que se exercem sobre ele?

“Dos Espíritos imperfeitos, que procuram apoderar-se dele, dominá-lo, e que rejubilam com o fazê-lo sucumbir. Foi isso o que se intentou simbolizar na figura de Satanás.”

b) Tal influência só se exerce sobre o Espírito em sua origem?

“Acompanha-o na sua vida de Espírito, até que haja conseguido tanto império sobre si mesmo, que os maus desistem de obsidiá-lo.”

123. Porque permite Deus que os Espíritos possam tomar o caminho do mal?

“Como ousais pedir a Deus contas de Seus atos? Supondes poder penetrar-lhe os desígnios? Podeis, todavia, dizer o seguinte: A sabedoria de Deus está na liberdade de escolher que Ele deixa a cada um, porquanto, assim, cada um tem o mérito de suas obras.”

124. Havendo Espíritos que, desde o princípio, seguem o caminho do bem absoluto e outros o do mal absoluto deve haver gradações entre esses dois extremos, não é verdade?

“Certamente. E os que se acham nos graus intermediários constituem a maioria.”

125. Os Espíritos que enveredaram pela senda do mal poderão chegar ao mesmo grau de superioridade que os outros?

“Sim; mas as eternidades lhes serão mais longas.” Por estas palavras - as eternidades - deve entender-se a ideia que os Espíritos inferiores fazem da perpetuidade de seus sofrimentos, cujo termo não lhes é dado ver, ideia que revive todas as vezes que sucumbem numa prova.

126. Chegados ao grau supremo da perfeição, os Espíritos que andaram pelo caminho do mal têm, aos olhos de Deus, menos mérito do que os outros?

“Deus olha de igual maneira para os que se transviaram e para os outros e a todos ama com o mesmo coração. Aqueles são chamados maus, porque sucumbiram. Antes, não eram mais que simples Espíritos.”

127. Os Espíritos são criados iguais quanto às faculdades intelectuais?

“São criados iguais, porém, não sabendo donde vêm, preciso é que o livre-arbítrio siga seu curso. Eles progredem mais ou menos rapidamente em inteligência como em moralidade.”

Os espíritos que desde o princípio seguem o caminho do bem nem por isso são Espíritos perfeitos. Não têm, é certo, maus pendores, mas precisam adquirir a experiência e os conhecimentos indispensáveis para alcançar a perfeição. Podemos compará-los a crianças que, seja qual for a bondade de seus instintos naturais, necessitam de se desenvolver e esclarecer e que não passam, sem transição, da infância à maturidade. Simplesmente, assim como há homens que são bons e outros que são maus desde a infância, também há Espíritos que são bons ou maus desde a origem, com a diferença capital de que a criança tem instintos já inteiramente formados, enquanto que o Espírito, ao formar-se, não é nem bom, nem mau; tem todas as tendências e toma uma ou outra direção, por efeito do seu livre-arbítrio.

O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo III (149–165)

PARTE 2ª – MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO III – Do regresso, depois da morte, à vida espiritual

- 1. A alma após a morte; individualidade; vida eterna.
- 2. Separação da alma e do corpo.
- 3. Perturbação espiritual.

A ALMA APÓS A MORTE

149. Que sucede à alma no instante da morte?

“Volta a ser Espírito, isto é, regressa ao mundo dos Espíritos, donde se apartara momentaneamente.”

150. A alma, após a morte, conserva a sua individualidade?

“Sim, jamais a perde. Que seria ela se não a conservasse?”

a) - Como comprova a alma a sua individualidade, uma vez que já não tem corpo material?

“Continua a ter um fluido que lhe é próprio, tirado da atmosfera do seu planeta e que guarda a aparência de sua última encarnação: o seu perispírito.”

b) - A alma nada leva consigo deste mundo?

“Nada, a não ser a lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor, lembrança cheia de doçura ou de amargor, conforme o uso que fez da vida. Quanto mais pura for, melhor compreenderá a futilidade do que deixa na Terra.”

151. Que pensar da opinião dos que dizem que após a morte a alma retorna ao todo universal?

“O conjunto dos Espíritos não forma um todo? Não constitui um mundo completo?”

Quando estás numa assembleia, és parte integrante dela; mas, não obstante, conservas sempre a tua individualidade.”

152. Que prova podemos ter da individualidade da alma depois da morte?

“Não tendes essa prova nas comunicações que recebeis? Se não fôsseis cegos, veríeis; se não fôsseis surdos, ouviríeis; pois que muito amiúde uma voz vos fala, reveladora da existência de um ser que está fora de vós.”

Os que pensam que, pela morte, a alma reingressa no todo universal estão em erro, se supõem que, semelhante à gota d'água que cai no Oceano perde ali a individualidade. Estão certos, se por todo universal entendem o conjunto dos seres incorpóreos, conjunto de que cada alma ou Espírito é um elemento.

Se as almas se confundissem numa amálgama só teriam as qualidades do conjunto, nada as distinguiria uma das outras. Careceriam de inteligência e de qualidades pessoais quando, ao contrário, em todas as comunicações, denotam ter consciência do seu eu e vontade própria. A diversidade infinita que apresentam, sob todos os aspetos, é a consequência mesma de constituírem individualidades diversas. Se, após a morte, só houvesse o que se chama o grande Todo, a absorver todas as individualidades, esse Todo seria uniforme e, então, as comunicações que se recebessem do mundo invisível seriam idênticas. Desde que, porém, lá se nos deparam seres bons e maus, sábios e ignorantes, felizes e desgraçados; que lá os há de todos os caracteres: alegres e tristes, levianos e ponderados, etc., patente se faz que eles são seres distintos. A individualidade ainda mais evidente se torna, quando esses seres provam a sua identidade por indicações incontestáveis, particularidades individuais verificáveis, referentes às suas

vidas terrestres. Também não pode ser posta em dúvida, quando se fazem visíveis nas aparições. A individualidade da alma era-nos ensinada em teoria, como artigo de fé. O Espiritismo torna-a evidente e, decerto modo, material.

153. Em que sentido se deve entender a vida eterna?

“A vida do Espírito é que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retoma a vida eterna.”

a) Não seria mais exato chamar vida eterna à dos Espíritos puros, dos que, tendo atingido a perfeição, não estão sujeitos a sofrer mais prova alguma?

“Essa é antes a felicidade eterna. Mas isto constitui uma questão de palavras.

Chamai as coisas como quiserdes, contanto que vos entendais.”

SEPARAÇÃO DA ALMA E DO CORPO

154. É dolorosa a separação da alma e do corpo?

“Não; o corpo quase sempre sofre mais durante a vida do que no momento da morte; a alma nenhuma parte toma nisso. Os sofrimentos que algumas vezes se experimentam no instante da morte são um gozo para o Espírito, que vê chegar o termo do seu exílio.”

Na morte natural, a que sobrevém pelo esgotamento dos órgãos, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem o perceber: é uma lâmpada que se apaga por falta de óleo.

155. Como se opera a separação da alma e do corpo?

“Rotos os laços que a retinham, ela desprende-se.”

a) A separação dá-se instantaneamente por transição brusca? Há alguma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte?

“Não; a alma desprende-se gradualmente, não se escapa como um pássaro cativo que se restitua subitamente à liberdade. Aquelles dois estados tocam-se e confundem-se, de forma que o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam. Esses laços desatam-se, não se quebram.”

Durante a vida, o Espírito acha-se preso ao corpo pelo seu envoltório semimaterial ou perispírito. A morte é a destruição do corpo somente, não a desse outro invólucro, que do corpo se separa quando cessa neste a vida orgânica.

A observação demonstra que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; que, ao contrário, se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos.

– Nuns é bastante rápido, podendo dizer-se que o momento da morte é mais ou menos o da libertação.

– Noutros, sobretudo naqueles cuja vida foi materialista e sensual, o desprendimento é muito menos rápido, durando algumas vezes dias, semanas e até meses; o que não implica que reste no corpo a mínima vitalidade nem a possibilidade de regressar à vida, mas uma simples afinidade com o Espírito que conserva sempre a mesma proporção que, durante a vida, o Espírito deu à matéria.

É razoável e percebe-se bem que quanto mais o Espírito se tenha identificado com a matéria, tanto mais penoso lhe seja separar-se dela; ao passo que a atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida do corpo, de modo que, em chegando a morte, ele é quase instantâneo.

Tal o resultado dos estudos feitos em todos os indivíduos que se têm podido observar por ocasião da morte.

Essas observações provam também que a afinidade que persiste entre a alma e o corpo, em certos indivíduos é, às vezes, muito penosa, porquanto o Espírito pode sofrer o horror da decomposição. Este caso, porém, é excepcional e peculiar a certos géneros de vida e a certos géneros de morte. Verifica-se em casos de suicídio.

156. A separação definitiva da alma e do corpo pode ocorrer antes da cessação completa da vida orgânica?

“Na agonia, a alma, algumas vezes, já abandonou o corpo; já nada existe senão a vida orgânica. O homem já não tem consciência de si mesmo; entretanto, ainda lhe resta um sopro de vida orgânica. O corpo é a máquina que o coração põe em movimento. Existe enquanto o coração faz circular nas veias o sangue, para o que não necessita da alma.”

157. No momento da morte, a alma sente, alguma vez, qualquer aspiração ou êxtase que lhe faça entrever o mundo onde vai de novo entrar?

“Muitas vezes a alma sente que se desfazem os laços que a prendem ao corpo. Faz então todos os esforços para desfazê-los inteiramente. Já em parte desprendida da matéria, vê o futuro desdobrar-se diante de si e goza, por antecipação, do estado de Espírito.”

158. O exemplo da lagarta que anda de rastos pela terra, depois se encerra na sua crisálida em estado de morte aparente, para enfim renascer com uma existência brilhante, pode dar-nos ideia da vida terrestre, do túmulo e, finalmente, da nossa nova existência?

“Uma ideia acanhada. A imagem é boa; todavia, cumpre não seja tomada ao pé da letra, como frequentemente vos sucede.”

159. Que sensação experimenta a alma no momento em que reconhece estar no mundo dos Espíritos?

“Depende. Se praticou o mal impelida pelo desejo de o praticar, no primeiro momento sentir-se-á envergonhada. Com a alma do justo as coisas passam-se de modo bem diferente. Sente-se aliviada de grande peso, pois não teme nenhum olhar perscrutador.”

160. O Espírito encontra-se imediatamente com os que conheceu na Terra e que morreram antes dele?

“**Sim, conforme a afeição que lhes votava e a que eles lhe consagravam.** Muitas vezes aqueles seus conhecidos vêm recebe-lo à entrada do mundo dos Espíritos e ajudam-no a desligar-se das faixas da matéria. Encontra-se também com muitos dos que conheceu e perdeu de vista durante a sua vida terrena. Vê os que estão na erraticidade, como vê os encarnados e vai visitá-los.”

161. Em caso de morte violenta e acidental, quando os órgãos ainda não se enfraqueceram em consequência da idade ou da doença, a separação da alma e a cessação da vida ocorrem simultaneamente?

“Geralmente sim; mas o instante que medeia entre uma e outra é muito breve.”

162. Após a decapitação, por exemplo, o homem conserva por alguns instantes a consciência de si mesmo?

“Não raro alguns minutos, até que a vida orgânica se tenha extinguido completamente. Mas quase sempre a apreensão da morte faz-lhe perder aquela consciência antes do momento do suplício.”

Trata-se aqui da consciência que o supliciado pode ter de si mesmo, como homem e por intermédio dos órgãos, e não como Espírito. Se não perdeu essa consciência antes do suplício, pode conservá-la por alguns breves instantes. Cessa necessariamente com a vida orgânica do cérebro, o que não quer dizer que o perispírito esteja inteiramente separado do corpo. Ao contrário: **em todos os casos de morte violenta**, quando a morte não resulta da extinção gradual das forças vitais, mais tenazes são os laços que prendem o corpo ao perispírito e, portanto, mais lento o desprendimento completo.

PERTURBAÇÃO ESPIRITUAL

163. A alma tem consciência de si mesma imediatamente depois de deixar o corpo?

“Imediatamente não é bem o termo. A alma passa algum tempo em estado de perturbação.”

164. A perturbação que se segue à separação da alma e do corpo é do mesmo grau e da mesma duração para todos os Espíritos?

“Não; **depende da elevação de cada um.** Aquele que já está purificado, reconhece-se quase imediatamente, pois que se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria.”

165. O conhecimento do Espiritismo exerce alguma influência sobre a duração, mais ou menos longa, da perturbação?

“**Tem grande influência porque o Espírito já antecipadamente compreendia a sua situação. A prática do bem e a consciência pura são, contudo, o que mais influência exercem.**”

Por ocasião da morte, tudo, a princípio, é confuso.

A alma precisa de algum tempo para entrar no conhecimento de si mesma. Acha-se aturdida, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se. A lucidez das ideias e a memória do passado regressam à medida que se apaga a influência da matéria que ela acaba de abandonar, e à medida que se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

O tempo que dura a perturbação que se segue à morte é **muito variável.**

Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos.

Aqueles que na Terra se identificam com o estado futuro que os aguarda, são os que esperam menos, porque compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

A perturbação apresenta circunstâncias especiais, de acordo com os caracteres dos indivíduos e, principalmente, com o género de morte.

Nos casos de morte violenta, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito fica surpreendido, espantado e não acredita estar morto. Pensa obstinadamente que não está. No entanto, vê o seu próprio corpo, reconhece que esse corpo é seu, mas não compreende que se ache separado dele.

Acerca-se das pessoas que estima, fala-lhes e não percebe por que elas não o ouvem.

Semelhante ilusão prolonga-se até ao completo desprendimento do perispírito.

Só então o Espírito se reconhece como tal e compreende que já não pertence ao número dos vivos.

Este fenómeno explica-se facilmente: Surpreendido de improviso pela morte o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou; considera ainda a morte como sinónimo de destruição, de anulamento.

Como ainda pensa, vê e ouve, tem a sensação de não estar morto. Mais lhe aumenta a ilusão o fato de se ver com um corpo semelhante, na forma, ao precedente, mas cuja natureza etérea ainda não teve tempo de estudar.

Julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando se lhe chama a atenção para esse ponto, admira-se de **não poder palpá-lo.**

É o mesmo que acontece com alguns sonâmbulos inexperientes, que julgam que não estão a dormir. Para eles o sono é sinónimo de suspensão das faculdades. Como pensam livremente e vêem, julgam naturalmente que não estão a dormir.

Certos Espíritos revelam essa particularidade se bem que a morte não lhes tenha acontecido de surpresa. Todavia, mais acontece aos que, embora doentes, não pensavam em morrer. Observa-se então o espetáculo singular de um Espírito assistir ao seu próprio funeral como sendo o de um estranho; falar como não lhe dizendo respeito, até ao momento em que compreende a verdade.

A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem, que se conserva calmo, semelhante em tudo a quem acompanha as fases de um tranquilo despertar.

Para aquele cuja consciência ainda não está pura, a perturbação é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam à proporção que ele da sua situação se compenetra.

Nos casos de morte coletiva, tem sido observado que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre tornam a ver-se logo. Presos da perturbação que se segue à morte, cada um vai para seu lado, ou só se preocupa com os que lhe interessam.

O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (257)

PARTE 2ª – MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO VI - DA VIDA ESPÍRITA

Ensaio teórico da Sensação nos Espíritos

257.

“...O corpo é o instrumento da dor; se não é a sua causa primeira, é pelo menos a causa imediata. A alma tem a percepção dessa dor: essa percepção é o efeito.

A lembrança que dela conserva pode ser muito penosa, **mas não pode implicar ação física.**

Com efeito, o frio e o calor não podem desorganizar os tecidos da alma; **a alma não pode regelar-se nem queimar.**

Não vemos, todos os dias, a lembrança ou a preocupação de um mal físico produzir os seus efeitos? E até mesmo ocasionar a morte? Todos sabem que as pessoas que sofreram amputações sentem dor no membro que não mais existe. Seguramente não é esse membro a sede nem o ponto de partida da dor; o cérebro conservou a impressão, eis tudo.

Podemos portanto supor que há qualquer coisa de semelhante nos sofrimentos dos Espíritos depois da morte. Um estudo mais aprofundado do **perispírito**, que desempenha papel tão importante em todos os fenómenos espíritas, — nas aparições vaporosas ou tangíveis, no estado do Espírito no momento da morte, na ideia tão frequente de que ainda está vivo, na situação surpreendente dos suicidas, dos supliciados, dos que se absorveram

nos prazeres materiais, e tantos outros fatos, — veio lançar luz sobre esta questão, dando lugar às explicações de que apresentamos um resumo.

O **perispírito** é o liame que une o Espírito à matéria do corpo; é tomado do meio ambiente, do fluido universal, contém ao mesmo tempo eletricidade, fluido magnético, e até um certo ponto, a própria matéria inerte. Poderíamos dizer que é a quintessência da matéria. **É o princípio da vida orgânica**, mas não o da vida intelectual, porque esta pertence ao Espírito. **É também o agente das sensações externas.**

No corpo, estas sensações localizam-se nos órgãos que lhes servem de canais. Destruído o corpo, as sensações tornam-se generalizadas. Eis porque o Espírito não diz que sofre mais da cabeça que dos pés.

É necessário, aliás, não confundir as sensações do perispírito independente com as do corpo; não podemos tomar estas últimas senão como termo de comparação, e não como analogia.

Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal; Não obstante, não é um sofrimento exclusivamente moral, como o remorso, pois queixa-se de frio e de calor.

Também não sofre mais no inverno do que no verão: **vimo-los passar através das chamas sem nada experimentar de penoso, o que mostra que a temperatura não exerce sobre eles nenhuma impressão.**

A dor que sentem não é a dor física propriamente dita; é um vago sentimento íntimo, de que o próprio Espírito nem sempre tem perfeita consciência, porque a dor não está localizada e não é produzida por agentes exteriores; É mais uma reminiscência do que uma realidade, porém igualmente penosa. Algumas vezes há mais do que isso, como veremos..."

A experiência ensina-no que, **no momento da morte, o perispírito desprende-se mais ou menos lentamente do corpo.**

Nos primeiros instantes, o Espírito não compreende a sua situação; não acredita que morreu; sente-se vivo; vê o seu corpo de lado, sabe que é o seu e não entende porque está separado.

Esse estado dura o tempo em que existir um liame entre o corpo e o perispírito.

Um suicida dizia-nos:

– "Não, não estou morto", e acrescentava: " sinto os vermes que me roem".

Ora, seguramente os vermes não roíam o perispírito, e menos ainda o Espírito, mas o corpo. Como a separação do corpo e do perispírito não estava completa, havia **uma espécie de repercussão moral**, que lhe transmitia a sensação do que se passava no corpo. Repercussão não é bem o termo, pois poderia dar ideia de um efeito muito material. Era antes a visão do que se passava no corpo, ao qual o perispírito continuava ligado, que produzia essa ilusão, tomada como real. Assim, não se tratava de uma lembrança, pois durante a vida ele **não** fora roído pelos vermes; era uma sensação atual. **Isto demonstra, pois, as deduções que podemos tirar dos fatos quando atentamente observados.**

Durante a vida, o corpo recebe as impressões e transmite-as ao Espírito, por intermédio do perispírito, que constitui, provavelmente, o que se costuma chamar de **fluido nervoso**.

O corpo, estando morto, não sente mais nada, porque não possui Espírito nem perispírito.

O Espírito, desligado do corpo, experimenta a sensação, mas como esta não lhe chega por um canal limitado, torna-se geral.

Como o perispírito é apenas um agente de transmissão, pois é o Espírito que possui a consciência, deduz-se que, se pudesse existir perispírito sem Espírito, ele não sentiria mais do que um corpo morto. Da mesma maneira, **se um Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a todas as sensações penosas; é o que acontece com os Espíritos completamente purificados.**

Sabemos que quanto mais o Espírito se purifica, mais eterizada se torna a essência do perispírito, de maneira que a influência material diminui, à medida que o Espírito progride, ou seja, à medida que o perispírito se torna menos grosseiro.

Mas, dir-se-á, as sensações agradáveis são transmitidas ao Espírito pelo perispírito, tanto quanto as desagradáveis. Ora, se o Espírito puro é inacessível a umas, deve sê-lo igualmente às outras. Sim, sem dúvida, àquelas que provêm unicamente da influência da matéria que conhecemos; **o som** dos nossos instrumentos, **o perfume** das nossas flores, não lhe produzem nenhuma impressão, **e não obstante eles gozam de sensações íntimas, de um encanto indefinível**, das quais não podemos fazer a mínima ideia, porque estamos para elas como os cegos de nascença para a luz.

Sabemos que isso existe, mas de que modo? Para nós a ciência fica por aí. Sabemos que o Espírito tem percepção, sensação, audição, visão; que essas faculdades são atributos de todo o ser, e não apenas de certos órgãos, como nos homens. Mas, ainda uma vez, de que forma? Isso é o que não sabemos. Os próprios Espíritos não podem

explicar-nos porque a nossa linguagem não foi feita para exprimir ideias que não possuímos, assim como na língua dos selvagens, não há termos para a expressão de nossas artes, nossas ciências e nossas doutrinas filosóficas.

Ao dizer que os Espíritos são inacessíveis às impressões da nossa matéria, referimo-nos aos Espíritos mais elevados, cujo envoltório eterizado não encontra termo de comparação na terra. Não se dá o mesmo com aquele cujo perispírito é mais denso, pois ele percebe os nossos sons e sente os nossos odores, mas não por uma parte determinada do seu organismo, como quando vivo.

Poderíamos dizer que as vibrações moleculares fazem-se sentir em todo o seu ser, chegando assim ao seu “*sensorium commune*” (Uma tradução literal dos termos latinos usados por Kant seria “sensório comum”. O termo “*sensorium commune*” foi introduzido por Boécio, *Topica Aristotelis*, 8, 5, no sentido de sede da sensibilidade física. Em *Regras para a direção do espírito*, Descartes emprega o termo “*sensus communis*”), que é o próprio Espírito, mas de maneira diversa, produzindo talvez uma impressão diferente, que acarreta uma modificação na percepção.

Eles **ouvem o som da voz**, e no entanto compreendem-nos sem a necessidade da palavra, pela simples **transmissão do pensamento**, o que é demonstrado pelo fato de ser essa penetração mais fácil para o Espírito desmaterializado.

A faculdade de ver é um atributo essencial da alma, para a qual não há obscuridade, e apresenta-se mais ampla e penetrante entre os que estão mais purificados.

A alma, ou o Espírito, têm portanto em si mesmo a faculdade de todas as percepções. Na vida corpórea, elas são obliteradas pela grosseria dos nossos órgãos; na vida extracorpórea, libertam-se cada vez mais, à medida que se torna menos denso o envoltório semimaterial.

Tomado do meio ambiente, esse envoltório varia segundo a natureza dos mundos. **Ao passar de um mundo para outro, os Espíritos mudam de envoltório**, como mudamos de roupa ao passar do Inverno ao Verão, ou do Pólo ao Equador.

Os Espíritos mais elevados, quando vêm visitar-nos, revestem o perispírito terrestre, e então as suas percepções assemelham-se às dos Espíritos vulgares; mas todos eles, inferiores ou superiores, não ouvem e não sentem senão o que querem ouvir e sentir.

Como não possuem órgãos sensoriais, podem ativar ou desativar as suas percepções, havendo apenas uma coisa que são forçados a ouvir: os conselhos dos bons Espíritos.

A vista é sempre ativa, mas eles podem tornar-se invisíveis uns para os outros. Conforme a classe a que pertençam, podem ocultar-se dos que lhes são inferiores, mas não dos superiores.

Nos primeiros momentos após a morte, a vista do Espírito é sempre turva e confusa, esclarecendo-se na proporção em que ele se liberta e podendo adquirir a mesma clareza que tinha durante a vida, **além da possibilidade de penetrar nos corpos opacos.**

Quanto à sua extensão através do espaço infinito, **no passado e no futuro**, depende do grau de pureza e elevação do Espírito.

Toda esta teoria, dir-se-á, não é muito tranquilizadora. Pensávamos que, uma vez desembaraçados do nosso envoltório grosseiro, instrumento de nossas dores, não sofreríamos mais, e nos ensinaiis que sofreremos ainda, pois podemos ainda sofrer, e muito, durante longo tempo. Mas podemos também não sofrer mais, desde o instante em que deixamos esta vida corpórea.

Os sofrimentos deste mundo decorrem às vezes de nossa própria vontade. Remontando à origem, veremos que a maioria são consequência de causas que poderíamos ter evitado. Quantos males, quantas enfermidades, o homem deve apenas aos seus excessos, à sua ambição, às suas paixões, enfim? O homem que tivesse vivido sempre sobriamente, que não houvesse abusado de nada, que tivesse sido sempre de gostos simples e desejos modestos, se pouparia de muitas tribulações. O mesmo acontece ao Espírito: os sofrimentos que ele enfrenta são sempre consequência da maneira por que viveu na terra. Não terá, sem dúvida, a gota e o reumatismo, mas terá outros sofrimentos que não serão menores.

Já vimos que esses sofrimentos são o resultado dos laços que ainda existem entre o Espírito e a matéria. Que quanto mais ele estiver desligado da influência da matéria, quanto mais desmaterializado, menos sensações penosas sofrerá. Depende dele afastar-se dessa influência, desde esta vida, pois tem o livre-arbítrio e por conseguinte a faculdade de escolha entre o fazer e o não fazer. Que dome as suas paixões animais, que não tenha ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; que não se deixe dominar pelo egoísmo; que purifique sua alma, pelo bons sentimentos; que pratique o bem; que não dê às coisas deste mundo senão a importância que elas merecem; e, então, mesmo sob o seu envoltório corpóreo, já se terá purificado, desprendido da matéria, e quando o deixar, não sofrerá mais a sua influência. Os sofrimentos físicos porque tiver passado não lhe deixarão nenhuma lembrança

penosa; não lhe restará nenhuma impressão desagradável, porque estas não afetaram o Espírito, mas apenas o corpo; sentir-se-á feliz por se ter libertado, e a tranquilidade de sua consciência o afastará de todo sofrimento moral.

Interpelamos sobre o assunto milhares de Espíritos, pertencentes a todas as classes sociais, a todas as posições. Estudamo-los em todos os períodos da vida espírita, desde o instante em que deixaram o corpo. Seguimo-los passo a passo na vida de além-túmulo, para observar as modificações que neles se operavam, nas suas idéias, nas suas sensações. E a esse respeito os homens vulgares não foram os que nos forneceram menos preciosos elementos de estudo. Vimos sempre que os sofrimentos estão em relação com a conduta, da qual sofrem as consequências, e que essa nova existência é uma fonte de felicidade inefável para aqueles que tomaram o bom caminho. De onde se segue que os que sofrem é porque assim quiseram, e só devem queixar-se de si mesmos, tanto no outro mundo quanto neste.

Nota de tradução – Sou um admirador da rapidez de reflexos das traduções brasileiras. Allan Kardec usa o termo “sensorium commune” que tem, como está referido acima, um significado especial. Guillon Ribeiro utilizou na sua tradução o termo latino deixando ao leitor o trabalho de ir ver o que significa. Ao tempo, uma tarefa difícil. Na tradução do insigne José Herculano Pires aparece, “senso comum” que, no meu modesto entender, tem um significado diferente dado o uso subjetivo que a expressão adquiriu. Kardec, aliás, refere a seguir que o “sensorium commune” é o próprio espírito, e é o que está na versão francesa, o que não compreendo perfeitamente bem.

O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (258–270)

PARTE 2ª – MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS CAPÍTULO VI - DA VIDA ESPÍRITA

Escolha das provas

258. Quando na erraticidade, antes de começa ruma nova existência corporal, o Espírito tem consciência e previsão do que lhe sucederá no decurso da vida terrena?

“Ele próprio escolhe o género de provas por que há-de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio.”

a) - Não é Deus, então, quem lhe impõe as tribulações da vida, como castigo?

“Nada ocorre sem a permissão de Deus, porquanto foi Deus quem estabeleceu todas as leis que regem o Universo. Ide agora perguntar por que decretou Ele esta lei e não aquela. Dando ao Espírito a liberdade de escolher, Deus lhe deixa a inteira responsabilidade de seus atos e das consequências que estes tiverem. Nada lhe estorva o futuro; abertos se lhe acham, assim, o caminho do bem, como o do mal. Se vier a sucumbir, restar-lhe-á a consolação de que nem tudo se lhe acabou e que a bondade divina lhe concede a liberdade de recomeçar o que foi mal feito. Demais, cumpre se distinga o que é obra da vontade de Deus do que o é da do homem. Se um perigo vos ameaça, não fostes vós quem o criou e sim Deus. Vosso, porém, foi o desejo de a ele vos expordes, por haverdes visto nisso um meio de progredirdes, e Deus o permitiu.”

259. Do fato de pertencer ao Espírito a escolha do género de provas que deva sofrer, seguir-se-á que todas as tribulações que experimentamos na vida fomos nós que as previmos e buscámos?

“Todas não, porque não escolhemos nem prevemos tudo o que nos sucede no mundo até às mínimas coisas. Escolhemos apenas o género das provações; os detalhes derivam das situações encontradas e são, muitas vezes, consequências das nossas próprias ações.

(...)

260. Como pode o Espírito desejar nascer entre gente de má vida?

“É para ser posto num meio onde possa sofrer a prova que pediu, evidentemente!

É necessário que haja analogia. Para lutar contra o instinto do roubo, preciso é que se ache em contacto com gente dada à prática de roubar.”

a) - Assim, se não houvesse na Terra gente de maus costumes, o Espírito não encontraria meio apropriado ao sofrimento de certas provas?

“E seria isso de lastimar-se? É o que ocorre nos mundos superiores, onde o mal não penetra. É por isso que nesses mundos, só há Espíritos bons. Fazer os possíveis para que, dentro em breve, o mesmo se dê na Terra.”

261. Nas provações por que lhe cumpre passar para atingir a perfeição, o Espírito tem que sofrer tentações de todas as naturezas? Tem que se achar em todas as circunstâncias que possam excitar-lhe o orgulho, a inveja, a avareza, a sensualidade, etc.?

“Certo que não, pois bem sabeis haver Espíritos que desde o começo tomam um caminho que os livra de muitas provas. Porém, quem que se deixa arrastar para o mau caminho, corre todos os perigos. Um Espírito pode, por exemplo, pedir a riqueza e ser-lhe concedida. Então, conforme o seu caráter, poderá tornar-se avaro ou pródigo, egoísta ou generoso, ou ainda lançar-se a todos os gozos da sensualidade. Daí não se segue que haja, forçosamente, de passar por todas essas tendências.”

262. Como é que o Espírito, feito simples, ignorante e carecido de experiência, pode escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?

“Deus dota-o do que falta à sua inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazeis com as crianças. Vai deixando porém, pouco a pouco, que se torne capaz de escolher à medida que se desenvolve o seu livre-arbítrio, e só então é que muitas vezes lhe acontece extraviar-se, tomando o mau caminho, por desatender os conselhos dos bons Espíritos. Isso é o que pode chamar-se **a queda do homem.**”

a) Quando o Espírito goza do livre-arbítrio, a escolha da existência corporal dependerá sempre exclusivamente de sua vontade, ou essa existência lhe pode ser imposta, como expiação, pela vontade de Deus?

“Deus sabe esperar, **não apressa a expiação.** Todavia, pode impor certa existência a um Espírito quando este, pela sua inferioridade ou má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil e quando tal existência possa servir para a sua purificação e progresso, ao mesmo tempo que nela encontra uma expiação.”

263. O Espírito faz a sua escolha logo depois da morte?

“Não, muitos acreditam na eternidade das penas, o que, como já se vos disse, é um castigo.”

264. O que é que dirige o Espírito na escolha das provas a que quer submeter-se?

“Escolhe, de acordo com a natureza das suas faltas, as que o levem à expiação destas e a progredir mais depressa. Uns, portanto, impõem a si mesmos uma vida de misérias e privações, para tentarem suportá-las com coragem; outros preferem experimentar as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosas, pelos abusos e má aplicação a que podem dar lugar, pelas paixões inferiores que propiciam; muitos, finalmente, decidem-se a experimentar as forças nas lutas que terão de sustentar em contacto com o vício.”

265. Havendo Espíritos que, por provação, escolhem o contacto com o vício, não haverá também os que o busquem por simpatia e para viverem num meio que lhes apraz, a que podem entregar-se por tendência de materialidade?

“Há, mas somente entre aqueles cujo senso moral ainda está pouco desenvolvido. A prova vem por si mesma e eles sofrem-na mais demoradamente. Cedo ou tarde compreendem que a satisfação das suas paixões brutais lhes acarretou deploráveis consequências, que sofrerão durante um tempo que lhes parecerá eterno. Deus deixá-los-á convencidos disso, até que tomem consciência da falta em que incorreram e peçam, por iniciativa própria, que lhes seja concedido resgatá-la, mediante úteis provações.”

266. Não parece natural que se escolham as provas menos dolorosas?

“Pode parecer-vos a vós; ao Espírito, não. Logo que este se desliga da matéria, cessa toda ilusão e outra passa a ser a sua maneira de pensar.”

O homem na Terra sob a influência das ideias carnis só vê o lado penoso das provas. Por isso parece-lhe natural escolher as que podem coexistir com o prazer material. Na vida espiritual, porém, compara esse prazer fugaz e grosseiro com a inalterável felicidade que lhe é dado entrever e desde logo nenhuma impressão lhe causam os sofrimentos passageiros na Terra.

O Espírito pode escolher, portanto, provas duras e uma existência mais penosa, na esperança de alcançar depressa um estado melhor, como o doente escolhe muitas vezes o remédio mais desagradável para se curar

rapidamente. Aquele que deseja associar o seu nome à descoberta de um país desconhecido não procura soluções cómodas. Conhece os perigos a que se arrisca e sabe que a glória o espera, se lograr bom êxito.

A doutrina da liberdade que temos de escolher as nossas existências e as provas que devamos sofrer deixa de parecer singular, desde que se atenda a que os Espíritos, uma vez desprendidos da matéria, apreciam as coisas de modo diverso da nossa maneira de apreciá-los.

(...)

Não surpreende nada, portanto, que o Espírito escolha uma existência mais difícil. Não lhe é possível, no estado de imperfeição em que se encontra, gozar de uma vida isenta de amarguras. Percebe isso e, para chegar a fruí-la, é que trata de se aperfeiçoar.

(...)

O que não faz o homem pelo interesse ou pela glória?

Os concursos são também provas a que os concorrentes se sujeitam, para avançarem na carreira que escolheram. Ninguém alcança lugar nas ciências, nas artes, na indústria, senão passando por posições inferiores, que são outras tantas provas. A vida humana é, pois, cópia da vida espiritual; nela se nos deparam em ponto pequeno todas as peripécias da outra.

(...)

O viajante que atravessa as sombras do vale profundo não abrange a extensão da estrada por onde vai, nem vê o caminho todo, do princípio ao fim.

Chegando ao cimo da montanha, abrange com o olhar aquilo que percorreu do caminho e quanto lhe resta percorrer.

(...)

O Espírito encarnado é como o viajante no sopé da montanha. Se estiver livre dos empecilhos da visão materialista a sua visão tudo domina, como daquele que já alcançou ao topo da serra.

Para o caminhante, no termo da jornada, está o repouso após a fadiga; para o Espírito, está a felicidade suprema, após as tribulações e as provas.

Dizem todos os Espíritos que, na erraticidade, se aplicam a pesquisar, estudar, observar, a fim de fazerem a sua escolha.

Também na vida corporal levamos anos a procurar a carreira pela qual nos decidimos, certos de ser a mais apropriada para nos facilitar a vida. Se uma não resulta, recorremos a outra. Cada uma das que abraçamos representa uma fase, um período da vida. (...)

Para o Espírito as diversas existências corporais são apenas fases da vida espírita. A vida espírita é, como sabemos, a nossa vida normal. A outra é apenas transitória e passageira.

267. Pode o Espírito proceder à escolha de suas provas, enquanto encarnado?

“O desejo que então alimenta pode influir na escolha que venha a fazer, dependendo disso da intenção que o anime. Dá-se, porém, que, **como Espírito livre, quase sempre vê as coisas de modo diferente.** O Espírito por si só é quem faz a escolha; entretanto, ainda uma vez o dizemos, possível lhe é fazê-la, mesmo na vida material, por isso que **há sempre momentos em que o Espírito se torna independente da matéria que lhe serve de habitação.**”

a) - Não é decerto como expiação, ou como prova, que muita gente deseja as grandezas e as riquezas. Será?

“Indubitavelmente, não. A matéria deseja essa grandeza para gozá-la e o Espírito para conhecer-lhe as vicissitudes.”

268. Até que chegue ao estado de pureza perfeita, tem o Espírito que passar constantemente por provas?

“Sim, mas que não são como o entendeis, pois que só considerais provas as tribulações materiais. Ora, havendo-se elevado a um certo grau, **o Espírito, embora não seja ainda perfeito, já não tem que sofrer provas.**

Continua, porém, sujeito a deveres nada penosos, cuja satisfação lhe auxilia o aperfeiçoamento, **mesmo que consistam apenas em auxiliar os outros a aperfeiçoarem-se.**”

269. Pode o Espírito enganar-se quanto à eficiência da prova que escolheu?

“Pode escolher uma que esteja acima de suas forças e sucumbir. Pode também escolher alguma que nada lhe aproveite, como sucederá se buscar vida ociosa e inútil. Mas, então, voltando ao mundo dos Espíritos, verifica que nada ganhou e **pede outra que lhe faculte recuperar o tempo perdido.**”

270. A que se devem atribuir as vocações de certas pessoas e a vontade que sentem de seguir uma carreira de preferência a outra?

“A resposta é fácil; é a consequência de tudo o que acabamos de dizer sobre a escolha das provas e sobre o progresso efetuado em existência anterior”.

Nota complementar à escolha das tarefas pelos Espíritos:

Ver “O Livro dos Espíritos” Parte Segunda – Capítulo IX - **Da intervenção dos Espíritos no mundo corporal;** fragmento dos comentários à **pergunta nº 495:**

“...ficais certos de que Deus não nos impôs tarefa superior às nossas forças e de que não vos deixou sós na Terra, sem amigos e sem amparo...”

O Livro dos Espíritos – Parte II – Capítulo VI – (304–319)

PARTE 2ª – MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS

Recordação da existência corpórea

304. O Espírito lembra-se da sua existência corporal?

“Lembra-se sim; tendo vivido muitas vezes na Terra recorda-se do que foi como homem e, asseguro-te que às vezes ri com piedade de si mesmo.” Como o homem que chegado à idade da razão ri das loucuras da juventude ou das puerilidades da infância.

305. A lembrança da existência corporal apresenta-se ao Espírito completa e inesperadamente, após a morte?

“Não, vem-lhe pouco a pouco, como imagem que surge gradualmente de uma névoa à medida que nela fixa a atenção.”

306. O Espírito lembra-se, pormenorizadamente, de todos os acontecimentos da sua vida? Apreende-os de um só golpe de vista?

“Lembra-se das coisas conforme as consequências que delas resultaram para o estado em que se encontra como Espírito errante. Como compreendes, haverá muitas circunstâncias da vida a que não ligará importância alguma e das quais nem sequer procurará recordar-se.”

a) Poderia lembrar-se deles, se quisesse?

“Pode lembrar-se dos detalhes e dos incidentes mais minuciosos, seja de acontecimentos, como até dos pensamentos. Mas não o faz se não tiver utilidade.”

b) O Espírito apreende o objetivo da vida terrestre relativamente à vida futura?

“Certo que compreende muito melhor do que em vida do corpo. Compreende a necessidade da sua purificação para chegar ao infinito e percebe que em cada existência deixa algumas impurezas.”

307. Como é que se desenha na memória do Espírito a sua vida passada? Será por esforço da própria imaginação, ou como num quadro visível?

“De uma e outra forma. São-lhe como que presentes todos os atos de que tenha interesse em lembrar-se. Os outros permanecem mais ou menos vagos na mente, ou esquecidos de todo. Quanto mais desmaterializado estiver, tanto menos importância dará às coisas materiais. Essa a razão por que, muitas vezes, evocas um Espírito que acabou de deixar a Terra e verificas que não se lembra dos nomes das pessoas que lhe eram caras, nem de uma porção de coisas que te parecem importantes. É que tudo isso, pouco lhe importando, logo caiu em esquecimento. Ele só se recorda perfeitamente bem dos fatos principais que concorrem para a sua melhoria.”

308. O Espírito recorda todas as existências que precederam a que acaba de ter?

“Recorda todo o passado como o viajante recorda os trechos do caminho que percorreu. Mas, como já dissemos não recorda, de modo absoluto, todos os seus atos. Só conforme a influência que tiveram na criação do seu estado atual. Quanto às primeiras existências, as que se podem considerar a infância do Espírito, perdem-se no vago e desaparecem na noite do esquecimento.”

309. Como considera o Espírito o corpo de que acaba de separar-se?

“Como veste imprestável que o embaraçava, sentindo-se feliz por estar livre dela.”

a) - Que sensação lhe causa o seu corpo em decomposição?

“Quase sempre se conserva indiferente a isso, como coisa sem interesse.”

310. Ao cabo de algum tempo, reconhecerá o Espírito os ossos ou outros objetos que lhe tenham pertencido?

“Algumas vezes, dependendo do modo relativo como considera as coisas terrenas.”

311. A veneração dos vivos pelos objetos que lhe pertenceram dá-lhe prazer e atrai a sua atenção?

“É sempre grato ao Espírito que se lembrem dele e os objetos que lhe pertenceram trazem-no à memória dos que ele no mundo deixou. Mas o que o atrai o espírito é o pensamento dessas pessoas e não os objetos em si.”

312. Os Espíritos conservam lembrança dos sofrimentos por que passaram na última existência corporal?

“Frequentemente assim acontece e essa lembrança faz-lhes compreender melhor o valor da felicidade de que podem gozar como Espíritos.”

313. O Espírito da pessoa que foi feliz neste mundo, lamenta a felicidade perdida?

“Só os Espíritos inferiores podem sentir saudades de gozos condizentes com uma natureza impura que lhes acarretam a expiação pelo sofrimento. Para os Espíritos elevados a felicidade eterna é mil vezes preferível aos prazeres efêmeros da Terra.”

Exatamente como o homem que na idade da madura nenhuma importância liga ao que o deliciava na infância.

314. Aquele que deu começo a trabalhos de vulto com um fim útil e que os vê interrompidos pela morte, lamenta, no outro mundo, tê-los deixado por acabar?

“Não, porque vê que outros estão destinados a concluí-los. Trata, ao contrário, de influenciar outros Espíritos humanos, para que os ultimem. Seu objetivo, na Terra, era o bem da Humanidade: o mesmo objetivo continua a ter no mundo dos Espíritos.”

315. E o que deixou trabalhos de arte ou de literatura, conserva pelas suas obras o amor que lhes tinha quando vivo?

“De acordo com a sua elevação, aprecia-as de outro ponto de vista e não é raro que condene o que maior admiração lhe causava.”

316. No Além, o Espírito interessa-se pelos trabalhos que se executam na Terra, pelo progresso das artes e das ciências?

“Conforme a sua elevação ou a missão que possa ter que desempenhar. Muitas vezes, o que vos parece magnífico é bem pouco para certos Espíritos, que vêem isso como o sábio admira a obra de um estudante. Atentam apenas no que prova a elevação dos encarnados e seus progressos.”

317. Após a morte, os Espíritos conservam o amor da pátria?

“O princípio é sempre o mesmo. Para os Espíritos elevados, a pátria é o Universo. A pátria terrena está onde se ache o maior número das pessoas que lhes são simpáticas.”

As condições dos Espíritos e as maneiras como vêem as coisas variam imenso, de conformidade com os graus de desenvolvimento moral e intelectual em que se achem.

Geralmente, os Espíritos elevados, só com brevidade se aproximam da Terra. Tudo o que aí se faz é tão mesquinho em comparação com as grandezas do infinito, as coisas a que os homens ligam mais importância são tão pueris que quase nenhum atrativo lhes oferecem, a menos que sejam chamados ali com o propósito de concorrerem para o progresso da Humanidade. Os Espíritos de ordem intermédia são os que mais frequentemente descem à terra, se bem considerem as coisas de um ponto de vista mais alto do que quando encarnados. Os Espíritos vulgares, são os que mais comprazem com a vida na terra e constituem a massa da população invisível no planeta. Conservam quase que as mesmas ideias, os mesmos gostos e as mesmas inclinações que tinham quando revestidos do invólucro corpóreo. Metem-se nas nossas reuniões, negócios, divertimentos, nos quais tomam parte mais ou menos ativa, segundo o seu carácter. Não podendo satisfazer as suas paixões, gozam na companhia dos que a eles se entregam e excitam-nos cultivá-las. Entre eles, no entanto, há muitos espíritos sérios que observam para se instruírem e para se aperfeiçoarem.

318. As ideias dos Espíritos modificam-se quando na erraticidade?

“Muito; sofrem grandes modificações, à proporção que o Espírito se desmaterializa.

Pode este, algumas vezes, permanecer longo tempo imbuído das idéias que tinha na Terra;mas, pouco a pouco, a influência da matéria diminui e ele vê as coisas com maior clareza. Então que procura os meios de se tornar melhor.”

319. Já tendo o Espírito vivido a vida espírita antes da sua encarnação, como se explica o seu espanto ao reingressar no mundo dos Espíritos?

“Isso só se dá no primeiro momento e é efeito da perturbação que se segue ao despertar do Espírito. Mais tarde, vai-se inteirando da sua condição, à medida que lhe volta a lembrança do passado e que a impressão da vida terrena se apaga.” (pergunta nº 163 e seguintes.)

“O LIVRO DOS MÉDIUNS”, DE ALLAN KARDEC

OLM – CAPÍTULO I – Ação dos espíritos sobre a matéria - Nº 54
sobre a importância do perispírito;
e sobre o facto de a medicina não levar em conta a sua existência

54.

Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que mais tarde falaremos, levaram à consequência de que há no homem **três componentes**:

1º, **a alma**, ou Espírito, princípio inteligente, onde tem sua sede o senso moral;

2º, **o corpo**, invólucro grosseiro, material, de que ele se revestiu temporariamente, em cumprimento de certos desígnios providenciais;

3º, **o perispírito, envoltório fluídico**, semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo.

A morte é a destruição, ou, antes, a desagregação do **envoltório grosseiro** – invólucro que a alma abandona.

O outro (o **envoltório fluídico**) desliga-se do **envoltório grosseiro** e acompanha a alma que, assim, fica sempre com um envoltório. Este último, ainda que fluídico, etéreo, vaporoso, invisível, para nós, em seu estado normal, não deixa de ser matéria, embora até ao presente não tenhamos podido assenhorear-nos dela e submetê-la à análise. Esse segundo invólucro da alma, **ou perispírito**, existe, pois, durante a vida corpórea;

é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e **atua sobre os órgãos do corpo**.

Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que **é o fio elétrico condutor**, que serve para a receção e a transmissão do pensamento; é, em suma, esse agente misterioso, imperceptível, conhecido pelo nome de **fluido nervoso**, que desempenha tão grande papel na economia orgânica e que ainda não se leva muito em conta nos fenómenos fisiológicos e patológicos.

Tomando em consideração apenas o elemento material ponderável, **a Medicina**, na apreciação dos fatos, **priva-se de uma causa incessante de ação**.

Não cabe, aqui, porém, o exame desta questão. Somente faremos notar que **no conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis**.

O perispírito não constitui uma dessas hipóteses de que a ciência costuma valer-se, para a explicação de um fato. A sua existência não foi apenas revelada pelos Espíritos, **resulta de observações**, como teremos ocasião de demonstrar.

Por ora e por nos não anteciparmos, no tocante aos fatos que havemos de relatar, limitar-nos-emos a dizer que, quer durante a sua união com o corpo, quer depois de separar-se deste, **a alma nunca está desligada do seu perispírito**.

NOTA:

A alma, no mundo espiritual, fica com o envoltório fluídico, ou perispírito

Portanto: a alma nunca está desligada do seu perispírito

II PARTE – EXEMPLOS

CAPÍTULO 1 - A Passagem

1. - A certeza da vida futura não exclui as apreensões quanto à passagem desta para a outra vida. Há muita gente que teme não a morte, em si, mas o momento da transição. Sofremos ou não nessa passagem? Por isso se inquietam, e com razão, visto que ninguém foge à lei fatal dessa transição. Podemos dispensar-nos de uma viagem neste mundo, menos essa. Ricos e pobres, devem todos fazê-la, e, por dolorosa que seja a franquia, nem posição nem fortuna poderiam suavizá-la.

2. - Vendo-se a calma de alguns moribundos e as convulsões terríveis de outros, pode-se previamente julgar que as sensações experimentadas nem sempre são as mesmas. Quem poderá no entanto esclarecer-nos a tal respeito?

Quem nos descreverá o fenómeno fisiológico da separação entre a alma e o corpo?

Quem nos contará as impressões desse instante supremo quando a Ciência e a Religião se calam?

E calam-se porque lhes falta o conhecimento das leis que regem as relações do Espírito e da matéria, parando uma nos umbrais da vida espiritual e a outra nos da vida material.

O Espiritismo é o traço de união entre as duas, e só ele pode dizer-nos como se opera a transição, quer pelas noções mais positivas da natureza da alma, quer pela descrição dos que deixaram este mundo.

O conhecimento do **laço fluídico** que une a alma ao corpo é a chave desse e de muitos outros fenómenos.

3. - A insensibilidade da matéria inerte é um fato, e só a alma experimenta sensações de dor e de prazer.

Durante a vida, toda a desagregação material repercute na alma, que por este motivo recebe uma impressão mais ou menos dolorosa. É a alma e não o corpo quem sofre, pois este não é mais que instrumento da dor:

- aquela é o paciente. Após a morte, separada a alma, o corpo pode ser impunemente mutilado que nada sentirá; aquela, por insulada, nada experimenta da destruição orgânica. A alma tem sensações próprias cuja fonte não reside na matéria tangível.

O perispírito é o envoltório da alma e não se separa dela nem antes nem depois da morte.

Ele não forma com ela mais que uma só entidade, e nem mesmo se pode conceber uma sem outro.

Durante a vida **o fluido perispiritico** penetra o corpo em todas as suas partes e serve de veículo às sensações físicas da alma, do mesmo modo como esta, por seu intermédio, atua sobre o corpo e dirige-lhe os movimentos.

4. - **A extinção da vida orgânica** acarreta a separação da alma em consequência do **rompimento do laço fluídico** que a une ao corpo, mas essa separação nunca é brusca.

O fluido perispiritual só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não mais reste um átomo do perispírito ligado a uma molécula do corpo.

"A sensação dolorosa da alma, por ocasião da morte, está na razão direta da soma dos pontos de contacto existentes entre o corpo e o perispírito, e, por conseguinte, também da maior ou menor dificuldade que apresenta o rompimento." Não será necessário esconder que, segundo as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. São essas circunstâncias que vamos examinar.

5. - Estabeleçamos em primeiro lugar, e como princípio, os quatro seguintes casos, que podemos reputar como situações extremas, dentro de cujos limites há uma infinidade de variantes:

1° - Se no momento em que se extingue a vida orgânica o desprendimento do perispírito fosse completo, a alma nada sentiria.

2° - Se nesse momento a coesão dos dois elementos estiver no auge de sua força, produz-se uma espécie de rutura que reage dolorosamente sobre a alma.

3° - Se a coesão for fraca, a separação torna-se fácil e opera-se sem abalo.

4° - Se após a cessação completa da vida orgânica existirem ainda numerosos pontos de contacto entre o corpo e o perispírito, a alma poderá ressentir-se dos efeitos da decomposição do corpo, até que o laço inteiramente se desfaça.

Daí resulta que o sofrimento, que acompanha a morte, está subordinado à força de aderência que une o corpo ao perispírito; que tudo o que puder atenuar essa força, e acelerar a rapidez do desprendimento, torna a passagem menos penosa; e, finalmente, que, se o desprendimento se operar sem dificuldade, a alma deixará de experimentar qualquer sentimento desagradável.

6. - Na transição da vida corporal para a espiritual, produz-se ainda um outro fenómeno de importância capital - a perturbação.

Nesse instante a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações. É como se disséssemos um estado de catalepsia, de modo que **a alma quase nunca testemunha conscientemente o derradeiro suspiro.**

Dizemos quase nunca, porque há casos em que a alma pode contemplar conscientemente o desprendimento, como em breve veremos. **A perturbação** pode, pois, ser considerada **o estado normal no instante da morte** e perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos.

À proporção que se liberta, a alma encontra-se numa situação comparável à de um homem que desperta de profundo sono;

– as ideias são confusas, vagas, incertas;

– a vista apenas distingue como que através de um nevoeiro, mas pouco a pouco se aclara, desperta-se-lhe a memória e o conhecimento de si mesma. Bem diverso é, contudo, esse despertar; calmo, para uns, acorda-lhes sensações deliciosas; tétrico, aterrador e ansioso, para outros, é qual horrendo pesadelo.

7. - **O último alento** quase nunca é doloroso, uma vez que ordinariamente ocorre em momento de inconsciência, mas a alma sofre antes dele a desagregação da matéria, nos estertores da agonia, e, depois, as angústias da perturbação.

Digamos com toda a clareza que esse estado não é geral, porquanto **a intensidade e duração do sofrimento estão na razão direta da afinidade existente entre corpo e perispírito.**

Assim, quanto maior for essa afinidade, tanto mais penosos e prolongados serão os esforços da alma para desprender-se.

Há pessoas nas quais a coesão é tão fraca que o desprendimento se opera por si mesmo, como que naturalmente; é como se um fruto maduro se desprendesse do seu caule, e é o caso das mortes calmas, de pacífico despertar.

8. - A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma.

A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, que atinge o seu máximo no homem cujas preocupações dizem respeito exclusivamente à vida e às fruições da materialidade. Ao contrário, nas almas puras, que antecipadamente se identificam com a vida espiritual, o apego é quase nulo.

E desde que a lentidão e a dificuldade do desprendimento estão na razão do grau de pureza e desmaterialização da alma, de nós somente depende o tornar fácil ou penoso, agradável ou doloroso, esse desprendimento.

Posto isto, quer como teoria, quer como resultado de observações, resta-nos examinar a influência do género de morte sobre as sensações da alma nos últimos transes.

9. - Na morte natural resultante da extinção das forças vitais por velhice ou doença, o desprendimento opera-se gradualmente; **para o homem cuja alma se desmaterializou** e cujos pensamentos se destacam das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, isto é, ao passo que o corpo ainda tem vida orgânica, já o Espírito penetra a vida espiritual, apenas ligado por elo tão frágil que se rompe com a última pancada do coração.

Nesta contingência o Espírito pode ter já recuperado a sua lucidez, de molde a tornar-se testemunha consciente da extinção da vida do corpo, considerando-se feliz por tê-lo deixado.

Para esse a perturbação é quase nula, ou antes, não passa de ligeiro sono calmo, do qual desperta com indizível impressão de esperança e ventura.

No homem materialista e sensual, que mais viveu do corpo que do Espírito, e para o qual a vida espiritual nada significa, nem sequer lhe toca o pensamento, tudo contribui para estreitar os laços materiais, e, quando a morte se aproxima, o desprendimento, conquanto se opere gradualmente também, demanda contínuos esforços.

As convulsões da agonia são indícios da luta do Espírito, que às vezes procura romper os elos resistentes, e outras se agarra ao corpo do qual uma força irresistível o arrebatava com violência, molécula por molécula.

10. - **Quanto menos vê o Espírito além da vida corporal**, tanto mais se lhe apegava, e, assim, sente que ela lhe foge e quer retê-la; em vez de se abandonar ao movimento que o empolga, resiste com todas as forças e pode mesmo prolongar a luta por dias, semanas e meses inteiros.

Sem dúvida que nesse momento o Espírito não possui toda a lucidez; a perturbação de muito se antecipou à morte; mas nem por isso sofre menos, e a imprecisão em que se encontra, e a incerteza do que lhe sucederá, agravam-lhe as angústias.

A morte chega, e nem por isso tudo está terminado; a perturbação continua, sente que vive, mas não sabe se encontra na vida material, ou na vida espiritual; luta ainda até que as últimas ligações do perispírito se tenham desfeito completamente. A morte pôs termo à enfermidade propriamente dita, porém não eliminou as consequências e, enquanto existirem pontos de contacto do perispírito com o corpo, o Espírito resente-se e sofre com as impressões.

11. – Muito diferente é a situação do Espírito desmaterializado, mesmo nas enfermidades mais cruéis! Sendo frágeis os laços fluídicos que o prendem ao corpo, rompem-se suavemente; depois, a confiança do futuro entrevisto em pensamento ou na realidade, como sucede algumas vezes, fá-lo encarar a morte qual redenção e as suas consequências como prova, advindo-lhe daí **uma calma resignada**, que lhe ameniza o sofrimento.

Após a morte, rotos os laços, nem uma só reacção dolorosa que o afete; o despertar é alegre, desembaraçado; por sensações únicas: o alívio e a alegria!

12. - **Na morte violenta** as sensações não são precisamente as mesmas. Nenhuma desagregação inicial tinha começado previamente a separação do perispírito; a vida orgânica em plena exuberância de força é subitamente aniquilada. Nestas condições, o desprendimento só começa depois da morte e não pode completar-se rapidamente.

O Espírito, colhido de improviso, fica como que aturdido e sente, e pensa, e acredita-se vivo, prolongando-se esta ilusão até que compreenda o seu estado.

Este estado intermediário entre a vida corporal e a espiritual é dos mais interessantes para ser estudado, porque apresenta o espetáculo singular de um Espírito que **julga material o seu corpo fluídico**, experimentando ao mesmo tempo todas as sensações da vida orgânica. Há, além disso, dentro desse caso, uma série infinita de modalidades que variam segundo os conhecimentos e progressos morais do Espírito.

Para aqueles cuja alma está purificada, a situação pouco dura, porque já possuem em si como que um desprendimento antecipado, cujo termo a morte mais súbita não faz senão apressar.

Outros há, para os quais a situação se prolonga por anos inteiros.

É uma situação muito frequente até nos casos de morte comum, que nada tendo de penosa para Espíritos adiantados, se torna horrível para os atrasados.

No suicida, principalmente, excede a toda expectativa. Preso ao corpo por todas as suas fibras, o perispírito faz repercutir na alma todas as sensações daquele, com sofrimentos cruciantes.

13. - O estado do Espírito por ocasião da morte pode ser assim resumido:

– Tanto maior é o sofrimento, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito; a presteza deste desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual um sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo.

14. - Para que cada qual trabalhe na sua purificação, reprima as más tendências e domine as paixões, preciso é preciso ter em conta as vantagens futuras;

para que se identifique com a vida futura, **identificar-se com a vida espiritual**, dedicando-lhe todas as aspirações e preferindo-a à vida terrena, não basta crer, mas compreender.

Devemos considerar a vida de modo que satisfaça à razão, à lógica, ao bom senso e ao conceito em que temos a grandeza, a bondade e a justiça de Deus. De todas as doutrinas filosóficas e espiritismo é aquela que, nesta relação de fatores, mais poderosa influencia exerce, pela fé inquebrantável que transmite.

O espírita sério não se limita a crer. **Crê porque compreende, e compreende, porque raciocina.**

A vida futura é uma realidade que se desenrola incessantemente perante os seus olhos; uma realidade que ele toca e vê, por assim dizer, a cada instante. A dúvida não pode entrar-lhe na alma.

A vida corporal, tão limitada, apaga-se diante da vida espiritual que é a verdadeira vida. Donde o pouco caso que faz dos incidentes do percurso e a sua resignação perante as vicissitudes, cuja causa e utilidade compreende.

A sua alma eleva-se nas relações que ele estabelece com o mundo invisível; os laços fluídicos que o ligam à matéria enfraquecem-se, operando-se por antecipação um desprendimento parcial que facilita a passagem para a outra vida. A perturbação consequente à transição pouco perdura porque, dado esse passo, logo se reconhece a si mesmo. Nada lhe é estranho e compreende a sua nova situação.

15. - Com certeza não é só o Espiritismo que nos assegura tão auspicioso resultado, nem ele tem a pretensão de ser o meio exclusivo, a garantia única de salvação para as almas. Porém, pelos conhecimentos que fornece, pelos sentimentos que inspira, pelas disposições em que coloca o Espírito, fazendo-lhe compreender a necessidade de melhorar, facilita enormemente a salvação.

Dá a cada um, além disso, os meios de auxiliar o desprendimento dos outros Espíritos ao deixarem o seu invólucro material, abreviando-lhes a perturbação pela prece e pela evocação.

Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual, provoca-se a desagregação mais rápida do fluido perispiritual; Pela evocação conduzida com sabedoria e prudência, com palavras de benevolência e conforto, combate-se o entorpecimento do Espírito, ajudando-o a reconhecer-se mais cedo e, se está em sofrimento, incute-se-lhe **o arrependimento – único meio de abreviar as suas penas.**



26 Janeiro 1920 – 23 Janeiro 2002

(...) Um homem de negócios amigo meu (M.) telefonou-me para solicitar os meus serviços de arquitecto num negócio imobiliário. Combinámos uma visita ao terreno da obra, nos arredores de Lugano, para o dia 16 de Setembro de 1964. Lá nos encontraríamos no Café Federale, na Praça Riforma, às duas da tarde. Tirei bilhete para o comboio que seguia de manhã de Zurich para Lugano, onde almocei, para estar disponível com pontualidade para o encontro. Mais lá para o fim da tarde tinha um encontro marcado em Morcote. Ao serão estava combinada a visita a minha casa em Cadro do conhecido cantor de ópera Alexander Sved e da esposa. Era meu intuito aproveitar a oportunidade para fazer algumas gravações. Estava tudo portanto muito bem planeado.

Contudo, os desígnios de Deus tinham destinado para mim algo de diferente. Era tempo de levar um abanão no meu curso de vida neste mundo material, lançando-me num itinerário evolutivo completamente diferente. “Lá em cima” as agulhas já tinham sido mexidas. Nada entretanto me passava pela cabeça. Passou-se que o meu amigo me telefonou para Zurich na véspera do nosso encontro, perguntando como é que eu pensava ir para Lugano. Convidou-me para que, em vez de comboio, fosse com ele de automóvel. Fazia pouco sentido que nos deslocássemos por separado e poderíamos ir conversando pelo caminho a respeito do negócio.

(...) Depois da troca de razões e porque não queria ser indelicado, concordei aceitar a boleia. No dia imediato de manhã veio buscar-me às nove horas num rápido cabriolet Alfa Romeo, vermelho. Era dia 16 de Setembro de 1964 e pusemo-nos em marcha. Acenei ainda longamente pela janela à minha mulher. Tinha frequentemente viajado desportivamente pelo Gotthard, tão velozmente quanto era possível. Ultrapassava grande quantidade de viaturas e não tinha por isso a oportunidade de observar a paisagem.

A estrada de Tremola dava-me sempre imenso prazer. A emoção desportiva, a performance, os tempos, o número de carros ultrapassados eram nesse tempo uma alegria para mim. Desta vez, contudo, admirei o conhecido trajeto, as montanhas ainda coroadas de neve, os bosques e os rios Reuss e Ticino. Não íamos exageradamente depressa, de modo a podermos conversar comodamente. Perto de Caro, ante Bellinzona, seguíamos no nosso caminho para o Sul, com bastante tráfico na direção oposta. Olhei descontraído à direita enquanto o meu amigo conduzia o seu Alfa pela reta, a cerca de 110 km/h.

Subitamente ouvi-o praguejar em voz alta. Virei o rosto e dei com um enorme camião que vinha na nossa pista de encontro a nós. A intenção era a de ultrapassar a coluna militar que se cruzava lentamente connosco, a cerca de 60 km/h. Comecei eu próprio então a praguejar. O meu motorista fez sinal de luzes, buzinou, gritando, e como o camião não tivesse aproveitado o intervalo entre duas viaturas da coluna para se desviar, resolveu travar a fundo. Derrapámos para a esquerda com toda a força, de rodas bloqueadas. Na via da esquerda vinham mais viaturas militares e na nossa direção o camião desvairado. Tudo se passou em breves instantes.

O camião disparava na nossa direção, no intento de se escapar pela frente do primeiro carro da coluna militar, mas não conseguiu. Apercebi-me do iminente perigo de morte e gritei como último sinal de desespero. Uma mescla de visões da guerra, da vela e de Budapeste, fechando com a face transtornada da minha mulher, bailaram repentinamente perante o meu olhar, projetadas de forma surpreendente pela passagem vertiginosa do enorme guarda-lamas do camião. Fui projetado contra o painel de instrumentos (nesse tempo não se usava ainda cinto de segurança), gritando a plenos pulmões. Seguiu-se um enorme estrondo e um poderoso impulso arrastou-me para a frente. Despedacei o para-brisas com a testa. Nessa altura fez-se um completo silêncio e não ouvi mais nada.

(...) O meu falecimento deve ter tido início no momento em que o meu coração parou, isto é, após a cessação da circulação sanguínea. Durante esse processo não registei nenhuma percepção, pelo menos que me recorde. O consciente bem como o subconsciente estavam completamente desativados. Estava insensível: era uma pessoa viva com a percepção desligada.

No instante do início da morte clínica, separou-se da parte grosseira do meu corpo ferido um outro, a parte mais subtil e elevada do meu ser, abrindo-se perante mim uma cortina como se fora de um teatro.

Uma apresentação teve o seu início que me permitiu reviver a vida terrena e o lado de lá da sua projeção sobrenatural. Tal apresentação englobava atas, etapas ou fases. Desse número desconhecido de fases pude participar das três primeiras, o que fez perdurar em mim uma tão profunda impressão que me tornei desde então numa pessoa completamente diferente.

A partir da morte clínica passei a existir “fora do corpo”, numa situação que se caracterizava por um permanente e acentuado alargamento do EU e dos sentidos. Este alargamento teve lugar, contudo, no âmbito imaterial, que não no aspeto material.

As três fases de que atrás falei foram as seguintes:

1. Consciencialização da morte;
2. Contemplação da minha própria morte;
3. Revisão da vida e julgamento.

Entre elas situaram-se algumas transições que eu designei como “Intervalos”.

1. consciencialização da morte

Teve o seu início quando o coração parou motivada pela carência de oxigénio no cérebro, impedido de funcionar como agente da consciência pessoal, ao que se seguiu a separação entre o meu corpo material e a sua componente não-material.

Imediatamente recuperei a consciência de mim mesmo, o que me libertou de uma assustadora, opressiva e constrangedora situação. Muitos reanimados relataram ter transposto um túnel que os conduziu à liberdade. Com alívio tomei conta de uma readquirida consciência: “consegui sobreviver ao acidente!” foi a minha primeira impressão.

O “despertar”, contudo, não foi como esperava, dado que logo me apercebi claramente de que o que estava a passar-se era a minha própria morte!

Espantava-me imenso o facto de que morrer não era de modo nenhum desagradável. Aliás a iminência da morte em nada me assustava. Era tudo tão natural, tão evidente, deixar esta vida e abandonar a presença neste mundo. Nunca tinha pensado antes que as pessoas se separassem de modo tão simples e natural desta vida, deixando de estar crispadamente apegados a ela. O desconhecimento é a razão pela qual tanto nos apegamos à vida. A nossa religião cristã oferece-nos muito poucas perspetivas a respeito daquilo que nos espera depois da morte.

Devido ao acidente não tive, felizmente, que travar uma arrastada luta com a morte. No seguimento da colisão viram-se a minha percepção do EU, o meu corpo astral, a minha alma e o meu espírito instantaneamente separados do meu corpo material. Por isso me senti pessoalmente muito aliviado, numa situação plenamente agradável, natural, engraçada, até. Senti-me perfeitamente liberto e tive a sensação: “Até que enfim!”

Sem medo nenhum pensei: “é uma felicidade, estar a morrer”. Contudo fiquei à espera, com certa curiosidade, do que viria a seguir. Estava feliz, descontraído e ansioso como uma criança em noite de Natal.

Senti-me a deslizar ao mesmo tempo que se fazia ouvir uma música maravilhosa, que sugeria a correspondência harmónica com formas, movimentos e cores. Tinha de certa forma a percepção de que não estava sozinho, embora não visse viva alma. Senti-me invadido por uma paz divinal e por um sentimento de harmonia jamais

experimentado. Estava completamente feliz e sem problema algum. Estava só: nenhum ser terreal (pais, esposa, filhos amigos ou inimigos) estorvava a minha divina tranquilidade.

Tenho pensado frequentemente no facto de não me ter vindo naquela altura à ideia qualquer espécie de problema ou ser do nosso mundo; mas era coisa que não me passava pela cabeça. Encontrava-me, como já disse, inteiramente só, completamente feliz e numa situação de harmonia sem precedentes. Apenas um outro sentimento estava comigo, comparável ao coro da melodia "Näher mein Gott zu Dir" (para mais perto de ti, Meu Deus, de Sarah F.Adams,1805-1848).

E continuava a deslizar sempre para mais perto da Luz.

Esta primeira fase da feliz morte, do encantamento, transformou-se num dos primeiros acima mencionados "Intervalos".

Invadia-me um sentimento crescente da divina harmonia. Os sons musicais tornavam-se ainda mais transparentes, mais sonoros e belos submergiam tudo acompanhados de cores, formas e movimentos. As cores, resplandecentes e luminosas, surgiam envolvidas de tons suaves e eram inacreditavelmente belas. Posso vagamente compará-las àquelas que contemplei ao pôr do sol, a grande altitude, no voo que fiz de Geneva para Nova York. Achei tão belas essas cores que pude presenciar que desde então procuro consegui-las na arte do vitral a que me dediquei. As tonalidades dos fragmentos usados para compor vitrais, nos seus pontos de rutura e se inundados de luz, trazem-me à lembrança esses surpreendentes reflexos coloridos.

2. contemplação da minha própria morte

Depois deste maravilhoso "Intervalo" abriu-se o pano de novo repentinamente, e nova fase teve o seu início. Era bastante estranho que me sentisse flutuando. De facto, levitava por sobre o local do acidente rodoviário, podendo observar o meu próprio corpo, gravemente ferido e sem vida, exatamente no mesmo sítio do qual mais tarde tive conhecimento por intermédio dos médicos e do relatório de polícia. Pude contemplar toda a cena simultaneamente de vários lados, com rigor e transparência. Vi também o carro em que seguíamos e as pessoas aglomeradas em torno do acidente, e a própria coluna militar que ficara retida pelo aglomerado de pessoas.

As pessoas agrupavam-se à minha volta. Observei um homem baixo e encorpado, aí pelos 55 anos, que tentava reanimar-me. Pude ouvir claramente aquilo que as pessoas diziam umas às outras, embora "ouvir" não seja o termo adequado, dado que flutuava por cima de todos e o meu corpo estava estendido no chão. Pude aperceber-me daquilo que as pessoas diziam e mesmo das coisas que pensavam, provavelmente por intermédio de uma espécie de transmissão de pensamento, mediante uma percepção fora dos princípios do mundo material. O homem ajoelhou do meu lado direito e deu-me uma injeção no braço esquerdo. Duas outras pessoas seguravam-me do lado oposto e libertaram-me do vestuário. Vi como o médico me abriu a boca com uma espátula para me livrar de estilhaços de vidro. Além de outras coisas também de apercebi de que o médico, quando me segurou, se apercebeu de que tinha os membros partidos e de que a meu lado se formava uma poça de sangue. Depois me apercebi das tentativas que o médico fez para me reanimar, e do modo como concluiu que tinha as costelas quebradas. "Não posso fazer-lhe massagem cardíaca", observou. Alguns minutos depois levantou-se e disse: "Não dá, não é possível fazer mais nada, está morto". Falava em dialeto suíço misturado com um italiano um tanto esquisito.

Tive quase vontade de rir da estranha cena, porque sentia que estava "vivo", ao contrário de "morto". O que ali jazia por terra era o meu anterior corpo físico. Achei tudo muito estranho, mas de forma alguma perturbador. Ao contrário: era bastante divertido poder observar os esforços de toda aquela gente. Desejaria dizer-lhes "lá de cima": "Olá, estou aqui, e bem vivo! Deixem lá o meu corpo como está; sinto-me vivo e perfeitamente bem". Porém, embora me sentisse bem, ninguém me ouvia e não conseguia produzir som que fosse audível, porque não tinha garganta nem boca para falar.

Extraordinário era entretanto que pudesse entender, não apenas as palavras proferidas em voz alta pelos presentes, mas entender os seus próprios pensamentos. Uma mulher de Tessino, por exemplo, com uma menina de cerca de sete anos, sua filha, ficou muito chocada quando viu o meu cadáver. A menina quis imediatamente fugir, mas a senhora segurou-a com a mão esquerda durante alguns minutos e rezou em pensamento um "Pai Nosso" e uma "Avé Maria", orando em seguida pelo perdão dos pecados do infeliz acidentado. Fiquei profundamente impressionado com essa desinteressada prece, que muito me alegrou. Senti conjuntamente a radiação de um sentimento cheio de afeto.

Ao contrário um homem idoso, de bigode, teve pensamentos negativos a meu respeito: “Ora aí está; já apanhou! Mas deve ter sido culpado. Deve ser daqueles que anda sem cuidado por aí com carros de corrida”. Bem quis dizer-lhe “lá de cima” : “Deixa-te lá de disparates, eu nem sequer vinha a conduzir, era o pendura!” Foram nítidas para mim as radiações dos seus sentimentos negativos e desagradáveis.

Em suma era bastante interessante ver-me morto “de cima”, como espectador, sem emoções, e tudo poder observar com a maior nitidez de uma posição celestial, posto que “sobrevivera”. Os meus órgãos imateriais funcionavam bem e o meu pensamento registava tudo. Podia aliás tomar decisões sem qualquer limitação própria da vida terrena. Vogava a cerca de três metros por cima de toda a cena, num espaço multidimensional.

Sucedeu então um segundo “Intervalo”. A cena anterior chegara ao fim e a aparição que surgira anteriormente, começava a desenvolver-se.

Afastei-me do local do acidente, porque tinha deixado de me interessar. Desejava voar dali, e assim fiz. Tudo estava tranquilo, radioso e belo. As sonoridades, os jogos de luz, iam ganhando expressão, cada vez mais fortes, invadindo-me bem como toda a região envolvente. Chegou até mim uma harmónica vibração. Vi então o Sol algures em cima, pulsante, do lado direito, mas não diretamente por cima de mim. Voei por isso naquela direção. O Sol tornava-se cada vez mais claro, cada vez mais esplendoroso e vibrante. Percebo finalmente a razão pela qual tantas pessoas e tantas religiões encaram o Sol como símbolo divino, chegando a adorá-lo.

Ao prosseguir no meu voo tive, contudo, a sensação de que não estava só, ao contrário, senti-me rodeado de espíritos bondosos. Tudo era tranquilo, apazível e admirável.

A experiência da condição de imponderabilidade e do voo livre impressionou-me de tal forma que, depois da minha convalescença, matriculei-me numa escola Suíça de pilotagem. Quando tenho tempo, ainda voo por cima dos vales envoltos pelas nuvens, em cujas profundidades vivem pessoas oprimidas pelos seus problemas. Sigo de Lugano, sobrevoando a planície do rio Pó, até ao Mediterrâneo. Ao fim da tarde, quando o Sol se põe lá ao fundo, à direita, revivo o modo como tudo fica envolto pela divina luz, e resplandece, inundado de energia e de verdade. Se tenho problemas, faço essa esotérica terapia, de modo a reunir novas forças.

3. revisão da vida e julgamento

Este “Intervalo” durou relativamente pouco, começando de seguida uma fantástica e pluridimensional peça de teatro, que reproduziu cenas da minha vida mediante inúmeras associações de imagens. Para configurar uma ordem de grandeza, posso referir terem sido duas mil, ou qualquer coisa entre as 500 e as 10.000 imagens.

Na primeira semana logo após o acidente conseguia ainda lembrar-me de algumas centenas. Infelizmente é impossível registá-las a todas no gravador.

A sua quantidade não é, em si mesma, importante. Cada cena era profundamente bem torneada. O “realizador” dessa “peça de teatro” desenrolou-a de modo estranho, de forma que a primeira cena que observei foi a do acidente de automóvel na estrada, sendo o último ato revisto o do meu nascimento à luz das velas na minha casa de Budapeste.

Comecei então por reviver o meu falecimento. Na segunda cena vi-me como acompanhante de viagem através do Gotthard. Sob um sol resplandecente revi os cumes orlados de neve. Senti-me descontraído e feliz. Tive também a ocasião de presenciar cenas não na qualidade de protagonista, mas sim na de observador, por outras palavras:

Observava-me a mim mesmo e tudo em redor numa pluridimensionalidade espacial, de todas as direcções, revivendo por completo os acontecimentos. Com todos os órgãos dos sentidos registava o que via e ouvia, além de me aperceber dos meus próprios pensamentos. Os pensamentos tornados realidade!...

A minha alma avaliava o meu comportamento e os meus pensamentos instantaneamente e fazia de imediato o seu julgamento, designando como bom ou mau aquilo que fizera.

Era notável que eram salientadas como positivas lembranças cuja apreciação fora considerada negativamente pela sociedade ou tidas como pecado (mesmo mortal) pela religião do seu tempo.

Pelo contrário são tidas como negativas certas “boas ações” deliberadamente cometidas, consequência dos erros contidos na sua origem, como é o caso de atos conduzidos com finalidades egoístas.

Os maus atos que não passaram no exame foram “apagados” por mim, depois de uma tomada de consciência e profundo remorso, quer dizer, deixaram de contar – ficando apenas comigo os bons pensamentos e os bons actos, que foram aprovados, de que pude desfrutar logo de seguida como um grande ramo de flores.

Também poderá dizer-se que só radicaram em mim as cenas relativamente às quais fiquei feliz, bem como todos os que nelas estiveram envolvidos; as cenas nas quais permaneceu reinante a harmonia não apenas em mim, mas junto de todos, participantes na positiva intenção da minha parte.

Encaro a terra desde esse momento com um campo de treinos ou uma instituição de aprendizagem onde as pessoas vivem condições provavelmente semelhantes ao purgatório. Caso não sejamos bem sucedidos nas provas a que somos sujeitos nesta vida, é sabido que a ela tornaremos para repetir as mesmas. Tal apenas pode acontecer nas mesmas condições de espaço-tempo e dimensões do nosso mundo na terra. Reencarnaremos para fazer algo melhor do que antes. É nisto que se manifesta a infinita misericórdia de Deus. Entretanto nada existe de mau além disto. Tudo não passa de uma carência do bem; tal como a escuridão é a ausência de luz. Nada existe que não tenha o seu sentido próprio.

O bem e o mal são avaliados no além mediante uma escala completamente diferente. Absoluta e, por isso, não limitada a opiniões humanas e formas de pensar preconcebidas, de modo nenhum sujeitas a formulações ou interpretações confusas – como as de certas pessoas que acreditam estar na posse da verdade única de que se sentem autorizadas a ser “pregadores”. Quantas ideologias, religiões, seitas e grupos filosóficos ou religiosos, que proliferam como cogumelos por entre aqueles que perderam a sua fé originária, reclamam a posse dessa única verdade. Verifiquei que “lá em cima”, nenhum modelo de pensamento tem garantia de validade, e que apenas ali vigora uma invulgar lei cósmica geral do amor. A dificuldade reside em não termos dela conhecimento, de modo a podermos formulá-la para nosso uso próprio.

Creio que esta é uma das características de Deus, nomeadamente, o amor absoluto; o perdão mediante o perfeito bem e a infinidade positiva. Sigamos pois este princípio com firmeza, no dever de libertarmos a nossa consciência de todos os atos e pensamentos negativos, para podermos unir-nos a Ele inteiramente.

Esta estranha avaliação judicativa dos atos praticados em vida pareceu-me de início extraordinária, mas depois de pensar durante vários anos reconheci que é nisso que se manifesta o admirável sentido da justiça divina, em concordância com os princípios da criação do universo.

Depois da apresentação atrás descrita da minha “Revisão de Vida e Julgamento” no fantástico ambiente de pluridimensionalidade em que decorreu, surgiu um balanço final que foi efetuado por mim próprio, cuja formulação exacta já não me é possível reproduzir. Na circunstância consegui aperceber-me entretanto que novas oportunidades de evolução me seriam ainda reservadas.

O terceiro “Intervalo” seguiu-se finalmente. O banho de luz que me inundava de felicidade tomou-me de novo ao som de uma música magnífica de ressonância espacial. O Sol pulsava, dando-me a ideia de um símbolo representativo do princípio de todas as coisas e fonte de toda as energias, que suponho ser o próprio Deus.

O que eu via não era de facto o sol que na terra nos aquece, mas sim uma aparição de luz maravilhosa e quente que se lhe pode comparar, princípio originário do Universo que por sobre nós se estende. Crescentemente vibrante, pulsava com harmonia, ao qual começava a adaptar-se a minha alma incorpórea, o meu espírito, crescentemente repletos de felicidade, à medida que a capacidade perceptiva se alargava a esta nova Dimensão.

Penso hoje que isso era o sinal de que se aproximava a minha morte cerebral, e que todo o processo tinha chegado ao ponto em que era irreversível o meu ingresso no além.

(...) De acordo com registo temporal na terra, teriam decorrido durante a minha morte clínica apenas alguns minutos. Nessa outra dimensão, contudo, não vigoram as nossas leis do tempo e do espaço. Como tal, a percepção que tive foi a de ter vivido o equivalente a vários dias ou semanas, dada a enorme extensão dos acontecimentos pelos quais passei.

A minha vida terrena no mundo a quatro dimensões, no plano espacio-temporal, com percepção da matéria tal como é por nós entendida, estava a terminar nos instantes do acidente. Encontrava-me num estádio de travessia, de nascimento num outro mundo de mais vastas dimensões, onde a vibração energética já não produz o que é entendido como matéria. Por outras palavras, estava a dar entrada numa nova esfera onde espírito e alma, livres do corpo, passavam a reger-se por novas leis.

o regresso à vida

A eufórica experiência ia infelizmente a caminho do seu termo. Vi, agora no local do acidente, um jovem magro, de calção de banho preto, descalço, com uma bolsa na mão, correr direito ao meu corpo sem vida. Exprimia-

se com clareza e vigor em bom alemão com o outro médico. A cena deixara já de me interessar, pelo que não prestei muita atenção. O jovem manteve uma breve troca de impressões com o médico a meu respeito. Ajoelhou e certificou-se de que estava morto, desenhou com um pedaço de giz a minha silhueta no chão e deixou-me ser levado. Fui colocado na beira da estrada e o militar que presenciava perguntou se não haveria algures um pano com que o meu cadáver fosse coberto. O jovem, que ali permanecia dirigiu-se de novo ao médico: “Se o caro colega não tiver nada contra...” e resolveu dar-me uma injeção de adrenalina diretamente no coração. Pude nessa altura fixar a atenção no seu rosto, cuja lembrança guardei comigo.

Alguns dias mais tarde, veio visitar-me ao Hospital em Bellinzona. Vestia um facto completo. Reconheci-o imediatamente e cumprimentei-o, cheio de dores:

- Bom dia senhor doutor, porque razão me deu o diabo daquela injeção?

Consegui reconhecer com toda a clareza a sua voz clara. Ficou surpreendidíssimo e perguntou-me como podia conhecê-lo. Contei-lhe tudo. Tornámo-nos mais tarde bons amigos. Recebeu até a condecoração dos “cavaleiros da estrada” por me ter feito regressar a este mundo, digo eu, infelizmente.

Depois da injeção de adrenalina, provavelmente no momento em que o meu coração foi estimulado a bater de novo, aconteceu-me uma coisa horrível: caí num abismo de negrume. Com um safanão esquisito e um choque senti-me escorregar para dentro do meu corpo. Toda a beleza se dissipou. Percebi que estava de regresso. Recuperei o conhecimento e passei a sentir dores indescritíveis. Acabei por desmaiar de dor, embora já na condição de sobrevivente.

Com a perícia de um bom médico tinha sido feito regressar à força, porque “por acaso” se encontrava no exato local do acidente e “por acaso” trazia consigo o tipo exato de injeção.

A sobrevivência fora conseguida “casualmente”, portanto. Os socorristas foram chamados e fui conduzido em corpo e alma, com sirenes e luzes azuis ao Ospedale San Giovanni, em Bellinzona.

“Por acaso” era lá que se encontrava presente na altura o brilhante cirurgião Clemente Mob, regressado recentemente de férias, nem de propósito, de visita ao seu gabinete. Começou logo a operar-me e salvou de novo a minha vida. Por esse motivo, no entanto, recomeçou de novo a minha penosa história.

Desde essa altura é meu cuidado dizer que o mais belo acontecimento da minha vida foi... a minha morte!

Nunca fui tão feliz em vida como fui durante a minha episódica morte, embora tenha que colocar aspas na palavra “morte”, pois que – tal como agora sei – não passava de uma situação clínica.

Decidi então registar tudo o que se tinha passado comigo, como sendo um autêntico “caso de experiência de morte”.

STEFAN VON JANKOVICH

"Ich war Klinisch Tot – Der Tod – Mein Schönstes Erlebnis" (1984)

Comentário de abertura ao livro com o título indicado:

“Estava clinicamente morto – A Morte – a minha mais bela Experiência”

Assim sintetiza **Stefan von Jankovich** a descrição da sua EQM. Permaneceu cinco minutos morto depois de um acidente de automóvel.

O livro descreve de forma impressionante as impressões e os conhecimentos desta experiência limite. A realidade desta Dimensão superior, na Alegria, no Amor e na Harmonia influenciaram para sempre o autor de maneira predominante. *“Mediante a experiência da morte aprendi realmente a viver”.*

A **Dr^a Elisabeth Kubler-Ross**, conhecida cientista que intimamente se relacionou com as Experiências de Quase-Morte, escreve no seu prefácio desta obra: *“dado que as experiências de Stefan von Jankovich não foram derivadas de uma doença prolongada, não poderão as suas percepções ser classificadas como alucinações num estado de consciência limitada, ou num estado de percepção subconsciente. Da mesma forma não poderão ser atribuídas à ingestão de produtos químicos ou medicamentosos. As percepções registadas por si fora do corpo foram confirmadas pelos participantes do acidente que ali estavam presentes, nomeadamente pelo médico que o ajudou a sobreviver”.*

Para mais alguns tópicos, consultar:

<http://palavraluz.wordpress.com/category/eqm-nde/stephan-von-jankovich/>

Nicole Dron nasceu em 1941 perto de Saint-Quentin no Departamento do Aisne (Norte de França, perto da Bélgica). Foi das primeiras protagonistas de EQM a aceitar falar publicamente da sua experiência, sem desejo de publicidade. Em conferências, emissões radiofónicas e de televisão contribuiu muito para o reconhecimento das Experiências de Quase-Morte junto do grande público e junto dos investigadores científicos interessados. Há mais de vinte anos percorre infatigavelmente a França e os países francófonos com a finalidade de sensibilizar todos aqueles a quem o seu testemunho possa ajudar.

AGRADECIMENTO

Sincero admirador da forma como está escrito o depoimento de Senhora D^a Nicole Dron e apreciador da riqueza de impressões que nos comunica, tomei a iniciativa de lhe escrever, pedindo-lhe autorização para traduzir para a língua portuguesa e publicar este resumo que está patente na sua página pessoal.

Respondeu-me com toda a amabilidade tendo dado a autorização pretendida, que muito agradeço.

Há mais de trinta anos foi-me dado viver uma experiência especial que alargou a minha conceção do mundo e inverteu todos os valores da minha vida. Foi profunda e inolvidável. Tocou todos os aspetos do meu ser e deu-me a certeza de que a morte não existe. Nunca a esquecerei.

Está em mim, recorda-me a plenitude, a beleza e a paz imensa de um estado que desafia qualquer descrição e em comparação com o qual as buscas apenas dirigidas às riquezas materiais, à fama, ao poder e à glória parecem desprezíveis e miseráveis.

Desejo que esta experiência possa secar todas as lágrimas. Possa ela também desmistificar a morte, de modo que a vida cante.

45 segundos de eternidade

As coisas passaram-se em 1968. Três semanas depois do nascimento do meu segundo filho tive uma enorme hemorragia. Fui hospitalizada e operada de urgência. Durante a intervenção (histerectomia ou ablação do útero), sofri uma nova hemorragia. A minha tensão arterial ficou entre dois e três e o meu coração parou, conforme me foi dito, durante cerca de 45 segundos, com eletrocardiograma plano.

Durante esses quarenta e cinco segundos, vivi um instante de eternidade !

Antes de mais, lembro-me de ter estado situada à altura do teto. Estava ali com todos os meus pensamentos, emoções, impressões, com tudo aquilo que constitui o meu ser profundo. Notei que conseguia ver em todas as direções mas, sobretudo, experimentava uma sensação nova e inacreditável: a de existir fora do meu corpo. Garanto-vos que é algo de emocionante sentir que vivemos para lá de nós mesmos. Tomei consciência de ser habitante do meu corpo. Este estava estendido sobre a mesa de operações. Olhei-o e não gostei do que vi. Estava cadavérica, com tubos que me saíam do nariz e da boca, nada favorecida. Isso não tinha de resto nenhuma importância porque aquele corpo não era realmente eu. Aquele corpo não era senão o meu “veículo”. Ouvi o cirurgião exclamar: “Está a escapar-se-me das mãos!”, o que me foi confirmado um mês depois por uma enfermeira que tinha assistido à minha operação.

Não fiquei muito tempo pela sala de operações porque pensei no meu marido e no meu sogro que estavam na sala de espera. Pensando neles, instantaneamente, vi-me junto deles. Percebi que tinha atravessado as paredes. Tudo me pareceu natural, porque de repente, sem dar conta, tudo acontece simplesmente. Mais tarde perguntei-me: como é isto possível? Como é que pude atravessar as paredes e encontrar a sala de espera sem sequer saber o caminho nem nunca lá ter estado? Na sala de espera concluí que não havia cadeiras. O meu marido confirmou isso mais tarde. Vi que andavam para diante e para trás, tentando eu mostrar-lhes que estava ali, mas em vão. Não me viam e eu não compreendia. Senti uma espécie de desalento em não poder comunicar com as pessoas que amava. Em desespero de causa, coloquei a mão (do corpo mais subtil em que agora me encontrava) em cima do ombro do meu sogro, mas a mão passou através dele!

Ao mesmo tempo apercebi-me de uma nova faculdade, a de passar através de tudo. Nunca perdi a noção de ser “eu mesma”; embora com a noção de não “ocupar espaço” achei-me no coração do meu marido. Passei a saber

tudo o que pensava, toda a essência da sua personalidade e o que valia como ser humano. O mesmo se passava com o meu sogro. Os meus sogros tinham perdido o primeiro filho com a idade de 25 anos. Tinha-se afogado ao tentar em vão salvar um camarada. Na sequência tinham concentrado todo o seu afeto no segundo filho e único restante, que tinha 14 anos nessa altura.

Quando se casou comigo fiquei com a impressão de lhes ter roubado o filho e de que não gostavam de mim por mim própria, mas apenas segundo a minha capacidade de o fazer feliz. Isso fazia-me sofrer. E ali, no íntimo do coração do meu sogro, pude encontrar quanta doçura e afeto tinham por mim, sendo eu capaz de ver além das minhas suposições.

projectada a uma velocidade prodigiosa em direção à luz

Achei-me de seguida num abismo de trevas e de silêncio. Estava só no mundo, num nada infinito e teria dado tudo para ouvir um ruído ou ver qualquer coisa. Não sei quanto durou aquilo. Talvez uma fração de segundo? O tempo não existia.

Pensei: “Ora aí está minha filha, morreste”. Contudo, morta não estava porque existia. Veio-me à memória uma frase que me ensinaram de pequena no catecismo: “Vive-se até ao fim dos tempos, até à ressurreição final”. Nesse contexto a ideia de habitar o nada e as trevas pareceu-me insuportável.

Algo em mim chamou por socorro e, ao longe, vi uma luz. A partir desse momento já não me senti só no mundo. Senti-me impulsionada a uma velocidade prodigiosa em direção a ela e, à medida que me aproximava, a luz alargava-se até ocupar todo o espaço. As trevas dissipavam-se, sentia presenças à minha volta que não podia ver distintamente, mas sobretudo uma alegria inaudita surgia no meu coração, mil vezes maior que todas as que podia ter experimentado sobre a terra.

e entrei na luz, o que não é descritível por palavras.

Era um oceano de Amor, aquele que se dá e nada pede em troca, um Amor Sol eu era o Amor.

Estava imersa no oceano de Amor, totalmente envolvida, amada em plenitude desde sempre e tão longe das preocupações e agitações desta terra! Já não tinha consciência nem do tempo nem do espaço, mas de “ser” e de ter sempre “sido”. Compreendi que era uma parte dessa luz, que era eterna. Nessa plenitude e nessa paz imensa compreendi o sentido da expressão: “eu sou”. Era como se, sendo eu, me tornasse em “tudo”, reencontrando a minha natureza real. Era o reencontro com a minha pátria. Tinha-me tornado Amor e era a vida.

Como, Deus meu, partilhar essa experiência? Se cada um de nós pudesse vivê-la, nem que fosse um só instante, não mais existiria a miséria nem a violência nem a guerra sobre este planeta. O sentido próprio da existência seria captado e a beleza seria a sua concretização. Nessa luz vi um jovem resplandecente que se dirigia a mim. O meu coração pulou de alegria porque reconheci o meu irmão. Os meus pais tinham perdido um menino de sete meses, tinha eu onze anos. Adorava esse menino e era como se fosse a sua pequena mãezita. Depois da sua partida os meus pais e eu vivemos com pesar tão bem expresso nos versos de Lamartine: “Há um ser apenas que vos falta, e tudo está ausente”.

Ali estava ele, e vivo! E eu tão feliz! Caí nos seus braços e senti-o sólido como a mim mesma. Comunicávamos totalmente pelo pensamento e pelos sentimentos e “disse-lhe”: “Como ficariam felizes o papá e a mamã se te vissem!” Respondeu-me que sempre nos tinha seguido e acompanhado na nossa vida. Compreendi que as ligações de amor não morrem nunca. Como podia eu estar certa de que era de facto o meu irmão? Há evidentemente uma grande diferença entre os traços físicos de um bebé e os de um adolescente. No entanto sei de certeza absoluta que era ele. Penso que se trata de um reconhecimento de alma a alma.

Também encontrei Jacques, o irmão do meu marido que não conhecia senão de fotografias. Fiquei surpreendida porque me conhecia bem e gostava de mim. Mostrou-me as circunstâncias da sua morte, o quanto haviam sofrido seus pais, sobretudo a minha sogra. Fiz votos de nunca ter de passar por tal provação na minha vida. No que diz respeito a certas situações difíceis, disse-me que se podiam transformar todas as condições desfavoráveis à nossa volta, que não era necessário aceitar tudo mas que isso devia ser feito com amor.

Também encontrei outros seres que nunca tinha visto sobre a terra. E no entanto conhecia-os e tive uma felicidade imensa em vê-los. Tinham um aspeto de tal nobreza e respeito que fiquei perante eles como se fosse uma menina diante do seu professor, o qual sentisse muito distanciado. Liam em mim como num livro aberto e gostaria de lhes não ter mostrado senão os melhores aspetos de mim mesma. Sei que me acompanham e me guiam ao longo desta vida.

Todos esses encontros se desenrolavam numa paisagem inundada de luz, de beleza e de paz. Era num lindo jardim. A natureza era magnífica. A própria erva era mais verde. Havia outras flores, outras cores; os próprios sons se transformavam em cores. E tudo isso criava uma harmonia, uma unidade tal que nelas compreendi o sagrado que há na vida. Tudo vivia, um simples ramito de erva me fascinava, porque nele contemplava todas as moléculas vivas, de luz interior.

Nesse estado, pensei que para lá do pesar e do sofrimento tão humanos pelos quais passamos no momento da partida dos nossos entes queridos, deveríamos regozijar-nos por saber que regressam ao lar ou que se encontram a caminho de reencontrar a Vida.

“como amaste e que fizeste pelos outros ?”

Revivi a minha vida de diante para trás, desde os meus então 26 anos até ao meu nascimento. Junto de mim estava um Ser de luz, um ser que o nosso coração conhece.

Não consigo descrever o esplendor e a força de Amor que dele se desprende. A sequência revelou-me, de resto, que tinha muito sentido de humor. Ouvi a sua voz que parecia vir do fundo do universo, uma voz ao mesmo tempo possante e doce, mas que nada tinha de insípida. É uma voz que pela força e pelo amor verdadeiro que dela se desprende é capaz de restaurar as forças vivas de quem a ouve.

E perguntou-me: **“Como amaste e que fizeste pelos outros?”**

Senti de imediato a exigência da pergunta. Simultaneamente tive a visão de uma multidão de seres cujos braços se estendiam na direção do céu e que imploravam. Sabia que esses seres sofriam nos seus corpos e nos seus corações e que eu era testemunha de todos os seus sofrimentos.

Que tinha eu feito por eles? Não tinha sido má, mas não tinha feito nada de especial. A pergunta exigia de mim mais fraternidade, abertura, disponibilidade e mesmo de fazer engrandecer a vida em mim e naqueles que me rodeiam, de torná-la mais ardente e livre. Exigia, como disse Emerson: “...fazer todo o bem que existe dentro do individuo”, de o ajudar a crescer em todos os aspetos do ser. Compreendi ao mesmo tempo que isso requeria muito amor, desse amor forte e esclarecido que liberta a vida. A luz esperava de mim também um crescimento, uma expansão do melhor de mim mesmo a fim de que a minha transformação e a minha realização possam ajudar os outros na sua própria realização. E fez-me sentir a humanidade como um só ser na qual todos os membros eram interdependentes no seu progresso e sobrevivência. Era o meu despertar para uma responsabilidade completamente nova.

A compreensão destas duas pequenas perguntas tão simples na aparência não pára de aprofundar-se com o tempo. Toda a minha vida ali estava, todas as alegrias, as esperas, as esperanças e as penas que comportava. Reencontrei as emoções de criança. Redescobri certos episódios esquecidos. Todos os motivos dos meus atos estavam a descoberto. Nada se pode esconder. Tudo está escrito no grande livro da vida.

Era preocupante porque, durante o decurso desse balanço, eu era a mesma que revivia todas as passagens e todas as emoções que a acompanhavam e era também a outra parte de mim, aquela que em nada sofria as emoções, toda consciência, conhecimento, amor e justiça. Era essa Luz pura, essa outra parte de mim que julgava a minha vida. Por seu intermédio tudo se tornava claro. Compreendia todos os meus mecanismos psicológicos, de que maneira funcionava e apreendia a vida, tudo o que me limitava, todas as minhas faltas e tantas outras coisas mais subtis que ainda não conseguí traduzi-las por palavras.

Tomava consciência do bem e do mal que tinha provocado em mim mesma sem tê-lo suspeitado bem como a repercussão dos meus atos e dos meus pensamentos em mim própria, e também naqueles que me rodeavam. Quando havia praticado um ato de bondade estava no coração da pessoa a quem tinha feito o bem e recebia o bem que lhe havia feito. Era também assim quando tinha sido desagradável para com alguém. Sofria em mim as penas que tinha infligido a essa pessoa e tomava sobretudo consciência da mesquinhez que tinha conduzido a isso. Como trememos quando essa grande consciência julga a nossa vida consoante os critérios do amor absoluto e da sabedoria! É nisso que se nos revelam as nossas faltas, as nossas misérias e fraquezas! É nesse momento que lamentamos todo o tempo perdido em busca de falsos valores! É então que lamentamos o não ter vivido “a sério”! Essa tomada de consciência é também acompanhada da compaixão por nós mesmos porque descobre-se que a ignorância, o medo, os condicionamentos e as fraquezas nos distanciaram daquilo que nós somos e do que nós poderíamos ter conseguido sem tais problemas.

A transformação e o rigor impõem-se-nos porque se compreende o que nos limita, é difícil transformar o medo em confiança, o egoísmo em altruísmo, etc. É necessário tempo e é necessário querer.

Sei que é a coisa mais importante que viemos fazer aqui em baixo e que estou no caminho certo, pensando frequentemente, “morrendo de não morrer” como disse S. João da Cruz, mas conservando no peito a esperança na libertação. Agora o desejo mais profundo da minha vida é reencontrar esse estado de liberdade e de plenitude que conheci nesse “coração de mim mesmo”, espaço interior onde não há conflitos, nem medo, nem paixão, nem condicionamento moral; onde já não me encontrava prisioneira das minhas emoções e das minhas ideias feitas. Que maravilhosa liberdade nesse oásis de paz! É a partir dele que sei onde se encontra, de agora em diante, a minha verdadeira natureza; e tudo em mim e em meu redor, colocava obstáculos a essa plenitude.

compreender e renascer

Foi-me mostrado o que seria a minha vida quando regressasse à terra. Mas antes “alguém” me tinha perguntado se queria ficar ou regressar à terra. A minha alma desejava ficar mas pensei nos meus filhos pequenos que necessitavam da sua mãezinha.

Foi-me dito que quando regressasse, esqueceria muito do que soubera, porque era preciso. Mau grado o meu desejo de fixar todos os conhecimentos, sei que muitos foram apagados. Não trouxe senão as migalhas, o que lamento. Quando digo “alguém me mostrou” ou “foi-me dito”, é uma forma de dizer que recebia essas informações de um ser (irmão, etc.) ou muito simplesmente da grande Luz. Era como se estivesse numa sala de estudos sem professor. Por isso vi os meus filhos crescer, com grande orgulho neles. Foi-me mostrado que os meus sogros e a minha avó deixariam a terra quase ao mesmo tempo e que dois de entre si, partiriam com três semanas de intervalo. Fiquei chocada.

O meu sogro e a minha avó deixaram-nos treze anos depois desta experiência, com um intervalo de três semanas, dia por dia, e a minha sogra partiu no ano seguinte. Tinha revelado essas informações ao meu marido e aos meus pais, o que muito os transtornou.

Lembro-me também de ter estado em poder de grandes conhecimentos. Em 45 segundos (o tempo não existia) vivi milénios. Lembro-me de ter visto gigantes e sacrifícios humanos. Tive toda uma informação sobre civilizações desaparecidas, das quais a Atlântida, e sobre Joana d’Arc também. Sei que soube, mas esqueci essas informações.

Diziam-me que Deus era a força, a vida e o movimento, que a vida existia por todo o lado no universo, que no interior da terra existiam grandes cavidades, que o nosso era um planeta não sagrado, que Cristo, Buda e Maomé trabalhavam juntos na regeneração da terra, que quando morresse, ninguém me perguntaria qual a minha religião, a minha filosofia ou a que raça pertencia. Sim me perguntariam como tinha amado e o que tinha feito pelos outros, porque só a qualidade de ser de um indivíduo é importante.

Disseram-me igualmente de que tudo que ia no sentido da unidade estava correto e que a minha vida, em comparação com a eternidade, correspondia a um simples pestanejar. Era capaz, em tal estado, de renunciar a todas as reivindicações e a todas as condições, pela felicidade e pelo “ser”, pura e simplesmente.

Também me mostrou o futuro da humanidade. Vi que o nosso planeta seria objeto de grandes transtornos, que iríamos atravessar grandes provas, grandes tribulações, porque tínhamos uma tecnologia avançada, muita ciência, mas muito pouca fraternidade e sabedoria. E mostraram tudo o que arriscávamos de que aconteceria aqui SE não mudássemos de atitude. Insisto no SE por ser determinante. Disseram-me que estávamos numa encruzilhada e que nada era inelutável, tudo dependia da nossa capacidade de amar e de agir com sabedoria. Sinto todavia a urgência de uma grande transformação individual e planetária da humanidade e a necessidade de instaurar a paz e a tolerância em nós e à nossa volta, para viver em harmonia e respeitando as coisas viventes.

Mas é verdade que há 32 anos, enquanto tudo estava florescente, vi o desemprego estender-se pela terra inteira, uma peste assolar ela também toda a terra, erupções vulcânicas, intempéries, etc. e muitas outras catástrofes. Mas não vim trazer o pessimismo. Conheço demasiado bem as funções do pensamento e sei que esses acontecimentos não acontecerão a menos que continuemos a ultrajar as leis do amor e da consciência.

Também vi que já tinha vivido antes nesta Terra. Foram-me mostradas certas sequências de outras vidas e as relações que mantinham entre si. Disseram-me que regressaríamos de novo à terra enquanto não tivéssemos adquirido amor bastante e sabedoria, que tudo era uma questão de evolução. Nas circunstâncias era o que me parecia evidente.

Mais tarde, quando regresssei ao meu corpo, essa recordação transtornou-me bastante, mas estou intimamente convencida que esse conceito de “vidas sucessivas” não deve dividir ninguém porque o importante não é estarmos presos a uma crença ou a uma convicção, mas de nos transformarmos.

Ao nível do absoluto, para além do espaço e do tempo, nada há senão a vida, a Grande Vida. Mas na nossa dimensão limitada inscrita no tempo e no espaço, não tomamos consciência senão de um segmento, de uma parcela desta vida que se desenvolve entre o nascimento e a morte e pensamos que essa pequena vida é tudo o que há para conhecer. E contudo...

Disseram-me que Cristo iria regressar à terra, o que estava iminente. Já não sei se se trata de uma entidade tal como o Cristo que deve encarnar sobre a terra fisicamente ou se será a sua consciência de que cada um de nós representa uma centelha em evolução que devemos deixar que se expanda em nós até à dimensão “Cristica”, mas chorei ao pensar que essa vinda era a única coisa que nos salvaria.

Cristo, tal como o entendia nesta experiência (e não tenho a pretensão de ter captado todo o seu mistério) representava toda a plenitude da minha vida, em tudo o que É. Era a consciência, o amor e a vida manifestarem-se totalmente no ser humano e na humanidade liberta das suas humanas misérias. Não pertence a nenhuma religião porque estava no coração de todas. Era a plenitude de Deus no homem. Compreendia que aquilo que nos salvaria de nós mesmos e que evitaria as guerras, catástrofes e calamidades seria o despertar essa dimensão de Cristo em nós.

“quero casar-me contigo”

Tenho também a recordação de ter ido de plano em plano. Bastante mais subtil do que isso. Tinha a impressão de penetrar profundamente na minha consciência e isso manifestava-se por uma lucidez e uma compreensão interiores que iam em crescendo e também exteriormente por muita luz e beleza. Achei-me numa cidade de luz, de ouro e de pedras preciosas. Era a glória das glórias.

Sentia-me transportada e elevada ao mais alto nível. Compreendi ainda mais profundamente o sentido dos 26 anos que tinha passado na terra e o que tinha feito dessa oportunidade.

Depois foi-me mostrado que teria muitas provas e sofrimentos no tempo que me restava viver. Vi-me chorar muitas vezes e perguntei o porquê dessas provas. Disseram-me que as tinha aceitado antes de nascer porque, graças a elas me seria dado crescer. Supliquei então que me fossem dadas todas as experiências e provas que me fossem necessárias para chegar ao objetivo final e isso apenas numa vida, porque não desejava regressar de novo. Compreendi que o inferno era aqui e estava pronta para todas as renúncias e aos maiores sacrifícios para não ter que regressar. Fizeram-me contudo compreender que não me era dado carregar mais esforço do que aquele que os meus ombros poderiam suportar.

Pode parecer extravagante ou contra natura desejar isso. Graças a Deus não sou masoquista. Amo a vida. Nesse estado de consciência sublime, porém, não tinha senão um desejo: chegar o mais rapidamente possível ao objetivo final, o de me dissolver nesse esplendor. Na terra, diante das provações, do sofrimento, da doença, insurgimo-nos, revoltamo-nos. No “lado de lá” compreende-se a razão das coisas e os resultados. E tudo se torna claro.

Mostraram-me uma parede de pedras preciosas e convidaram-me a ser uma dessas pedras preciosas. Veio até mim um ser muito belo. Não consigo dizer se seria homem ou mulher, porque era viril e feminino simultaneamente. Tive a impressão de que o conhecia desde a noite dos tempos. Desejei dissolver-me nele e disse-lhe: “Quero casar-me contigo”. Percebi na minha consciência que esse ser era eu mesma, mas o eu do fim dos tempos, o eu completamente realizado.

Foi um grande lição de humildade medir todo o caminho que tinha ainda de percorrer para ser aquilo que sou. Compreendi que o tempo não era senão a distância que me separa de mim mesma e que eu era já aquilo na medida em que era capaz de viver nos limites da minha alma. A minha incapacidade de viver a plenitude do que sou, solicita as experiências necessárias para alcançar aquilo que me falta.

“É a ferida que cura” como tão bem se exprimiu uma “experientista” Suíça.

O meu irmão e eu despedimo-nos um do outro. Deu-me de conselho que não falasse nesta experiência logo que acordasse e que aguardasse 17 anos até testemunhar, porque, antes disso, seria considerada como um traumatismo na sequência de um choque operatório.

Não me recordo de ter saído do meu corpo mas recordo de ter-me integrado de novo nele entrando pela cabeça, e de ter escorregado para dentro como quem calça uma meia.

Toda a experiência que tinha tido apagava-se. Não conseguia retê-la. Para mim é esse o drama da existência. Acabou a sensação de plenitude, de liberdade, de me sentir UM e TUDO simultaneamente. Entra-se neste corpo como se entrasse numa caixa.

Esquecemo-nos de que os OUTROS também somos NÓS e agredimo-nos mutuamente.

Devem ter-me acordado rapidamente com um par de estalos.

Ao despertar estava ainda nos meus ouvidos uma música sublime, uma sinfonia de grande amplitude, de uma grande doçura que me dissolvia no amor. Tentei mais tarde reencontrá-la escutando música sacra e peças clássicas, mas em vão. Por detrás dessa música existia afirmação da pessoa, uma paz infinita, uma plenitude, um conhecimento que desejaria ter guardado em mim. Trazia uma parcela de eternidade e o sentimento de ter compreendido todas as coisas. Tudo estava bem.

Ao despertar, acordou a dor também comigo (tinha sido aberta do umbigo à púbis) e toda a experiência se apagava. Ficou comigo apenas uma parte ínfima.

Essa experiência foi, a partir de então o motor da minha vida. Não há um dia nem uma hora sem que a sua lembrança se manifeste e sei que não é obsessão. A experiência preenche-me e alimenta-me, está lá como uma força em torno da qual gravito. É uma densidade que me liga ao chão e ao céu, não pedindo senão que cresça, às vezes com tal força que chega a ser doloroso.

Talvez o mais belo prolongamento dessa experiência seja a sensação de uma “Presença”, peso da minha essência reencontrada.

Sei desde aí que o Amor é o segredo da vida, o segredo de Deus, e que Este é a Luz esplêndida e a maravilhosa energia que preenche todo o universo.

Creio numa religião sem fronteiras, a do amor que está no coração de cada ser e que, para lá dos dogmas, leva o homem a transformar-se de larva em borboleta.

Sei que nada existe senão a VIDA.

NICOLE DRON

É uma dura tarefa tentar exprimir o impacto de uma tal experiência na vida de todos os dias. Parece uma vaga de fundo nas praias do meu ser para varrer o que não é “Aquilo”. Subtil e maioritariamente incomunicável porque revelador dos movimentos da alma.

Sei agora que a vida não se limita ao que conhecemos sobre a terra. É um mundo de luz e de amor puro, a nossa verdadeira pátria que reencontramos com quanta alegria!

Sei que somos eternos, que vivemos sempre e sempre viveremos, centelhas dessa luz.

E sei que a morte não existe, que é a grande ilusão. Nada existe senão a vida convidando-nos a entrar na sua plenitude.

o olhar sobre a vida muda completamente

Esse facto é coerente e significativo. A finalidade é evoluir até à perfeição e à plenitude.

Agora a finalidade da minha vida não é unicamente ter, saber e poder, mas sobretudo reencontrar esse estado de plenitude, realizar e encarnar na terra todo o amor e sabedoria do céu. O meu verdadeiro trabalho é tornar-me conscientemente o que sou em toda a eternidade, ser essa perfeição de mim que vi e que me espera.

É uma tarefa exaltante e exigente abater os próprios desejos, a única que faz sentido. É por aí que vou, pensando muitas vezes “morrendo de não morrer” como disse tão justamente S. João da Cruz – mas repleta de uma confiança indefetível na vida, na sua realidade e capacidade de nos revelar e conduzir mais longe no caminho do nosso ser. Regressei com o desejo profundo de revelar essa experiência à humanidade a fim de que ela possa engrandecer a vida em si, como fez comigo.

Noto que depois da experiência envolvo-me muito menos nos conflitos de personalidade, nas relações de força à minha volta. Distancio-me relativamente aos acontecimentos e às pessoas. Concentro-me no essencial. Acontece-me, cada vez mais, avaliar se é bom ajudar os outros quanto à sua personalidade ou se será melhor deixá-los à sabedoria afetiva da sua alma. Inclino-me cada vez mais a não ceder à miragem das personalidades, porque de nada lhes servirá. Isso é melhor para que os ajude ao nível da alma, talvez ajudando-a a despertar. É verdade que é sempre mais fácil sentir faltas nos outros do que faltas em nós.

Ter visto que a vida não passa de um transição no progresso da alma, ajudou-me a aceitar melhor as injustiças e os sofrimentos da humanidade, ajudando-a o melhor possível.

quanto à religião

Sinto-me fazer parte da Grande Religião do Amor, a que reside no coração de cada um. Fui educada na religião católica romana que guarda tesouros no seu seio, mas já não me sinto limitada pelo peso da instituição

religiosa. Tenho imenso respeito por todas as religiões e filosofias que engrandecem o homem, mas o mais importante é o caminho da transformação, muito mais que da crença nos dogmas estabelecidos. A transformação é o processo alquímico que faz da larva uma borboleta e que conduz à grande experiência de Deus em cada ser. É por aí que chegamos à reconciliação.

A experiência ensinou-me a ser mais tolerante para com os outros, a não julgar, sem ser por isso complacente, porque sei que estamos todos em transformação. A nossa vida é sagrada e um dom do céu para evoluirmos. Regressei com um sentido exacerbado da beleza, seja por uma flor, uma paisagem, uma criança que desperta para a vida e também para a beleza das almas. Mais do que antes sinto a presença de uma graça na natureza ou seja no que for, tanto que me vêm as lágrimas aos olhos. Ao que aspiro é à unidade sentida durante a experiência, na qual eu estava em tudo e tudo estava em mim.

a vida depois da experiência

Há coisas difíceis. Uma é não conseguir viver “nos limites da alma” como durante a experiência. Senti uma tal paz, tão longe da mesquinhez e das misérias humanas, estava tão repleta e em plenitude que desejei ficar assim para sempre.

Gostaria de viver sempre dessa Presença, mas é difícil, posto que todos os que vivem à nossa volta não têm esse ideal por não o terem vivido. Faz sofrer não poder reproduzi-lo à nossa volta.

Com mais maturidade, vi que era preciso dar tempo ao tempo para concretizar pessoalmente essa perfeição e que sempre haverá distância entre o ideal e a realidade.

Também é difícil manter o equilíbrio no casal, a estabilidade perante os filhos e viver uma experiência de tal profundidade sem afetar todos os que nos cercam.

Foram precisos anos para nos harmonizarmos, eu e meu marido, para que me respeitasse sem receio da minha mudança interior, sabendo que o amo como ele é sem ter de mudar nada em si mesmo. É preciso vencer o medo, ter muita paciência, confiança mútua e afeto. Agradeço-lhe por ter aceite ser incomodado.

O mais difícil ao longo destes anos foi ter trazido em mim algo de poderoso, exigente, quase incomunicável, permanecendo em silêncio e na solidão sem que pudessem adivinhar o quanto era importante o que se passava no meu íntimo. Os meus filhos necessitavam do aspeto familiar e tranquilizador da sua Mãe, para seu equilíbrio pessoal, e eu temia que as minhas aspirações interiores os desorientassem. Tive de me moderar e de protegê-los. Agora já são adultos, estão próximos de mim e informados do que se passou, embora com a dificuldade de me imaginar fora das minhas funções de mãe, de que necessitam.

Foi muito difícil terem-me pedido para partilhar a experiência, ausentar-me por vezes de casa no momento em que os filhos começaram a largar o seu ninho, e não antes, como se a inteligência divina respeitasse os meus deveres para com eles.

Tento viver todas essas transformações interiores o mais simplesmente possível. Necessito muito de solidão, amo o silêncio e, contudo, sinto que devo partilhar. Estranho paradoxo! As conversas ociosas, as controvérsias mentais aborrecem-me. Nem falemos da maledicência! Sinto uma necessidade muito forte de autenticidade, de verdade, de inocência mesmo. Sinto-me por vezes absorvida pelo meu oásis de paz, de quietude, liberta do passado e do futuro.

Já me perguntaram se tinha “poderes”. Não os procuro porque podem ser uma ratoeira para o ego e isso é tão ardiloso. Há a via dos poderes e a via da paz. Se me fosse concedido um, gostaria de ter o dom que ajudasse os outros a mudar de consciência.

Não me esqueço de me terem dito que Cristo iria regressar à terra, que estava próximo, e seria a plenitude da vida em potencialidade dentro de cada ser humano. Chorei porque se permitirmos que desperte essa parte de nós, e que cresça em consciência, então será o céu a descer à terra e o fim das nossas tribulações.

Esta experiência abriu-me horizontes insuspeitos sobre o passado e o futuro da nossa humanidade. Quando “regressei à vida” pensei que era mais fantástico do que se podia imaginar e que o futuro nos traria grandes surpresas.

É todo um cérebro interior que se abriu na necessidade de compreender os mistérios que foram revelados durante a experiência. Assuntos que antes me eram indiferentes tornaram-se importantes, o espaço, o tempo, o mistério da criação, a energia, o sentido e objetivos da vida, a consciência, etc.

O amor, durante a experiência, foi amor-conhecimento e tento vivê-lo simplesmente na vida de todos os dias, abrindo-me às outras pessoas e “sendo” simplesmente. A descoberta de que o amor-sabedoria é a vida do

universo é um tesouro muito meu que gostaria fosse de todos. Imaginai no coração da política, do exército, da finança, da educação — instituições “amor-sabedoria”! Tudo se tornaria justo, a felicidade do homem estaria assegurada.

o crescimento interior

Retorno à experiência pela qual passei.

Se é difícil exprimi-la, o crescimento interior que dela deriva, o trabalho subterrâneo, o chamamento da alma, as esterilidades, os silêncios, os sofrimentos secretos, a exigência do viver verdadeiro, dessa verdade da alma que está para além das leis convencionais, tudo isso é ainda mais difícil de exprimir e não pode ser compreendido senão por alguém que tenha passado pelo mesmo, donde a obrigatória solicitude e o silêncio.

Mas estou feliz por ter vivido esta experiência. Se não foi fácil numa certa altura da minha vida falar sem suscitar ironia, indiferença ou condescendência, compreendo agora que a prova era necessária para “temperar o aço”.

Viver verdade, sem renegar a experiência por facilidade ou para agradar aos outros, foi ao mesmo tempo um desafio e uma exigência. Senão, teria tido a impressão de morrer.

Esta experiência deu uma dimensão imensa à minha vida. Sem ela, tenho a impressão que teria arriscado viver de uma maneira superficial e de passar ao lado do essencial.

Quando estamos no caminho da alma, apercebemo-nos que as dificuldades existem sempre, porque são educativas, mas também que somos ajudados de todas as maneiras possíveis, sonhos, coincidências, encontros e livros que nos ajudam.

Agradeço do fundo do meu coração a todos aqueles que estiveram presentes, o meu marido e os meus filhos, e graças àquilo que são permitiram-me realizar o que eu sou. Obrigado em especial ao meu marido que, na sombra, me dá apoio e me acompanha na tarefa comum. A sua reforma não é tão sossegada como desejaria; ele é a minha força muito para lá daquilo que possa imaginar.

A experiência suscitou o meu desejo de transparência, o desejo de SER, mas também o gosto da partilha e do dom de si.

Roland de Jouvenel disse à mãe: “Mãe, alimentamo-nos daquilo que damos aos outros”. Esta citação é o fio condutor, o fio de ouro da minha vida. Tenho a convicção profunda que não vivi esta experiência apenas para mim e que a devo partilhar com todos.

Quando regressar à Luz de Deus, gostaria que todas as pequenas partículas de luz que foram semeadas aos quatro ventos no coração das pessoas se tivessem transformado em pedras preciosas.

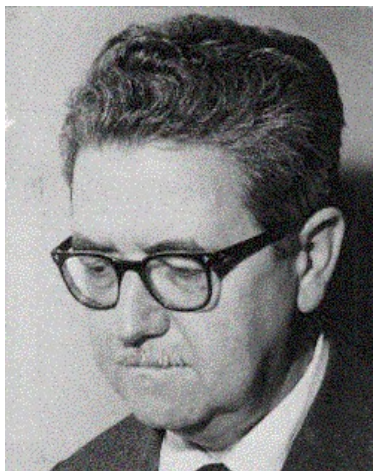
NICOLE DRON

Acerca do livro de autoria de Nicole Dron

Clicar no endereço abaixo para ter acesso ao site da autora:

Livro: éditions Kymzo
(www.kymzo-editions.com)

É de notar que os direitos de autor desta obra são destinados pela sua autora a instituições de solidariedade localizadas no Urugua: Bolívia Inti-Sud Soleil (www.boliviainti-sudsoleil.org)



ESTUDO E CRÍTICA DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO À LUZ DO ESPIRITISMO

Na aparente simplicidade da sua forma escrita o Espiritismo abrange todos os campos do Conhecimento. Não o faz de maneira sistemática, mas espontânea, numa espécie de improvisação determinada pelas exigências do borbulhar dos fatos e da escassez do tempo.

Kardec já estava com 50 anos de idade e não dispunha de recursos financeiros e meios técnicos, nem de auxiliares preparados para a execução da obra imensa e urgente que o desafiava. Estava só diante daquela erupção de fenómenos que tinha de controlar na formulação de uma doutrina que os tornassem acessíveis a todos. Dispunha apenas dos seus conhecimentos científicos, da visão pedagógica herdada de Rousseau e Pestalozzi, dos instrumentos humanos de pesquisa que eram as meninas Boudin, de 14 e 16 anos e dos recursos da sua didática, desenvolvidos nos Institutos que fundara e dirigira, nas obras que publicara e nos serviços prestados à Universidade de França como diretor de estudos.

Valeu-lhe o seu temperamento calmo, ponderado, que lhe permitiu dominar as circunstâncias e organizar **uma nova ciência** apoiada em pesquisas, dotada de **métodos próprios**, entrosada nas exigências científicas da época, amparada numa instituição científica por ele mesmo fundada e pelos meios de divulgação, pesquisa de opinião e possibilidade de debates em plano mundial, que criou com suas obras e a fundação e manutenção da Revista Espírita. Uma epopeia cultural silenciosa, que não obstante se expandiu em todas as direções culturais, abalando o mundo.

Essa façanha homérica não dispensou o auxílio clássico dos deuses — aqueles mesmos que Tales de Mileto dizia encherem o mundo em todas as suas dimensões - **os Espíritos**.

Esses deuses, que ele humanizou ao invés do divinizar, enfunaram as velas do seu barco e o levaram, solitário, à conquista de mares e terras desconhecidas e envoltos nos mistérios de todas as mitologias e magias religiosas. Teve de enfrentar, como Ulisses, os báratros e os monstros do mar e os guerreiros entrincheirados nas muralhas das tróias culturais da Terra.

A Epistemologia Espírita, estudo e crítica do Conhecimento Científico à luz do Espiritismo, não é sequer mencionada na obra de Kardec, mas está nela integrada, é um dos problemas fundamentais da doutrina, indispensável à sua compreensão.

Na Antiguidade, com algumas exceções do mundo clássico grego-romano (por exemplo: as observações empíricas dos filólogos gregos e posteriormente de Aristóteles), todo o Conhecimento Humano decorria das tradições religiosas e se processava por dedução.

Com ou sem o esquema lógico aristotélico, os sábios serviam-se de um único instrumento de pesquisa, que era o silogismo. Só nos princípios do Século XIV surgiram na Itália as primeiras tentativas de interrogar a Natureza para se conhecer a realidade. Daí por diante a Ciência desenvolveu-se, através de penosos episódios históricos como os de Galileu e Giordano Bruno, pois qualquer descoberta que contrariasse a Bíblia era logo motivo de perseguições e condenações por heresia.

Para se dar o passo lógico da dedução para a indução foram necessários quatro séculos. Basta lembrarmos o episódio de Descartes, que em seu Tratado do Mundo teve de usar um expediente curioso. Para dizer que a Terra girava em torno do Sol, afirmou que a Terra era fixa no espaço, envolta na sua atmosfera, mas esta girava em torno do Sol. Apesar disso, Descartes acabou fugindo para a Holanda, país protestante, a fim de livrar-se das condenações da Igreja. Ele usava no seu emblema a palavra “caute”, a cautela que devia ter na exposição de suas ideias. Nesse ambiente opressivo a Ciência era uma erva daninha que só crescia às ocultas.

No Século XVIII, chamado o Século de Ouro das Ciências, a opressão clerical afrouxara-se na medida em que as invenções, mais do que as descobertas, lhes davam prestígio.

No Século XIX a situação mudara bastante, mas só nos meados desse século o clima se tornara propício ao emprego atrevido do **uso da indução científica**, que consiste na pesquisa de vários fenômenos para deles se obter a lei geral que os rege.

Antes disso seria impossível a pesquisa espírita, que além de condenada em si mesma como profanação da morte, seria também condenada por contrariar a sabedoria infusa dos teólogos, procedente de Deus através da Bíblia e do milagre das intuições reveladoras.

Apesar da liberdade já conquistada, a Inquisição Espanhola, não podendo condenar Kardec à fogueira, pois ele estava na França, condenou a sua obra e queimou-a com todos os rituais da Inquisição em Barcelona.

Kardec comentou o fato na Revista Espírita, num artigo intitulado **A Cauda da Inquisição**, aproveitando o fato para rasgar mais amplamente a pesada cortina da censura eclesiástica no mundo.

A França marchava na vanguarda da libertação, enquanto a cauda da opressão ainda se arrastava, erizada de ameaças e eivada de crimes, em terras de Portugal e Espanha.

Só na França seria possível, naquela fase de transição histórica e cultural, o desenvolvimento do Espiritismo. Não obstante, ali mesmo se ergueram as ondas da reação, sopradas pelos vendavais do fanatismo religioso, dos preconceitos culturais e do exclusivismo científico.

Foi no estudo sereno dessa reação, no meio do furor dos elementos desencadeados, que Kardec deu início à **Epistemologia Espírita**.

Sozinho a princípio, eram ainda poucos os seus companheiros. Repetia-se no antigo e carismático solo das Gálias o mesmo quadro palestino de Jesus com seus poucos discípulos a enfrentar os poderes do mundo. O panorama histórico, porém, modificara-se e Kardec podia usar com mais eficácia as armas da razão. O Renascimento preparara a França para aquele momento glorioso.

Kardec examinou a posição epistemológica do Espiritismo na Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita que abre O Livro dos Espíritos, obra fundamental da Doutrina.

O Espiritismo é uma Ciência que se defronta com as outras ciências em pé de igualdade e não pode ser julgada pelos cientistas que não a conhecem. Os sábios são dignos de admiração e respeito, quando se pronunciam sobre o que sabem. Mas quando opinam sobre o que não sabem igualam-se ao vulgo, dando simples opiniões desprovidas de valor. O que vale na Ciência são os fatos e não as opiniões. Só é válido no campo científico o veredicto das provas.

A rejeição dos fatos “a priori” não tem valor científico, por mais reputado que o seja o cientista que emitiu um julgamento. E acrescenta:

“Quando a Ciência sai da observação material dos fatos para apreciá-los e explicá-los, abre-se para os cientistas o campo das conjeturas. Cada um constrói o seu sistemazinho, que deseja fazer prevalecer e o sustenta encarniçadamente. Os fatos são o verdadeiro critério dos nossos julgamentos sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do homem prudente.”

A posição de Kardec era assim de uma clareza e positividade absoluta.

O Espiritismo nascia como Ciência, dentro dos quadros da evolução científica, e ao mesmo tempo assumia uma posição epistemológica realista, criticando os desvios individualistas à realidade objetiva.

Aos que o criticaram alegando que o objeto de sua doutrina não era objetivo, Kardec lembrava que o conceito espírita de Espírito não era vago, indefinido, **mas rigorosamente objetivo**.

“O Espírito é um ser concreto e circunscrito — afirmava — um ser real, definido, que em certos casos pode ser apreendido pelos nossos sentidos da vista, da audição e do tacto.”

A natureza objetiva do Espírito não podia ser confundida com a dos objetos lógicos, matemáticos ou mitológicos e imaginários, pois as suas manifestações permitiam a verificação científica de sua realidade objetiva e de sua capacidade de produzir efeitos materiais das mínimas às máximas proporções. Por isso o Espiritismo exigia

atitude científica no seu estudo, pesquisas objetivas na comprovação das leis naturais que regem as suas relações com o mundo sensível e com os homens encarnados.

A maioria dos cientistas criticava o fato de o Espiritismo haver nascido da observação da chamada dança das mesas.

Kardec perguntava se a movimentação espontânea de objetos materiais, rigorosamente constatada, era mais ridícula que a dança das rãs que dera a Galvani a possibilidade de descobrir a eletricidade.

Negar esses fatos sem observá-los e pesquisá-los era anticientífico, revelava a persistência de preconceitos na Ciência e exigia, por isso mesmo, a pesquisa séria e metódica dos cientistas sérios.

A Ciência da época se fechara sobre as suas conquistas primárias e com elas se julgava na posse do conhecimento total. Caíra num mecanicismo simplório e se alienava num solipsismo arrogante.

Quando a Academia reconheceu a existência do Hipnotismo, Kardec lembrou, num artigo crítico e irônico da Revista Espírita, que o Sr. Magnetismo tentara numerosas vezes entrar na Academia pelas portas da frente, mas sempre rejeitado, até que resolveu trocar de nome e entrar pelas portas dos fundos, sendo bem recebido e adquirindo a sua desejada cidadania científica. A Ciência dava mais importância às aparências formais do que à substância. Kardec assinalava que o Espiritismo não era uma questão de forma, mas de fundo.

Sua crítica epistemológica desenvolveu-se implacável através dos anos sucessivos de pesquisa na **Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos**, que ele estruturara e dirigia como instituição científica de pesquisas. Quando os cientistas voltavam à carga contra o Espiritismo, Kardec declarava francamente a impotência da Ciência para opinar sobre questões que os cientistas simplesmente desconheciam. Respeitava os cientistas sérios e prudentes, mas não poupava os levianos e atrevidos que se julgavam, como ele dizia, monopolizadores do bom-senso e da verdade.

Charles Richet, Prêmio Nobel de Fisiologia, reconheceu o seu valor e a sua capacidade de pesquisador, embora não aceitasse a Doutrina Espírita, que considerava precipitada.

William Crookes aceitou a incumbência da Sociedade Dialética de Londres, de demolir o Espiritismo, e após três anos de pesquisas, com resultados assombrosos, proclamou a veracidade inegável dos fenômenos espíritos.

A luta solitária de Kardec deu resultados inesperados:

Os trabalhos de **Johann Karl Friedrich Zöllner** e de **Albert von Schrenck-Notzing** na Alemanha,

de **Ernesto Bozzano** e **Ercole Chiaia** na Itália, que dobraram a resistência férrea de **Cesare Lombroso**, com várias materializações incontestáveis da mãe do grande antropólogo, o aparecimento da Metapsíquica, da Ciência Psíquica Inglesa, da antiga Parapsicologia Alemã;

as pesquisas que levaram **Frederic William Henry Myers** a publicar seu tratado A Personalidade Humana e sua Sobrevivência, o desenvolvimento da Psicologia Experimental

e por fim o aparecimento da Parapsicologia Moderna de **Joseph Banks Rhine** e **William McDougall** provaram a legitimidade da Ciência Espírita e da crítica epistemológica, de Kardec.

Mas como o Espiritismo não mudou de nome, conservando-se fiel à sua origem e a si mesmo, intransigente na sua clara e precisa posição epistemológica, não foi admitido na Academia nem recebeu a cidadania científica a que tinha e tem o mais absoluto e inegável direito.

Kardec, que faleceu em 1869, não teve a oportunidade de ver, em vida, os lances mais importantes da sua vitória sobre o carrancismo e o radicalismo do mundo científico oficial. Hoje, arrastada pela correnteza da evolução, a Ciência teve de mergulhar no oceano invisível dos átomos e suas partículas, da percepção extrassensorial e do poder insuspeitado do pensamento, precipitando-se na voragem das pesquisas sobre a reencarnação, ao absurdo das múltiplas dimensões da matéria, dos mundos interpenetrados, da antimatéria, da pluralidade dos mundos habitados, da assustadora problemática filosófica da concepção existencial do homem, da realidade ontológica considerada como subjetividade pura e assim por diante, negando-se a si mesma para poder sobreviver como sobrevivem os homens e todas as coisas e seres, segundo Kardec afirmava.

Kardec podia opinar com autoridade sobre a Ciência, porque era professor de Ciências. Mas por isso mesmo negava à Ciência o direito de opinar sobre o Espiritismo, que ela não conhecia e os cientistas o encaravam através de preconceitos, numa atitude anticientífica. Sua rejeição ao juízo científico da época, nesse sentido, é um veredicto:

"A Ciência propriamente dita, como Ciência, é incompetente para se pronunciar sobre a questão do Espiritismo, e seu pronunciamento a respeito, qualquer que seja, favorável ou não, nenhum peso teria".

Essa declaração de incompetência é válida ainda hoje, quando vemos a Ciência confirmar o Espiritismo sem querer e sem o saber.

A ignorância dos sábios a respeito, como dizia Kardec, não se modificou. A posição realista de Kardec prova a sua segurança absoluta no tocante à legitimidade das suas pesquisas.

O Espiritismo se sustentava em suas bases experimentais e lógicas, sem necessitar de aprovações estranhas, mesmo porque essas aprovações não provinham de quem tivesse o conhecimento suficiente para opinar a respeito.

Por outro lado, **a posição epistemológica do Espiritismo não podia ser criticada**. Seu objeto era inegável: **a realidade psíquica do homem e os fenômenos que a demonstravam através dos tempos**.

O seu **método de investigação** era perfeito e bem integrado nas exigências científicas, adequado ao objeto; a **orientação das pesquisas** era feita por um mestre capacitado e reconhecido como tal; os **resultados obtidos** eram interpretados com critério rigorosamente científico; a **divulgação das experiências**, observações e pesquisas era feita através de órgão específico e especializado, com todas as informações e minúcias das ocorrências; nenhuma experiência conseguira cientificamente negar a realidade dos fenômenos ou contrariar a validade das interpretações.

Se a Ciência não reconhecia a validade científica da pesquisa espírita, não era por desmenti-la ou pô-la em cheque com outras experiências, mas por simples atitude preconceituosa, que não podia pesar em considerações realmente científicas.

Restava ainda o fato importante da comprovação dos fenômenos por cientistas eminentes da época e conhecidamente contrários ao Espiritismo.

As alegações de que o Espiritismo se apresentava à Ciência como um produto híbrido, em que problemas científicos, filosóficos e religiosos se misturavam, tornando-o indefinido, não passava de manobra, pois a sequência natural dessas áreas, no plano do desenvolvimento cultural, corresponde exatamente ao esquema espírita. A magia primitiva corresponde ao fazer experimental, portanto à Ciência; a Filosofia era a concepção do mundo dada pela experiência em que se conjugam teoria e prática; a moral decorria do comportamento determinado pela mundividência e a religião surgia como imperativo das conquistas do saber adquirido. Toda a História do Mundo Antigo testemunhava isso. As próprias culturas teológicas fizeram esses caminhos. O Positivismo de Augusto Comte, que se apresentava como Filosofia Científica, seguiria o mesmo esquema da Teoria Geral do Conhecimento, acabando por desembocar na Religião da Humanidade.

Epistemologicamente nada havia a censurar ou condenar no contexto do Espiritismo. Comentando a fatuidade humana, Kardec lembra que os homens mais sábios deixam-se embaraçar por coisas insignificantes. O que impediu a expansão do Espiritismo na Europa do século passado, de maneira a poder renovar a velha criminosa concepção do mundo ainda hoje dominante, foi simplesmente o seu aspecto religioso. Como no Cristianismo Primitivo, o Espiritismo foi acolhido com ansiedade pelas camadas pobres da população, que o converteram por toda parte numa nova seita cristã.

Nesse aspecto devocional as camadas superiores viam apenas o religiosismo popularesco, dotado da mesma fé ingênua de toda a religiosidade massiva.

Contra essa avalanche de crentes humildes, predispostos ao beatismo, surgiram pequenos grupos de pessoas cultas, que lutaram muitas vezes com entusiasmo, mas acabaram cedendo à pressão dos preconceitos. Esses grupos se fecharam em sociedades de elite, desligados do povo, ou simplesmente desapareceram por falta de elementos dispostos ao trabalho árduo e à luta constante em defesa da doutrina.

Padres e médicos aproveitaram-se disso para tentar asfixiar, acompanhados por pastores protestantes de produtivos rebanhos, o Renascimento Cristão. A palavra Cristianismo gerara um estereótipo enriquecido pelo duplo prestígio das classes dominantes e das igrejas tradicionais.

As corporações científicas e as associações profissionais de médicos representavam a reação científica e as igrejas cristãs a cólera divina, disparando os raios do Olimpo contra os renegados. Apesar desses fogos cruzados sobre as suas cabeças descobertas, os espíritas conseguiram compreender os princípios fundamentais da doutrina, a sua luta pacífica no desespero das guerras impiedosas.

Mas a atualidade oferece-nos perspectivas inteiramente diversas das que predominaram até agora. Graças à sua própria ignorância do assunto, os cientistas entraram a fundo no esquema de pesquisas da Ciência Espírita e comprovaram a sua veracidade. Chegamos assim a um momento crucial. E se os homens não clamarem, como advertiu Jesus, as pedras clamarão. Na verdade já estão clamando, pois é precisamente do minério que se levanta sobre o mundo a alvorada da concepção atômica, dissipando as trevas da falsa cultura materialista, em que o espírito fora substituído pelo pó dos túmulos.

O poder atômico é ao mesmo tempo ameaça e consolo. E está nas mãos dos homens para que eles decidam por si mesmos o que desejam ser. A opção do Espiritismo continua aberta para todos.

Quem quiser semear bombas e destruição poderá fazê-lo, mas os que optarem pela sementeira da luz, da compreensão real do homem e do Universo, do verdadeiro sentido da vida e do destino superior da Humanidade,

verão na concepção espírita a solução do Grande Enigma sobre o qual Léon Denis escreveu um dos seus livros mais profundos.

A crítica de Kardec à Ciência do seu tempo continua válida em nossos dias. A Epistemologia Espírita assemelha-se, neste momento, às profecias apocalípticas da Antiga Israel.

Não é apenas uma crítica do Conhecimento e dos processos da Ciência, mas uma crítica do Homem, pois é ele quem busca o Conhecimento e quem faz a Ciência.

A estrutura científica nos dá a imagem do Homem, do seu fazer e de como ele a fez. Voltado para fora de si mesmo, estimulado pelo fascínio da Natureza, o homem esqueceu a sua própria natureza — a natureza humana — e coisificou-se. Esse homem-coisa perdeu-se no orgulho das suas conquistas materiais e rejeitou os anseios espirituais. Por isso desenvolveu a Técnica e atrofiou a Religião.

A eclosão espírita do Século XIX foi desencadeada pelos Espíritos para despertar os homens da sua apatia espiritual, lembrando-lhe que a euforia material o levaria à sua própria destruição. Descartes já lembrara que é mais fácil conhecermos as coisas exteriores do que a nós mesmos.

Francis Bacon advertira que só atingimos o poder científico obedecendo a Deus. Mas Deus e suas leis foram considerados indignos do laboratório e jogados na sacristia, entregues à quinquilharia devocional das medalhas, escapulários, imagens para a idolatria e ameaças demoníacas.

Kardec estruturou a Ciência do Espírito e instituiu a pesquisa mediúnica, porque a mediunidade é a janela aberta no paredão dos fenómenos materiais para mostrar uma nesga do Infinito aos homens imantados ao finito.

A sua crítica à Ciência é um ato de transcendência: liga-se em conflito a concepção do homem e do mundo, para que ambos recobrem a sua unidade e possam livrar-se da hipnose atômica.

Mas os próprios espíritas, em geral, ao tentarem compreendê-lo, retornam às fontes mágicas do beatismo religioso, esquecidos de que religião sem ciência é superstição e ciência sem religião é loucura.

Deus é a Fonte da Sabedoria e os homens a procuram na matéria. Esse engano vaidoso e fatal levou-nos à beira da destruição do planeta.

O Espiritismo é um esforço para devolver-nos à condição humana, salvando-nos do robô.

A Terra está sendo destruída pela técnica da voracidade sem limites.

O Espiritismo nos oferece a única via de escape: a unidade do espírito em contraposição à fragmentação da matéria. Só a visão monista do mundo que Kardec nos oferece pode salvar-nos do caos.

In capítulo X - EPISTEMOLOGIA ESPÍRITA, da obra de JOSÉ HERCULANO PIRES:
CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO

Trabalho de autoria de **Sérgio Fernandes Aleixo**, escritor e palestrante espírita muito reconhecido. Vice-presidente da (ADERJ) Associação de Divulgadores do Espiritismo do Rio de Janeiro, a quem agradeço muito a generosa autorização para reproduzir trabalhos seus.

1. O CRITÉRIO ESPÍRITA

Por ser a boa moral, sobretudo a cristã, de inegociável importância ao progresso da alma, nem por isso é o único aspecto a considerar nos ditados mediúnicos. Esta boa moral constitui, aliás, o que mais facilmente pode neles ser julgado e, claro, aceito; todos a aclamam, e só espíritos nada sutis a contrariam abertamente, razão pela qual nos ensinou Kardec: “[...] fora das questões morais, não se deve acolher o que vem dos espíritos senão com reservas e, em todos os casos, jamais aceitá-las sem exame”.^[1] Temerário, pois, acolher tudo que um espírito diga simplesmente por ser pura a moral que aconselhe, até porque, segundo ainda o mestre:

Há espíritos obsessores sem maldade, que são até mesmo bons, mas dominados pelo orgulho do falso saber [...] São os mais perigosos porque não vacilam em sofismar e podem impor as mais ridículas utopias. [...] Procuram fascinar por uma linguagem empolada, mais pretensiosa do que profunda, cheia de termos técnicos e enfeitada de palavras grandiosas, como Caridade e Moral. Evitam os maus conselhos, porque sabem que seriam repelidos, de maneira que os enganados os defendem sempre, afirmando: bem vêes que nada dizem de mau. Mas a moral é para eles apenas um passaporte, é o de que menos cuidam. O que desejam antes de mais nada é dominar e impor as suas ideias, por mais absurdas que sejam.^[2]

Todo cuidado, então, será pouco no que toca aos ditados dos espíritos; com mais forte motivo, quando não se limitam a comunicados concisos, vazados em poucas laudas, e sim, produzem obras de fôlego, de numerosos volumes, recebidos, ao demais, por um único médium, em linguagem pouco acessível e, ao Espiritismo, muito imprópria. Kardec nos avisou:

No mundo invisível, como na Terra, não faltam escritores, mas os bons são raros. Tal espírito é apto a ditar uma boa comunicação isolada, a dar excelente conselho particular, mas incapaz de produzir um trabalho de conjunto completo, passível de suportar um exame [...].^[3]

Este é o caso não só de André Luiz, mas de boa parte da “literatura” mediúnica que se acotovela nas estantes de muitas casas espíritas e livrarias leigas, oriunda de espíritos que podem dar excelentes conselhos particulares, mas são incapazes de produzir um trabalho de conjunto completo, passível de suportar um exame.

Herculano Pires, em parceria com quem o médium **Chico Xavier** publicou alguns dos seus melhores títulos, não titubeou:

*André Luiz refere-se a **ovoides**, espíritos que perderam o seu corpo espiritual e se veem fechados em si mesmos, envoltos numa espécie de membrana. [...] A ação vampiresca desses ovoides é aceita por muitos espíritas amantes de novidades. Mas essa novidade não tem condições científicas nem respaldo metodológico para ser integrada na Doutrina. Não passa de uma informação isolada de um espírito. Nenhuma pesquisa séria, por pesquisadores competentes, provou a realidade dessa teoria. Não basta o conceito do médium para validá-la. As exigências doutrinárias são muito mais rigorosas no tocante à aceitação de novidades. **O Espiritismo estaria sujeito à mais completa deformação, se os espíritas se entregassem ao delírio dos caçadores de novidades. André Luiz manifesta-se como um neófito empolgado pela doutrina, empregando às vezes termos que destoam da terminologia doutrinária e conceitos que nem sempre se ajustam aos princípios espíritas. A ampla liberdade que o Espiritismo faculta aos adeptos tem os seus limites rigorosamente fixados na metodologia kardeciana.***^[4]

Com efeito, no **Diário de São Paulo**, antes de se haver constituído, como vimos acima, num crítico mais rigoroso de **André Luiz**, já dissera o mesmo **Herculano Pires**, em resposta a Salvador Gentile (1969) e sua “quarta revelação”, ou tese da “**revelação luizina**”:

A obra de André Luiz é ilustrativa da revelação espírita e não propriamente complementar, no sentido de superação que o articulista pretende. É uma grande e bela contribuição nos estudos espíritas, mas sua pedra de toque é a Codificação. O que mais impressionou a Gentile foi a ‘revelação’ de cidades espirituais no espaço. Mas a Bíblia já nos falava da Jerusalém Celeste e as revelações antigas estão cheias de ideias semelhantes. Trata-se de planos ainda materializados da vida espiritual e não dos planos superiores. A Revista Espírita apresenta numerosos

relatos dessa vida que se assemelha à terrena. [...] Não há nenhuma razão para se falar em revelação luizina [...]. Antes de pensar em ‘novas revelações’, o de que precisamos com urgência é de estudo sistemático e mais aprofundado da obra de Kardec, incluindo não só os tomos da Codificação mas também a Revista Espírita, por ele mesmo indicada como indispensável ao bom conhecimento da doutrina”.[5]

De fato, o espírito manifesta-se com a empolgação dos iniciantes.

Sobretudo, faz uso de um **emaranhado de termos**:

aura, corpo mental, corpo astral, corpo vital, ou etérico, psicossoma, corpo fisiopsicossomático, além do clássico corpo espiritual, corpo fluídico, ou perispírito, onde localizou, porém, centros de força, por duvidosa analogia aos chacras hindus, e a respeito do qual diz que certos espíritos o “gastaram”, assumindo, por isso, “formas ovóides”, mas que teriam sido imperceptíveis aos olhos de André Luiz caso não desenvolvesse, ali, todo o seu potencial de atenção.[6] Uma definição sua de fluido cósmico é “força nervosa do Todo-Sábio”.[7]

Não esqueceu a palavra sânscrita “carma”, alheia ao Espiritismo, tanto quanto os termos ectoplasma, materialização, ideoplastia, etc., importados à Metapsíquica, embora não sejam peculiares apenas a André Luiz; impregnam quase todo o pós-Kardec, empenhado na demonstração de que a verdade espírita persistia, apesar do “novo traje” que lhe davam.

Isso, contudo, fez pouco bem ao Espiritismo, que sempre emergiu mais racional e consistente de sua própria Codificação do que de certos intercâmbios posteriores, a que desnecessariamente o submeteu a sucessão kardeciana, algumas vezes de todo desatenta aos critérios do mestre que aclamava.[8]

2. ASPECTOS TERRENAIS DO ALÉM-TÚMULO

Muitos criticam, em nome da Codificação, as descrições terrenais das ambiências de além-túmulo nas obras de André Luiz. No entanto, disse Kardec:

Independentemente da diversidade dos mundos, essas palavras [‘há muitas moradas na casa do Pai’] podem também ser interpretadas pelo estado feliz ou infeliz dos espíritos na erraticidade. Conforme for ele mais ou menos puro e liberto das atrações materiais, o meio em que estiver, o aspecto das coisas, as sensações que experimentar, as percepções que possuir, tudo isso varia ao infinito (variant à l’infini).[9]

Trata-se, pois, de uma variação por demais incomensurável para que nela não caibam ambientes deveras assemelhados à Terra, apesar de serem o post-mortem. Nem sempre este há-de ser tão abstrato que nos seja indescritível, como o foi ao **Sr. Sanson**, ex-membro da **Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas**, de situação “bem feliz” no além-túmulo, e que afirmou não existirem palavras nas línguas humanas para explicar o que ali viu. Cercado de todos os “sorridentes” protetores da Sociedade fundada por Kardec, concluiu que a felicidade, como a entendemos aqui, “é apenas uma ficção”.[10] Todavia, nessa mesma obra de sua magna Codificação, Kardec ponderou acerca da objetividade e da concretude no mundo espírita:

Poder-se-ia perguntar como é que os espíritos se podem evitar no mundo espiritual, uma vez que aí não existem obstáculos materiais nem refúgios impenetráveis à vista. Tudo é, porém, relativo nesse mundo e conforme a natureza fluídica dos seres que o habitam. Só os espíritos superiores têm percepções indefinidas, que nos inferiores são limitadas. Para estes, os obstáculos fluídicos equivalem a obstáculos materiais. Os espíritos furtam-se às vistas dos semelhantes por efeito [da vontade], que atua sobre o envoltório perispírita e fluidos ambientes.[11]

Tudo, portanto, se explica na medida da relatividade da natureza fluídica mais ou menos compacta dos espíritos. Para os inferiores, há, sim, obstáculos fluídicos, assim como, para nós, os há materiais. Nem tudo, pois, nessa vida de mais além, paira nas brisas do abstrato.

Em A GÊNESE, XIV, 12, o mestre disse também algo soberbo:

[...] tudo se liga, tudo se encadeia no Universo; tudo está submetido à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a materialidade mais compacta até a mais pura espiritualidade. A Terra é como um vaso de onde escapa uma fumaça densa que vai se aclarando, à medida que ela se eleva, e cujas partes rarefeitas (parcelles raréfiées) se perdem no espaço infinito.

Integram-se, pois, à Terra, por analogia, mas de forma bem significativa, aquelas que seriam suas “partes rarefeitas”, ou seja, **seu meio ambiente post-mortem**. Decerto, por essas “partes rarefeitas” do planeta é que se espalham o que São Luís chamou, em 23-05-1862, “mundos intermediários”, “viveiros da vida eterna”, nos quais, segundo ele, agrupados em “grandes tribos”, conforme seu grau evolutivo, os espíritos aguardam nova encarnação.

Eis o texto, aceito e publicado por **Kardec** em resposta a uma dúvida de um leitor da Revista:

Os mundos intermediários são povoados de espíritos esperando a prova da encarnação, ou aí se preparando de novo, segundo seu grau de adiantamento. Os espíritos, nesses viveiros da vida eterna, estão agrupados e divididos em grandes tribos, uns adiante, outros em atraso no progresso [...].[12]

Ambiências de além-túmulo com estruturas fluídicas abrigando vida humana de feição bem terrena não colide, pois, com os princípios kardecianos. Aliás, O LIVRO DOS ESPÍRITOS, 402, já revelara a existência dessas “sociedades”:

*O sono liberta parcialmente a alma do corpo. Quando o homem dorme, momentaneamente se encontra no estado em que estará de maneira permanente após a morte. Os espíritos que logo se desprendem da matéria, ao morrerem, tiveram sonhos inteligentes. Esses espíritos, quando dormem, procuram a sociedade dos que lhes são superiores: viajam, conversam e se instruem com eles; trabalham mesmo em obras que encontram concluídas, ao morrer. Destes fatos deveis aprender, uma vez mais, a **não ter medo da morte, pois morreis todos os dias**, segundo a expressão de um santo. Isto, para os espíritos elevados; pois a massa dos homens que, com a morte, devem permanecer longas horas nessa perturbação, nessa incerteza de que vos têm falado, vão, [enquanto dormem,] seja a mundos inferiores à Terra, onde antigas afeições os chamam, seja à procura de prazeres talvez ainda mais baixos do que [têm] aqui; vão beber doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas do que as que [professam] entre vós.*[13]

Como entender que espíritos encarnados na Terra, ao dormirem seus corpos, atendam ao chamado de antigas afeições ou busquem prazeres ainda mais baixos nesses tais mundos inferiores? Iriam a outros planetas, mundos transitórios, que são fisicamente inabitados e nos quais não estão decerto encarnados?[14] Não creio. Penso tratar-se, aqui, dos mundos intermediários mencionados por São Luís acima, ou seja, como viveiros da vida eterna; desta vez, não outros planetas, mas **partes rarefeitas da própria Terra** e, por isso, frequentadas também por encarnados durante o sono corporal.

Erasto vem igualmente ao encontro deste entendimento quando assegura que a cegueira moral dos incrédulos os pode aprisionar mais aos laços da matéria, e “impedir que se afastem das regiões terrestres ou similares à Terra”. [15] Ora, neste caso, por que um desencarnado se aprisionaria a outro planeta em detrimento daquele que acabou de deixar? Claro que essas regiões similares à Terra são, portanto, **partes rarefeitas dela mesma**, em que ainda se ambientam seus espíritos mais atrasados, o que não implica, absolutamente, que lá possam fruir a vida espiritual como se material fosse.

André Luiz chega ao extremo de que “persistiam as necessidades fisiológicas, sem modificação”. [16]

A chamada “revelação luizina” só desfigura o que a Obra de Kardec já havia comunicado nas mais exatas medidas.[17]

3. EXORBITÂNCIAS

3.1. LEI DA AFINIDADE DOS FLUIDOS

Convidado há pouco para realizar uma exposição acerca de **Os Mensageiros**, deparei-me, numa releitura após bons 15 anos, com francas assimetrias em relação a Kardec, nunca por mim antes identificadas. Os estudos prolongados da Revista e da Codificação, sem dúvida, me fizeram leitor mais prevenido. A certa altura, então, li que, por “estrada ampla” entre **“Nosso Lar”** e “os círculos da carne”:

[...] os que se dirigem da esfera superior à reencarnação devem seguir com a harmonia possível, sem contato direto com as expressões dos círculos mais baixos. A absorção de elementos inferiores determinaria sérios desequilíbrios no renascimentos deles. Há que evitar semelhantes distúrbios.[18]

Mas como pode alguém vir de esfera superior e absorver elementos inferiores?

Outra estranheza é que, uma vez declarada a Segunda Guerra, “avançados núcleos de espiritualidade superior, dos planetas vizinhos, determinaram providências de máxima vigilância nas fronteiras vibratórias mantidas conosco”, isto é, com a Terra.[19] De novo, resta esquecida a lei das afinidades: “Os fluidos se unem pela semelhança de suas naturezas, os fluidos dessemelhantes se repelem; há incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o óleo e a água”. [20] O que temiam, então, aqueles “núcleos avançados de espiritualidade superior” em suas “fronteiras vibratórias” com a Terra?

Segundo **Os Mensageiros**, teriam sido enviadas ao Espiritismo turmas de colaboradores vindos de “**Nosso Lar**”. Será que essa cidade espiritual carioca, “antiga fundação de portugueses distintos, desencarnados no Brasil, no século XVI”, [21] ajudou Kardec no séc. XIX?

O difícil é imaginar a “distinção” desses portugueses no Brasil Colônia do séc. XVI...

Eis o texto: “*Desde as primeiras tarefas do Espiritismo renovador, ‘Nosso Lar’ tem enviado diversas turmas ao trabalho de disseminação de valores educativos*”. [22]

Não creio. Afinal, o governador da cidade “se apoiava num cajado”, ainda que “de substância luminosa”; meteu alguns em “calabouços” por causa de “intercâmbio clandestino, em virtude dos vícios de alimentação”; a turma por lá tem “Sala de Banho”; acredita em “almas gêmeas”; paga “ingresso” em eventos locais, etc. [23]

Muitos deles teriam dado a Kardec o ensejo de observar que há espíritos no além que ainda conservam seus gostos puramente terrenos, mas isso não seria, da parte deles, uma exata disseminação de valores educativos.

Estes valores, ao contrário, foi o mestre lionês quem os ventilou, determinando a absoluta ilusão em que se encontram as entidades nesse estado, necessitadas antes de esclarecimento, não de estímulos à manutenção de um tal quadro alucinatório. [24] É assustador o fato de “alimento físico”, em “**Nosso Lar**”, ser consumido mesmo pelos mais elevados espíritos da colônia, sob a cínica desculpa de ser isso um “simples problema de materialidade transitória”. (Cap. 18.)

Reflita-se, por exemplo, sobre o caso do mendigo Max; [25] extenuado e com “sede ardente” devorando-o, viu sua situação espiritual modificar-se inteiramente por meio de simples transformação das disposições íntimas. Em momento nenhum houve qualquer estímulo a uma impossível satisfação daquelas necessidades puramente imaginárias, e que eram, aliás, parte da punição de anterior vida terrena em que fora rico proprietário, opressor e dissoluto.

3.3. BOA PRESENÇA? OU NEM TANTO?

André Luiz conta, no cap. 1 de **Os Mensageiros**: “Regressava frequentemente ao círculo doméstico e aí trabalhava pelo bem de todos, mas sem qualquer estímulo”. Entretanto, já no cap. 14, Aniceto lhe revela que ele, André, “ainda não pôde auxiliar os amigos encarnados porque ainda não adquiriu a devida capacidade para ver.” Parece que o autor espiritual só pensava que estava trabalhando pelo bem de todos, embora isso não correspondesse à verdade, segundo Aniceto. Nem um nem outro esclarece definitivamente o leitor, que fica à deriva.

3.4. O MÉDICO AMBICIOSO

Resta igualmente perdido o leitor de **Os Mensageiros** no estranho caso do médico ambicioso que se desconcentrava durante as cirurgias, por força de transações financeiras que lhe ocupavam a mente, a ponto de “sua colaboração tornar-se quase nula”. Conta-se ali, no cap. 13, que a atitude invigilante do médico teria “comprometido as oportunidades vitais de muita gente, se não fosse a proteção espiritual”. Porém, alguns que terminaram morrendo-lhe na mesa de cirurgia lhe imputavam a culpa do fato e o obsedavam, ainda que se afirmasse na obra que o médico não tivera culpa nesses casos.

Natural é, contudo, que se duvide, porque morrer nas mãos de um desastrado assim pode constituir, para a vítima, seu adequado gênero de morte, contra o que não há “proteção espiritual” possível. Trata-se de uma questão fundamental da Filosofia Espírita e que **Os Mensageiros** não puderam ou não quiseram enfrentar; [26] até porque, salvo melhor juízo e a despeito de um ou outro frontispício com fugidias frases kardecianas, nunca se viu nenhum deles abrir ou mencionar uma obra sequer de Allan Kardec nos episódios narrados nos livros, apenas a Bíblia, essa, sim, mais de uma vez.

3.5. O SONO DOS ATEUS

Os descrentes, niilistas, materialistas, mesmo ligados a cultos religiosos, segundo **Os Mensageiros**, cap. 22, literalmente dormem de olhos abertos, vitrificados pelo pavor da morte, com palidez cadavérica, a modo de múmias perfeitas, “magnetizados pelas próprias concepções negativistas”. Mas nem por isso deixam de ter “calor orgânico” e “pulsação regular”. Isso contrasta com os casos de ateus e materialistas entrevistados por Kardec. De qualquer forma, o livro, quando se refere ao número desses dorminhocos, mais uma vez abandona órfão o leitor atento.

André Luiz tem uma impressão inicial de centenas. O “chefe do Posto” revela a Aniceto que são 1.980, entre os quais separara os 400 mais suscetíveis de acordar. Por fim, Aniceto fala de “alguns milhões”. **Nem com calculadora.**

3.6. CÍRCULOS ELEVADOS

Emmanuel, no prefácio de **Os Mensageiros**, diz que, nos “círculos elevados do Invisível”, onde está André Luiz, há apenas “vida humana sublimada”, em que “grande número de problemas, referentes à Espiritualidade superior, aí espera a criatura, desafiando-lhe o conhecimento para a ascensão sublime aos domínios iluminados da vida”.

Sublimada? Com salas de banho, festividades matrimoniais, pagamento de ingressos em eventos locais, crença em almas gêmeas, prisão de alguns em calabouços, alimento físico?

Como quer que seja, André Luiz não é um espírito superior, signatário da “quarta revelação”, de um subsídio, uma contribuição, um complemento indispensável à Codificação Espírita. Quem complementa não contradiz!

De um modo que bem lembraria o rustenismo febiano, Lísias explica a André Luiz que há espíritos que “seguem por linhas retas” e outros que “caminham descrevendo grandes curvas”; ensina-lhe que, “em qualquer lugar, o espírito pode precipitar-se nas furnas do mal”, mesmo “nas esferas superiores”, onde “as defesas são mais fortes”; André se admira e usa um termo típico de Roustaing: “[...] a queda sempre me pareceu impossível nas regiões estranhas ao corpo terreno”. [27]

E para que “**Nosso Lar**” ressalte como lugar de relativa elevação de forma mais convincente ao leitor, chegue-se ao cúmulo de classificar “a profundidade dos mares” e “o âmago da Terra” como “zona de Trevas”, “lugar de sofrimento e pavor”, pior que o “Umbral”, que ficaria “da superfície do globo para cima”, não fazendo parte “do nível para baixo”. É a ressurreição do Inferno católico e do Hades pagão! [28]

A coisa toda é muito sutil. Desde o prefácio de “**Nosso Lar**”, o juízo do “leitor amigo” fora anestesiado pela seguinte conclamação:

“[...] em nosso campo doutrinário, precisamos, em verdade, do ESPIRITISMO e do ESPIRITUALISMO, mas, muito mais, de ESPIRITUALIDADE”.

Minimizada, assim, a importância superlativa da Doutrina Espírita para a análise das comunicações mediúnicas, a forçosa consequência é uma leitura completamente emocional, onde o leitor, já desarmado, obedece docilmente ao primeiro imperativo do prefaciador: “Guarde a experiência dele [de André Luiz] no livro d’alma”. Perdido de vista o único farol capaz de revelar a natureza encapelada do mar tempestuoso dos ditados de André Luiz, o “leitor amigo” passa a aceitá-los na íntegra, apenas porque encerram lições da mais pura moral. Naufrágio certo à vista.

Sabe-se que Kardec não considerava merecedoras de publicidade **nem dez por cento** das comunicações de “moralidade irreprochável” que lhe eram enviadas, e destas, apenas **a um terço** ele atribuía “mérito fora do comum”.

Quanto a “manuscritos e trabalhos de fôlego”, não conferia “real valor” senão a **uma quinta ou sexta parte** do que lhe remetiam. [29] Ao mestre não se afigurava, pois, que ensinar o bem fosse a senha da infalibilidade, nem a condição única para ditados mediúnicos constituírem “Doutrina Espírita”. Bem longe disso.

3.7. CASAMENTOS NO ALÉM-TÚMULO

Lendo **Os Mensageiros**, cap. 30, logo se verifica que a “vida humana” que ali transcorre não é tão “sublimada” como a pretende seu prefaciador jesuíta, pois o texto atribui ao “exclusivismo pernicioso a que nos entregamos no plano carnal” o fato de se estranhar que haja “uniões matrimoniais”, “festividades dessa natureza” no post-mortem. Justifica-se o fato de essas literais festas por lá ocorrerem, imaginem, porque já são belas na Terra.

Diz-se ali: “[...] porque deixariam de existir aqui, onde a beleza é sempre mais quintessenciada e mais pura?”. Um dos que lá casaram, e é “funcionário dos Serviços de Investigação do Ministério do Esclarecimento”, manifesta incontida alegria: “E como são felizes os que se casam em nossos planos!”. Segundo André, o funcionário disse-o “denotando aspirações secretas do coração”.

A Codificação Espírita já não veria esses fatos tão benignamente, porquanto ensina que, “entre os espíritos inferiores, não desmaterializados, há muitos que ainda se acreditam na mesma condição terrena, conservando as suas antigas paixões e os seus desejos. Alguns ainda se consideram como homens ou mulheres”, [30] assim como leciona que “não existe união particular e fatal entre duas almas, a união existe entre todos os espíritos, mas em

graus diferentes, segundo a ordem que ocupam, a perfeição que adquiriram: quanto mais perfeitos, tanto mais unidos”.[31]

3.8. VOLITAÇÃO E FORÇA CENTRÍPETA

A certa altura, estando nossos heróis próximos à esfera dos encarnados, Aniceto informa que, por estarem na “zona de influência direta da Crosta”, agora poderiam “praticar a volitação, utilizando conhecimentos de transformação da força centrípeta” (Cap. 33), ou seja, alterariam a força de gravidade do nosso planeta para vencer as suas distâncias. Sabe-se que o perispírito é “suficientemente vaporoso para que possa elevar-se na atmosfera e transportar-se para onde quiser”. [32] Mas isto está a depender de um “conhecimento” específico? Fazemos tantas coisas apenas por instinto, sem nada sabermos de como o fazemos. Os espíritos, da mesma forma. Tanto que, em O LIVRO DOS MÉDIUNS, 99, é relacionado o caso de um desencarnado que realizava transportes de objetos sem sequer suspeitar de como o fazia, o que foi explicado depois por Erasto, mais instruído do ponto de vista teórico. É assim que os espíritos podem elevar-se na nossa atmosfera sem necessariamente precisarem saber como desempenham isso.

De mais a mais, seria preciso um desencarnado “transformar” a força de gravidade para elevar-se na atmosfera da Terra? É a força da gravidade propriamente que resta “transformada” nesse ato de “volitação”? Mais ainda: a gravidade da Terra exerce influência real sobre os espíritos? Eles caem, tombam, por efeito da gravidade? Os espíritos que pensam sofrer a ação da gravidade devem estar na mesma situação dos que não conseguem atravessar paredes ou portas. Isto não se deve às forças da Física, mas a uma ilusão a que espíritos atrasados se entregam. A narrativa pondera a questão muito inadequadamente.

3.9. CRIANÇA “MORTA” MATA UMA FLOR “VIVA”

Os Mensageiros, cap. 37, deveras surpreende com o “assassinato” de um cravo perfumoso promovido por uma pequena carinhosa que o quis dar à sua mãe. A menina (espírito) resolve colher um cravo (matéria) para dá-lo a sua mãe (espírito). Resultado: colheu o “espírito” do cravo. André Luiz conta a façanha testemunhada: “Vi a menina colher a flor, retirá-la da haste, ao mesmo tempo em que a parte material do cravo emurchecia, quase de súbito”. A mãe da menina, desgostada com isso, repreendeu-a severamente, por julgar que a filhinha não tinha o direito de... “perturbar a ordem das coisas”. É este o novo paradigma espírita? A quarta revelação? Uma criança, símbolo da inocência, mata uma flor, símbolo da beleza. Ocorrência tão trágica quanto nossa ingenuidade no movimento espírita.

3.10. ESFERAS OVOIDES E SEGUNDA MORTE

Entre as observações e novidades relatadas por André Luiz nos capítulos sexto e sétimo de **Libertação**, a mais impactante é a perda do veículo perispiritual. Entre os espíritos elevados, seria celebrizada como segunda morte. Nessa ocasião, se desfariam do vaso perispiritico, rumo a esferas sublimes, conquistando planos mais altos. Em defesa, alega-se que Kardec se referiu à mudança de perispírito por ocasião da mudança de mundo; todavia, ao contrário do que acontece ao leitor kardeciano, o luizino não consegue chegar à conclusão imediata de que haverá sempre, mesmo após a suposta segunda morte, necessariamente outro perispírito para a alma.[33]

Poucos leitores de André Luiz vão preencher-lhe essa vaga quando fala, por exemplo, do desenvolvimento do nosso corpo glorioso, estruturado em matéria sublimada e divina. Mas de quantas segundas mortes precisaremos para desenvolver esse corpo glorioso? Faz sentido, então, o conceito de segunda morte? E depois? A terceira? A quarta? A quinta? Tal como assinalara Herculano Pires: “André Luiz manifesta-se como um neófito empolgado pela doutrina, empregando às vezes termos que destoam da terminologia doutrinária e conceitos que nem sempre se ajustam aos princípios espíritas”. [34]

A própria concepção paulina do corpo espiritual foi algo distorcida na obra de André Luiz, para que ali se pudesse falar na perda do perispírito. O que Paulo escreveu foi que o corpo de carne de seus “imitadores” seria transfigurado, conformado ao “corpo glorioso” de Jesus,[35] bem como que, depois de morto o corpo animal, “é ressuscitado em glória” o corpo espiritual,[36] que **Kardec** explicou ser exatamente o perispírito, de cuja posse, por sinal, já se desfrutava sem a segunda morte.

O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a sua ação sobre a matéria. Demonstrou a existência do perispírito, da qual já se suspeitava desde a Antiguidade, e que foi designado por [São]

Paulo pelo nome de corpo espiritual, isto é, **corpo fluídico** da alma após a destruição do **corpo tangível**. Sabe-se atualmente que esse invólucro é inseparável **da alma**, que ele é um dos elementos que constituem o ser humano; que é o veículo da transmissão do pensamento e que, durante a vida do corpo, serve de elo entre o espírito e a matéria.[37]

Justificar em **Kardec** esta revelação sobre os espíritos elevados que “perderam o veículo perispiritual” seria uma temeridade. Até porque a didática luizina foi canhestra. Aprende-se no diálogo entre Jesus e Nicodemos que o iniciante deve entender, primeiramente, as coisas mais baixas; depois compreenderá as mais altas. Inútil fora, pois, tratar destas sem que o iniciante tenha prévio entendimento daquelas. Em André Luiz, contudo, o suposto fato da perda do perispírito entre os mais elevados é o ponto de partida da explicação de outro, análogo, mas no extremo oposto da escala...

Entre os inferiores, alguns se tornariam “formas indecisas, obscuras”, “esferas vivas”, “**pequenas esferas ovoides**, cada uma das quais pouco maior que um crânio humano”, com “movimento próprio, ao jeito de grandes amebas”, “fetos ou amebas mentais”, porque “gastaram o perispírito”. Não bastasse isso, os que se veem nesse pesadelo esférico seriam ainda “mobilizáveis por entidades perversas ou rebeldas”; e se diz ali, então, que “os ignorantes e os maus, os transviados e os criminosos também perdem, um dia, a forma perispiritual”.

Espíritos elevados também se tornam “pequenas esferas ovoides”? Desenvolver a “forma gloriosa”, depois de “profundos choques biológicos”, é, por fim, também revestir a aparência de “fetos ou amebas mentais”? Verdade que não se afirma isso em **Libertação**; entretanto, igualmente não se o nega. Bem razoável é a dúvida, em função do próprio roteiro escolhido para explicação do suposto fato entre os inferiores, ou seja, um fato semelhante entre os elevados.

Além do mais, como já ressaltai, a concepção paulina do corpo espiritual foi algo distorcida por André Luiz, a fim de que não restasse evidente sua antilógica em explicar as esferas ovoides entre os inferiores a partir da segunda morte nos superiores, e ainda, sobretudo, porque Paulo foi categórico nisto: “E, assim como trouxemos a imagem do terreno, traremos também a imagem do celestial”. [38] Não há espaço, pois, para ovoides inferiores ou eventuais ovoides superiores no pensamento paulino, já que, segundo ele, a imagem do corpo celestial será a mesma do corpo terreno.

O apóstolo da gentilidade também chega a afirmar ser “necessário que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade” para que se cumpra a palavra: “Tragada foi a morte na vitória”. [39] Os leitores luizinos aprendem, todavia, que não é bem assim, porquanto o perispírito também morre, seria “perecível”. Então, há que corrigir Paulo: “Tragada foi a primeira morte na vitória; mas vem aí a segunda, a terceira, a quarta; preparem-se!”. Sobre o assunto, ponderou Kardec sem ambiguidades:

A forma humana, com algumas diferenças de detalhes e as modificações orgânicas exigidas pelo meio em que o ser tem de viver, é a mesma em todos os globos. É, pelo menos, o que dizem os espíritos. E é também a forma de todos os espíritos não encarnados, que só possuem o perispírito. A mesma sob a qual em todos os tempos foram representados os anjos ou espíritos puros. De onde devemos concluir que a forma humana é a forma típica de todos os seres humanos, em qualquer grau a que pertençam. [40]

Para o mestre, como se vê, não há dúvida; da base ao topo da escala, os espíritos têm a forma humana. Adeptos mais aguerridos da revelação luizina podem socorrer-se do que o mestre afirma após o acima citado:

Mas a matéria sutil do perispírito não tem a persistência e a rigidez da matéria compacta do corpo. Ela é, se assim podemos dizer, flexível e expansível. Por isso, a forma que ela toma, mesmo que decalcada do corpo, não é absoluta. Ela se molda à vontade do espírito, que pode lhe dar a aparência que quiser, enquanto que o invólucro material lhe ofereceria uma resistência invencível.

Ninguém, contudo, há de tornar-se esfera viva, feto ou ameba mental, por obra do querer de sua vontade; além disso, Kardec tenciona chegar somente ao que diz logo depois, que o espírito pode assumir, pela flexibilidade do perispírito, exatamente a aparência do corpo a que esteve ligado na Terra; com particularidades defeituosas apenas para efeito de identificação, inclusive. Aprende-se, ali, pois, que o perispírito é transformável, mas não que seja perecível, menos ainda pelas razões expostas em André Luiz: ignorância, maldade e crime. Eis a sequência imediata do pensamento do mestre:

Desembaraçado do corpo que o comprimia, o perispírito se distende ou se contrai, se transforma, em uma palavra: presta-se a todas as modificações, segundo a vontade que o dirige. É graças a essa propriedade do seu invólucro fluídico que o espírito pode fazer-se reconhecer, quando necessário, tomando exatamente a aparência que tinha na vida física, e até mesmo com os defeitos que possam servir de sinais para o reconhecimento. Os espíritos,

portanto, são seres semelhantes a nós, formando ao nosso redor toda uma população que é invisível no seu estado normal. (Grifos meus.)

Desse modo, o leitor de André Luiz resta mais uma vez ao léu do próprio imaginário; e seu senso crítico, sempre anestesiado por insistentes lições de inatacável moral, mas que são estrategicamente intercaladas entre as observações e novidades, a fim de que estas venham a ser acolhidas sem reserva, como acontece em geral, conferindo às obras psicografadas o condão invencível da infalibilidade.

[...]

Estas reticências querem ser a seguinte pergunta: quantos subitens poderiam ainda constar desta parte 3 se eu dispusesse, agora, de tempo hábil para uma releitura de fio a pavio da série André Luiz? O fato é que, independentemente dos subitens que ainda poderiam ser aqui relacionados a título de exorbitância em face de princípios espíritas, a conclusão, a parte 4, não mudará nunca.

4. NEM VIDA ESPIRITUAL, NEM VIDA MATERIAL

Uma comunicação aceita por Kardec descreve este quadro:

Encontrei lá em cima muitos desses infelizes, mortos nas torturas da fome, ainda procurando em vão satisfazer a uma necessidade imaginária, lutando uns contra os outros para arrancar um pedaço de comida que se escondia em suas mãos, dilacerando-se mutuamente e, se posso dizer, se entredevorando; uma cena horrível, pavorosa, ultrapassando tudo quanto a imaginação humana pode conceber de mais desolador!... Muitos desses infelizes me reconheceram, e seu primeiro grito foi: “Pão!”. (Grifos meus.)

Trata-se de uma alma abnegada e piedosa, morta entre os aflitos dos quais cuidava.[41] Entre outros aprovos de Kardec, lemos estes:

A quem quer que não conheça a verdadeira constituição do mundo invisível, parecerá estranho que Espíritos, que segundo eles são seres abstratos, imateriais, indefinidos, sem corpo, sejam vítimas dos horrores da fome; mas o espanto cessa quando se sabe que esses mesmos Espíritos são seres como nós; que têm um corpo, fluídico é verdade, mas que não deixa de ser matéria; que, deixando seu invólucro carnal, certos Espíritos continuam a vida terrestre com as mesmas vicissitudes, durante um tempo mais ou menos longo. Isto parece singular, mas é, e a observação nos ensina que tal é a situação dos Espíritos que viveram mais a vida material do que a vida espiritual, situação por vezes terrível, porque a ilusão das necessidades da carne se faz sentir, e se tem todas as angústias de uma necessidade impossível de satisfazer.

[...] Sim, legiões de espíritos continuam a vida corporal com suas torturas e suas angústias. Mas quais?

Os que ainda estão muito avassalados à matéria para dela se desprenderem instantaneamente. É uma crueldade do Ser Supremo?

Não; é uma lei da Natureza, inerente ao estado de inferioridade dos espíritos e necessária ao seu adiantamento; é uma prolongação mista da vida terrena durante alguns dias, alguns meses, alguns anos, conforme o estado moral dos indivíduos. [...] Aliás, não depende de cada um escapar a essa vida intermediária, que, francamente, nem é a vida material, nem a vida espiritual? Os espíritas a ela escapam naturalmente, porque, compreendendo o estado do mundo espiritual antes de nele entrar, imediatamente se dão conta de sua situação. (Grifos meus.)

Anote-se que Kardec ratifica a realidade do cenário, mas não considera tal estado de coisas, mesmo já no além-túmulo, nem a vida material, claro, nem sequer a vida espiritual propriamente dita. E como tem sido vendida a “série” André Luiz? Não são, por excelência, os livros sobre “a vida no mundo espiritual”? “Prolongação mista da vida terrena” seria mais apropriado, não só a eles como à multidão de seus congêneres que, no dizer de Herculano Pires, findam por “desviar adeptos ingênuos da verdadeira compreensão doutrinária”[42] e, decerto, por deixá-los menos dignos do otimismo de Kardec. Efetivamente, não mais querem certos espíritas escapar a essa “vida intermediária” ainda impregnada de hábitos terrenos; já são maioria entre nós os que almejam, após a morte, santa e piamente, ir para um lugar como “Nosso Lar”, para lá encontrarem suas “almas gêmeas”, de preferência, em meio a construções nababescas, cercadas de jardins a perder de vista e mantidas por logística destinada à impossível satisfação de necessidades que, para o espírito, não podem ser senão imaginárias.

No cap. 26, lê-se: “Temos aqui as grandes fábricas de ‘Nosso Lar’. A preparação de sucos, de tecidos e artefatos em geral, dá trabalho a mais de cem mil criaturas, que se regeneram e se iluminam ao mesmo tempo”. [43] Meu Deus! A regeneração e iluminação espiritual obtida pelo trabalho em fábricas de suco, tecidos e artefatos em

geral de além-túmulo. Kardec, no n. 908 de O Livro dos Espíritos, torna-se cada vez mais um eco distante que insiste em avisar:

Toda paixão que aproxima o homem da Natureza animal o afasta da Natureza espiritual. Todo sentimento que eleva o homem acima da Natureza animal anuncia o predomínio do Espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição.

O mestre lionês instrui-nos à prévia libertação do apego a necessidades impossíveis de serem satisfeitas depois da morte, porquanto não poderão deixar de ser, para o espírito livre, senão a tortura de um estado ilusório, quando não alucinatório. A perspectiva andreluzina já não é esta. Os desencarnados comeriam, beberiam, atenderiam a necessidades fisiológicas, sem que haja nisso, porém, qualquer motivo de censura. Uma encruada moral vegetariana de fundo trata de legitimar a alimentação consumida pelos “mocinhos” da história, deixando aos “vilões” a condenação pelo interesse em alimentação menos elevada. Valha-nos o Espírito de Verdade!

[1] Revista Espírita. Jul/1860. Observação Geral.

[2] O Livro dos Médiuns, 246.

[3] Revista Espírita. Mai/1863. Exame das comunicações mediúnicas que nos são enviadas.

[4] Vampirismo. II. Parasitas e vampiros. 4.ª ed., Paidéia, 1996, p. 15. Grifos meus.

[5] Cf. RIZZINI, Jorge. J. Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec. Cap. 19. São Paulo: Paideia, 2001, pp. 245/46.

[6] Libertação, cap. 7.

[7] Evolução em Dois Mundos, cap. I.

[8] Cf. Cap. 2: Léon Denis, Emmanuel e as Almas Gêmeas,

<http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com.br/2010/01/leon-denis-emmanuel-e-as-almas-gemeas.html>;

cap. 6: Liberdade e Consciência no Espiritismo,

<http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com.br/2010/05/liberdade-e-consciencia-no-espiritismo.html>;

cap. 8: Espiritismo e Ética da Alteridade,

<http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com.br/2010/05/espiritismo-e-etica-da-alteridade.html>;

e cap. 9: O Credo Espírita,

<http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com.br/2010/05/o-credo-espirita.html>.

[9] O Evangelho Segundo o Espiritismo, III, 2.

[10] O Céu e o Inferno. 2.ª parte, cap. I, Sr. Sanson, II, n. 8.

[11] O Céu e o Inferno. 2.ª parte, cap. V, Um Ateu, n. 19. Grifos meus.

[12] Revista Espírita. Jul/1862. Hereditariedade moral. Médiun: Sra. Costel. 2.ª ed., I.D.E., 1993.

[13] A tradução de Herculano Pires bem relaciona a palavra sociedade (*société des autres êtres supérieurs*); usei aqui reparar tão só os tempos verbais, no presente do indicativo: “mais baixos do que os que eles têm aqui” (*plus bas que ceux qu'ils ont ici*) e “mais nocivas do que as que professam entre vós” (*plus nuisibles que celles qu'ils professent au milieu de vous*). A resposta continua se referindo às atividades dos espíritos durante o sono; ali, os feitos dos inferiores. A inserção sobre a perturbação e a incerteza que os aguarda depois da morte é que alonga o período e distancia o entendimento do leitor de que se fala dos momentos de sono corporal desses espíritos, não mais do post-mortem deles.

A tradução dos 150 anos de O Livro dos Espíritos (FEB) tornou mais claro o texto, acrescentando as palavras “enquanto dormem” também a este parágrafo que se reporta aos inferiores, como há no anterior as palavras “quando dormem” (*quand ils dorment*), relativas aos superiores. Apenas não se registrou o vocábulo sociedade, aplicado aos “seres superiores” e que explicita aspecto importante da vida espiritual. Kardec, aliás, usou esta mesma palavra para os grupamentos inferiores de além-túmulo, quando disse que o espírito Feliciano declarou encontrar-se numa “sociedade assaz promíscua e, por conseguinte, de espíritos inferiores” (*société très mélangée, et par conséquent d'esprits inférieurs*). [O Céu e o Inferno, 2.ª parte, cap. V.]

[14] Mozart afiançou que “há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de bivaques, de campos onde descansem de uma demasiado longa erraticidade, estado este sempre um tanto penoso”. Santo Agostinho o confirmou, dizendo que “eles são gradativos, isto é, entre os outros mundos ocupam posições intermédias, de acordo com a natureza dos espíritos que a eles podem ter acesso e

onde gozam de maior ou menor bem-estar”, e que “os espíritos que se encontram nesses mundos podem deixá-los, a fim de irem para onde devam ir”, “como bandos de aves que pousam numa ilha, para aí aguardarem que se lhes refaçam as forças, a fim de seguirem seu destino”. São estes os mundos transitórios, ou intermediários. Tudo convergiria para que os entendêssemos como mundos espirituais. Porém, Santo Agostinho disse que, “sim”, eles “têm uma constituição semelhante à dos outros planetas”; “sim”, “estéril é neles a superfície”, pois “os que os habitam de nada precisam” e, sobretudo, disse que a Terra, “durante a sua formação”, “já pertenceu ao número deles”. Não se trata, pois, de mundos espirituais, menos ainda de “colônias” neles edificadas, e sim de planetas inabitados fisicamente, a despeito de habitem-nos espíritos errantes. Santo Agostinho chegou a afirmar que “não há desses mundos em nosso sistema planetário”. (Cf. Revista Espírita. Mai/1859. F.E.B., 2007, 3.ª ed., pp. 190/93.)

[15] Cf. Revista Espírita. Mai/1863. Questões e problemas. Espíritos incrédulos e materialistas. 3.ª ed., F.E.B., 2007. p. 224.

[16] Nosso Lar, cap. 2.

[17] Cf. Cap. 24: Revelação Luizina: Mero Equívoco, http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com.br/2011/08/ainda-o-andreluizismo_04.html.

[18] Os Mensageiros, cap. 14.

[19] Os Mensageiros, cap. 18.

[20] KARDEC. A Gênese, XIV, 21.

[21] Nosso Lar, cap. 8.

[22] Os Mensageiros, cap. 6.

[23] Cf. Nosso Lar, caps. 3, 9, 17, 18 e 45.

[24] Cf. adiante o n. 4: Nem vida espiritual, nem vida material; cap. 24: Revelação Luizina: Mero Equívoco. http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com.br/2011/08/ainda-o-andreluizismo_04.html

[25] KARDEC. O Céu e o Inferno, 2.ª parte, cap. VIII.

[26] Em O Livros dos Espíritos, 872, disse Kardec: “É na morte que o homem é submetido, de uma maneira absoluta, à inexorável lei da fatalidade, porque ele não pode fugir ao decreto que fixa o termo de sua existência, nem ao gênero de morte que deve interromper-lhe o curso”.

[27] Nosso Lar, cap. 44.

[28] Nosso Lar, cap. 44.

[29] Revista Espírita. Mai/1863. Exame das comunicações mediúnicas que nos são enviadas.

[30] O Céu e o Inferno, 2.ª parte, cap. I, Sr. Sanson. III, n. 11.

[31] O Livro dos Espíritos, 298.

[32] O Livro dos Espíritos, 93.

[33] Cf. Cap. 15: A Propósito do Perispírito. 1.2. Pode o espírito perder seu perispírito? <http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com.br/2010/06/proposito-do-perispirito.html>

[34] Vampirismo. II. Parasitas e vampiros. 4.ª ed., Paidéia, 1996, p. 15.

[35] Filipenses 3:21.

[36] 1.ª Coríntios 15:43.

[37] A Gênese, I, 39. Léon Denis Gráfica e Editora, 2008. Grifos meus. Obs.: Se Kardec empregou o tratamento católico romano “saint Paul”, não há razão para que seja omitido por simples tradutores.

[38] 1.ª Coríntios 15:49.

[39] 1.ª Coríntios 15:53-54.

[40] O Livro dos Médiuns, 56. Grifos meus.

[41] Revista Espírita. Jun/1868. A morte do Sr. Bizet, Cura de Sétif. A fome entre os espíritos. Sociedade de Paris, 14 de maio de 1868.

[42] A Pedra e o Joio. Na Hora do Toque. As Normas de Kardec.

[43] 45.ª ed., F.E.B., 1996, p. 145.

UMA MODESTA HOMENAGEM AOS GENEROSOS TRABALHADORES DA MEDIUNIDADE, AQUELES QUE TÊM MANTIDO VIVA ENTRE OS HOMENS A VOZ AUTÊNTICA DOS ESPÍRITOS

Ao sabor de procuras ao acaso feitas na internet encontrei duas psicografias interessantes relativas a duas comunicações mediúnicas feitas no Brasil, em São José do Rio Preto.

São José do Rio Preto é uma enorme cidade de mais de quatrocentos mil habitantes situada no interior do estado de São Paulo e o site onde as encontrei, onde há mais psicografias interessantes tem o seguinte endereço: <http://www.mkow.com.br/>

O site evidencia o clima cultural mais habitual na maioria dos endereços espíritas do Brasil, com os médiuns mais famosos que a mim, particularmente, nada me interessam.

Estas comunicações, contudo, são de pessoas particulares, um identificado e outro anônimo, e acho-lhes um sabor de autenticidade que muito me agrada, por isso aqui ficam. Para quem seja cético (e oxalá eles lessem e pensassem nas coisas que aqui estão escritas e pensadas) os textos serão como os que forem escritos por qualquer pessoa viva. E acrescento que, mesmo se assim fosse, não deixariam de ser espíritos a falar.

Com pequeníssimos afeiçãoamentos gráficos e uma revisão minimalista de adaptação ao português de Portugal, aqui ficam estas duas comunicações muito claras, ricas de conceitos e muitíssimo paralelas ao teor da doutrina espírita.

PRIMEIRA NOITE

Espírito de: LUIZ DESIDÉRIO SANTOS JUNIOR

Grupo Espírita Bezerra de Menezes **São José do Rio Preto**

Morrer. Eis um caminho que todos temos um dia de trilhar.

A morte ainda põe medo em todas as criaturas, porque são poucos os que se interessam em conhecê-la profundamente. Grande parte dessa humanidade sofredora, vive distante da morte por acreditar que ela coloca fim a todos os seus sonhos. Pobres criaturas que somos.

Quando vivi na matéria, as minhas ocupações não me permitiam que tivesse uma religiosidade mais desenvolvida. O tempo parecia iludir-me quanto à morte e à época da sua possível chegada. Jamais havia pensado em vê-la com a seriedade necessária, até que a doença me chamou à realidade.

Meus Deus, como foi difícil enfrentar os primeiros tempos da minha romaria pelos hospitais, os remédios, os exames!

Todos me davam esperança mas, como a enfermidade não tinha fim, suspeitei que me escondessem a verdade. Estava certo.

Um dia, dormi para o mundo e despertei numa região vizinha do hospital. Notei que havia muito movimento em torno do meu corpo. Não sabia a razão, mas encontrava-me separado dele. Mexiam com os meus membros, limpavam-me, como a preparar-me para uma festa. Estranhei as roupas bonitas que me vestiram.

Ouvi que havia morrido, quando um dos meus tios balbuciou essas palavras próximo do meu corpo.

Notei que algo inesperado viera visitar-me: era a morte. Mas como a "morte" se estava ali, vivo, pensando, enxergando e ouvindo? Como morto?

– Ei, não estou morto não. Que fazem com meu corpo? Quero-o de volta! Escutem-me, não estou morto, não, não...

– Júnior, chamou-me uma voz atrás de mim.

Virei-me e vi um Senhor bem apessoado, vestido com terno cinza.

– Acalma-te, disse-me; Quero explicar-te algumas coisas, que precisas saber. Primeiro, não morreste, conforme os conceitos do mundo. Estás vivo, mas não vivo como nos conceitos do mundo.

– Como te chamas? Perguntei-lhe.
– Ademar, irmão Ademar para você.
– Escuta, Senhor, dizes-me que não morri, depois, que não estou vivo. Que é isso? Queres distrair-me? Tirar a minha atenção ao meu corpo?
– Não, disse-me o irmão Ademar. Quero apenas mostrar-te que existem outros conceitos sobre vida e a morte. E, é sobre isso que precisamos conversar. Acompanhe-me.
O sol parecia ter acabado de pôr-se, pois o entardecer ainda deixava marcas no céu. Em companhia do meu interlocutor, seguimos por algumas ruas em direção, dizia ele, a uma casa de ensinamentos espirituais.
– Ensinamentos espirituais? Perguntei-lhe.
– Sim, disse-me. Acalma-te, pois estamos a chegar. Toma o teu lugar entre aqueles que se postaram á direita da pequena biblioteca. São irmãos que se encontram nas mesmas condições que tu.

Ademar parecia-me agora um tanto diferente do que quando me encontrou no hospital.

Notei que as dores no meu coração ainda me incomodavam, comprimindo-me o plexo. Agora, o amigo parecia vestir uma túnica alva, donde se desprendia diáfana luminosidade.

Postou-se à frente da imensa plateia e começou-nos a dizer:

– Irmãos, recebamos nesse instante as bênçãos de Deus, o Altíssimo. Aqui estamos, testemunhos vivos de que a morte não existe. Imortais, eis a natureza com a qual o Criador dotou seus filhos amados. A vida material é-nos concedida como oportunidade para o nosso crescimento intelectual e moral. Detemo-nos na matéria por um longo período de tempo, até que, através das muitas encarnações, consigamos dotar-nos de asas que nos levarão em vôos eternos pelo infinito.

Abençoemos, irmãos reunidos nessa casa de Jesus, a experiência encarnatória, as dores pelas quais somos levados a passar. Elas são produto de ações impensadas no campo do erro e dos desatinos.

*As dores de consciência transformam-se em energias negativas que irradiam instintivamente para o mundo exterior da criatura, provocando profundas alterações nos delicados tecidos do corpo espiritual, **perispírito**, conforme o designou **Allan Kardec**, o codificador do Espiritismo.*

Eis a fonte de doenças graves, de enfermidades incuráveis que conduzem a dolorosos processos de purificação. Estão reunidos nessa casa a título de esclarecimento, irmãos de variados níveis de entendimento e a eles voltamos nesse instante, nossas vibrações e amparo. Em especial queremos dirigir-nos aos que são recém-chegados a essa dimensão da Vida.

Em nome de Jesus, nosso Mestre e guia, damos-lhes as boas-vindas. Sois Espíritos imortais, como este momento testifica e, como tal, dotados do Dom de compreender a Verdade.

Agora começa uma vida nova para os que chegam. Vida de compreensão, de consciencialização e de restabelecimento.

A casa onde nos encontrávamos também estava cheia de pessoas "vivas", interessadas em saber os segredos da morte. Foi uma noite inesquecível para mim. A primeira noite de um homem novo. Hoje, encontro-me nessa sessão doutrinária de Espiritismo, a convite do irmão Ademar.

Alegra-me poder estar em comunhão com esse lado mais denso da Vida, sim, digo Vida, pois ela é uma só. Agora compreendo uma sublime realidade: ninguém morre.

Que sejamos abençoados por Deus.

Espírito: Um amigo espiritual;

Grupo Espírita Bezerra de Menezes; **São José do Rio Preto.**

Data: 04.01.2002

Caríssimos, é com grande alegria que venho hoje falar-vos **a respeito do momento em que o Espírito se liberta da matéria.**

Para vós é um momento doloroso onde prevalece a dúvida e o medo, porém, se atentardes nas instruções que a Doutrina Espírita vos trouxe, **podereis ter da morte a verdadeira compreensão e gozar de uma maior tranquilidade.**

Vós sois Espíritos imortais que se encontram, momentaneamente, cativos na matéria, por uma necessidade de aprendizagem e evolução, caminho único a todos os Espíritos, pois sabeis que é em contato com a matéria:

- que desenvolveis vossas aptidões e faculdades espirituais;
- que deveis exercitar e estabelecer em vós, para conviver com pessoas que agem e pensam de maneira contrária a vós, no mundo material, e assim
- ter a tranquilidade que vos permitirá uma convivência mais harmoniosa.

Diante disto, ressalto-vos a necessidade de viverdes em sociedade, enfrentando as dificuldades inerentes a este convívio. Tereis de usar a inteligência para superar os obstáculos e a paciência para trabalhar as vossas diferenças.

Aquele que se isola não vive de acordo com a Lei, mas alimenta sentimentos que são entraves para o progresso do homem: o orgulho e o egoísmo.

Não podeis pensar somente no vosso bem-estar. Viveis neste mundo para desenvolver, em vós, sentimentos que vos permitirão alcançar a verdadeira felicidade e não encontrareis esta felicidade senão no mundo espiritual, que é o verdadeiro mundo.

Deveis pensar nos vossos irmãos, nas suas necessidades, e no que podeis fazer para amenizar os seus sofrimentos pois sois parte de uma mesma humanidade que vive num mundo onde prevalece o atraso e o sofrimento.

Estendei as vossas mãos, cumpri com vossos deveres e compromissos perante a família, o trabalho, a sociedade. Assim estareis cumprindo com a vontade de Deus.

Se temeis a morte é porque não a compreendeis.

A morte, meus irmãos, não existe para o Espírito. Apenas o corpo morre no momento em que há o rompimento do laço entre Espírito e a carne.

Então usai a razão que vos permite compreender que, se o Espírito prevalece ao corpo, certamente é nele que está a verdadeira vida, é nele que se encontra toda vossa história. Alimenteis, pois, a vossa alma para que ao regressardes para a verdadeira morada o façais sem medo.

A morte é o momento em que o homem começa a ter consciência de que existe algo além deste mundo em que vive, porque compreende que no instante do desencarne todos os seus bens materiais não podem dar a ele a sustentação, a tranquilidade e a certeza de que necessita.

Já é chegada a hora de terdes da vida uma visão mais correta e próxima da Verdade. Não vos iludis com o bem-estar passageiro que o mundo vos oferece, porque somente os bens espirituais vos sustentarão no momento em que tiverdes que regressar ao Pai. Busqueis instruir-vos com os ensinamentos deixados pelo Mestre Jesus e sabereis que a verdadeira vida vai muito além do que podeis imaginar e o que chamais de morte não é mais do que a passagem deste mundo em que viveis, para o vosso verdadeiro mundo, o mundo onde ireis habitar até o momento em que, pela vontade do Pai, regressareis à matéria novamente.

Que vossos Espíritos estejam fortalecidos na Verdade para que tenhais da vida a verdadeira compreensão e criéis condições de ter, no mundo espiritual, a paz e a tranquilidade por ter cumprido com vossos compromissos. Que Jesus vos ampare hoje e sempre”.

Texto visto em lugar@lfa – a circunstância humana nas mãos do espírito de autoria do meu amigo **Gilberto Ferreira** empenhado espírita, homem de sensibilidade e de cultura.

A inserção deste texto ocorreu-me **muito a propósito** de uma impressão espontânea que está inclusa no capítulo de **Algumas Conclusões**, que finaliza este trabalho (pág. 159).

Os **tempos marcados** por Deus chegaram dizem-nos em todos os lados, durante os quais se realizarão grandes acontecimentos para **regeneração da humanidade**.

QUE SENTIDO DEVEMOS DAR A ESTAS PALAVRAS PROFÉTICAS?

Para os incrédulos não têm qualquer importância; a seus olhos não passa da expressão de uma crença pueril sem fundamento; para a maior parte dos crentes elas têm qualquer coisa de **místico** e de **sobrenatural** que lhes parece ser o prenúncio da desorganização das leis da natureza. Estas duas interpretações são igualmente **erradas**: a primeira no que implica de **negação** da Providência; a segunda, no que estas palavras **não anunciam** a perturbação das leis da natureza, mas **o seu cumprimento**.

Tudo é **harmonia** na Criação; tudo revela uma **previsão** que não se desmente, nem nas mais pequenas coisas nem nas maiores; devemos portanto começar por afastar qualquer ideia de capricho inconciliável com a **sabedoria** divina; em segundo lugar, se a nossa época está marcada pela realização de certas coisas, é porque **elas** têm a sua razão de ser no andamento do conjunto.

Posto isto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à **lei do progresso**. Progride fisicamente pela **purificação** dos Espíritos encarnados e não encarnados que o povoam. Estes dois progressos seguem-se e caminham paralelamente, pois a perfeição da habitação está em relação com a do habitante. Fisicamente, o globo sofreu transformações constatadas pela ciência e que o foram sucessivamente tornando habitável pelos seres cada vez mais aperfeiçoados; moralmente, a humanidade progride com o **desenvolvimento** da inteligência, do **sentido** moral e **suavização** dos costumes.

Ao mesmo tempo que se opera a melhoria do globo sob o império das forças materiais, os homens concorrem para isso com os esforços da sua inteligência; **saneiam** as regiões insalubres, tornam as comunicações mais fáceis e a Terra mais produtiva.

Esta dupla evolução realiza-se de duas maneiras: uma **lenta**, gradual e insensível; a outra por mudanças mais **bruscas**, em cada uma das quais se opera um movimento **ascensional** mais rápido do que marca, por características definidas, os **períodos** progressivos da humanidade. Estes movimentos, subordinados *nos pormenores* ao **livre-arbítrio** dos homens, são de certo modo **fatais** no seu conjunto, porque estão submetidos a leis, como as que se operam na **germinação, crescimento e maturidade** das plantas; é por isso que o movimento progressivo é por vezes **parcial**, quer dizer, limitado a uma **raça** ou a uma **nação**, outras vezes **geral**.

O progresso da humanidade efectua-se portanto por virtude de uma lei; ora, como todas as leis da natureza são obra eterna da **sabedoria** e da **presciência** divinas, tudo o que é efeito destas leis é resultado da vontade de Deus, não de uma vontade accidental e caprichosa, mas de uma **vontade inalterável**. Quando então a humanidade estiver **madura** para subir um **degrau**, podemos dizer como também podemos dizer que em determinada estação os tempos chegaram para a **maturação** dos frutos e para a colheita.

Pelo facto de o movimento **progressivo** da humanidade ser **inevitável** por estar na **natureza**, não se segue que Deus lhe seja indiferente e que depois de ter estabelecido as leis tenha voltado à inação deixando as coisas

andarem sozinhas. As suas leis são **eternas** e **imutáveis**, sem dúvida, mas porque a sua vontade é ela mesma eterna e **constante** e que o seu pensamento anima todas as coisas sem interrupção; o seu pensamento, que **tudo** penetra, é a **força** inteligente e **paciente** que mantém tudo em harmonia; se esse pensamento deixar um só instante de agir, o Universo será como um relógio sem pêndulo regulador. Deus vela portanto **incessantemente** pelo cumprimento das suas leis e os Espíritos que povoam o espaço são os seus **ministros** encarregados dos pormenores, de acordo com as atribuições correspondentes ao seu **grau** de evolução.

O Universo é simultaneamente um mecanismo **incomensurável** conduzido por um número menos incomensurável de inteligências, um **imenso** governo onde cada ser inteligente tem a sua **parte** de **acção** sob o olhar soberano do Mestre, cuja vontade **única** mantém em todo o lado a **unidade**. Sob o império deste vasto poder regulador tudo se move, tudo funciona numa **ordem** perfeita; os que se nos apresentam como perturbações são os movimentos **parciais** e **isolados** que só nos parecem irregulares porque a nossa visão está circunscrita. Se pudéssemos abarcar o conjunto, veríamos que estas irregularidades não são aparentes e que elas se harmonizam no todo.

A humanidade realizou até hoje incontestáveis progressos; os homens, pela sua inteligência, chegaram a resultados que nunca tinham atingido no campo das ciências, das artes e do bem-estar material; falta-lhe ainda um imenso progresso a realizar: *é fazer com que reine entre eles a **caridade**, a **fraternidade** e a **solidariedade**, para garantir o bem-estar moral*. Não o poderiam com as suas crenças nem com as suas intuições antiquadas, resto de uma outra era, boas para uma certa época, suficientes para um estado transitório mas que, tendo dado o que continham, seriam hoje um ponto de paragem. Já não é somente o desenvolvimento da inteligência que faz falta aos homens, é a **elevação do sentimento**, e para isso é preciso destruir tudo o que possa **sobreexcitar** neles o **egoísmo** e o **orgulho**.

É assim o período em que vão doravante entrar e que marcará uma das **fases** principais da humanidade. Esta **fase** que se elabora neste momento é o complemento necessário do **estado** antecedente, assim como a idade viril é o complemento da juventude; podia portanto ser prevista e profetizada com antecedência e é por isso que dizemos que os tempos marcados por Deus já chegaram.

Neste tempo **agora**, não se trata de uma mudança **parcial**, de uma renovação **limitada** a uma região, a um povo, a uma raça; é um movimento **universal** que se opera no sentido do *progresso moral*. Uma **nova** ordem de coisas tende a estabelecer-se e os homens que mais se opõem a isso trabalham nesse sentido sem o saberem; a geração futura, liberta da escória do velho mundo e formada por elementos mais depurados, encontrar-se-á animada de ideias e de sentimentos muito diferentes da geração atual que se vai embora a passos de gigante. O velho mundo morrerá e viverá na história tal como hoje vivem os tempos da Idade Média com os seus costumes bárbaros e as suas crenças supersticiosas.

De resto, todos sabem quanto a **ordem** atual das coisas deixa ainda a desejar; depois de ter, de certa maneira, **esgotado** o bem-estar material que é produto da inteligência, conseguimos compreender que o complemento deste bem-estar só pode estar no **desenvolvimento** moral. Quanto mais se avança, mais se sente o que falta, sem no entanto o podermos definir claramente ainda: é o efeito do trabalho **íntimo** que se opera para a **regeneração**; têm-se **desejos**, **aspirações**, que são como que o **pressentimento** de um estado melhor.

Mas uma mudança assim tão **radical** como a que se elabora não se pode realizar sem comoção; há aí uma luta inevitável entre as ideias. Deste conflito nascerão forçosamente **perturbações temporárias** até que o **terreno** esteja preparado e o **equilíbrio** restabelecido. É então da luta de **ideias** que surgirão os **graves acontecimentos** anunciados e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais eram consequência do estado de formação da Terra; *hoje, já não são as entranhas do globo que se agitam, são as da humanidade*.

ALLAN KARDEC, A GÉNESE – Os Milagres e as Profecias Segundo o Espiritismo – Capítulo XVIII, SÃO CHEGADOS OS TEMPOS – Sinais dos tempos 1 a 7, tradução portuguesa de Maria Manuel Tinoco, Editores Livros de Vida

ALGUMAS CONCLUSÕES

DE QUE ESTÃO À ESPERA OS PEQUENOS SERES DA HUMANIDADE TERRESTRE PARA ASSUMIREM A SUA VERDADEIRA NATUREZA DE ESPÍRITOS CLARIVIDENTES DE LUZ?

E **nos últimos dias** acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias, e profetizarão;
Atos, II: 17-18

Lendo os escritos dos mais sensibilizados investigadores das EQM, há momentos em que a sua perplexidade estaria resolvida se tivessem conhecimento das noções certificadas pelos espíritas mediante os depoimentos mediúnicos, e devidamente aprofundados por Allan Kardec e seus legítimos seguidores, que contextualizam com profundidade todo o desenvolvimento desse fenómeno.

Surpreendente é que as suas conclusões sejam por vezes tão próximas do mesmo que sabem os conhecedores e cultores da ciência espírita.

Como modestíssimo ser humano sinto-me confortado com esse facto, porque ele confirma a tese de que “o espírito sopra onde quer”. O que significa que se não forem os espíritas a revelar os conhecimentos necessários aos homens para decifrar os horizontes do seu destino, **muitos outros caminhos** há para chegar a esse esclarecimento.

Vejamos por exemplo, as seguintes conclusões finais do documento do **Dr Pim Van Lommel** (Near Death Experience, Consciousness and the Brain, 2006):

“...a inevitável conclusão de que a consciência pode ser experimentada independentemente da funcionalidade do cérebro, pode induzir vastas modificações no paradigma científico da medicina ocidental...”

(...)

“...Esse entendimento também afeta profundamente a nossa opinião a respeito da morte, perante a inevitável conclusão de que - acontecida a morte – a faculdade da consciência continua a estar disponível noutra dimensão, num mundo invisível e imaterial, o “espaço fásico”, dentro do qual estão inseridos todo o passado, o presente e o futuro...”

(...)

“...Esta consciência acentuada e alargada baseia-se em campos indestrutíveis de informação e em permanente evolução, nos quais todo o conhecimento, sabedoria e Amor Incondicional estão presentes e disponíveis. Esses campos da consciência estão guardados numa dimensão que não está sujeita aos nossos conceitos de espaço e de tempo, com interligação “não-local” e universal.

Podia designar-se isto como a nossa consciência Superior, a consciência Divina ou consciência Cósmica....”

Perante a natureza de conteúdo de tais conclusões e de tudo aquilo que sabemos, é forçoso registar que as diferenças residem apenas na linguagem e nos esforços feitos pelo autor de integração no âmbito de um conceito científico no qual não tem acolhimento, pelas mesmíssimas razões que o não têm a ciência e a filosofia espírita. Clarificando:

O Dr. Pim van Lommel, médico cardiologista habituado a ouvir narrativas de “viagens ao céu” feitas por centenas de ressuscitados – não poucos por ele próprio, num hospital holandês - investigador cético de formação materialista, já chegou à esclarecida conclusão que **a vida depois da morte** existe de facto e com provas testemunhadas, além de apontar muito para diante em direção ao ESPÍRITO e muito mais alto em direção a DEUS!...

Poderá usar outra argumentação e outros meios de prova, mas a ideia está lá e vai afirmar-se de forma cada vez mais esclarecida com o andar do tempo.

Isto confirma que se os espíritos estão a fazer o seu trabalho, os homens terão que fazer o seu.

Um pequeno detalhe: O Dr. Pim van Lommel, por estas alturas, já está tão longe do consenso dos seus pares como nós espíritas que temos essa convicção há mais de 150 anos, por informação direta e que temos sido tomados por gente que não é boa da cabeça. A rápida evolução das circunstâncias, o movimento imparável em direção ao

entendimento dos universos paralelos à “descoberta” do espírito e de tantas outras coisas até aqui artificialmente colocadas atrás da cortina dos interesses e de conveniências duvidosas, está finalmente em marcha.

Os depoimentos das pessoas que viveram EQM's **na evidente qualidade de espíritos**, transitaram, com privilégios de visitantes ilustres, pelo plano da existência até aqui jamais franqueado à presença factual dos pequenos seres da humanidade terrestre. São portadores duma mensagem extraordinariamente reveladora da mesma natureza e das mesmas determinações que fizeram parte das mensagens da sensibilidade mediúmica que foi organizada e dinamizada por Allan Kardec.

Os termos em que são expressos os depoimentos desses visitantes são equivalentes à mensagem espírita e, se formos a coligir o volume de ideias de carácter filosófico e as consequências morais que os “experientistas” transmitem, concluiremos que o plano em que se desenvolvem não é simplesmente parecido: é o mesmo.

Como consagração dessa realidade, aí está a imediata incorporação das **transformações de personalidade** que passam a categorizar esses visitantes casuais da contígua, mas tão misteriosa, esfera da espiritualidade.

Até há bem pouco tempo, era no ambiente estranho das **sessões mediúnicas**, onde imperava uma disciplina cheia de seriedade e não isenta de dificuldades, que se entrevia a única face possível dos mistérios do mundo dos espíritos. Se durante séculos e séculos o homem levantou as mãos ao céu e este não se lhe abria, por maior que fosse a inspiração mística ou o desespero existencial, porque razão haverá de ser agora que os altíssimos céus se prestam a receber os homens simples e ao acaso, tanto crentes como não crentes, tanto novos como velhos, para que aprendam, num breve instante e da fonte mais clara, os conhecimentos que tantos séculos não conseguiram classificar com a chancela da unanimidade?

A riqueza dos episódios que constituem os depoimentos narrativos de EQM é mais do que pitoresca: é raríssima e prodigiosa. O contexto emocional, sendo arrebatador, aparece orientado por sentimentos de elevado nível moral e marcado por uma lucidez que os autores definem como jamais pressentida.

A envolvimento **dos espíritos**, em trânsito de morte, com a realidade factual e com os registos da memória pessoal e intransmissível é impensável num contexto de automatismos fisiológicos ou alucinações desordenadas. No sonho ou na alucinação, sob o impulso das drogas ou por efeito automático de reações fisiológicas é inimaginável que possa ter-se acesso a uma região onde a verdade da pessoa seja tão coerente com a natureza do universo circundante, incluindo isso uma reforçada percepção moral, judicativa estética, espiritual, em suma.

Os contactos espirituais com pessoas amigas e de família já falecidas; os esclarecimentos colhidos, os juízos e previsões formuladas com nexos de realidade; os dados de dinâmica introspectiva, de clarividência moral, a apreensão de dados formam um quadro de mundividência jamais formulada em sentido prático, a não ser no mundo das visões mágicas ou das revelações inexplicáveis e do factualmente impossível.

O problema das EQM é serem, literalmente, inexplicáveis!...

A realidade do dia a dia, o rigor das ciências, os processos complicados da técnica, a dificuldade de todas as tarefas vitais têm um compromisso inevitável com tudo o que é relativo, precário e imprevisível.

O problema das EQM é que elas pertencem ao domínio do impossível!...

O impossível, pelo próprio nome, não é abrangível pelas mentes configuradas para o que é normal, relativo, precário e imprevisível!... Elas estão aí há quarenta e cinco anos, com a sua epopeia de coisas surpreendentes, tão surpreendentes e impossíveis que, ao procurar explicá-las nos refugiamos nas caracterizações da fábula, da magia e do milagre.

A totalidade das EQM aparece consagrada pelas **transformações da personalidade** daqueles que por elas passam; **pelo programa de regresso ao mundo material sujeito a compromissos morais assumidos, discutidos e argumentados perante o próprio interessado, por altos poderes com autoridade absoluta e incontornável!...**

Quem, senão altos poderes da região das máximas esferas poderia arquitetar e executar um tão fabuloso projeto de TRANSFIGURAÇÃO E IMPULSO MORAL E ESPIRITUAL DA HUMANIDADE?

Será isto que na Bíblia é chamado **o fim dos tempos?** (vidé Anexos pág. 156)

Se não é o fim dos tempos que é referido nos Evangelhos, tanto monta; estamos, perante uma ordem de acontecimentos do mais extraordinário de que há memória.

Digo-o para que comece a ter atenção um fenómeno que já está longe de ser confidencial, mas que muitas pessoas fazem de conta que não está a acontecer.

Desde o momento inicial em que me foi dado conhecer esse fenómeno tive a impressão de que estava perante um fenómeno suscetível de transformar os paradigmas culturais em torno da questão da vida para além da morte. Mantenho essa impressão e a organização deste trabalho foi uma tarefa com a qual aprendi muito e ainda mais consolidei essa ideia inicial. Há portanto que continuar a busca sem fim.

Entretanto fica a pergunta inserida no sub-título:

De que estão à espera os pequenos seres da humanidade terrestre para assumirem a sua verdadeira natureza de espíritos clarividentes de luz?

Fraternas saudações a todos, votos de progresso espiritual e muito obrigado pela atenção de terem lido até à última linha.

Costa Brites

Lousã PORTUGAL/ Janeiro de 2013

“COPY RIGHTS” ©; DIREITOS DE AUTOR

Este trabalho vai ser colocado na net **livre de direitos** dentro do princípio espírita: “Dai de graça o que de graça recebeis”.

Seria impossível fazer este pequeno estudo se não recorresse a depoimentos de “experientistas” que o autor considera, em princípio, património da humanidade.

Quanto às traduções e comentários que publico as fontes são acompanhadas das respectivas origens.

Pede-se a quem citar os conteúdos originais deste trabalho que **faça o favor** de referir a respetiva fonte e que – se acharem adequado – **divulguem o endereço da internet publicado pelo seu autor**:

Clicar nos títulos a seguir para ter acesso:

[Espiritismo Cultura](#)

e

[Espiritismo estudo](#)

Agradeço aos leitores a remessa de críticas, sugestões e contribuições que entenderem por bem fazer

espiritismo.cultura@gmail.com